

A portrait of Mariah Carey with long, wavy, light brown hair, wearing a black lace top and large hoop earrings. She is smiling slightly and has her hands raised near her hair. The background is a textured, light brown color.

MARIAH CAREY

with MICHAELA ANGELA DAVIS

The

MEANING

of

MARIAH

CAREY

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

*Ao meu legado, meus filhos, Roc e Roe,  
Você é a personificação física do amor incondicional.  
Para minha linhagem, meus ancestrais, todos eles ...  
Você pode ter vindo de dois mundos diferentes  
que estavam freqüentemente em conflito um com o outro,  
mas o melhor de você vive dentro de mim, finalmente,  
harmoniosamente.  
E para Pat, minha mãe, que,  
apesar de tudo, acredito que realmente fez o melhor que pôde.  
Eu vou te amar o melhor que posso, sempre.*

*Ora, a fé é a substância das coisas que se esperam,  
a evidência das coisas que ainda não se vêem.*

Hebreus 11: 1

## **PREFÁCIO**

Recuso-me a reconhecer o tempo, notoriamente isso. Já fiz muitas piadas e memes sobre isso, mas é uma crença muito real para mim. Chorei no meu aniversário de dezoito anos. Achei que era um fracasso porque ainda não tinha um contrato com uma gravadora. Esse era meu único objetivo. Era como se eu estivesse prendendo a respiração até que pudesse segurar uma coisa física, um álbum que tinha "Mariah Carey"

impresso nele. Assim que consegui meu acordo, exalei e *minha* vida começou. Daquele dia em diante, calculei minha vida por meio de álbuns, experiências criativas, realizações profissionais e feriados. Eu vivo Natal a Natal, celebração a celebração, momento festivo a

momento festivo, sem contar meus aniversários ou idades. (Para grande desgosto de algumas pessoas.)

A vida me fez encontrar minha própria maneira de estar neste mundo. Por que arruinar a jornada observando o relógio e o tiquetaque dos anos? Tanta coisa aconteceu comigo antes que alguém soubesse meu nome, o tempo parece uma forma inadequada de medi-lo ou registrá-lo. Não viver baseado no tempo também se tornou uma forma de me segurar, de ficar perto e manter viva aquela minha criança interior. É por isso que gravito em torno de personagens duradouros como Papai Noel, a Fada do Dente e Tinker Bell. Eles me lembram que podemos ser atemporais.

É uma perda de tempo ter a fixação do tempo. Muitas vezes o tempo pode ser sombrio, *querida*, então por que escolher viver nele? A vida é sobre os momentos que criamos e lembramos. Minha memória é um lugar sagrado, uma das poucas coisas que me pertencem inteiramente. Este livro de memórias é uma coleção dos momentos que importam, os momentos que mais precisamente contam a história de quem eu sou, na *minha* opinião. Ele vai se mover para frente e para trás, para cima e para baixo, momento a momento, aumentando o significado de mim agora.

Mas, novamente, quem está contando?

## PARTE I

### CRIANÇA WAYWARD

#### UMA INTENÇÃO

Minha intenção era mantê-la segura, mas talvez só tenha conseguido mantê-la prisioneira.

Por muitos anos, ela está trancada dentro de mim - sempre sozinha, escondida à vista de muitas pessoas. Há evidências significativas dela em meus primeiros trabalhos: muitas vezes ela pode ser vista olhando pela janela, diminuída por uma moldura gigante, descalça, olhando para um balanço de corda vazio balançando

em uma árvore solitária contra um céu crepuscular roxo. Ou então ela está dois andares acima em um brownstone, assistindo as crianças da vizinhança dançando na calçada abaixo. Ela apareceu no auditório de uma escola com um macacão OshKosh, segurando uma bola nas laterais do campo, esperando e querendo ser escolhida. Às vezes ela é pega em um raro momento de alegria, em uma montanha-russa ou voando de patins com as mãos para cima. Sempre ela permanece, no entanto, como um desejo opaco logo atrás dos meus olhos. Ela tem estado assustada e sozinha por tanto tempo, e mesmo assim através de toda a escuridão, ela nunca perdeu sua luz. Ela se deu a conhecer por meio de minhas canções - seu desejo ouvido nas ondas do rádio ou visto nas telas. Milhões de pessoas a conhecem, mas nunca a conheceram.

Ela é a pequena Mariah, e muito disso será sua história, como ela a viu.

Algumas das minhas primeiras memórias são de momentos violentos. Por isso, sempre carreguei um cobertor pesado com o qual cobri grandes pedaços da minha infância. Foi um fardo. Mas eu não agüento mais o peso daquele cobertor e o silêncio da garotinha sufocando por baixo dele. Agora sou uma mulher adulta, com uma filha e um filho meus. Eu vi, fiquei com medo, tive cicatrizes e sobrevivi. Usei minhas canções e voz para inspirar outras pessoas e emancipar meu eu adulto. Ofereço este livro, em grande parte, para finalmente emancipar aquela menininha assustada dentro de mim. É hora de dar voz a ela, de deixá-la contar sua história exatamente como a vivenciou.

Embora você não possa contestar a experiência de vida de alguém, sem dúvida, os detalhes deste livro serão diferentes dos relatos de minha família, amigos e muitas pessoas que pensam que me conhecem. Vivi esse conflito por muito tempo e também estou cansado disso. Eu coloquei minha mão sobre a boca daquela garotinha na tentativa de proteger os outros. Até "aqueles outros" que nunca tentaram me proteger. Apesar de meus esforços para

"estar acima de tudo", ainda fui arrastado, processado e roubado. No final, eu só a machuquei mais, e isso quase me matou.

Este livro é um testemunho da resiliência de meninas e meninos silenciados em todos os lugares: Insistir para que acreditemos neles. Para homenagear suas experiências e contar suas histórias.

Para libertá-los.

## **EXISTÊNCIA**

*Logo no início, você enfrenta*

*A percepção de que você não*

*Tem um espaço*

*Onde você se encaixa*

*E reconhecer você*

*Nascemos para existir*

*Sozinho*

*- "Fora"*

Houve um tempo em minha infância em que eu não acreditava que era digno de estar vivo. Eu era muito jovem para pensar em acabar com minha vida, mas apenas velho o suficiente para saber que não tinha começado a viver nem encontrado onde eu pertencia. Em nenhum lugar do meu mundo vi alguém que se parecesse comigo ou refletisse como me sentia por dentro.

Havia minha mãe, Patricia, com a pele mais clara e cabelos mais lisos, e meu pai, Alfred Roy, com a pele mais escura e cabelos mais crespos, e nenhum dos dois tinha rostos com traços iguais aos meus. Eu vi os dois como crivados de arrependimento, reféns de uma sequência de circunstâncias cruéis. Minha irmã, Alison, e meu irmão Morgan, eram mais velhos e mais morenos, e não apenas nos tons de pele, embora fossem um pouco mais castanhos. Os dois tinham uma energia semelhante que parecia bloquear a luz. Eles

tinham uma abordagem do mundo que dava pouco espaço para caprichos e fantasias, o que era minha tendência natural.

Tínhamos sangue comum, mas eu me sentia um estranho entre todos eles, um intruso em minha própria família.

Sempre tive tanto medo quando criança, e a música era minha fuga. Minha casa estava pesada, cheia de gritos e caos. Quando eu cantei, em um tom sussurrante, isso me acalmou. Eu descobri um lugar calmo, suave e leve dentro da minha voz - uma vibração em mim que me trouxe um doce alívio. Meu canto sussurrado era minha canção de ninar secreta para mim mesmo.

Mas, cantando, também encontrei uma conexão com minha mãe, uma cantora de ópera treinada pela Juilliard. Enquanto a ouvia fazer exercícios vocais em casa, a repetição das escalas parecia um mantra, acalmando minha mente assustada. Sua voz subiu e desceu e subiu e subiu e subiu - e algo dentro de mim

aumentou junto com ela. (Eu também cantaria junto com "Lovin' You" da bela, angelical e emotiva Minnie Riperton e seguiria sua voz nas nuvens.) Eu cantava pequenas melodias pela casa, para o deleite de minha mãe. E ela sempre me encorajou. Um dia, enquanto praticava uma ária da ópera *Rigoletto*, ela tropeçava nessa parte. Eu cantei de volta para ela, em italiano perfeito. Eu devia ter três anos. Ela olhou para mim, atordoada, e naquele momento eu soube que ela me viu. Eu era mais do que uma garotinha para ela. Eu era Mariah. Um músico.

Meu pai me ensinou a assobiar antes que eu pudesse falar. Mesmo naquela época, eu tinha uma voz rouca e gostava de soar diferente da maioria das outras crianças da minha idade. Minha voz para cantar, por outro lado, era suave e forte. Um dia, quando eu tinha cerca de oito anos, estava andando pela rua com minha amiga Maureen, que tinha a pele de porcelana com cabelos castanhos quentes e um rosto doce como o de Dorothy em *O Mágico de Oz*. Ela era uma das poucas garotinhas brancas da vizinhança que podiam brincar comigo. Enquanto caminhávamos, comecei a cantar

alguma coisa. Ela parou de repente, congelada no lugar na calçada. Ela ouviu por um momento em silêncio, muito quieta. Finalmente, ela se virou para mim e disse, em uma voz clara e firme: "Quando você canta, parece que há instrumentos com você. Há música em toda a sua voz." Ela disse isso como uma proclamação, quase como uma oração.

Dizem que Deus fala por meio das pessoas e sempre serei grato por minha namoradina ter falado em meu coração naquele dia. Ela viu algo especial em mim e disse-lhe palavras, e eu acreditei nela. Eu acreditava que minha voz era feita de instrumentos - piano, cordas e flautas. Eu acreditava que minha voz poderia ser música. Tudo que eu precisava era de alguém para me ver e ouvir.

Eu vi como minha voz poderia fazer outras pessoas sentirem algo bom por dentro, algo mágico e transformador. Isso significava não só que eu não era indigno, válido como pessoa, mas também era valioso.

Aqui estava algo de valor que eu poderia levar aos outros - *o sentimento*. Era *o sentimento* que perseguiria por toda a vida. Isso me deu uma razão para existir.

## **FECHAR MEUS OLHOS**

Foram necessários doze policiais para separar meu irmão e meu pai. Os grandes corpos de homens, todos emaranhados como um furacão, caíram ruidosamente na sala de estar. Em um instante, coisas familiares não estavam mais à minha vista - sem janelas, sem chão, sem móveis e sem luz. Tudo o que pude ver foi uma massa caótica de partes do corpo em movimento: calças escuras e braços fortes saindo das mangas escuras, mãos enormes agarrando, punhos socando, membros emaranhados e se arrancando, sapatos pretos pesados e polidos se arrastando e pisando forte. Houve flashes rápidos de coisas brilhantes: botões, emblemas e armas.

Pelo menos uma dúzia de cabos de pistola, rígidos e saindo de coldres de couro fosco, alguns embalados nas palmas das mãos e polegares, estavam em cintos pretos largos em torno de quadris

largos. O caos encheu o ar com sons de xingamentos, grunhidos e uivos. A casa inteira parecia estar tremendo. E em algum lugar no centro dessa tempestade estavam as duas figuras masculinas mais importantes da minha vida, destruindo-se mutuamente.

Sempre pensei na raiva de meu irmão como o clima - poderoso, destrutivo e imprevisível. Não sei se foi um ato singular ou uma doença em curso que o tornou tão volátil, mas era tudo o que eu conhecia.

Eu era uma garotinha com poucas lembranças de um irmão mais velho que me protegeu. Mais frequentemente, eu sentia que tinha que me proteger dele, e às vezes eu me pegava protegendo minha mãe dele também.

Essa briga em particular com nosso pai havia escalado mais rapidamente do que a maioria, no entanto. Uma disputa de gritos se tornou um tornado de punhos no que pareceu uma questão de segundos, batendo na sala, derrubando coisas e deixando estragos em seu rastro. Naquele momento, a raiva entre meu pai e meu irmão foi tão forte que ninguém poderia ter impedido. Ninguém teria ousado.

Quando eu era uma criança, desenvolvi o instinto de sentir quando a violência estava chegando. Como se estivesse sentindo o cheiro de chuva, pude perceber quando os gritos de um adulto atingiram um certo tom e velocidade que significava que eu deveria me proteger. Quando meu irmão estava por perto, não era incomum fazer buracos nas paredes ou outros objetos voarem. Eu nunca soube realmente como ou por que as lutas começariam, mas eu sabia quando a tensão estava se transformando em uma discussão e quando uma discussão estava destinada a se tornar uma luta física. E eu sabia que esse em particular seria épico.

Minha Nana Reese estava lá, o que era um pouco estranho, porque era raro que ela ou alguém da família do meu pai, que morava no Harlem, estivesse em nossa casa. Estávamos em Melville, uma

cidade adjacente predominantemente branca e rica no condado de Suffolk, em Long Island, Nova York, embora eu acabasse

me mudando treze vezes quando fosse criança. Treze vezes para fazer as malas e ir embora, para tentar encontrar outro lugar - um lugar melhor, um lugar mais seguro. Treze novos começos, treze novas ruas com novas casas cheias de gente para te julgar e se perguntar onde ou quem é seu pai. Treze ocasiões para ser rotulado de indigno e descartado, para ser colocado do lado de fora.

O pastor Nana Reese, o bom reverendo Roscoe Reese e sua Igreja Pentecostal Metodista Africana foram de onde meu pai veio. Roy era o único filho de Addie, irmã de Nana Reese. Meu pai nunca morou com o pai e sempre houve uma grande distância entre eles, um mistério que inevitavelmente encerrava uma infelicidade.

Essas pessoas, que vivem na aldeia de Harlem, eram o seu povo. Eles tinham vindo do Alabama e partes da Carolina do Norte e outras regiões do Sul, trazendo consigo tradições, traumas e dons - alguns dos quais eram de origem antiga, africana e mística.

Nana Reese e eu nos encontramos antes que o inferno realmente explodisse. O trovão de palavrões, punhos e pés abafou todos os outros sons, então eu não ouvi quando os policiais entraram.

Eu não sabia se eles tinham vindo para nos salvar ou nos matar. Era Long Island na década de 1970, e dois homens negros estavam sendo violentos - o aparecimento da polícia quase nunca significava que a ajuda havia chegado. Ao contrário, sua presença muitas vezes complicou e aumentou o terror existente e a escalada da violência. Isso não mudou, mas este foi meu primeiro encontro com o fato. Não tive nenhum benefício da experiência; Eu não tive nenhum tipo de benefício. Minha prima LaVinia, filha de Nana Reese, sempre dizia:

“Vocês, crianças, tinham todos os fardos de serem negros, mas nenhum dos benefícios”. Levei muito tempo para entender a realidade de sua observação.

Essa, é claro, não foi a primeira luta violenta entre meu pai e meu irmão - desde que eu conseguia me lembrar, o relacionamento deles era uma zona de guerra. Mas foi a primeira vez que as tropas foram chamadas. Foi também a primeira vez que testemunhei a possibilidade de um membro da minha família morrer brutalmente diante dos meus olhos. Ou que eu também poderia morrer. Eu ainda não tinha quatro anos.

Antes de minha mãe e meu pai acharem seu casamento insuportável, eles moravam juntos em Brooklyn Heights. Embora o bairro tivesse visto um fluxo de boêmios chegar já em 1910, e os anos 1950 trouxeram uma onda de ativistas urbanos - gente liberal com dinheiro que odiava os subúrbios - na década de 1970

ainda era uma mistura bastante eclética de principalmente trabalho e famílias de classe média. Era pré-yuppie e não era gentrificado. Se havia um lugar tolerante para uma jovem família mestiça naquela época, Brooklyn Heights era provavelmente o mais próximo que você poderia chegar dele.

Ao longo da minha infância, eu moraria em muitos lugares obscuros, principalmente em Long Island, e me sentiria muito como um naufrago nesta ilha fora da ilha de Manhattan. Meus pais trabalharam muito para que pudéssemos morar em bairros onde pudéssemos vislumbrar aquela evasiva "vida melhor" e nos sentirmos

"seguros". A sabedoria convencional, entretanto, sugere que "melhor" e "seguro" são sinônimos de branco.

Não éramos uma família convencional. Seria melhor morar em um lugar onde minha mãe branca costumava entrar sozinha primeiro pela porta da frente, à frente de meu pai Black com seus filhos mistos - para a segurança deles? O que isso faz com a psique de um homem que supostamente é o chefe da família? Como um homem

assim pode manter sua família segura, e o que tal indignidade sinaliza para seu filho Negro?

Depois que o esquadrão de policiais conseguiu separar meu pai e meu irmão, embora ainda houvesse uma quantidade considerável de gritos, todos estavam vivos. A parte verdadeiramente perigosa da tempestade acabou; o trovão havia parado. A próxima coisa que eu sabia era que estava aninhada nos braços de Nana Reese, chorando e tremendo. Ela me pegou como um saco de roupa suja e me colocou perto dela no que as crianças costumavam chamar de "sofá de balanço", uma estrutura frágil e barata da cor de sujeira, ferrugem e azeitona, pontilhada com manchas de mostarda. Às vezes acho que foi aquele sofá que plantou a semente da minha preferência eventual por Chanel. Nós, crianças, o chamávamos de "sofá de balanço" porque estava faltando uma perna e, se você deslocasse o peso para a frente e para trás, ele iria, bem, balançar. Foi uma tentativa nobre de encontrar humor em meio a coisas quebradas, um talento que compartilhei com meu irmão e minha irmã. Em meio à violência e ao trauma, um grande conforto veio até mim naquele sofá triste.

Nana Reese me segurou com força até meu pequeno corpo parar de tremer e minha respiração voltar ao normal. Da desorientação, voltei para a sala, voltei para o meu corpo. Ela virou meu rosto em direção à luz e se certificou de que meus olhos estivessem focados e fixos nos dela. Ela colocou sua mão delicada

firmemente na minha coxa. Seu toque imediatamente estabilizou qualquer tremor ainda pulsando por mim.

Seu olhar era incomum - não o de uma tia-avó, uma mãe ou um médico. Em vez disso, era como se ela olhasse diretamente para a minha essência. Naquele instante, não éramos uma garotinha assustada e um ancião consolador, mas duas almas, sem idade e iguais.

Ela me disse: "Não tenha medo de todos os problemas que você vê. Todos os seus sonhos e visões vão acontecer para você. Sempre lembrar que."

Enquanto ela falava, uma corrente quente e amorosa se espalhou de sua mão até minha perna, suavemente percorrendo meu corpo em ondas e subindo e saindo do topo da minha cabeça. Através da devastação, um caminho foi limpo; Eu sabia que havia luz. E de alguma forma eu sabia que aquela luz era minha e eterna.

Antes daquele momento, eu não tinha tido nenhum sonho de que pudesse me lembrar. Eu também tinha poucas memórias. Eu certamente ainda não tinha ouvido uma música em minha cabeça ou tido uma visão.

Por volta dos meus quatro anos de idade, após o divórcio de meus pais, eu não via muito minha Nana Reese.

Minha mãe e as famílias de meu pai permaneceram travadas em conflito e, como eu morava com minha mãe, fui em grande parte excluído da vida de cura e santidade de Nana no Harlem. Mais tarde, descobri que as pessoas chamavam Nana Reese de "profetisa". Também aprendi que ela não era a única curandeira em minha linhagem. Além de tudo isso, acredito que uma fé profunda despertou em mim naquele dia.

Eu entendi no nível da alma que não importa o que acontecesse comigo, ou ao meu redor, algo vivia *dentro de* mim que eu sempre poderia invocar. Eu tinha algo que me guiaria em qualquer tempestade.

*E quando o vento sopra e as sombras se aproximam*

*Não tenha medo, não há nada que você não possa enfrentar*

*E se eles disserem que você nunca vai superar*

*Não hesite, fique firme e diga*

*Eu posso passar pela chuva*

*-"Através da chuva"*

## **PODE HAVER MILAGRES**

Quando eu tinha seis anos, minha mãe mudou meu irmão e eu para uma casa minúscula e indefinida em Northport, Long Island. Ele estava sentado tristemente em cima de uma pilha de degraus de concreto longos e sinuosos.

A pequena estrutura monótona tinha alguns cômodos minúsculos correndo ao longo de cada lado de uma escada íngreme e barulhenta, que levava a cômodos ainda menores. Minha mãe costumava trabalhar ou sair à noite, então Morgan ficou para cuidar de mim. Ele não tinha habilidade para cuidar de uma garotinha. Ele me deixaria em paz e sairia selvagemmente com seus amigos adolescentes. Uma noite, enquanto estava sozinho, eu estava assistindo a um especial no *20/20* sobre crianças sendo sequestradas - totalmente impróprio para uma criança de seis anos. E aconteceu que, naquele momento, alguns garotos da vizinhança resolveram jogar pedras na janela. Suas vozes romperam a noite escura, gritando: "Mariah, vamos pegar você!" Fiquei apavorado com as notícias, com as crianças, com a noite, com a casa, com minha solidão absoluta.

Eu queria que meu irmão me amasse. Fiquei impressionado com sua forte energia, mas também me assustou.

Esta casinha não poderia suportar o peso de toda a nossa dor e medo - especialmente do meu irmão. Foi uma época tão difícil. Eu era uma garotinha assustada, minha mãe estava profundamente magoada e meu irmão -

bem, vamos apenas dizer que ele era mais do que simplesmente um adolescente zangado, especialmente no ensino médio. Ele superou a raiva no ensino médio e se formou em raiva total. Quando era um jovem adolescente, meu irmão estava repleto de promessas criativas e atléticas. Mas, no início de sua vida, ele havia sofrido bullying e espancado por ter uma deficiência e ser um garoto mestiço. A diferença visível que ele usava na pele sempre o distanciava dos meninos brancos em Long Island e o tornava um alvo. Crianças

podem ser mesquinhas, mas quando a mesquinhez comum se combina com o racismo, assume uma brutalidade peculiar, muitas vezes sancionada (e aprendida com) adultos. Provavelmente, meu irmão também pegou alguma merda com as crianças Negras. Tenho certeza de que sua distância do tipo de escuridão detectável deles, o tipo que faz com que você seja maltratado pelos policiais por nada, despertou neles um ressentimento que veio na forma de golpes físicos e xingamentos.

Meu irmão foi quebrado no início, e a única ferramenta que ele tinha para se defender era a destruição. Ele lutaria contra tudo, seus demônios e todos os outros, especialmente nosso pai. O relacionamento que ele tinha com nosso pai não o ajudou a reconstruir - em vez disso, o prendeu ainda mais em sua indignação interior. Um homem quebrado não pode consertar seu menino quebrado. Meu irmão foi feito em pedaços,

espalhado ao vento, e as ferramentas obsoletas de disciplina militar de nosso pai foram inadequadas para ajudá-lo a se recompor e prepará-lo para a maturidade. O mal-entendido e a distância emocional com nosso pai eram a agonia perpétua e esmagadora de meu irmão, e isso resultou em sua raiva absoluta.

Durante a maior parte da minha infância, fiquei preso entre a fúria de meu irmão e a busca triste de minha mãe. Raiva e desânimo são ambos altamente prejudiciais, mas, eu acho, um se volta para dentro e o outro para fora. Quando eles colidem, pode ser catastrófico. Quando eu estava no jardim de infância, a catástrofe já era rotina para mim. Quando morávamos em Northport, mini-explosões aconteciam entre minha mãe e meu irmão diariamente. Eu me condicionei a ficar quieto e esperar que as explosões passassem. Na maior parte do tempo, eu ignorava as palavras e os motivos por trás de suas brigas - o "porquê" era território de gente grande. Para mim, seus argumentos eram apenas um borrão de vozes intensas em alto volume, pontuadas por xingamentos implacáveis.

Certa noite, porém, eu sabia claramente a origem da discussão: meu irmão queria usar o carro de minha mãe e ela não permitiu. Certamente eles tiveram centenas de brigas pelo carro, mas por algum motivo esta noite parecia diferente. Eu estava prestando atenção. Normalmente, suas brigas começavam do jeito que eu imaginava que as brigas normais entre a maioria dos adolescentes e pais começavam, mas essa não era assim. Começou no nível de ampliação e rapidamente se transformou em obscenidades violentas sendo lançadas pela sala. Palavras dolorosas voavam para frente e para trás como balas ricocheteando nas paredes, ganhando força a cada nova rodada. Não havia como escapar do fogo cruzado; os gritos dispararam de quarto em quarto, subindo e descendo as escadas, e a casa inteira se tornou um campo de batalha. Não havia lugar seguro. Eu senti o ar apertar quando minha mãe e meu irmão ficaram cara a cara, meros centímetros de raiva eletrificada entre eles. Eu estava apavorado. Todo o meu corpo enrijeceu. Com os olhos bem abertos, fixei-me no espaço entre eles e gritei: "Pare com isso! Pare! " uma e outra vez, em meio às minhas lágrimas.

Eu esperava que talvez meu grito pudesse entrar naquele espaço e desarmá-los por um momento.

De repente, houve um barulho alto e agudo, como um tiro real. Meu irmão empurrou minha mãe com tanta força que seu corpo se chocou contra a parede, fazendo um barulho alto de estalo. Eu vi sua estrutura ficar rígida; por um momento ela pareceu congelada contra a parede, presa como uma pintura, seus pés levantados vários centímetros do chão. A próxima coisa que percebi é que ela estava totalmente mole, como se seus ossos tivessem derretido, dobrando-se no chão. Foi uma fração de segundo. Foi uma eternidade. Meus olhos ainda estavam fixos no lugar, só que agora eu estava olhando para minha mãe desabada em uma pilha amassada no chão. Meu irmão saiu pisando forte e bateu a porta, sacudindo a casa uma última vez, e saiu em disparada no carro dela.

Eu fiquei lá por um momento no silêncio assustador. Eu podia me ouvir respirando, mas não sabia se minha mãe ainda estava. Uma

clareza arrepiante veio a mim, assim como uma parte suave da minha infância foi embora. Sem tirar os olhos de minha mãe imóvel, me recompus. Pegando o receptor de nosso único telefone, senti-o pesado e frio, pressionado contra minha pequena orelha. Meus dedinhos empurraram os botões quadrados em uma sequência familiar. Era o número de uma das amigas de minha mãe, cuja casa ela às vezes visitava para passear. Como eu tinha apenas seis anos, o dela foi um dos poucos números que memorizei.

Limpendo minha voz para que eu pudesse ser ouvido por cima do zumbido estático do telefone, engasgando com as lágrimas, fiz o possível para dizer a ela com calma: "Meu irmão machucou muito minha mãe e estou sozinho em casa. Por favor, venha ajudar." Não me lembro do que ela disse. Desliguei ainda me sentindo focado, meus olhos ainda fixos no corpo da minha mãe. Entrei em uma espécie de transe.

Não sei quanto tempo fiquei ali, só que saí de repente ao som de uma batida forte na porta. Corri para abri-lo para a amiga de minha mãe e vários policiais entraram correndo. Não consegui entender o que alguém estava dizendo, mas observei enquanto eles corriam para onde minha mãe estava deitada. A próxima coisa que eu sabia, ela estava se movendo. No momento em que percebi que ela estava viva, o feitiço do choque quebrou e uma onda de medo e pânico tomou conta de mim - a compreensão do que realmente aconteceu, o que quase aconteceu e que futuro desconhecido estava esperando. Enrolei meu pequeno corpo em uma bola, segurei-me com força e comecei a chorar baixinho. Eu podia ouvir o som fraco da voz de minha mãe enquanto ela voltava à consciência. Então eu ouvi uma voz cristalina, tocando logo acima da minha cabeça. Era uma voz de homem, uma voz que nunca esquecerei.

Um dos policiais, olhando para mim, mas falando com outro policial ao lado dele, disse: "Se esse garoto conseguir, será um milagre". E naquela noite, tornei-me menos uma criança e mais um milagre.

## **QUANDO CHEGA O NATAL**

*Não quero muito para o natal*

*Há apenas uma coisa que eu preciso*

*Eu não me importo com os presentes*

*Debaixo da árvore de natal*

- "Tudo que eu quero no Natal é você"

Minha mãe acrescentou uma folha à sua minúscula mesa de madeira, tornando-a *quase* do tamanho de *uma* família para o dia. Com algumas decorações simples, a mesa tornou-se a peça central festiva, junto com uma árvore Charlie Brownish, de uma sala de estar mobiliada de outra forma improvisada na casa degradada onde nós dois morávamos. Apesar de nossas circunstâncias, minha mãe queria que tivéssemos uma "vida maravilhosa".

Os dias que antecederam o Natal foram um acontecimento. Minha mãe sempre manteve um calendário do Advento. Abriríamos uma nova aba a cada dia. Eu li um trecho de uma história ou poema impresso ali, e ela me dava os chocolates escondidos lá dentro. O vinho quente que ela preparou camuflou a umidade da casa com um aroma quente e picante. Eu sabia que não tínhamos muito dinheiro, então, embora nunca tenha realmente previsto receber presentes extravagantes ou brinquedos populares, adorava que fizéssemos um esforço para entrar no espírito e fazer o que pudéssemos para criar um ambiente de alegria e júbilo. Nós limparíamos, decoraríamos e, claro, cantaríamos. Canções natalinas cantadas na voz operística de minha mãe trouxeram uma sensação de amplitude à nossa existência diária apertada.

Mamãe não era muito cozinheira, mas no jantar de Natal ela tentou - nós duas tentamos. Tentamos colocar todo o trauma e drama que infectou o resto de nossas vidas em espera e apenas ter uma refeição de Natal pacífica. Pedir muito? Eu acho que não. Eu era uma criança que ansiava por uma infância, em uma casa cheia de decepções e dores.

Com o passar dos anos, minha irmã e meu irmão raramente se comunicavam durante todo o ano, muito menos para visitar o lugar onde minha mãe e eu morávamos. O Natal era uma ocasião rara em que estaríamos todos juntos sob o mesmo teto frágil. Nós quatro sentaríamos em volta da mesa, os olhos evitando os olhos, muitas vezes incapazes de falar, entupidos por todas as coisas para as quais nenhum de nós tinha linguagem. Eu era muito jovem e ainda não tinha acumulado o suficiente de um passado para ser quebrado por isso. Meus irmãos e minha mãe não se comunicavam na maior parte do ano, então, na ceia de Natal, meu irmão e minha irmã chegavam cheios de mágoa e raiva, famintos por atenção. Eventualmente, inevitavelmente, todos explodiriam em uma torrente de abusos verbais. Eu ficava sentado no meio do caos, chorando e desejando: desejando que eles parassem de gritar, desejando que minha mãe pudesse impedi-los de gritar e praguejar. Desejando estar em um lugar seguro e alegre - algum lugar que parecesse *Natal* .

Minha irmã e meu irmão claramente não podiam se suportar, mas seu profundo ressentimento em relação a mim era uma ameaça constante e silenciosa fervendo logo abaixo da superfície. Eu era o terceiro e mais novo filho, e nossos pais se divorciaram quando eu tinha três anos. Eu era o que *eles* consideravam uma criança de ouro: cabelo mais claro, pele mais clara e um espírito mais leve. Eu morava com nossa mãe, e eles foram eLivross um do outro e de nós. Eles existiam em um tipo diferente de dor, absorvendo qualquer hostilidade que crianças menos amadas, problemáticas e mestiças fizessem em qualquer bairro, preto ou branco. Eu acreditava que eles acreditavam que eu estava passando. Lá estava eu com meu cabelo louro, morando com nossa mãe branca, no que eles consideravam um bairro branco seguro. O ressentimento deles em relação a mim era talvez a única coisa que eles tinham em comum; eles pareciam presos naquela amargura. Eu realmente entendi por que eles estavam com raiva e ódio de mim, mas na época, eu não conseguia entender por que todos os anos, eles simplesmente tinham que estragar o Natal.

Mas meu desejo era mais poderoso do que sua dor. Desejei com exuberância. Comecei a criar meu próprio mundinho mágico e alegre de Natal. Concentrei-me em todas as coisas que minha mãe lutou para criar; tudo que eu precisava era uma chuva de purpurina e um coro de igreja completo para me apoiar. Meu Natal imaginário estava cheio de Papai Noel, renas, bonecos de neve e todos os sinos e enfeites que os sonhos de uma menina poderiam conter. E adorei contemplar um doce menino Jesus, absorvendo a poderosa alegria que o verdadeiro espírito da época traz.

Nem todo Natal foi arruinado pela minha família.

Minha mãe era culturalmente aberta quando eu era jovem e tinha um grupo diversificado de amigos. Lembro que tinha uma amiga - vamos chamá-la de Ashley - cuja mãe era gay (Ashley não fazia ideia). Minha mãe era muito objetiva: "A mãe de Ashley é gay e mora com o parceiro". Nada demais. E realmente não era.

Duas das minhas pessoas favoritas eram meus guncles (tios gays), Burt e Myron. Eles eram maravilhosos, assim como sua casa. Não era uma grande propagação, mas a deles era uma charmosa casa de tijolos de médio porte situada em um doce pedaço de terra arborizada. Framboesas silvestres cresciam no quintal e eles tinham um Labrador dourado chamado Sparkle. Quando eles viajavam, minha mãe e eu cuidávamos da casa deles. Eu me deleitava com a limpeza e o conforto.

Burt era professor e fotógrafo, e Myron era, como ele disse, uma "esposa que fica em casa". Myron foi uma *visão*. Ele usava uma barba perfeitamente penteada e seu cabelo estava sempre espalhado em camadas em cascata, que ele finalizava com um spray de gelo brilhante. Ele estava perpetuamente bronzeado e desfilava pela casa em espetaculares caftãs de seda multicolorida. Burt me levava ao quintal deles para tirar fotos minhas (adorei me exibir na frente de uma câmera) e incentivou totalmente minhas poses

exageradas. Ele apoiou totalmente e entendeu minha propensão para coisas estranhas.

Lembro-me claramente de uma sessão de fotos de Natal que organizamos. Eu estava vestida com um vestido verde com flores e, como um milagre especial de Natal, tinha uma franja de aparência decente. Fingi estar colocando um enfeite na árvore enquanto timidamente olhava para trás por cima do ombro e Burt tirava a foto: um elemento da moda festivo.

Eu gostava da casinha adorável e aconchegante de Burt e Myron o ano todo, mas especialmente na época do Natal. Eles colocaram muito cuidado e personalidade na preparação para a temporada. A casa estaria perfeitamente limpa e haveria uma decoração bonita, precisamente colocada, e um fogo aceso na lareira. A casa cheirava a um forno novo com algo assando dentro; eles sempre tinham pequenos pedaços saborosos para mordiscar e serviam bebidas sofisticadas como conhaque Alexanders. Lembro-me de ter ficado preso na casa deles em um feriado durante uma tempestade de gelo, que eu esperava que nunca acabasse. Burt e Myron me deram o primeiro gostinho de como é um Natal caseiro. Eles forneceram um exemplo de um estilo de vida caseiro em geral.

Meus guncles apoiaram a showgirl em mim. Sempre que eu queria fazer minha pequena produção (o que acontecia com frequência), eles prestavam total atenção em mim. Eles nunca tentaram domar minha imaginação exagerada. Foi a partir do espírito da minha filha e daquelas primeiras fantasias de família e amizade que escrevi "Tudo que eu quero para o Natal é você". Pense em como começa: ding, ding, ding, ding, ding, ding, ding ... os delicados sinos lembram aqueles pianos de brinquedo de madeira, como o que Schroeder tinha no *Peanuts* .

Na verdade, toquei a maior parte da música em um pequeno teclado Casio barato. Mas é o sentimento que eu queria que a música capturasse. Há uma doçura, uma clareza e uma pureza nisso. Não veio de inspiração cristã, embora eu certamente tenha cantado e escrito a partir dessa perspectiva espiritual e comovente. Em vez

disso, essa música veio de um espaço infantil; quando o escrevi, aos vinte e dois anos, não estava muito longe de ser uma criança. Gravei um álbum de Natal inteiro, o que foi um risco. Você simplesmente não via vídeos de Natal na MTV naquela época. Na verdade, era quase inédito para qualquer pessoa - muito menos para uma cantora tão jovem, tão cedo em sua carreira - escrever e gravar uma canção de Natal original que foi um sucesso legítimo.

Embora eu estivesse acessando o mundo privado dos sonhos da minha infância com a música, não estava muito feliz quando a escrevi. Minha vida mudou tão rapidamente, mas eu ainda me sentia perdida, vagando pela fronteira selvagem entre a infância e a idade adulta. Meu relacionamento com Tommy Mottola, que viria a se tornar meu primeiro marido (e muito mais) já estava ficando estranho, e ainda nem estávamos casados.

Mas, para seu crédito como chefe da minha gravadora, ele me encorajou a fazer meu primeiro álbum de Natal, *Feliz Natal*.

Eu também estava nostálgico. Sempre fui uma pessoa tragicamente sentimental, e a época do Natal personifica esse sentimentalismo para mim. Eu queria escrever uma música que me deixasse feliz e me fizesse sentir como uma jovem amada e despreocupada no Natal. Eu também queria apresentá-lo como os grandes que cresci idolatrando - Nat King Cole e os Jackson Five - que tinham seus próprios fantásticos clássicos de Natal. Eu queria cantá-lo de uma forma que capturasse a alegria de todos e a cristalizasse para sempre. Sim, eu estava buscando a felicidade do Natal vintage. Também acredito que em algum lugar dentro de mim sabia que era tarde demais para dar paz a meu irmão e minha irmã, e a minha mãe sua vida maravilhosa, mas possivelmente poderia dar ao mundo um clássico de Natal em vez disso.

## **O PAI E O SOL**

*Obrigado por abraçar um bebê de cabelos louros*

*Embora eu saiba que você teve suas dúvidas*

*Eu acho que qualquer um teria dúvidas*

- "Girassóis para Alfred Roy"

Meu pai sempre me lembrava um girassol - alto, orgulhoso e estóico, mas também brilhante, forte, bonito e controlado. Ele trabalhou duro para alcançar e sair do solo áspero em que estava enraizado. Ele estava determinado a transcender as limitações enfrentadas por seus pais, seus irmãos e toda a sua geração. Ele era o único filho de seu pai, Robert, e da mãe, Addie. Ele ficou constrangido com a educação de Addie na terceira série. Addie era dura com o filho, por isso ele passou a respeitar e confiar na ordem e na lógica. Com suas próprias forças, ele se arrastou para fora do ambiente violento e opressor que havia levado um de seus tios a matar outro. Meu pai ansiava por disciplina, cultura e liberdade, então ele se juntou ao exército - uma escolha lógica para um homem que não teve voz ativa sobre a época ou a pele em que nasceu.

Os militares podem ter tirado meu pai do Bronx, mas não o tirou dos perigos de ser negro na América.

Enquanto ele estava alistado, uma mulher branca na base onde ele estava estacionado disse que foi estuprada e que um homem negro fez isso. Por nenhuma outra evidência além de não ser branco, meu pai foi acusado do crime e colocado em uma prisão na base. Para adicionar sofrimento extra e servir de advertência a outros soldados negros, os oficiais brancos encarregados designaram um oficial negro para supervisionar meu pai -

um lembrete deliberado de que um uniforme militar dos EUA não camuflava sua raça. Muito parecido com designar um supervisor negro em uma plantação, era uma técnica eficaz de terror.

Meu pai ficou mortificado, mas principalmente com medo. Como muitos homens negros, ele vivia com medo da brutalidade arbitrária, abdução ou morte. No entanto, talvez, acima de tudo, ele temesse exibir medo

- porque ele sabia que, para essa transgressão, a morte era o castigo certo. Meu pai acabou sendo libertado, sem nenhum pedido de desculpas, apoio ou aconselhamento. A única explicação dos

militares foi que eles haviam apreendido o verdadeiro culpado. Com uma arma emitida pelo governo nas mãos, ele saiu direto da prisão para o topo de uma colina. Consumido pelo trauma e pela raiva, ele pensou em puxar o gatilho - e não estava pensando em suicídio.

Meu pai cuidava cirúrgico de tudo o que fazia. Seu estilo de vida tinha uma qualidade verdadeiramente austera: parte quartel militar, parte mosteiro Shaolin. Sua cozinha era pequena e impecavelmente mantida. O

conteúdo de sua despensa era indexado com precisão por tamanho e categoria. Não havia espaço para extravagância ou desperdício de qualquer tipo em sua casa. Não havia múltiplos de nada: uma TV, um rádio.

Em seu armário estava pendurada apenas a quantidade de camisas necessárias para uma semana, nada mais.

Ele não considerava uma cama feita corretamente, a menos que as cobertas estivessem dobradas com tanta força que você pudesse ricochetear uma moeda de sua superfície.

A abordagem de meu pai para a maioria das coisas era eficiente e militarista. Ele considerou o ato de beliscar frívolo. Se eu estava com fome enquanto esperava pelo jantar, ele me dava um biscoito Ritz. 1. O fascínio daquela caixa vermelha brilhante, com seu redemoinho icônico de biscoitos dourados em forma de girassol saindo de suas mangas de cera, era inebriante. Ele puxava uma coluna alta de biscoitos, desfazia a manga meticulosamente dobrada, tirava um único biscoito da pilha e me entregava delicadamente, como se fosse uma joia preciosa. Em seguida, ele dobraria cuidadosamente o papel, colocaria a pilha de volta na caixa e a colocaria de volta em seu lugar na prateleira, onde ficaria.

Eu segurava o sabor amanteigado, salgado e crocante até o nariz, fechava os olhos e inspirava uma longa e luxuriante cheirada. Com precisão, eu daria uma mordida minúscula ao longo da borda recortada. Eu mastigava muito lentamente, deixando a sensação

saborosa permanecer na minha língua. Virando o tesouro dourado ligeiramente, eu mordiscava outro pedacinho da borda, saboreando cada grão de sal e migalhas, fazendo meu único biscoito durar o máximo que eu pudesse. (Ironicamente, o slogan na caixa era "só há *um* Ritz" - e para mim, realmente havia!)

Pelos padrões de hoje, meu pai seria considerado um hipster. Depois do serviço militar, ele se mudou para Brooklyn Heights, dirigiu um Porsche Speedster clássico e preparou pratos italianos autênticos em sua cozinha. Oh, como vivi para a comida do meu pai! Ele fez uma salsicha média com pimentas e deliciosas almôndegas de salsa, mas seu linguine com molho de amêijoia branco era *sublime*. O cheiro de alho em

azeite quente, macarrão fervente e mar salgado são o que os melhores domingos cheiram para mim. Eu adorava os domingos. Esses foram os dias que passei com meu pai - e nossas refeições juntos eram o que eu mais esperava.

Um domingo, a mãe de meu pai, Addie, estava lá - uma ocasião rara. Acho que não tinha mais de cinco anos.

Tudo começou como um domingo típico, meu pai passando o dia inteiro preparando meticulosamente seu prato de assinatura. Ele descascou e limpou todos os mariscos, cortou o alho e picou a aromática salsa italiana. Foi um tal processo - um ritual, na verdade. Como de costume, eu não tinha comido o dia todo, exceto talvez *um* biscoito Ritz (e provavelmente não tinha comido uma refeição completa no dia anterior; sábado à noite na casa da minha mãe poderia ser um pouco casual). Entre ler e colorir e ruídos na barriga, olhei para a despensa. O ar estava perfumado com o frescor dos ingredientes do meu pai. Eu esperei a semana toda, esperei o dia todo; Eu só precisava aguentar até a hora do jantar. Logo eu estaria me deliciando com meu prato favorito.

Senti o cheiro da massa amolecendo na água fervente e sabia que não demoraria muito. "É hora do jantar!"

meu pai finalmente cantou. Pulei e corri para me sentar à pequena mesa de fórmica da cozinha. Addie, com uma peruca vermelha fabulosa e um caftan com estampa vermelha para combinar, estava na tangente, contando uma história que só os adultos se interessariam. Eu mal conseguia manter minha cabeça erguida, porque provavelmente comecei a desmaiar e babar esperando a delícia que estava prestes a aparecer diante de mim. Observei meu pai colocar a massa no meu prato, pegar o molho celestial e despejá-lo habilmente sobre o linguine. Eu segui cada movimento seu enquanto ele abaixava o prato branco fumegante na minha frente. Já era tempo! E então, quando eu estava pegando meu garfo, Addie - que não fez uma pausa em sua história para respirar - sacou uma lata verde de queijo parmesão ralado e começou a sacudir seu conteúdo desagradável e em pó por todo meu elegante linguine fresco .

*Nããããõ !!!!!* Eu gritei de horror. Mas era tarde demais; meu prato estava coberto com ele. Meu pai *nunca* colocava aquele queijo no molho de amêijoas! De onde veio isso? Ela estava com ele na bolsa?! Incapaz de controlar meu choque e repulsa, corri para o banheiro, bati a porta e explodi em lágrimas. "Roy, é melhor você fazê-la comer aquele macarrão. Faça ela comer aquela comida!" Ouvi Addie contando ao meu pai em desafio. Essa foi a única vez que me lembro do macarrão perfeito de meu pai sendo frustrado, e acho que foi a última vez que Addie se juntou a nós para o jantar de domingo.

Meu pai me ensinou que as palavras têm significado e, portanto, têm poder. Certa vez, em uma adorável tarde de domingo de verão, ouvi o leve tilintar do caminhão de sorvete descendo a rua em frente à casa de meu pai. Ao reconhecer a melodia mística que prometia tanto prazer, soltei um grito excitado: " *Aaaaa! O*

*sorveteiro!* A música estava alta e clara agora, então eu sabia que o caminhão havia parado em algum lugar próximo. O barulho de pés correndo e os gritos felizes que ouvi confirmaram - o sorveteiro

estava bem na nossa porta. Minha mente estava correndo. *Eu tenho que ir!* Eu refleti para mim mesmo. *Ele está indo embora!*

“Posso pegar cinquenta centavos emprestados, por favor, por favor?!” Quase gritei com meu pai, perigosamente perto de hiperventilar.

“Você quer *emprestar* cinquenta centavos? Ou você gostaria de *ter* cinquenta centavos?” ele respondeu em um tom frio e calmo.

Um leve pânico estava se aproximando. “Uhhhh”, gaguejei. Eu não sabia o que dizer. Tudo que eu sabia era que precisava conseguir algum dinheiro para o sorveteiro. “Eu não sei!”

Eu não estava pensando com clareza. Mais uma vez, meu pai falou de maneira paciente e equilibrada, o que só aumentou meu frenesi.

“Há uma diferença entre pedir emprestado e ter. Você está me pedindo para *lhe dar* cinquenta centavos?”

Eu estava em um estado e despreparado para fazer distinções naquele momento, então deixei escapar: “Só quero emprestar cinquenta centavos. Eu vou devolver! Por favor!”

Ele enfiou a mão no bolso, tirou duas moedas de prata brilhantes e as colocou na palma da minha mão ansiosa. Como um biscoito Ritz ocasional, pareciam joias preciosas. Eu irrompi pelas portas do prédio, mal tocando os degraus, e corri para a caminhonete como uma gazela sendo perseguida por um leão.

Eu tinha comprado meu sorvete, mas meu pai deixou claro que eu teria que devolver o dinheiro que *pedi emprestado*. Aos sete anos, ainda não ganhava dinheiro, por isso pedi moedas à minha mãe. Ela não conseguia entender por que meu pai barganhava com sua filhinha e os deu para mim. Eles sempre tiveram estilos parentais opostos. Cumpri minha promessa e devolvi o dinheiro a ele no domingo seguinte. O

incidente do sorveteiro foi uma lição não apenas de respeito ao significado das palavras, mas também de

integridade e administração de dinheiro. Meu pai era um homem que economizou o primeiro dólar que ganhou.

Ser pai solteiro era uma noção bastante nova na época, então ele não estava preparado para planejar encontros femininos ou atividades divertidas centradas nas crianças. Na maior parte do tempo, eu era simplesmente o acompanhamento infantil de sua vida adulta normal - mantendo-me ocupado e fora do caminho enquanto ele cozinhava, limpava e consertava o carro enquanto ouvia futebol no rádio. E ele *adorava* seu Porsche. Era seu único luxo verdadeiro. Ele comprou dois deles em sua vida, um antes dos filhos e um depois, ambos usados. Seu Speedster estava aparentemente sempre precisando de algum tipo de conserto, então ele *sempre* ficava mexendo nele.

O carro estava em um estado perpétuo de "preparação" para uma restauração completa. Era um vago e sem cor fosco, porque estava coberto com primer cinza, não com tinta. Uma vez perguntei a ele por que a cor do carro era tão desbotada. Ele explicou que era primer, mas que a cor original era vermelho-maçã. "Oh, então um dia você vai torná-lo vermelho-maçã doce?" Eu perguntei.

"Eles não fazem mais essa cor," ele disse categoricamente. Eu estava confuso. Por que não fazer outra cor, então? Mas se não pudesse ser a cor original, ele preferia que não fosse de qualquer cor.

Ele foi incrivelmente paciente com o Porsche, passando horas com ele, acreditando profundamente em sua beleza exótica e alto desempenho. Era muito legal e chique - um conversível com capota macia e dois assentos. Ele amava a liberdade de baixar a capota e a intimidade de só ter espaço para um passageiro.

Sáíamos em longas viagens sem muito bate-papo. Se o rádio estava ligado, estava sintonizado no noticiário ("1010 vitórias - você nos dá dez minutos, nós lhe damos o mundo"). De vez em quando, cantávamos uma daquelas canções engraçadas e folclóricas que não paravam de tocar, como "Há um buraco no fundo do mar".

*Tem uma verruga na rã, na saliência, na tora,*

*no buraco no fundo do mar*

Ele também gostava de cantar "John Henry", uma canção folclórica sobre um homem negro que trabalhava como um "homem que dirige aço".

*John Henry era um bebezinho, sentado no colo de seu pai*

Quando ele cantava "joelhada", ele atingia uma nota incrivelmente baixa que sempre me fazia rir. Eu gostava de cantar essas canções porque ajudariam o tempo e os quilômetros a passar. Naquela época, eu achava que dirigir era muito chato. Mas agora, ah, o que eu não faria para sentar ao lado dele, mais uma vez, naqueles bancos de couro, em estrada aberta, com apenas o zumbido do motor e o assobio do vento como nosso acompanhamento. Minha mãe, a cantora de ópera, me ensinou escalas, mas meu pai me ensinou canções que me faziam rir.

*Obrigado pelas montanhas*

*O Lago das Nuvens*

*Estou imaginando você e eu lá agora*

*Enquanto as cascatas de cristal caíam*

- "Girassóis para Alfred Roy"

Ocasionalmente, íamos ao Lime Rock Park, uma pista de corrida em Connecticut. Foi uma experiência um pouco mais glamorosa do que um local típico da NASCAR. Paul Newman tinha uma equipe lá, e pilotos de classe mundial como Mario Andretti eram regulares. Achei a pista de corrida muito chata, mas ir às corridas era uma das atividades favoritas de Alfred Roy, e ele fazia com que todos os seus filhos se juntassem a ele.

Essa era uma coisa rara com a qual todos nós, crianças, concordávamos: carros girando e girando em círculos não eram um grande entretenimento.

Quando estávamos em nossas viagens ou na pista de corrida, muitas vezes eu estava apenas por *perto* enquanto ele fazia coisas normais

de adulto. Enquanto ele ouvia ou assistia ao futebol (que ele adorava e que eu achava extremamente chato), eu ficava por perto, lendo ou desenhando em silêncio - observando os hábitos de um adulto.

Meu pai tinha alguns livros só para mim em sua casa. O que eu me lembro mais claramente era sobre um garotinho Negro que era cego. A capa era branca, com grandes círculos vermelhos, laranja e amarelos.

Estava cheio de cores e contava a história de um menino que via o mundo por meio do toque e da sensação das formas, e não da cor.

Quando penso naquele livro de histórias, penso em Stevie Wonder. Ao lê-lo, me perguntei se esse era o motivo pelo qual Stevie Wonder conseguia criar mundos e emoções tão vívidos por meio de suas canções:

ele via sem olhos; ele estava vendo com sua alma. Stevie Wonder é de longe o compositor que mais respeito e amo. Ele está além do gênio; Eu acredito que ele escreve canções de um lugar sagrado. Acho que ter este livro sobre o menino negro cego foi uma forma de meu pai tentar me apresentar os conceitos de racismo e percepção, porque na verdade não falávamos sobre isso. Não falamos sobre as *nossas* sombras e formas .

A percepção também foi muito importante para meu pai. Certa vez, enquanto desenhava ao lado dele em uma tranquila tarde de domingo, fiz o que achei ser um desenho animado muito inteligente. Era uma foto da nossa família com a legenda: "Eles são estranhos. Mas eles estão bem. " Mas quando mostrei ao meu pai, ele ficou muito chateado.

"Por que você diria que somos estranhos?" Ele demandou. Fiquei abalado com seu tom severo e não tinha ideia de por que a ideia o deixava com raiva.

"Eu não sei. Provavelmente ouvi em algum lugar, "eu disse. No meu cartoon, também acrescentei: "Mas eles estão bem", o que achei otimista. Foi um pouco irônico.

Com uma seriedade absoluta que me deixou gelada, ele disse: "Nunca diga isso".

Nunca tive a intenção de ofendê-lo, na verdade, queria encantá-lo. Eu me senti muito mal naquele dia. Mas a carga pesada que carregava, seu desejo profundo de ser aceito como um ser humano completo, era algo que eu não aprenderia até muito mais tarde - algo com o qual ainda estou tentando fazer as pazes.

Na época, eu não tinha linguagem para dizer a ele que estranho era como eu me sentia. Eu não sabia como dizer que era como eu sentia que as outras pessoas nos viam - como *esquisitos*. Achei tudo estranho. Meu cabelo estava estranho; minhas roupas eram estranhas; meus irmãos e seus amigos eram estranhos; minha mãe e todos os lugares miseráveis em que vivíamos com ela - eram todos *estranhos*.

Achei que a Unitarian Universalist Fellowship era uma igreja *estranha*. Começamos a frequentar quando a família ainda estava junta. Nós cinco iríamos para este antigo castelo de pedra de estilo medieval com paredes grossas e uma torre alta, cheio de uma congregação do que parecia ser todas as pessoas estranhas da Ilha. Para mim mesma, era como a Igreja dos Brinquedos Misfit em uma feira da Renascença. O pastor, que antes era judeu, mudou seu nome de Ralph para Lucky. "*Reverendo Lucky?*" OK. Os adolescentes subiam na torre e faziam todas as coisas estranhas que os adolescentes faziam. Mesmo quando menina, eu sabia que essa não era a *minha* cena. Mas meu pai, embora fosse o único negro, sentiu-se aceito ali entre os outros estranhos, então ele permaneceu na irmandade para sempre.

Acho que meu pai não entendia como éramos diferentes de todas as pessoas dos bairros em que morava com minha mãe. Era estranho morar em um apartamento improvisado em cima de uma delicatessen quando *todo mundo* morava em uma casa. Morávamos em uma pequena seção comercial de Northport, onde havia uma faixa de lojas no nível do solo de um aglomerado de casas vitorianas. Eram negócios de uma cidade pequena: uma loja de

bicicletas, talvez um armazém geral e depois a delicatessen. Uma escada ao lado da entrada da delicatessen levava a um pequeno apartamento em estilo ferroviário onde eu morava com minha mãe e Morgan.

Eu tinha um quarto no final do corredor, não maior do que um típico closet. O apartamento era pequeno, o chão coberto com carpete verde ervilha e as paredes e portas finas; o som de risos e vozes muitas vezes me mantinham acordado à noite. Eu tinha poucas coisas naquele quarto minúsculo que me trouxeram conforto.

Os mais preciosos, talvez, tenham sido os presentes de meu pai - um pequeno coelho de cerâmica e um doce ursinho de pelúcia cor de melão chamado Cuddles, que guardei até ser destruído muitos anos depois, após uma inundação em um apartamento de Manhattan que ficava em cima de um bar e boate (aparentemente, há níveis para morar em cima dos estabelecimentos, e eu já passei por todos eles).

*Eu lembro quando você costumava me colocar na cama à noite com o ursinho de pelúcia que você me deu que eu segurava tão forte*

- "Bye Bye"

Mesmo com Cuddles ao meu lado, eu freqüentemente tinha pesadelos, e era naquele apartamento sombrio que meus problemas com o sono começaram.

Não me lembro de mais ninguém *morando* por lá, e certamente não havia outros negros em quilômetros.

Morgan's era o único afro à vista. Uma vez, depois que ele teve problemas, minha mãe humildemente o admoestou a "ficar em seu quarto". Pouco depois, o dono da delicatessen lá embaixo ligou para minha mãe para informá-la que estava vendo seu filho pular de telhado em telhado acima das outras lojas. Morgan havia escalado a janela para o telhado e estava fazendo uma fuga ousada. Ele acabou passando por uma fase em que raspava a cabeça careca e usava

calças de caratê, com uma cobra casualmente enrolada em seu pescoço.

Ele andaria pela cidade parecendo um ninja punk, cheio de raiva, na esperança de encontrar uma luta.

Mesmo sem seu cabelo, ele era impossível de perder.

Meu pai pode não ter gostado que eu chamasse os Carey de estranhos, mas coisas estranhas certamente aconteceram conosco. De vez em quando, Alison batia no apartamento como um meteoro, e amigos dela e de Morgan ficavam juntos a noite toda.

Uma noite, Alison *me* reservou como entretenimento. Mais cedo naquele dia ela me ensinou a música

“White Rabbit” de Jefferson Airplane. Foi uma seleção estranha, com certeza, mas imaginei que talvez ela gostasse porque o refrão de “Vá perguntar a Alice” soava próximo ao nome dela. Quando fui trazido para a sala de estar para me apresentar, todas as luzes estavam apagadas e eu estava cercado por velas acesas e um círculo de adolescentes (assim como minha mãe). Observando o rosto de Alison em busca de aprovação, soltei o primeiro verso:

*Uma pílula deixa você maior e uma pílula deixa você menor*

*E os que a Mãe te dá, não fazem nada*

*Vá perguntar a Alice, quando ela tiver três metros de altura*

Uma música sobre drogas e viagens não é um conteúdo lírico típico (ou apropriado) para uma menina. Mas eu cantei porque minha irmã mais velha me ensinou. Eu adorava nada mais do que aprender e cantar músicas, mas esta era cheia de imagens assustadoras ("o Cavaleiro Branco está falando para trás / e a Rainha Vermelha está com a cabeça dela") e o que me pareceu um absurdo assustador ("o cachimbo de água-lagarta fumando "- o quê?).

Claro, eu me perguntei sobre o que essa música era e por que eu estava cantando no escuro. Já passava da meia-noite e, enquanto todas as outras crianças da minha idade estavam aninhadas em suas

camas, eu gritava: "Alimente sua cabeça!" para uma reunião à luz de velas de adolescentes hippies aspirantes a uma pseudo-sessão espírita. Me diga que não é estranho.

"Vejo vocês no próximo domingo!" Essa era a nossa coisa. Meu pai e eu demos aquela pequena promessa um ao outro com um aceno todas as semanas, quando o deixei para voltar à vida com minha mãe. Mas conforme eu crescia um pouco mais, minha seriedade como cantora e compositora começou a envolver rapidamente todo o meu mundo. Eu já estava na profissão quando tinha 12 anos. Meu pai não viu ou apoiou isso, principalmente porque ele não entendia.

A música, como carreira, não era lógica para ele. Quando eu falava sobre escrever poesia e cantar, ele mudava a conversa para notas e dever de casa. Ele não viu o foco e a disciplina que eu estava cultivando como artista. Ele não via como eu estava aprendendo o ofício, participando de jam sessions com músicos de jazz talentosos com minha mãe e desenvolvendo as habilidades de espalhamento e improvisação. Ele nunca viu como eu passava horas escrevendo, enriquecendo meu ouvido e estudando tendências da música popular no rádio. Acima de tudo, tínhamos uma diferença fundamental de crença: eu seguia meu coração, enquanto ele era guiado pelo medo de não ser aceito. Desde aquele dia terrível e auspicioso em que Nana Reese impôs suas mãos sobre mim e falou em meu coração, eu realmente *acreditei que* tudo o que eu quisesse era possível. Foi real para mim. Absoluto. Meu pai não acreditava que nada fosse possível. Pelo contrário, ele esperava que o mundo negasse veementemente seus desejos, e o menos importante deles era a dignidade.

Alfred Roy foi um homem que viveu toda a sua vida sob a ameaça de humilhação e desumanização em decorrência de sua identidade. Ele depositou todas as suas esperanças na noção de que o respeito social seria concedido a ele por meio de sua disciplina, diligência e excelência em trilhas institucionais tradicionais como acadêmicos, serviço ao seu país e trabalho respeitável. Seus outros dois filhos

tinham todas as qualidades para grandes alunos. Quando eram mais jovens, ele exigia que produzissem todos os As em seus boletins, e a maioria o faziam (embora ele às vezes questionasse por que cada A não estava acompanhado de um sinal de mais). A única aula em que me destaquei foi a escrita criativa, na qual sempre estive nos grupos avançados.

Mas eu era *trágico* em matemática e realmente não conseguia me conectar com a maioria dos outros assuntos ou materiais.

Os dois acadêmicos em potencial deram voltas terríveis na adolescência, atendendo aos maiores medos de um pai negro. O menino havia sido "institucionalizado", colocado sob os precários "cuidados" do estado, a primeira parada em uma perigosa via rápida para se tornar uma estatística. E a menina, grávida antes de seu décimo sexto aniversário, já havia chegado à uma. E eu, o bebê, que não era selvagem, rejeitei a rota tradicional "segura" para uma carreira segura e comecei a seguir o que considerava um caminho improvável,

misterioso e perigoso. Meu pai era extremamente rígido com meus irmãos, e eles sempre reclamavam ou brincavam sobre seus modos rígidos e excêntricos com minha mãe. No entanto, em um esforço para me proteger de sua perspectiva dura, muitas vezes a ouvi dizer a eles: "Não diga isso na frente de Mariah."

Houve momentos em que meu pai me decepcionou. Depois que Alison não estava mais morando com ele, ele deixou de ser um pai solteiro e divorciado para se tornar um verdadeiro solteiro. Houve momentos em que ele não apareceu para nossos encontros.

*Quando criança, havia momentos*

*Eu não entendi, mas você me manteve na linha*

*Eu não sabia porque*

*Você não apareceu às vezes*

*Nas manhãs de domingo*

*E eu senti sua falta*

- "Bye Bye"

Então, com o tempo, nosso ritual dominical tornou-se esporádico. Minha música estava dirigindo muito do meu tempo e energia naquele ponto. Trabalhei nisso a cada momento que pude. Eu estava determinado a superar minhas condições, a superar todas as pessoas que não acreditavam que eu conseguiria, a superar o lugar triste em que minha irmã havia caído, a superar a irritante disfunção de meu irmão. Eu iria superar tudo

- mesmo que isso incluísse meu pai, o único membro estável da família que eu tinha. Depois de pagar por um verão em um acampamento de artes cênicas, o máximo que meu pai fez pela minha carreira foi me alertar sobre o quão incerto e traiçoeiro o negócio do entretenimento pode ser.

Anos depois, liguei para meu pai e toquei "Vision of Love" no estúdio de gravação, colocando o receptor do telefone diretamente no alto-falante da Yamaha.

"Uau", disse ele, "você parece as três Pointer Sisters!" Ele não era um grande músico, então essa comparação foi um grande elogio vindo dele. Isso significava que ele havia notado todas as camadas dos vocais de fundo, além do forte chumbo. Ele estava realmente *ouvindo* minha música. E eu poderia dizer que ele estava feliz com isso e comigo. Depois de todos aqueles anos, foi realmente uma validação.

No entanto, mesmo depois de tudo que eu havia realizado, não estava imune ao perfeccionismo que ele projetou em seus outros filhos. Depois que ganhei dois Grammys no meu primeiro ano na indústria, ele comentou: "Talvez se você fosse um produtor, pudesse ganhar mais, como Quincy Jones". Naquele mesmo ano, o lendário Quincy Jones levou para casa sete Grammys por seu projeto épico *Back on the Block*, que abrangia toda a história da Black American Music e apresentava gigantes de Ella Fitzgerald e Miles Davis a Luther Vandross.

Eu tinha me saído surpreendentemente bem como uma nova artista (que havia escrito suas próprias canções de sucesso), e lá estava meu pai, comparando-me a um dos maiores gigantes musicais que a indústria já conheceu, com décadas de experiência e infinitos elogios e honras ao seu nome! Fui imediatamente empurrado de volta à minha infância, como se meus dois Grammys fossem dois A no meu boletim escolar e ele estivesse me perguntando o que havia acontecido com os pontos positivos. Acho que meu sucesso na música o assustou porque ele não tinha ideia sobre, e aparentemente nenhuma influência sobre, como eu tinha chegado. Ele não perguntou e eu não disse.

Gradualmente, o "próximo domingo" se transformou em um mês de domingo. Eu tive que deixar nossos domingos para que pudesse manifestar meu próprio dia ao sol.

### **COLORIR FORA DAS LINHAS**

*É difícil de explicar*

*Inerentemente, sempre foi estranho*

*Nem aqui nem lá*

*Sempre um pouco deslocado em todos os lugares*

*Ambíguo sem um sentimento de pertencer ao toque*

- "Fora"

Meus primeiros encontros com o racismo foram como um primeiro beijo ao contrário: a cada vez, um pedaço de pureza foi arrancado de meu ser. Deixou para trás uma mancha que se espalhou, que se infiltrou tão profundamente dentro de mim que até hoje nunca fui capaz de limpá-la completamente. Nem com o tempo, nem com fama ou riqueza, nem mesmo com amor. O primeiro desses encontros aconteceu quando eu tinha cerca de quatro anos e estava na pré-escola. A atividade do dia foi fazer um retrato de nossas famílias.

Disposta sobre a mesa estava uma pilha de cartolina grossa da cor de cascas de ovo e pequenos grupos de giz de cera para escolhermos. Embora eu preferisse muito mais a hora de cantar junto e contar histórias do que colorir, estava animado com o projeto e determinado a fazer o meu melhor. Achei que, se fizesse um bom trabalho, talvez a professora decorasse meu desenho com um adesivo de estrela de folha dourada.

Escolhi meu material com cuidado, encontrei um canto tranquilo e me ocupei com a tarefa. Nesse ponto, nossa família de cinco pessoas ainda não havia se fragmentado. Por um curto período, tive um pai, uma mãe, uma irmã e um irmão, e todos vivíamos juntos no que me parecia relativa paz. Queria criar um retrato de família do qual pudesse me orgulhar. Eu queria desenhar todas as coisas diferentes e únicas sobre todos -

suas roupas, suas alturas e proporções, suas características faciais - todos os pequenos detalhes que fariam meu retrato ganhar vida. O pai era alto e a mãe tinha cabelos longos e escuros. Meu irmão era forte e minha irmã tinha seus lindos cachos. Eu queria capturar tudo isso. O som de giz de cera esfregando em papel grosso criou um zumbido maçante quando o cheiro leve e reconfortante de cera de Crayola flutuou pela sala.

Profundamente empenhado em aperfeiçoar minha obra-prima, estava curvado com a cabeça baixa, o nariz quase tocando o papel, quando senti uma sombra alta cair em meu canto tranquilo. Eu sabia instintivamente que era um dos jovens professores-alunos pairando sobre mim. Aos quatro anos, eu já havia começado a desenvolver um instinto aguçado de cuidar das costas, então imediatamente parei de mover minha mão. A tensão aumentou e endureceu meu corpinho. Por um motivo que ainda não sabia, senti perigo e de repente me senti protetor. Fiquei absolutamente imóvel até ela falar.

"Como vai você, Mariah? Vamos ver."

Relaxando um pouco, levantei o papel em sua direção e orgulhosamente apresentei minha foto de família em andamento.

Imediatamente, o professor estudante caiu na gargalhada. Ela logo foi acompanhada por outra jovem professora, que também começou a rir. Então, um terceiro adulto veio se juntar à diversão. O

burburinho alegre de crianças trabalhando com giz de cera parou. A sala inteira se virou para olhar o que estava acontecendo no meu cantinho. Uma mistura de autoconsciência e vergonha subiu dos meus pés ao meu rosto. A classe inteira estava assistindo. Consegui falar com o calor sufocante em minha garganta.

"Por que você está rindo?" Eu perguntei.

Por entre as risadas, uma delas respondeu: "Oh, Mariah, você usou o giz de cera errado! Você não pretendia fazer isso! " Ela estava apontando para onde eu desenhei meu pai.

Enquanto eles continuavam rindo, olhei para a foto de minha família que tinha criado com amor e diligência.

Eu usei o giz de cera de pêssego para fazer a pele de mim mesma, de minha mãe, de minha irmã e de meu irmão. Eu usei um giz de cera marrom para meu pai. Eu sabia que era mais parecido com a cor de biscoitos de animais e meu irmão e minha irmã eram mais como Nutter Butters, enquanto o tom de pele do meu pai lembrava biscoitos de graham. Mas eles não tinham nenhum giz de cera da cor de biscoito, então eu tive que improvisar! Eles estavam agindo como se eu tivesse usado um giz de cera *verde* ou algo assim. Fiquei humilhado e confuso. O que eu fiz de tão errado?

Ainda gargalhando histericamente, os professores insistiram: "Você usou o giz de cera errado!" Cada vez que um deles fazia a declaração, toda a turma ria, ria e ria mais um pouco. Uma espécie de desgraça debilitante estava me pressionando, mas consegui me levantar lentamente, os olhos ardendo e cheios de lágrimas.

O mais calmamente que pude, disse aos professores: "Não. Eu *não* utilizar o lápis errado."

Recusando-se até mesmo a me dar a dignidade de se dirigir a mim diretamente, um deles disse para o outro maliciosamente: "Ela nem

sabe que está usando o giz de cera errado!" As risadas e provocações pareciam nunca acabar. Eu fiquei olhando para eles, trabalhando muito duro para não vomitar de vergonha. Mas, apesar da minha náusea, não desviei meu olhar.

Eventualmente, as risadas começaram a diminuir e, uma de cada vez, eles se afastaram da imagem e de mim.

Eu os observei do outro lado da sala, amontoados e sussurrando. Eles só tinham visto um membro da minha família de cinco pessoas: minha mãe, que me deixava na escola todos os dias. *Ela* era da cor do giz de cera pêssego. Eles não tinham ideia e nem imaginação para suspeitar que a torrada leve de minha pele, meu nariz maior que um botão e as ondas e cachos em meu cabelo eram de meu pai - meu pai bonito que era da cor de xarope de bordo quente. Sua pele era de uma cor de giz de cera que eles não tinham; marrom era o mais certo que eu poderia conseguir. Foram os professores que entenderam tudo errado. Mas, apesar de seu ataque cruel e injustificado, eles nunca se desculparam pela humilhação pública, por sua ignorância e imaturidade, ou por desmoralizar uma menina de quatro anos durante a época de colorir.

Quando cheguei à primeira série, minha família de cinco pessoas havia desmoronado como biscoitos. Meus pais se divorciaram, mas embora vivessem a uma curta distância de carro um do outro, racialmente seus

bairros em Long Island eram de mundos separados.

Na primeira série, eu tinha uma melhor amiga chamada Becky. Ela era fofa e doce e parecia exatamente com o desenho animado do Moranguinho para mim. Ela tinha grandes olhos azuis, cabelo loiro morango liso que era naturalmente beijado pelo sol e caía perfeitamente reto como cortinas pesadas, e sardas avermelhadas polvilhadas em suas bochechas cor de creme chantilly. Em minha mente, ela se parecia com o que as meninas *deveriam* parecer. Ela parecia com as meninas que eram adoradas e protegidas; como a

garotinha que minha mãe pode ter tido com um homem que *sua* mãe teria aprovado.

Um domingo, nossas mães fizeram arranjos para que Becky e eu tivéssemos um playdate em minha casa.

Fiquei encantado porque Becky e eu realmente nos divertimos muito juntos. Quando o domingo finalmente chegou, minha mãe pegou Becky em qualquer carro maltrapilho que ela dirigia na época e fomos para a casa de meu pai. Paramos na casa de tijolos e Becky e eu saltamos do carro. Eu agarrei sua mão e pulei as escadas com entusiasmo. Curiosamente, minha mãe ficou para trás e observou - normalmente ela teria ido embora.

Assim que nossos pés atingiram o topo da escada, meu pai arrojado de quase dois metros de altura apareceu pela porta com um sorriso caloroso. Ele parecia uma estrela de cinema.

“Oi, Mariah!” ele gritou, dando-me a minha saudação habitual. Quando ele se aproximou de nós, Becky de repente soltou minha mão. Seu corpo congelou e, como uma nuvem de chuva explodindo, ela explodiu em lágrimas. Confuso, procurei meu pai em busca de ajuda, mas pude ver que ele também estava congelado e sem fôlego, um olhar mortificado retorcendo suas feições fortes. Em estado de choque, minha mente se confundia enquanto eu tentava processar a mudança abrupta e dolorosa dos eventos. Becky histérica, meu pai em agonia silenciosa: como chegamos aqui em um único instante?

Eu não sabia o que fazer. Fiquei preso lá, imóvel, pelo que pareceram horas, mas provavelmente foram apenas alguns momentos. Finalmente, minha mãe subiu atrás de nós na escada, para resgatar Becky. Sem nem mesmo olhar em minha direção, ela gentilmente colocou o braço em volta da menina perturbada e, sem palavras, a guiou escada abaixo até o banco traseiro de seu carro. Minha mãe saiu correndo com a loira morango, sem nunca fazer qualquer tentativa de esclarecer o que havia acontecido. Não houve consolo, nenhuma mediação, nenhum reconhecimento da

devastação para mim ou meu pai. Na esteira da tempestade de Becky, meu pai e eu ficamos quietos juntos na varanda e esperamos que a dor passasse. Ninguém mais mencionou isso depois disso, mas nunca mais tocamos juntos, e o momento permaneceu comigo para sempre. E, acredite ou não, seu nome realmente *era* Becky.

Ninguém jamais questionou externamente minha origem étnica quando eu estava sozinho com minha mãe.

Eles não ousaram perguntar, ou então não puderam detectar, as diferenças em nossos matizes e texturas.

Becky, e muito provavelmente sua mãe também, provavelmente presumiu que meu pai também era branco, ou talvez algo exótico - mas certamente não era *negro*. Naquele dia na varanda, descobri, sem sombra de dúvida, que não era como as pessoas com quem ia para a escola ou que moravam no meu bairro. Meu pai era totalmente diferente deles e eles tinham medo dele. Mas ele era meu povo; Eu vim dele. Naquele dia, vi em primeira mão como o medo o magoava. E sua dor me machucou profundamente também. Mas o que talvez tenha sido mais doloroso, naquela tarde, foi que ele viu que *eu* via o medo deles. Ele sabia que isso iria me impactar para sempre. Ele sabia que eu nunca poderia retornar à inocência que todas as crianças merecem.

## **HODEL**

Cantar era uma forma de escapismo para mim e escrever era uma forma de processamento. Havia alegria nisso, mas principalmente pela sobrevivência (e ainda é). Minha voz foi reconhecida como puro talento não só por minha mãe, mas também por meus professores. Uma amiga da minha mãe era minha professora de música e ela era excepcional. Quando criança, participava de algumas peças na escola e cantava para amigos em eventos aleatórios. Cantar no palco (ou em qualquer lugar), imaginar que era outra pessoa, era quando me sentia mais como eu. Andar por aí sozinho e cantar melodias enquanto cantava para mim mesmo foi quando me senti mais completo. Até hoje, eu fujo para minha cabine vocal particular para

fechar todas as demandas da vida e me sentir em meu espaço, cantando sozinha.

Eu estava na quinta série quando tive a oportunidade de participar de um acampamento de verão exclusivo para artes cênicas. Este foi um grande avanço! Eu poderia finalmente estar perto de outros jovens aspirantes a artistas e aprimorar meu ofício, sem me distrair com a confusão e o caos em casa. Eu consegui o papel de Hodel, uma das cinco filhas na produção do acampamento de *Um Violinista no Telhado*. Eu vivi para ir aos ensaios. Era minha hora e lugar favoritos. Eu estava confiante, aprendendo rapidamente as músicas e estudando seus significados. O ato de praticar veio naturalmente para mim; Gostava de fazer as coisas

indefinidamente. Adorei a experiência de testemunhar meu desempenho ficando melhor a cada tentativa, encontrando maneiras novas e melhores de apresentar uma música.

A motivação para praticar música também foi algo que minha mãe reconheceu e incentivou em mim desde o início. Ela ensaiou as músicas do *Fiddler* comigo em casa, tocando junto em seu piano Yamaha. Mesmo quando criança, eu estava interessado em explorar os detalhes que compunham uma ótima música. E fiquei fascinado pela narrativa do musical. Eu até consegui fazer um "amigo do acampamento" na comunidade de crianças em sua maioria judias e ricas. Nós nos unimos por meio de nosso amor e seriedade em cantar. Nós até parecíamos meio parecidos. Ela era israelense com cabelo crespo, quase crespo. Então, nós dois tínhamos texturas emaranhadas. Tentamos nos vestir iguais quando podíamos, tínhamos o mesmo macacão rosa.

Porque as pessoas nos viam juntos, viam algumas semelhanças físicas, acho que pensaram que eu era uma judia loira, de certa forma.

Eu amei Hodel porque ela se apaixonou por um garoto revolucionário e foi até os confins do mundo para seguir sua paixão. Meu grande número foi no segundo ato, uma música chamada "Far

from the Home I Love". Era uma música adequada para meu tom ofegante, e lembro que a cantei de uma forma puramente emocional. A música começou com estas linhas adoráveis e memoráveis: *Como posso esperar fazer você entender*

*Por que eu faço o que faço?*

*Por que devo viajar para uma terra distante*

*Longe de casa eu amo.*

Meu pai estava vindo ao acampamento para a noite de estreia do show e eu estava emocionado. Ele era um homem prático que *não se entusiasmava* com minha paixão artística, mas relutantemente pagou metade de minhas pesadas mensalidades para o acampamento naquele ano. Portanto, embora ele certamente estivesse vindo para me apoiar, ele também estava verificando seu investimento. Não tive o privilégio de experimentar todos os tipos de hobbies, como as crianças com quem fui para a escola - era este acampamento ou falência.

Então eu sabia que tinha que conseguir tudo o que pudesse com isso. Não havia como passar das aulas de tênis para as aulas de violão e dança. Não que eu fosse pisar em uma aula de dança, mesmo que pudéssemos pagar. Fiquei traumatizado desde o início por causa da dança.

Uma vez, quando Addie estava na casa do meu pai, ela olhou para mim, com meu cabelo loiro rebelde e pele cor de giz de cera pêssego, e disse: "Roy, esse não é o seu bebê." Então, como se para provar seu ponto, ela se dirigiu a mim: "Garota, deixe-me ver você dançar". Enquanto eu estava rodeado por música, não havia muita dança na minha infância. Minha mãe não dançou; Nunca vi meus irmãos dançarem. Meu pai só dançou no final dos anos oitenta, quando teve aulas de agilidade.

Em minha mente, dançar tornou-se uma medida para a aceitação de Black, por pertencer a algum lugar e a alguém - por pertencer a meu pai. Não dancei para Addie naquele dia. Não dancei muito depois disso.

Simplemente não conseguia me recuperar do medo de não dançar “certo” para meu pai. Fiquei ali com medo de me mover, temendo que se não dançasse bem ou se movesse para o lado errado, isso de alguma forma provaria que meu pai não era meu pai.

Naquele dia no acampamento, como Hodel, eu cantei e sorri e andei pelo palco e cantei um pouco mais. Eu cantei em um estilo de canção de ninar muito distinto. Eu estava bem e todos sabiam disso. Eu podia ouvir as palmas altas quando peguei meu arco; era como outro tipo de grande música, me dando energia, me dando esperança. Quando levantei minha cabeça, vi o sorriso mais largo no rosto de meu pai. Seu sorriso era como o próprio sol. Ele caminhou até a beira do palco, seus braços cheios de um grande buquê de margaridas ensolaradas amarradas com uma fita lilás. Radiante de orgulho, ele me entregou as flores como se fossem um prêmio de prestígio. No início, ficamos ambos muito tontos para notar que as pessoas estavam olhando para nós - e não de uma forma que nos sentisse bem, não porque eu tivesse feito o melhor desempenho da noite.

Eles estavam olhando porque meu pai era o único homem negro à vista e eu pertencia a ele. Naquela noite, os professores, os pais e todos os outros campistas souberam que meu pai era negro e paguei o preço por isso. Recebi meus aplausos estrondosos e minhas flores, mas nunca mais tive outro papel importante em uma peça naquele acampamento novamente.

*Por favor fique em paz pai*

*Estou em paz contigo*

*Não vale a pena se agarrar à amargura*

*Depois de toda a angústia que passamos*

*- “Girassóis para Alfred Roy”*

**LUZ DA MINHA VIDA**

*Deixar ir não é fácil*

*Oh, é extremamente doloroso*

*Porque alguém que você conhecia*

*Está arremessando seu mundo ao redor*

*E eles observam, enquanto você está caindo, caindo,*

*Caindo bebê*

- "A arte de deixar ir"

"Você sempre foi a luz da minha vida."

Minha mãe sempre me disse isso quando eu era criança. Eu queria ser sua luz. Eu queria deixá-la orgulhosa.

Eu a respeitava como cantora e mãe trabalhadora. Eu a amava profundamente e, como a maioria das crianças, queria que ela fosse um lugar seguro para mim. Acima de tudo, eu queria desesperadamente acreditar nela.

Mas a nossa é uma história de traição e beleza. De amor e abandono. De sacrifício e sobrevivência. Eu me emancipa do cativeiro várias vezes, mas há uma nuvem de tristeza que eu suspeito que sempre vai pairar sobre mim, não apenas por causa de minha mãe, mas por causa de nossa complicada jornada juntos. Isso me causou muita dor e confusão. O tempo me mostrou que não há benefício em tentar proteger pessoas que nunca tentaram me proteger. O tempo e a maternidade finalmente me deram coragem para enfrentar *honestamente* quem minha mãe tem sido para mim.

Para mim, esta é a borda do penhasco mais íngreme. Se eu conseguir chegar ao outro lado dessa verdade, sei que há um alívio de proporções épicas me esperando. Essas pessoas que me machucaram repetidamente, das quais escapei ou derrubei, são profundamente significativas em minha história, mas não são centrais em minha existência.

Afastar-me das pessoas tóxicas que amo tem sido terrivelmente doloroso, mas assim que encontrei coragem (com oração e ajuda profissional, é claro), simplesmente me soltei e deixei Deus. (Vou

acrescentar, porém, que há uma enorme diferença entre o simples e o *fácil* . Não é fácil, baby.) No entanto, não existe uma maneira "astuta" de deixar minha mãe, e nosso relacionamento é tudo menos simples . Como muitos aspectos da minha vida, minha jornada com minha mãe foi cheia de contradições e realidades conflitantes. Nunca foi apenas preto e branco - foi todo um arco-íris de emoções.

Nosso relacionamento é uma corda espinhosa de orgulho, dor, vergonha, gratidão, ciúme, admiração e decepção. Um amor complicado amarra meu coração ao de minha mãe. Quando me tornei mãe de Roc e Roe, meu coração cresceu duas vezes; à medida que minha capacidade para o amor puro se expandia, a capacidade de puxar a dor pesada do meu passado diminuía. O amor saudável e poderoso fez isso por mim: iluminou os pontos escuros e desenterrou a dor enterrada. A nova e clara luz que emana do amor de meus filhos agora corre por cada artéria, cada célula, cada canto escuro e recanto do meu ser.

Mesmo depois de todo esse tempo, uma parte de mim fantasia que um desses dias minha mãe se transformará em uma das mães carinhosas que vi na TV quando criança, como Carol Brady ou Clair Huxtable; que ela vai me perguntar de repente: "Querida, como foi o *seu* dia?" antes que ela me dê um relatório sobre seu cachorro ou pássaro, ou me peça para pagar por algo ou fazer algo - que ela terá um interesse genuíno e contínuo por mim e pelo que estou fazendo ou sentindo. Que um dia ela me conhecerá.

Que um dia minha mãe vai me *entender* .

Até certo ponto, sei como minha mãe se tornou quem ela é. Sua mãe certamente não entendia *ela* . E seu pai nunca teve a chance de conhecê-la; ele morreu enquanto sua mãe estava grávida dela. Ela foi um dos três filhos criados por uma mulher católica irlandesa viúva. Minha mãe era conhecida como a "morena" porque seu cabelo não era loiro e seus olhos eram uma mistura de castanho e verde, não de um azul puro como os de seu irmão e irmã. Os olhos azuis eram um símbolo da pureza da brancura, e ser 100% "puro"

de descendência irlandesa era fundamental para a identidade de sua mãe.

Minha mãe cresceu nas décadas de 1940 e 1950 em Springfield, Illinois. Era a capital no centro de um estado no centro do país. Mas Springfield também foi um centro de racismo institucional insidioso. Em 1908, uma mulher branca foi supostamente estuprada por um homem negro (a mesma acusação levantada contra meu pai e inúmeros outros negros inocentes), o que gerou um motim de três dias por cidadãos brancos em que dois negros foram linchados e quatro brancos foram mortos a tiros por empresários negros que protegiam suas propriedades. Na década de 1920, quando a mãe de minha mãe estava crescendo, a Ku Klux Klan tinha

uma forte presença na cidade e no governo municipal, ocupando vários cargos importantes e definindo a bússola moral para a comunidade. Springfield era uma cidade abertamente envolta em ódio.

Uma das poucas histórias que minha mãe contou sobre sua infância foi como ela estava no jardim de infância e compartilhava seu tapete com um menino negro na hora da soneca. Por isso, as freiras de sua escola católica a envergonharam publicamente. Obviamente, havia um repertório rançoso de calúnias para os negros na juventude de minha mãe, mas ela também me contou sobre as calúnias estranhas e nomes degradantes que eles usavam para os italianos, judeus e todos os "outros" quando não havia ninguém por perto. Ela me tornou a par da hierarquia do racismo em sua comunidade branca. Ironicamente, mesmo entre seus amados irlandeses, havia um sistema de castas sociais que dividia a "cortina de renda irlandesa" da "favela irlandesa". A cortina de renda irlandesa era "pura", rica, respeitável e "bem colocada" na sociedade (pense nos Kennedys), enquanto a favela irlandesa era caracterizada como suja, pobre e ignorante. Havia uma *necessidade* crítica e lamentável, neste sistema, de ter muitos outros para desprezar. Para a mãe de minha mãe, todos os "outros" estavam abaixo dos irlandeses. Mas Black?

Os negros sempre estiveram na parte inferior da ordem. Nada estava abaixo de Black.

Minha mãe não apenas ignorou o código moral de sua cidade natal, ela se rebelou contra ele, tornando-se mais tarde ativa no movimento pelos direitos civis. Pelos padrões de seu ambiente e família, ela era uma excêntrica liberal. Ela estava interessada na vida fora de seu pequeno e apertado mundo branco. Ela era intelectualmente curiosa e atraída pela cultura, especialmente pela música clássica. Ela lembra que um dia, enquanto ouvia uma estação de música clássica no rádio, ouviu uma ária. Era o som mais lindo que ela já tinha ouvido, e ela estava determinada a persegui-lo, dentro de si e fora do mundo. Ela decidiu começar sua busca na cidade de Nova York, que parecia um milhão de quilômetros de distância de sua família e do lugar mesquinho que eles habitavam.

A jovem Patricia tinha grandes sonhos - muitos dos quais ela realizou. Ela era extremamente talentosa e motivada. Ganhando uma bolsa de estudos para a prestigiosa Juilliard School for music, ela iria cantar com a New York City Opera, fazendo sua estreia no Lincoln Center. Minha mãe construiu uma vida empolgante, artística e boêmia na cidade de Nova York. Ela estava na cena do centro da cidade e namorou um elenco diversificado de homens pelos quais *sua* mãe teria ficado mortificada. Sua pura mãe católica irlandesa não aprovaria que ela namorasse alguém que não fosse branco como o lírio. (Claro, por sua vez, os supremacistas brancos de Illinois não eram loucos pelos irlandeses *ou* católicos - os WASPs [protestantes anglo-saxões brancos], como eram chamados na época, sempre precisaram de um novo suprimento de pessoas para ter abaixo deles.) Um italiano teria sido um problema, um judeu, uma tragédia. Minha avó teria ficado completamente desfeita se soubesse que minha mãe teve um caso ardente com um libanês rico e mais velho chamado François, pouco antes de se apaixonar e se casar com um homem que sua mãe não poderia sequer conceber. Meu pai. Um belo e complicado homem negro. Isso, para minha avó (e sua comunidade), foi a *pior* coisa que sua filha poderia fazer a ela e à linhagem da família. Falar com um homem negro era

considerado uma vergonha; fazer amizade com alguém, uma afronta; continuar com uma, um grande escândalo, mas *casar com* uma?

Isso foi uma abominação.

Foi a última humilhação. O casamento de minha mãe com meu pai estava além de uma traição para a mãe dela; era um crime grave contra sua herança branca, punível com excomunhão.

Para sua mãe, que cresceu em uma época e lugar onde o KKK realizava manifestações de massa abertamente e era ativo no governo, casar-se com um homem negro trazia um fardo de vergonha que ela não conseguia entender. Sua mãe foi criada para não beber da mesma fonte que os negros, para não se sentar na mesma cadeira que os negros ou nadar na mesma piscina. Ela aprendeu *e acreditou* que os negros eram sujos e que a negritude podia contagiar. Afinal, os Estados Unidos são o berço da "regra de uma gota", o sistema de classificação racial que afirma que qualquer pessoa com um ancestral possuindo pelo menos uma gota de sangue negro é considerada negra.

Na opinião de minha avó, minha mãe, que amava meu pai, a tornava uma alimentadora de base, procriando com o grupo humano inferior e criando mulatos vira-latas - eu e meus irmãos. Não é preciso dizer que minha avó renegou completamente a filha. Ela não disse a ninguém mais na família que sua filha era casada com um homem negro (e grávida de um filho). Exceto por alguns telefonemas esporádicos e secretos, minha mãe se desconectou quase totalmente de sua mãe. Ela não voltaria para sua cidade natal por muitos anos.

Mesmo a pessoa mais talentosa, compassiva e progressiva não consegue superar facilmente a rejeição total por sua mãe. Ter o amor de uma mãe é uma necessidade muito primordial. Qualquer lugar macio que minha

mãe pudesse ter tido para pousar foi endurecido como concreto pela família e educação ignorante e temerosa de sua própria mãe. Mesmo

o casamento dela com meu pai e o nascimento de três lindos filhos não conseguiram curar totalmente a ferida profunda da rejeição materna - nada pode. Também duvido que amar um homem negro e ter filhos mistos seja a cura para todas as gerações de crenças impregnadas de superioridade branca, e minha mãe e sua família foram mergulhadas até a alma.

Muitas vezes me pergunto por que minha mãe desafiou sua mãe, família e herança casando-se com meu pai.

Qual foi sua motivação *total* ? Foi tudo em nome do amor incondicional? Nunca foi "pertencemos um ao outro" entre eles. Ela nunca me lembrou do romance deles, nem houve qualquer evidência física dele: nenhuma foto, nenhum poema, nenhuma carta, nenhum vestígio de um grande amor. (Bem, eram três filhos.) Talvez minha mãe quisesse manter sua história e memórias de meu pai privadas, embora eu não possa deixar de me perguntar se seu casamento não foi, em parte, uma rebelião contra sua mãe. Ela fez isso para chamar a atenção, o drama de tudo isso? Mais de uma vez ao longo das décadas, ouvi minha mãe pedir seu café

"Preto, como meus homens". Muitas vezes ela faz isso na minha frente e de um de seus jovens netos negros -

*estranho* .

Para ser sincero, não sei se minha mãe alguma vez quis se casar e ter filhos tão novos. Eu podia entendê-la querendo criar uma rede de segurança, uma nova família própria e continuar abrindo caminhos, deixando sua casa e família atrasadas para trás. Mas o que eu não conseguia entender era ela abandonando sua promissora carreira de cantora para fazer isso. Desde muito cedo decidi que não queria o mesmo destino; Eu não poderia ter um homem ou uma gravidez não planejada me tirando do meu caminho. Testemunhar os desvios de minha mãe e minha irmã foi um aviso triste e doloroso. Assistir seus sonhos explodindo em chamas queimou um conto de advertência em minha mente.

Em 1977, minha mãe gravou um álbum que ela intitulou *To Start Again*. Mas naquela época, ela já tinha um casamento interracial conturbado, três filhos, um divórcio e um filho ainda morando com ela, eu. Ela achava que uma gravadora iria descobri-la de repente? Este é um dos muitos erros de cálculo que quando criança observei minha mãe fazer e colocar em um arquivo chamado "O que não fazer".

O tempo passou depois do divórcio de meus pais e, por fim, minha avó permitiu que minha mãe a visitasse com a neta - mas *apenas com* a neta mais nova. Eu era uma garotinha de 12 anos e não entendi direito por que ela apenas me convidou. Olhando para trás, eu suspeito que foi porque eu estava blond-*ish* e muito justo para uma criança mista. Eu não levantei muitas suspeitas para olhos não treinados culturalmente. Eu era muito jovem para saber como minha mãe e sua mãe interagiam uma com a outra, e nunca soube o que aconteceu entre elas naquele momento: houve um pedido de desculpas da mãe de Pat por renegar sua filha e privar sua família? Ela considerou seu racismo? Houve perdão? Eu não sei. O que me lembro é que ela era rígida e formal. Ela tinha cabelos totalmente brancos que ela usava cuidadosamente longe de seu rosto com uma grande onda na frente. Em seu rosto severo, ela usava óculos pretos com olhos de gato. A casa dela não era quente e não havia cheiro no local. Lembro-me dela entrando no quarto silencioso e estéril onde dormi enquanto estava lá, depois que minha mãe me colocou na cama. Ela se sentou na beira da cama no escuro e, sussurrando, me ensinou o Pai-Nosso.

*O pão nosso de cada dia nos dai hoje*

*E perdoa-nos as nossas ofensas, como perdoamos aqueles que nos ofenderam.*

Mateus 6: 11-12

É tudo que me lembro daquela visita para ver minha avó. Em uma reviravolta incomum do destino, ela morreu no dia do aniversário de

minha mãe, 15 de fevereiro. Depois disso, estranhamente, minha mãe praticamente a santificou. Quando adulta, minha mãe nunca foi uma católica praticante, mas por muitos anos ela foi acender uma vela para sua mãe naquela data. Estranho como a morte pode fazer as pessoas perdoarem aqueles que transgrediram contra elas e seus filhos.

Na maior parte da minha infância, éramos apenas minha mãe e eu. Mudávamos constantemente. Depois de uma busca exaustiva, ela encontrou um lugar para nós perto da água. Ela queria estar em um ambiente mais tranquilo, onde pudesse fazer longas caminhadas com o cachorro e descer a estrada para a praia. Nós dois nos mudamos para o que ela chamou de "casa de campo pitoresca", mas mais tarde descobri que toda a vizinhança a chamava de "cabana". Achei a descrição dos vizinhos mais precisa.

Era uma estrutura pequena e frágil coberta por um revestimento ondulado de tijolos falsos que se dobrou sob os elementos. Lá dentro, uma camada de tristeza úmida infiltrava-se nas tábuas do piso e nas paredes, que eram cobertas com painéis baratos de "imitação de madeira" que combinavam com carpetes imundos e infestados de pulgas. Não importa a hora do dia, sempre estava escuro lá dentro. Antes de nos mudarmos, o lugar havia sido abandonado e se tornou um ponto de encontro onde os adolescentes fumavam, bebiam e brincavam. Ele partia de uma entrada de carros áspera e não pavimentada de entulho e pedras e dava para uma grande casa vitoriana branca, que parecia algo que a grande casa tinha arrotado. Estava marcado, e nós também. Minha mãe e eu éramos a excêntrica senhora e sua filhinha que morava na "cabana". Que pitoresca.

O primeiro capítulo da autobiografia de Marilyn Monroe, *My Story*, é intitulado "How I Rescued a White Piano". Nele, ela escreve sobre sua missão de encontrar o piano de cauda de 1937 de sua mãe.

Gladys Monroe Baker, mãe de Marilyn Monroe (nascida Norma Jeane Mortenson), passou a vida inteira entrando e saindo de instituições psiquiátricas. Está documentado que ela sofria de esquizofrenia paranóica, uma doença incurável que executa uma violenta dança com a mente, liberando-a para a lucidez por breves momentos, então, sem aviso, girando de volta para a ilusão infernal. Como resultado da incapacidade de sua mãe de manter a sanidade, Marilyn passou a maior parte de sua infância em orfanatos, seguida por uma série de lares adotivos. Durante um dos raros períodos saudáveis de Gladys, ela e a pequena Norma Jeane viveram juntas por alguns meses em uma pequena casa branca perto do Hollywood Bowl. O bem mais precioso em sua modesta residência era um piano de cauda. Quando a doença de sua mãe apareceu de novo, arrastando-a de volta para a escuridão e para outra instituição, os poucos móveis e o piano foram vendidos.

Após a transformação de Norma Jeane em Marilyn Monroe The Movie Star, ela falou muito pouco sobre sua infância, sua mãe com problemas mentais ou seu pai desconhecido. E embora Marilyn tivesse se tornado um ícone radiante, imagino que houvesse um pedaço dela ainda em busca de uma infância ininterrupta, desejando que sua mãe ficasse inteira. Eu vejo como o piano deve ter se tornado um símbolo de uma época em que ela e sua mãe estavam juntas em relativa paz e harmonia. Os pianos são elegantes, místicos e reconfortantes - deles melodias simples e composições majestosas podem surgir e encher uma sala de estar sombria, um bar úmido, uma sala de concertos ou mesmo uma cabana com alegria e glória.

Marilyn saiu em missão para encontrar o piano de sua mãe. Conforme a história continua, enquanto ainda era uma modelo e atriz em dificuldades, ela encontrou e comprou o piano em um leilão e o manteve guardado até que ela foi capaz de movê-lo para sua própria casa. Ele a acompanhou em todas as suas residências. Uma de suas últimas casas foi o luxuoso apartamento em Manhattan que Marilyn dividiu com seu terceiro e último marido, o renomado dramaturgo Arthur Miller, onde ela revestiu o instrumento com uma laca branca espessa e brilhante para combinar com a decoração

glamorosa e angelical do apartamento - "um mundo de branco ", como sua meia-irmã, Berniece Miracle, chamou. "Minhas horas mais felizes de menina foram em torno daquele piano", disse Marilyn. Imagino que quando sua infância foi repleta de insegurança e medo como a de Marilyn e a minha, o romance daquelas horas felizes perdidas é extremamente valioso. Entendi por que ela procurou, comprou, guardou e cuidou do piano - tanto que o resgatei em um leilão na Christie's em 1999. É um tesouro e minha obra de arte mais cara. E agora, o piano de cauda branco de Marilyn Monroe é a peça central, a pièce de résistance, da minha glamorosa cobertura em Manhattan. Marilyn foi minha primeira visão de um superstar com quem eu poderia me relacionar, em um nível quase espiritual.

Nós passamos sem muitas coisas quando eu era jovem, mas o que minha mãe não conseguia viver era um piano. Sempre tivemos um piano e passei muitas horas felizes e formativas com minha mãe. Minha mãe tocava canções e escalas comigo e, claro, eu a ouvia praticando suas escalas dramáticas de ópera. Era ao piano onde eu me sentava e compunha minhas próprias melodias.

Minha mãe nunca teve muito dinheiro, mas uma de suas maiores contribuições para o meu desenvolvimento foi me expor a todos os tipos de pessoas, especialmente músicos. Ela ganhou alguns dólares aqui e ali dando aulas de canto em nossa casa. A prática dela era uma constante, mas o que eu mais valorizava eram as jam sessions. Músicos talentosos vinham e tocavam música no local boêmio da minha mãe "à beira da baía", e eu tocava com eles. Música ao vivo era a melhor coisa de morar com minha mãe. Eu estava cercado pelo amor pela música, mas ainda mais importante, pelo amor pela *musicalidade* - o amor pela arte, o amor pelo processo. Quando eu era criança, minha mãe me apresentou ao mundo de sentar com músicos: improvisar, vibrar e cantar.

Eu particularmente me lembro dela cantando um cancionário de Carly Simon, ela tocava o tempo todo. Se eu pedisse a ela que tocasse uma música para eu cantar, ela agradeceria de bom grado.

Ela nunca me incentivou a cantar ou praticar, mas me encorajou. Ela soube desde cedo que eu tinha seu ouvido avançado para música.

Quando eu tinha cinco anos, ela providenciou para que eu tivesse aulas de piano por um curto período. Mas ao invés de ler a música, eu tocava "Mary Had a Little Lamb" de ouvido. "Não use seu ouvido, não use seu ouvido!" meu professor imploraria. Mas eu não sabia como *não* usar meu ouvido. Como a música era um presente de liberdade em meu mundo de escassez, o único lugar em que me sentia desenfreado, resisti à repetição e à disciplina exigidas para aprender a ler música e tocar piano. Ouvir e imitar eram coisas fáceis para mim. Esta é uma das várias vezes em que gostaria que minha mãe *tivesse* me empurrado e me feito sentar e ficar firme.

Minha mãe e seu amigo guitarrista também cantavam padrões dos anos 1940 (claro que essa era a época que eu amava, não só pelo glamour, mas porque as melodias eram muito fortes). Ela gostava particularmente de Billie Holiday e costumava cantar suas canções. Lembro-me de ouvir minha mãe cantar "Não posso te dar nada além de amor". Aprendi e íamos cantá-la juntos e instintivamente espalhar, o que eu *adorava*. Parecia minha versão infantil de receber o Espírito Santo.

Aprendi vários padrões de jazz com minha mãe e seus amigos músicos, e alguns deles perceberam meu ouvido e minhas habilidades naturais. Por volta dos 12 anos, eu me sentava com ela e Clint, um pianista. Ele era um grande ursinho de pelúcia marrom, e ele poderia jogar o seu traseiro. Ele se sentava e trabalhava comigo e me tratava como um músico sério. Quando eu me sentava com ele e cantava, éramos apenas dois músicos trabalhando juntos. Ele me ensinou clássicos do jazz, e uma das primeiras canções que me lembro de ter aprendido foi "Lullaby of Birdland", que ficou famosa pela grande Ella Fitzgerald. Sempre terei um profundo respeito pela Sra. Fitzgerald e todas as lendas do jazz que estabeleceram uma base musical tão fértil para músicos de todos os gêneros. Não era uma música fácil em nenhuma idade, mas para mim aos doze anos, era além de avançada. Com sua melodia intrincada, cheia de

mudanças e mudanças vocais, foi composta por um dos vocalistas de jazz mais ágeis de todos os tempos. Aprender e ouvir jazz ao vivo ajudou a treinar meu ouvido e moldar minha estrutura criativa. Eu estava aprendendo a *sentir* quando modular e espalhar. Ser apresentado aos padrões e à disciplina do jazz me deu meu apreço por modulações sofisticadas em uma música e como empregá-las para comunicar emoções. (Stevie Wonder é o mestre absoluto nisso.) Para mim, as músicas são sempre sobre emoção. Minha mãe pode não ter me levado à igreja, mas tocar com músicos de jazz foi perto de uma experiência espiritual. Há uma energia criativa que flui pela sala. Você aprende a sentar e ouvir o que os outros músicos estão fazendo e se inspira em um riff de guitarra ou no que o pianista está tocando. Quando você está em uma zona, é uma loucura milagrosa. Para mim, foi sempre uma fuga requintada, que eu precisava desesperadamente e sempre busquei.

Quando eu tinha onze ou doze anos, minha mãe estava me levando a um clube noturno em Long Island para sentar com ela e outros músicos. Havia uma sala de jantar no andar térreo onde serviam o jantar, e no andar de cima ouvia-se jazz ao vivo. Eu estava na sexta série, lá em cima em todas as horas da noite, em qualquer dia da semana, sentado com músicos adultos. Não tenho certeza se minha mãe só queria poder sair à noite e cantar e não ficar presa na cabana - quero dizer "cabana" - com uma criança, ou se ela estava me desenvolvendo conscientemente como artista, ou se ela quisesse apresentar aos amigos sua pequena protegida? Eu me lembro dela me encorajando enquanto eu cantava. Eu me sentia mais bem-vindo (e natural) com músicos de jazz à noite no clube do que com meus colegas de classe durante o dia - aquelas crianças que perguntavam incessantemente: "O que é você?" aquelas crianças que me julgavam pela minha aparência e não tinham ideia de como minha vida realmente era. Sempre soube que o mundo suburbano de Long Island não era para mim. Eu era um peixe fora d'água e, embora tivesse sobrevivido, sabia que ninguém ali se importava de verdade comigo e *certamente* sabia que não ficaria.

E minha mãe não era apenas uma velha mãe me apoiando - ela era uma musicista treinada na Juilliard.

Música era algo com que genuinamente nos conectávamos, e sem forçar ou se tornar uma daquelas mães de palco autoritárias ou "momagers", ela me incutiu o poder de acreditar em mim mesma. Sempre que eu pensava sobre o que faria "se eu conseguisse", ela me interrompia e dizia: "Não diga ' se eu conseguir', diga '

*quando* eu conseguir'. Acredite que você pode fazer isso, e você vai fazer. "

O fato de acreditar que poderia me tornar um artista de sucesso é um dos meus maiores pontos fortes. Na mesma época, minha mãe me inscreveu em um concurso de talentos na cidade e eu cantei uma das minhas músicas favoritas: "Out Here On My Own", de Irene Cara.

Senti que "Out Here On My Own" descreveu toda a minha vida e adorei cantar assim - cantar para revelar um pedaço da minha alma. E eu ganhei fazendo isso. Naquela idade, vivia para o filme *Fama*, e Irene Cara era *tudo* para mim. Eu me relacionei com seu visual multicultural (porto-riquenho e cubano), seu cabelo multitexturado e, o mais importante, sua ambição e realizações. Ela ganhou um Oscar de Melhor Canção Original por "Flashdance... What a Feeling" (que ela co-escreveu), de *Flashdance*, tornando-a a primeira mulher negra a vencer em uma categoria diferente de atuação. (Ela ganhou um Grammy, um Globo de Ouro e um American Music Award pela música também.) Mas "Out Here On My Own" foi uma música tão pura que tocou meu coração, e eu não podia acreditar que ganhei um troféu por cantando uma música que eu amava. Foi a primeira vez que recebi validação como artista. Que *sensação*.

Não foi apenas a música que minha mãe me expôs. Ela tinha amigos que me tratavam como família, o que ajudava a compensar todos os lugares miseráveis em que morávamos e a maneira como eu sempre parecia desgrenhada.

Minha mãe tinha uma amiga chamada "Sunshine", que era baixa e bastante gorda, com um coração caloroso e generoso. Ela usava o cabelo em dois longos rabos de cavalo, como Carole e Paula do *The Magic Garden* (um programa de TV infantil local popular que eu adorei, apresentado por duas mulheres jovens hippie com um esquilo rosa companheiro, que cantava canções folclóricas e contadas histórias, nos anos setenta e início dos anos oitenta). Sunshine tinha filhos grandes e mais velhos e nenhuma filha, então ela se interessou por mim, especialmente por minha aparência desordenada e negligenciada. Ela sempre me trazia roupas fofas e femininas que ela mesma fazia. No meu sexto aniversário, ela me vestiu com uma camisa branca bordada combinada com uma saia azul, meia-calça branca e sapatos Mary Jane. Ela até fez meu cabelo deitar em rabos-de-cavalo (talvez ser uma judia e ter o cabelo texturizado tenha dado a ela algumas dicas). Minha coroa de aniversário ficou bem em cima. Ela até me comprou um bolo de aniversário decorado como um cordeiro! Um *cordeiro* ! É uma das poucas vezes em que me lembro de me sentir bonita quando criança.

Sunshine, amorosamente, certificou-se de que eu parecia arrumada e fofa. Ela nunca foi nada além de carinhosa e doce comigo. Anos depois, quando eu estava entrando no ensino fundamental, ela apareceu com algumas roupas para mim que achei muito infantis. Eu os rejeitei rudemente, do jeito cruel de um pré-adolescente angustiado. Até hoje, lamento como fui cruel com um zelador tão atencioso - um dos poucos em toda a minha vida.

Tentei ao máximo aceitar todas as escolhas infelizes de minha mãe em relação aos homens. Até tentei impressioná-los. (Alguns dos nomes foram mudados para proteger os idiotas.) Histórias de um certo homem na vida de minha mãe pouco antes de meu pai se tornar grande em nossa casa. Nós sabíamos o nome dele, François, sabíamos que ele era libanês e sabíamos que ele era rico. Apesar de seus grandes talentos, minha mãe, como muitas mulheres de sua época, acreditava que um homem era sua fonte de segurança mais confiável. O tempo entre os relacionamentos que ela teve com

François e com meu pai não foi longo; às vezes era até sugerido que havia alguma coincidência, o que levava à suspeita de que *talvez* Morgan não fosse filho de meu pai. Drama.

Após o divórcio de meu pai, minha mãe e François se reconectaram, e ela planejou um reencontro épico com

"o homem rico que fugiu". Minha mãe deixou Morgan e eu entusiasmados com a fantasia de que um homem rico e exótico viria e nos varreria de nossas casas decadentes, e estaríamos prontos para o resto da vida - tudo o que tínhamos que fazer era impressioná-lo. Eu poderia fazer isso, pensei. Talvez minha mãe e eu possamos cantar uma música ao piano? A noite do grande encontro deles chegou, e enquanto minha mãe e François estavam fora, eu juntei a melhor roupa que pude para cumprimentá-lo. Eu estava nervoso, porque minha mãe queria ser resgatado *ruim*, e eu queria estar em um lugar agradável, seguro também. As apostas eram altas.

Eu estava sozinha em casa quando minha mãe e François voltaram (eu ficava muito sozinha em casa quando criança). Determinado a fazer minha parte para que esse relacionamento funcionasse para minha mãe, corri para a porta. François entrou antes dela. Ele era um homem alto e imponente, em um terno escuro com traços marcantes e misteriosos. "Olá!" Comecei alegremente, talvez fazendo uma reverência para um efeito dramático. "*Cale a boca!*" ele latiu. "*Onde está meu filho !?*"

A força de suas palavras esmagou todo o entusiasmo de mim. Ele era *assustador*. Eu era apenas uma criança e um grande estranho invadiu minha casa, me dispensou e gritou comigo. Corri chorando para o quarto da minha mãe. Ela tentou me acalmar, mas eu estava inconsolável. Não tenho certeza se François já viu Morgan (que tinha as feições negras de nosso pai passando por todo o corpo). Mas nem é preciso dizer que nenhum homem rico e heróico nos salvou naquele dia; nenhum homem nos "salvou" em nenhum dia.

Eu não gostava nem confiava na maioria dos homens de minha mãe. Ela tinha um namorado negro mais velho, Leroy, que tentou nos “proteger” de Morgan durante um de seus episódios mais violentos, dizendo:

“Peguei minha arma” e exibindo uma pistola. Imagine só: o namorado da sua mãe carregando uma arma e ameaçando usá-la no filho adolescente dela, seu irmão. Infelizmente, isso me fez sentir mais seguro; Morgan tinha se tornado uma presença assustadora para mim até então.

No entanto, os homens de minha mãe não eram todos ruins. Nada e ninguém é *todo* ruim. Houve um homem doce na vida de minha mãe chamado Henry. Ele era meu favorito. Ele era cerca de dez anos mais novo que minha mãe e era horticultor. Ele dirigia uma velha caminhonete vermelha, equipada para o campo; suas muitas ferramentas de jardinagem, cortes de árvores, cobertura morta e outros suprimentos sobressaíam na parte de trás. Ele conhecia seu ofício. Ele era muito bem educado e cultivava plantas extraordinárias que se elevavam sobre mim (principalmente algumas espécies que eram ilegais na época). Ele também desenvolveu um impressionante Afro que parecia flutuar em torno de sua cabeça. Minha mãe e eu moramos em alguns lugares diferentes com Henry, mas por um tempo nós três ficamos em uma pequena casa em uma grande propriedade, onde ele era o jardineiro. O lugar me deu vibrações de plantação, e morávamos no equivalente moderno dos aposentos dos empregados. Mesmo assim, a casa de Henry era melhor do que a maioria das casas em que vivemos e me deu um breve momento de estabilidade.

Eu estava na terceira série quando morávamos lá, e Henry construiu para mim um balanço em uma grande e velha árvore que estava perto do que me parecia uma mini-montanha feita de lixo. Um dia ele trouxe para casa dois gatinhos de resgate, um para mim e outro para ele. Eu gostei mais dele; ele era laranja, com um espírito muito especial. No final das contas ele se tornou meu. Ele cresceu e se tornou grande e mole, e seu nome era Morris, como o ícone. Eu me

sentava e balançava com ele no meu colo. Nós realmente nos amávamos. Eu confiei nele quando tive um dia muito difícil na escola, o que era frequente. Nunca me dei bem com as crianças, que eram todas brancas e a maioria morava em fazendas daquele bairro. Eu era filha da namorada do contratado e me contaram. Trouxe meus problemas para Morris. Mesmo se eu tivesse amigos, não gostaria que eles vissem. Eu morava perto de um depósito de lixo. Uma vez, quando eu estava realmente chateado depois de ter uma grande discussão com minha mãe, eu corri para fora de casa, agarrei meu gato e me dirigi para *minha casa*. Enquanto balançava sobre a colina de lixo com Morris no colo, o cheiro de comida podre pairando sobre meu rosto, eu prometi a mim mesma, não importa o que aconteça, eu nunca esqueceria como é ser uma criança - um momento que recriei anos depois, no vídeo "Vision of Love". (Sem o lixo. Eu queria ser sentimental, não *sombrio*.)

Eu realmente gostei de Henry; ele era um ariano como eu. Nós dançaríamos e ele me pegaria e me giraria.

Ele me deu vislumbres de como poderia ser a vida de uma garotinha despreocupada. Henry foi gentil e pagou meu segundo ano de acampamento de verão em artes cênicas. Lembro-me da mãe dele, que trabalhava para a Estée Lauder e era uma cozinheira excepcional. Um dia ela ofereceu uma pasta de comida soul divina, terminando com um bolo de chocolate alemão, que eu nunca tinha comido antes. Foi uma pilha de felicidade deliciosa, quente, pegajosa e caseira. Mas com todo esse amor também vieram as trevas. Henry era um veterano negro do Vietnã e foi seriamente prejudicado pelas consequências de ambas as identidades.

Suspeito que ele sofria de transtorno de estresse pós-traumático (PTSD) e, desde criança, eu sabia de seu uso ocasional de drogas psicodélicas. Eu acredito que as consequências de suas experiências de guerra e racismo foram a causa raiz do motivo pelo qual ele e minha mãe se separaram.

Um dia, perto do final do meu terceiro ano escolar, cheguei em casa e minha mãe ficou revoltada. Ela anunciou: "Não podemos mais ficar

aqui. Temos que sair agora. ”

Ela já tinha nossas coisas embaladas e em seu carro. Henry estava sentado em uma cadeira no meio da cozinha. As luzes estavam apagadas e pude ver a silhueta forte de seu afro. Ele estava segurando uma longa espingarda de cano duplo em uma das mãos. Olhando para o chão de linóleo branco, ele disse muito calmamente: “Você não está me deixando. Eu não vou deixar vocês irem. ” Ele nunca ergueu a cabeça ou a voz e parecia estar em uma espécie de estado de transe.

“Não vou deixar vocês irem”, disse ele. “Vou cortar vocês e colocá-los na geladeira e fazer com que vocês fiquem aqui.” Bem, depois que ele disse *isso* , corri para entrar no carro. Minha mãe ligou o motor.

“Morris!” Eu gritei. “Eu tenho que pegar Morris; ele ainda está lá! ” Em pânico, pulei do carro. Eu estava determinado a pegar meu gato. Esse gato representou muito para mim; ele *era* amor incondicional para mim.

“Tenha cuidado”, disse minha mãe, enquanto me deixava entrar novamente em uma casa ocupada por um homem armado que acabara de ameaçar nos despedaçar. (Henry nunca fez nada para me machucar e talvez ela acreditasse que ele não faria agora, mas mesmo *assim* .) Eu tive que passar pela cozinha, com Henry e a espingarda, para procurar Morris nos outros cômodos. Quando finalmente o encontrei, peguei-o nos braços, corri para fora de casa e pulei no carro. Quando saímos em alta velocidade, meu coração estava batendo forte por um minuto. “Aleluia, eu tenho Morris!” Exclamei triunfante.

Nunca soube o que aconteceu entre ela e Henry e nunca mais o vi depois daquele dia. Ouvi isso muitos anos depois, enquanto ele andava pela estrada em sua mesma picape vermelha vintage, “‘Vision of Love’, de Mariah Carey”, explodiu em seu antigo rádio. Disseram-me que ele abaixou a janela e gritou para o ar fresco: “Ela

conseguiu! Ela faz!" Eu realmente espero que Henry tenha feito isso também.

Minha mãe ocasionalmente tentava nos dar *momentos* . Ela economizaria um pouco de dinheiro para que pudéssemos fazer coisas como ir jantar em Nova York. E foi nessas excursões que desenvolvi o gosto pelas

"coisas boas". Tenho uma nítida memória de uma noite em que voltávamos da cidade. Eu estava olhando pela janela dos fundos para o horizonte da cidade de Nova York e disse a mim mesmo: *É aqui que vou morar quando crescer. Eu quero ter essa visão.*

Sempre soube que morávamos em lugares de merda, entre as belas casas de outras pessoas nos subúrbios.

Nunca sonhei que me casaria e moraria em uma grande casa vitoriana branca, ou mesmo em uma casinha aconchegante como os meus guncles. Mas eu imaginei algo *grandioso* . Lembro-me de assistir a *querida mamãe* e ver a mansão imaculada de Joan Crawford. *É isso que eu quero* , pensei.

Até acreditei que poderia superar seu esplendor. Mesmo assim, me vi morando em uma mansão ou mais, porque *sabia* que iria realizar meus sonhos. E quando vi o horizonte de Nova York, parecendo um gigante cristal de prata incrustado com joias multicoloridas, imaginei que moraria em algum lugar onde pudesse ver *isso* . E eu faço. Eu vejo isso claramente; Eu vejo a cidade inteira do telhado da minha cobertura no centro de Manhattan. Como resultado de muito trabalho duro, deixei de balançar no lixo para cantar em uma mansão no céu.

Então, sim, minha mãe me expando à beleza e à cultura me deu incentivo e lições ao longo da vida que contribuíram tanto para minha arte quanto para o que há de bom em mim. Mas minha mãe também criou turbulências persistentes, que causaram traumas e profunda tristeza. Levei uma vida inteira para encontrar a coragem de enfrentar a dura dualidade de minha mãe, a beleza e a fera que coexistem em uma pessoa - e para descobrir que há beleza em

todos nós, mas *quem* amou você e *como* eles o amaram determinar quanto tempo leva para perceber isso.

Olhando para trás agora, posso ver que nos meus primeiros anos houve uma negligência significativa. Por um lado, havia as pessoas que minha mãe deixava ficar ao meu redor, particularmente meu irmão violento, minha irmã problemática e seus companheiros incompletos. E muitas vezes eu parecia uma bagunça, embora acredite que isso fosse provavelmente o resultado de minha mãe ser alheia (em nome de ser boêmia) ao invés de maliciosa. No entanto, percebi uma mudança em nosso relacionamento quando eu tinha cerca de quatorze anos. Certa noite, enquanto cavalgávamos juntos no "Dodge Dent", como ela o chamava, "Somebody's Watching Me", de Rockwell, tocou no rádio. Foi um grande sucesso internacional na Motown Records na época, e eu adorei, principalmente porque Michael Jackson cantou o refrão. Estávamos dirigindo e dançando junto com a música quando minha mãe irrompeu na parte característica do refrão de Michael. "Eu sempre sinto que / Alguém está me observando."

Ela cantou em um elaborado estilo operístico, e eu virei meu rosto para a janela para esconder minha risada.

Quer dizer, é um disco de R&B bem dos anos oitenta, com o refrão cantado no estilo impecavelmente suave de Michael Jackson, então ouvi-lo feito como Beverly Sills (uma soprano operística popular nascida no Brooklyn dos anos 1950 aos 1970) foi muito hilariante aos ouvidos do meu cantor adolescente.

Oh, mas mamãe não achou graça. Ela puxou o botão de volume para baixo e olhou para mim, seus olhos verde-acastanhados se estreitando e endurecendo como pedra.

"O que é tão engraçado?" ela cuspiu. Sua seriedade rapidamente engoliu a tolice do momento. Eu gaguejei:

"Hum, bem ... não é assim que acontece." Ela olhou para mim até que cada pedacinho de leveza desapareceu.

Quase rosando, ela disse: "Você só deve *esperar* que um dia se torne *metade* da cantora que eu sou." Meu coração parou.

Ainda assim, até hoje, o que ela disse me assombra e me machuca. Eu não sei se ela queria me reduzir ao tamanho ou era apenas seu ego machucado falando; tudo que sei é que aquelas palavras que saíram de sua boca perfuraram meu peito e ficaram enterradas em meu coração.

Essas palavras estavam lá em meu coração em 1999, quando fui reconhecido e respeitado por minha voz e minhas composições por dois dos maiores talentos da ópera de todos os tempos. Fui convidado a me juntar a Luciano Pavarotti em "Pavarotti & Friends", um prestigioso concerto anual de arrecadação de fundos para

crianças em países devastados pela guerra, apresentado pelo grande tenor, o maestro, em sua cidade natal Modena, Itália. (O show foi dirigido para a TV por Spike Lee, sabe?) É uma cidade antiga conhecida por produzir carros esportivos sofisticados como Ferraris e Lamborghinis, bem como vinagre balsâmico - e tenho certeza de que todas as indulgências que o maestro desejava foram importadas. Trouxe minha mãe e meu sobrinho maravilhoso Mike comigo. Fiquei orgulhoso e feliz por poder convidá-la para uma viagem glamorosa e apresentá-la a um de seus ídolos. Em um vestido de tafetá de seda rosa claro sem alças, minha mãe me observou dividir um grande palco ao ar livre na frente de cinquenta mil pessoas com um dos maiores e mais famosos cantores de ópera de todos os tempos. Não apenas cantamos juntos, ele cantou a *minha* música: Pavarotti cantou uma versão italiana de "Hero" comigo, para o mundo inteiro ver. Para minha mãe ver.

Então, em maio de 2005, conheci a soprano fenomenal Leontyne Price (a primeira mulher negra a se tornar uma prima donna no Metropolitan Opera e a cantora clássica mais premiada) quando ela estava sendo homenageada no ilustre Baile de Lendas da Oprah, que celebrou 25 Mulheres afro-americanas na arte, entretenimento e direitos civis. O fim de semana histórico começou na sexta-feira com um almoço privado em sua casa em Montecito, onde as "lendas"

foram saudadas pelos "jovens", incluindo Alicia Keys, Angela Bassett, Halle Berry, Mary J. Blige, Naomi Campbell, Missy Elliott , Tyra Banks, Iman, Janet Jackson, Phylicia Rashad, Debbie Allen, eu e muitos mais.

E ao longo do fim de semana extraordinário, nós, jovens, homenageamos as lendas por suas grandes contribuições. Minha mãe costumava se gabar: "Ah, sim, Leontyne e eu tínhamos o mesmo treinador vocal", e aqui estava eu saindo com ela (na *casa de Oprah Winfrey*, nada menos)! Madame Price se lembrou de minha mãe e também validou meu talento.

No dia seguinte ao Natal daquele ano, no papel timbrado mais elegante, grosso e cor de casca de ovo, recebi uma carta dela:

"No difícil e exigente negócio das artes cênicas, você é a joia da coroa do sucesso. Alcançar seu nível de sucesso como artista multidimensional é uma medida notável de seu talento artístico. " Continuou dizendo, Foi um prazer visitá-lo durante o Legends Weekend e dizer pessoalmente o quanto admiro você e seu talento artístico. Sua criatividade e desempenho são excelentes. Você apresenta suas composições com uma profundidade de sentimento que raramente, ou nunca, é vista ou ouvida. É uma alegria ver você transformar todos os obstáculos que enfrentou em trampolins para o sucesso. Sua devoção à sua arte e carreira são louváveis. Isso traz a você uma ovação de pé e um Brava retumbante! Brava! Brava!

### *Morto*

Acho que para minha mãe, posso não ter sido nem a metade da cantora que ela era, mas eu era toda a cantora e artista que era.

Este foi meu primeiro vislumbre de como palavras equivocadas de uma mãe podem realmente afetar uma criança. Que diferença simples uma risada dela teria feito. O que quer que tenha nos conectado antes, um frágil vínculo mãe-filha, foi quebrado naquele momento. Houve uma mudança distinta: ela me fez sentir como um competidor, como uma ameaça. No lugar de nosso vínculo anterior cresceu um laço diferente, uma corda que nos amarra por meio da

biologia compartilhada e das obrigações sociais. De forma alguma minha mãe destruiu meus sonhos de ser bem-sucedida naquele dia; minha fé tinha ficado muito forte até então.

Ter pessoas que você ama com ciúmes de você profissionalmente vem com o território do sucesso, mas quando a pessoa é sua mãe e o ciúme é revelado em uma idade tão tenra, é particularmente doloroso. Eu estava passando por uma merda pesada então, e ela me expor sua insegurança daquela forma, naquele momento, foi prejudicial. Já tive tantos anos de insegurança em relação à minha segurança física. Embora um momento sutil e breve, este foi o primeiro grande golpe em uma longa fila de vezes em que pessoas próximas a mim tentavam me colocar para baixo, me colocar no meu lugar, me subestimar ou tirar vantagem de mim. Mas ela, acima de tudo, era a mais devastadora, porque ela era a mais essencial. Ela era minha mãe.

### **CHÁ DE DENTE DE LEÃO**

*Uma flor me ensinou a orar*

*Mas conforme eu crescia, aquela flor mudou*

*Ela começou a se debater com o vento*

*Como pétalas douradas se espalhando*

- "Pétalas"

Ela chamava a si mesma de Dandelion - a flor selvagem amarela brilhante com pequenas pétalas em forma de dente que dá o primeiro sinal de que a primavera está próxima. Depois que sua floração termina, as pétalas secam e a cabeça se transforma em uma bola de penas rendadas de poeira carregando as sementes. A

lenda diz que se você fechar os olhos, fizer um desejo e soprar os pedaços de penas no ar, seu desejo se espalhará pelo mundo e se tornará realidade. Os ingleses às vezes as chamam de margaridas irlandesas. E

acredita-se que o chá feito da raiz e das folhas tem benefícios curativos. Mas essas flores silvestres também podem ser uma ameaça, envenenando flores preciosas e crescendo grama - ervas daninhas que devem ser arrancadas e descartadas.

Quando eu era pequena, minha irmã mais velha parecia viver do vento. Ela sempre estava em algum lugar distante. Memórias de infância dela existem em minha mente como flashes de relâmpagos e trovões. Ela era excitante, mas imprevisível - suas rajadas torrenciais sempre traziam consigo a destruição inevitável.

As distâncias entre minha mãe, meu pai, sua primeira filha e eu são extensas. Ao contrário dela, enquanto crescia, nunca passei um tempo significativo como parte de uma família interracial inteira. A maioria das minhas experiências foi com um dos pais por vez - eu com minha mãe ou eu com meu pai. Não me lembro deles como um casal feliz. É bizarro para mim que eles fossem casados, não apenas por causa da raça, mas como eram diferentes como pessoas. Mas antes de eu nascer, a família Carey consistia em um pai negro, uma mãe branca e um menino e uma menina mistos. Os quatro caminhariam pela rua e as pessoas *saberiam*. Esse quarteto rebelde de Carey experimentou a espetacular ignorância e a ira de uma sociedade lamentavelmente despreparada para recebê-los ou aceitá-los; *Loving vs. Virginia*, a decisão da Suprema Corte que derrubou a lei que proíbe o casamento interracial nos Estados Unidos, não aconteceria até três anos após o casamento de minha mãe e meu pai. Como resultado da hostilidade de sua comunidade e país, Morgan e Alison foram instruídos por nossos pais a se referir a eles como "Mãe" e "Pai", na esperança, imagino, de que a formalidade pudesse elevar seu status a respeitável. Meus pais pareciam pensar que se os vizinhos ou outros curiosos ouvissem sua filha e seu filho dizerem: "Bom dia, mãe" ou "Olá, pai", eles não os achariam nojentos.

Morgan e Alison eram crianças lindas e muito próximas quando jovens. Alison tinha a pele como um pudim de caramelo cremoso, com uma cabeça de cachos grossos, profundos e escuros e olhos

que combinavam. Ela era extremamente inteligente e curiosa e adorava aprender. Disseram-me que ela trazia boas notas para casa, frequentou boas escolas e também adorava música. Mas ela viveu em primeira mão o desconforto e a animosidade dirigidos a ela e sua família negra e branca. Ela viu seus vizinhos jogarem carne crua com vidros quebrados para seus cachorros e o carro de sua família explodir. Ela viu coisas dentro da família também, coisas que uma criança nunca deveria ver e eu nunca saberei. Eu sei que o que ela experimentou prejudicou e descarrilou sua infância.

Ela estava totalmente ciente quando a unidade familiar se desfez e nossos pais se viraram um contra o outro; ela absorveu toda a dor de uma família se desfazendo. Ela também viu outra filha entrar no clã, quebrando a simetria e mudando seu status de única menina e caçula. Eu era o novo pequenino. Quando minha mãe e meu pai não podiam mais viver juntos sem se torturar emocionalmente, eles se separaram para sobreviver separados. Nós três, filhos, seríamos atormentados por dor, ressentimento e ciúme pelo resto da vida.

Alison e Morgan acreditavam que era mais fácil para mim do que para eles. Nosso pai era muito rígido com eles. Ele não foi duro comigo porque três ou quatro anos era o mais velho que eu tinha quando estávamos todos juntos. Durante uma de suas incontáveis brigas, lembro-me vagamente de minha mãe gritando com ele algo como: "Este é meu! Você *não vai* vencer este aqui." Eu era *seu* filho. Ela costumava dizer que "não tinha força" para desafiar a agressão de meu pai quando meus irmãos estavam crescendo.

Só tenho uma lembrança de todos nós jantando juntos. Foi uma espécie de "jantar restaurador" - meus pais tentando mais uma vez para ver se conseguiríamos nos recompor e ser uma família. Estávamos todos sentados ao redor da mesa e comecei a cantar.

Meu pai disse: "As crianças devem ser vistas e não ouvidas".

O artista em mim interpretou isso como uma deixa, então me levantei da mesa de jantar, andei alguns metros até a área da sala de estar (que estava bem à vista e bem ao alcance da voz), subi em

cima da mesa de centro e continuei cantar no topo dos meus pulmões. Alison e Morgan baixaram a cabeça, abaixando-se diante da ira de nosso pai, que eles tinham certeza de que inevitavelmente ricochetearia ao redor da sala. Mas minha mãe olhou para ele e ele não disse nada. Minha irmã e meu irmão ficaram pasmos. Não fui agredido, gritado, punido ou mesmo *parado*. Eles nunca teriam ousado desafiar nosso pai. Não admira que eles me odiassem.

Nem é preciso dizer que o jantar não nos salvou. O divórcio era inevitável. Minha mãe e meu pai tomaram a decisão final de terminar antes que tudo estivesse quebrado. Lembro que fui levado para a casa de nossos vizinhos, e eles me deram pipoca enquanto minha família estava na casa ao lado discutindo o desmantelamento dos Carey. Depois de vários encontros violentos envolvendo a polícia, por ordem judicial

meu pai e meu irmão não puderam morar juntos. A certa altura, Morgan foi levado para o Centro Psiquiátrico Infantil de Sagamore, um centro de cuidados para crianças com graves problemas emocionais e famílias em crise. Morgan era uma crise. Também ouvi que um psiquiatra concluiu que um fator contribuinte significativo para os problemas comportamentais de Morgan era Alison, que tinha o talento de instigar e manipular Morgan até o seu limite. Alison é *muito* inteligente. Morgan teve que morar com minha mãe, e ela deixou claro para meu pai que ele não me aceitaria. Isso deixou Alison dispersa.

Eu ouvi Alison expressar que ela sentiu como se minha mãe a tivesse jogado fora, que ela claramente amava Morgan e eu mais do que ela. Também ouvi minha mãe dizer que Alison escolheu morar com nosso pai porque se sentia mal e não queria que ele ficasse sozinho. É provável que haja alguma verdade em ambas as perspectivas. Eu era muito jovem para realmente entender.

Eu realmente não sei como era a vida para minha irmã morando com nosso pai, apenas os dois, quebrados e com raiva. Deve ter sido

perigosamente claustrofóbico - um conflito constante de sentimentos de abandono e ressentimento em relação à minha mãe sob o teto deles. Eles não tinham nenhum espaço real para resolver, nenhuma chance de curar. Ordem e obediência era como meu pai tentava entender o caos da sociedade e os escombros que sua estrutura familiar havia se tornado.

A criança agora sob seus cuidados únicos era uma adolescente amarga e quebrantada, e ele não tinha ferramentas para lidar com sua disfunção e dor. Por fim, meu pai e Alison formaram um vínculo, unidos em seu desdém por minha mãe. Eu acredito que eles também se uniram devido à inevitável visibilidade de sua negritude.

Previsivelmente, Alison se voltou para meninos e sexo em uma tentativa de preencher o buraco de rejeição do tamanho de uma família em seu coração. Aos quinze, ela conheceu um belo "militar" negro de dezenove anos, e Alison engravidou. Nossa mãe queria que ela fizesse um aborto. Nosso pai disse que ela poderia ter o bebê se se casasse. O jovem estava estacionado nas Filipinas e, com a permissão de nosso pai, Alison o seguiu e eles se casaram lá. Antes de ela ir embora, lembro-me de ter sentado na cama com ela em seu quarto na casa de nosso pai. O que me lembro do quarto dela é que em sua parede havia uma estante de livros e uma estante de bonecas chiques - aquelas com vestidos de renda grandes e fofos do tipo *quinceanera*. Eu olhava para aquelas bonecas, longe do meu alcance - ali para me exibir, não para brincar.

Eu estava olhando para eles quando ela apontou para a barriga e disse: "Tem um bebê aí." Um bebê para *onde*? Em seu *estômago*? Eu era muito jovem e não entendia o que ela queria dizer. Eu não entendia muito sobre Alison na época.

Jamais esquecerei sua combinação bizarra de bebê e chá de panela na casa da minha mãe. Eles colocaram uma menina no bolo - uma boneca, não uma que parecia uma mulher adulta, mas uma bonequinha com cabelo castanho escuro como o da minha irmã. A coisa toda era tão confusa para mim. Eu era uma garotinha, me perguntando: *Esta é uma festa para o bebê ou para a garota?* Não

sei dizer se foi uma ocasião festiva ou trágica. Minha mãe estava andando de um lado para o outro e irritada. Minha irmã adolescente estava com a barriga inchada e ficava apontando para ela e me dizendo: "Tem um bebê aqui; olha, tem um bebê aqui. " E

tinha um bolo estranho com uma bonequinha nele. Como uma garotinha poderia entender tudo isso?

E então, por um longo tempo depois disso, eu sempre pensei: "Ok, então acho que aos quinze anos é quando as pessoas têm filhos e se casam".

Isso distorceu minha realidade. Mas também me focou. Fiz a mim mesma a promessa de que *não* seria eu.

Meu senso de autoestima, ou melhor, meu senso de autopreservação nasceu naquele bon voyage *nupcial*

chá de bebê. Jurei que nunca seria promíscuo. Essa promessa de viver uma vida diferente me tornou uma pessoa muito pudica. Eu soube então - de repente encontrando uma tia antes dos oito anos de idade - que o caminho de Alison não seria a minha vida. Depois que a última fatia do bolo de noiva bebê acabou, minha irmã também sumiu, por vários anos.

Nunca vou entender o que aconteceu com ela nas Filipinas. Mas eu sei que quando ela deixou a casa de meu pai, o resto de sua frágil infância foi deixada para trás.

Depois de alguns anos nas Filipinas, Alison voltou para Long Island. Eu tinha cerca de doze anos e ela vinte.

O que quer que tenha acontecido com ela lá, ou em Long Island, ou em um quarto dos fundos em algum lugar, teve seu tributo sobre ela. Aquela garota superinteligente e linda com cachos escuros que era minha irmã mais velha endureceu em um tipo estranho de ausência. Algo, ou muitas coisas, devem ter acontecido com ela para levá-la a trocar seu corpo por dinheiro e drogas, como ela fez por anos. Naquela época, havia

tanto que eu não sabia, mas também havia tanto que eu nunca deveria ter descoberto, certamente não tão jovem. Os anos entre nós podem ter sido séculos.

Quando Alison voltava, ela vagava de um lugar para outro e de homem para homem, ocasionalmente batendo com a gente na casa de minha mãe entre os muitos relacionamentos aleatórios com homens que ela colecionava e descartava. Havia um homem mais velho - imaginei que ele tivesse cerca de sessenta anos. Ele tinha meia cabeleira, toda grisalha. Ele era educado com minha mãe e às vezes enchia nossa geladeira de comida, então eu acho que ela *confiava* nele? Uma noite na cabana, Alison e minha mãe começaram uma de suas inúmeras discussões épicas e, por algum motivo desconhecido, Alison me levou com ela para a casa de um senhor mais velho. Há pouco de sua casa, ou daquela noite, que eu me lembro, porque quando chegamos, Alison me sentou em um sofá marrom claro e me entregou uma pequena pílula de giz azul-gelo com um vinco esculpido no meio e um copo de água .

"Aqui, pegue isso", disse ela.

Eu peguei Em minutos (eu acho) eu estava em uma escuridão pesada e assustadora, empurrado para um lugar abaixo do sono, e eu não conseguia me retirar. Não sei quanto tempo fiquei desmaiado. Eu me senti como se tivesse sido absorvida pelo sofá (a única razão pela qual me lembro da cor). Foi angustiante.

Aos 12 anos, eu provavelmente pesava 36 quilos encharcado, e Alison me deu um Valium inteiro. Não sei por que minha irmã me drogou. Não sei por que minha mãe me deixou ir com ela e este homem. Talvez os dois me quisessem fora de seus cabelos esta noite, mas minha vida estava em perigo nas mãos dela. Esta pode ter sido a primeira vez naquele ano que ela poderia ter me machucado seriamente, mas certamente não foi a última.

Embora por volta dos 20 anos Alison já tivesse se casado, dado à luz, se divorciado, viajado milhares de quilômetros de distância e

feito coisas terríveis, ela ainda podia ser boba e espontânea. O pior ainda não havia acontecido entre nós, então eu estava genuinamente feliz com as visitas selvagens que ela fazia à casa de minha mãe. Em seus dias bons, ela era uma explosão brilhante de energia em nossa pequena morada, muitas vezes desolada. Ela parecia madura e tinha um tipo de glamour vazio. Ela passou a se interessar por mim como uma pré-adolescente agora, em vez de uma garotinha. Ela prestou atenção ao obviamente negligenciado fora de mim, se intrometendo e corrigindo minhas tentativas desastrosas de me tornar bonita, o que para uma criança de 12 anos significa tudo. Depois que eu acidentalmente fiz meu cabelo com todos os tipos de tons de laranja feio, ela me levou para pegar um toner para meu cabelo e fez uma cor. Ela me levou a um lugar que deixou minhas sobrancelhas lindas. Ela me levou para comprar meu primeiro sutiã. Ela e eu faríamos tentativas sérias de ser *normais*. Estávamos tentando ser irmãs - ou assim pensei.

Mesmo sendo jovem, eu sabia que minha irmã estava fazendo coisas que não eram boas. Quero dizer, ela tinha um bip, e apenas traficantes de drogas, rappers e médicos tinham bipes naquela época. Ela usava uma bela manicure - esmalte rosa brilhante, às vezes decorado com strass. Uma vez, quando ela estava me deixando na frente da casa de minha mãe, ela mergulhou a ponta de uma unha rosa afiada em um pó de cristal branco e segurou-o perto do meu rosto, dizendo: "Experimente, experimente um pouco; quem se importa?"

Eu sabia que era cocaína e me assustou até a morte. Graças a Deus, não cheirei. Eu joguei fora e calmamente respondi: "Não, obrigado! Tchau; até logo." Estremeço ao pensar no que poderia ter acontecido se eu tivesse caído em sua armadilha e depois naquela casa. Eu não sei o que teria acontecido se eu tivesse cheirado cocaína antes de ver minha mãe, ou alguma vez na minha vida.

Foi tudo uma configuração assim. Alison começou a me trazer suas amigas, e eu comecei a ansiar por nossas saídas secretas - embora com todo o glamour e empolgação inicial, tenha sido uma época

muito assustadora da minha vida. Mesmo que tenha sido há muito tempo, ainda tenho pesadelos com isso. Alison não escolheu como sua vida começou, e sei que ela também passou por um trauma. Parecia que ela havia se afastado completamente da luz.

Um dia, ela explicou que era hora de eu conhecer seu namorado fabuloso, John, e as outras garotas com quem ela andava, sobre as quais ela me contava histórias. John era alto, tinha olhos verdes, um afro grande e fofo e um carisma forte. Christine, uma garota branca fugitiva de dezessete anos, uma mulher mais velha chamada Denise - "mais velha" significa que ela tinha talvez vinte e oito anos - e minha irmã, então com vinte e poucos anos, todas moravam em uma casa com John. Eu ergui os olhos para Christine; ela tinha um ar mundano, mas também parecia uma garotinha. Sua pele pálida estava salpicada de sardas bronzeadas, e

ela tinha cabelos loiros médios que caíam suavemente sobre os ombros, que eram longos e finos como o resto de seu corpo. Ela poderia estar em um filme adolescente, mas em vez disso ela estava lá, naquela casa.

Ela foi danificada.

A casa de John era mais agradável, mais iluminada e mais limpa do que onde eu morava. Eles tinham um sofá novo. Havia uma televisão e eu podia assistir a todos os programas que quisesse. Eles tinham todos os lanches que eu poderia querer. Eles tinham Juicy Juice. Não podíamos pagar nada disso em casa. Algumas vezes minha irmã veio até onde eu morava e encheu a geladeira com as coisas de que eu gostava. Isso foi parte da confusão que senti sobre nosso relacionamento. Às vezes parecia e parecia que ela se importava, mas seus motivos sempre eram obscuros. Ela estava sendo uma boa irmã mais velha ou estava criando um apetite em mim pelo que eu sabia que poderia ter o tempo todo na casa de John? Foi uma manipulação disfarçada de amor.

Minha irmã me disse para não contar a ninguém que estava indo para a casa onde ela morava com John, especialmente meu irmão.

Ela me disse que meu irmão não gostava dele porque John o havia vencido no gamão. Sendo tão jovem e ingênuo na época, eu acreditava que sua animosidade era por causa de um jogo de tabuleiro, não de prostituição e operação de drogas. Portanto, não havia ninguém que soubesse, ninguém para me proteger. Famílias disfuncionais são presas ideais para abusadores, os pequeninos expostos vulneráveis a serem pegos. Agora, é claro, está claro para mim que a casa de diversões era um bordel. Acho que minha irmã era uma espécie de prostituta, caçadora de talentos. Mas na época, eu não tinha ideia; afinal, eu era apenas uma menina de 12 anos. Ganhar-me foi tão fácil - literalmente como dar um doce a uma criança, mas em vez de um doce era um enxaguante de cabelo, um sutiã e uma caixa de Juicy Juice.

John, minha irmã e eu íamos de carro para a cidade juntos. Lembro-me de uma vez que íamos a algum lugar e o rádio tocava uma música que ele adorava. Ele gritou bem alto a letra, enquanto minha irmã e eu rimos de seu canto estrangulado. Eles me deixaram fumar no banco de trás do carro. Eu me senti bem e livre.

Íamos ao IHOP para comprar panquecas. Eles me levaram para Adventureland e joguei Pac-Man. Nesses momentos, quase me sentia como a preciosa irmã mais nova de alguém. Eu estava tendo todas essas aventuras divertidas e pensando comigo mesma, *finalmente sei o que é ter uma irmã mais velha que está na minha vida para sempre. E eu gosto desse cara alegre e fácil, John.* Isso era o que eu estava perdendo. Eu estava começando a sentir algo parecido com estabilidade, uma sensação de que tinha algo que parecia uma família normal e estava me movendo em direção a algum lugar ao qual pertencia.

Mas coisas confusas e curiosas começaram a acontecer rapidamente.

Quanto mais perto eu chegava de minha irmã, mais claramente eu podia ver suas partes quebradas. Ela tinha secretamente conseguido minha própria linha telefônica, da qual só ela ligou. Ela teria esses

ataques desesperados de histeria induzida por drogas e me ligaria tarde da noite, no meio de um episódio. Eu a convenceria a descer do parapeito, então tentaria voltar a dormir, levantaria cedo de manhã e terminaria a sétima série. Ninguém na escola sabia que com frequência, apenas algumas horas antes, eu havia dominado minha irmã mais velha suicida. Se matar tornou-se uma ameaça comum que ela compartilhou comigo na madrugada antes de eu ir para o ponto de ônibus escolar.

Então as ligações pararam por um tempo. Finalmente, um dia, Alison telefonou e disse que ela e John estavam vindo me buscar. Fiquei animado ao pensar em nós três juntos novamente, cavalgando, rindo, fumando, cantando e tocando. Mas John apareceu sozinho.

Começamos a dirigir, mas não havia rádio nem conversas. Não foi nada divertido e senti que algo não estava certo.

Finalmente perguntei: "Onde está minha irmã? Quando vamos buscá-la? "

John manteve os olhos voltados para a frente e me garantiu: "Oh, ela estará aqui mais tarde." Eu estava sentado no banco da frente e podia ver claramente a arma encostada em sua coxa.

John, sua arma e eu fizemos duas paradas: um jogo de cartas e um filme drive-in. Há uma aparência, uma sensação e um cheiro nas salas onde homens adultos brincam no escuro. Estava úmido e desordenado. O ar estava denso com bebida barata, fumaça de cigarro de mentol rançoso e perversões não ditas. Não havia coisas bonitas. Era difícil para mim ver e respirar.

Não sei exatamente quantos homens eram; Não sei quantas armas, quanto dinheiro ou quantos pensamentos vis estavam na mesa - mas sei que eram todos homens e eu. Sentei-me em um canto do chão pegajoso de onde podia ver a porta e me segurei. Eu fiquei parada e mantive meus olhos baixos enquanto as piadas de

homem adulto, palavrões de homem adulto, fomes de homem adulto, medos de homem adulto e fantasias de homem adulto voavam acima da minha cabeça. De vez em quando, eu via um deles

me olhando de soslaio ou ouvia uma referência obscena a mim em sua conversa.

Não me lembro como voltei do chão da sala de jogos para o banco da frente do carro dele. O que me lembro é de me sentir suja por causa do chão pegajoso e das palavras sujas dos homens. Eu sabia que minha irmã não viria me limpar desta vez. Um pânico borbulhou em minha garganta. *Para onde vou? Por que estou sozinha com o namorado da minha irmã? Por que ele me levou em torno daqueles homens nojentos? Por que não podemos simplesmente ir para o IHOP? Onde está minha irmã? Onde está ela?* Comecei a orar.

Nossa próxima parada foi o drive-in, onde quase imediatamente John colocou o braço em volta de mim. Meu corpo ficou rígido. Meus olhos estavam fixos em sua arma. John se aproximou e forçou um beijo forte em mim. Eu estava com náuseas e medo; Eu me senti imobilizado. Pelo canto do olho, notei um homem branco idoso estacionar ao nosso lado, olhando diretamente para o carro de John.

A expressão no rosto do homem era uma mistura de repulsa e reconhecimento. Ele viu claramente um homem adulto - John, com seu cabelo afro redondo - e uma garotinha, pequena, com cabelos loiros encaracolados. Ele viu o carro azul-claro e a pele marrom-clara de John. Ele viu os detalhes e, mesmo que não detectasse minha angústia, podia ver que este não era o lugar que uma garotinha gostaria de estar. John saiu do drive-in lentamente e me levou para casa em silêncio.

Guardei o rosto daquele homem na memória. Ele ainda está lá, fresco e congelado naquela época terrível. Eu acredito que ele era uma oração em pessoa.

Depois de alguns dias de volta ao meu quarto, o telefone começou a tocar novamente, mas desta vez eu não atenderia. Eu voltei a fingir que tinha uma vida normal na sétima série. Eu queria ser criança de novo. Às vezes, todas as crianças da minha vizinhança brincavam de perseguir (tag) à noite. A maioria deles morava em boas casas com dois pais e irmãs que não os sobrecarregaram com pensamentos

suicidas e os envolveram com cafetões. Eu ansiava por me misturar a uma típica noite de verão em um bairro comum de Long Island, para brincar e fazer palhaçadas com outras crianças normais. Eu só queria superar meu drama em um jogo de perseguição.

Freqüentemente, jogávamos em uma área não muito longe da praia que tinha uma espécie de rotatória. Íamos ficar naquele local e às vezes acendíamos uma fogueira, fazíamos vozes engraçadas e cantávamos. Uma noite, estávamos mergulhados em um jogo de perseguição em grupo, crianças espalhadas correndo e costurando, quando vi um carro vindo pela estrada. Eu imediatamente o reconheci como o carro de John.

Estava se arrastando, muito devagar, como se o motorista estivesse procurando alguma coisa ou alguém. Em pânico, eu instintivamente me abaixei atrás de uma casa, fingindo me esconder de quem quer que fosse

"aquilo". Não havia como eu contar aos meus amigos que era "isso" para um cafetão com uma arma.

John finalmente foi embora. Embora eu tivesse escapado dele por pouco novamente, o medo dos homens me seguiu por um longo tempo. Quando cheguei em casa, desliguei o telefone da parede e parei de confiar em minha irmã mais velha para sempre.

Eu não tinha ninguém para contar o que havia acontecido. Não pude contar para minha mãe. Eu não tinha amigos íntimos de verdade. Eu nunca tinha me encaixado realmente. Mesmo se eu fizesse, como poderia explicar isso a uma criança de uma casa normal que jantava às seis horas, ia para a cama às nove e meia e tinha problemas quando eles não escovar os dentes? Eles nunca seriam capazes de entender. As irmãs mais velhas devem protegê-la - não enganá-la. Portanto, não contei nem confiei em ninguém.

Mas, quando menina, você ainda quer sua irmã mais velha, e os dentes-de-leão ainda são flores quando florescem.

Uma visita da minha irmã, entre todas as visitas e memórias, marcou-me mais profundamente.

Tentamos tomar chá. O chá era uma coisa na casa da minha mãe, mas era tudo, menos apropriado. Não havia uma chaleira alegre e sibilante; fervíamos a água em uma pequena panela surrada em um fogão velho na cozinha minúscula, insípida, suja e cor de fuligem. Xícaras e pires combinando certamente não estavam em lugar nenhum; tínhamos xícaras e canecas incompatíveis, do tipo encontrado na caixa marcada como

"Grátis" nas vendas de garagem em Long Island. O café da manhã inglês era o sabor básico do chá; cada um de nós bebeu uma xícara com um saquinho de chá. Eu tinha uma caneca grossa de cerâmica marrom com vidros escorridos que estava lascada na borda. Eu estava segurando o chá preto fumegante e perfumado com as duas mãos quando o telefone tocou.

"Olá, Al", ouvimos nossa mãe responder. Foi nosso pai.

Nós dois ficamos um pouco chocados. Meu pai raramente ligava para a casa de minha mãe e, se ligava, era quase sempre para nos repreender por alguma coisa. Alison e eu trocamos um rápido olhar - quem fez o quê agora? De repente, minha mãe olhou em minha direção e percebi que eles estavam discutindo sobre mim. Eu balancei minha cabeça vigorosamente "não" e imitei uma recusa. Alison e eu estávamos prestes a tomar chá, talvez até um raro momento de luz, e eu sabia que teria que levar a sério quando se tratasse de conversar com nosso pai. E quem sabe o que Alison pode ter feito que eu teria que ouvir.

Mas mamãe não nos protegeu. "Sim, ela está aqui; espere ", disse ela, segurando o telefone e sacudindo-o para mim. Qualquer "momento normal de irmã" que Alison e eu estávamos tentando criar foi totalmente explodido. Endireitei o rosto, levantei-me a contragosto e peguei o telefone. Então eu o sacudi e estiquei o cabo até Alison, gesticulando para ela pegá-lo.

“Nãããã, você pega,” ela disse de volta. Uma troca boba começou entre nós por alguns momentos - um jogo de quem ficaria com o fardo de falar com papai. Foi quase divertido.

Finalmente coloquei o fone no ouvido. “Oi, padre. Estou bem, ”eu disse, reprimindo a vontade de deixar escapar uma risadinha. Enquanto eu repassava as sutilezas mecânicas da conversa, minha irmã começou a gesticular freneticamente, balançando a cabeça e passando a mão pela garganta, sinalizando para eu não deixar transparecer que ela estava ali. Enquanto tentava ao máximo manter a conversa com nosso pai, fiz caretas idiotas para ela, fazendo tudo o que pude para não cair na gargalhada. Minha irmã podia ser bem teatral e, naquele momento, eu a achei extremamente hilária. Achei que estávamos jogando um jogo. Por fim, percebi que era a vez dela tentar falar sério com nosso pai enquanto eu tentava fazê-la rir, então disse:

“Adivinha - Alison está aqui! Quer falar com ela? ” Rindo, fiz sinal para ela pegar o telefone.

Mas ela não estava olhando para mim. Ela estava olhando para sua caneca de chá ainda fumegante em sua mão, e quando ela ergueu o rosto, seus olhos estavam raivosos, sem o menor traço de sua antiga brincadeira.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ela gritou “*Não!*” e, num piscar de olhos, jogou o chá fervente em cima de mim.

A próxima coisa de que me lembro foi que fui despido até a cintura, e um médico estava removendo os pedaços restantes de meu top listrado diagonal branco e turquesa, que estava embutido na pele do meu ombro, com uma pinça grande. O médico teve que cortar minha camisa com um instrumento, pois algumas das fibras começaram a se fundir com a minha pele. (Eu amei esse top - uma das poucas peças fofas que eu tinha, e agora estava fora de rotação, preso nas minhas costas.)

Minhas costas estavam salpicadas de queimaduras de terceiro grau. Eu não pude reconhecê-lo como meu, pois ele ficou em diferentes

tons de marrom com o escaldamento violento que recebi das mãos de minha irmã. A horrível sensação física foi tão intensa que desmaiei. Depois disso, minhas costas estavam dormentes e não podiam ser tocadas sem me causar uma dor terrível. Demorou anos até que eu pudesse aceitar um simples tapinha nas costas, já que a maior parte da minha pele teve que se renovar e se reparar completamente.

A lesão mais profunda, porém, foi do trauma emocional. Os sentimentos não são como a pele; não há novas células novas vindo para substituir as destruídas. Essas cicatrizes permanecem invisíveis, não reconhecidas e não curadas. O dano verdadeiramente irreversível para mim veio da queimadura de minha irmã mais velha, não do chá. Seu incêndio criminoso foi deliberado - ela queimou minhas costas e minha confiança. Qualquer esperança que eu tivesse até aquele ponto de ter uma irmã mais velha se tornou terra arrasada.

Eu sei que minha irmã estava profundamente ferida. Ela é a pessoa mais brilhante e quebrada que já conheci.

Posso nunca entender o que a machucou tanto que a fez machucar tantas outras pessoas em troca, mas para mim, ela foi sua própria vítima mais permanentemente prejudicada. Do meu ponto de vista, ela escolheu fixar residência permanente em "Victimland". A promessa de sua vida foi desperdiçada em uma série trágica de pechinchas baratas, em vez de ser redimida por meio do difícil trabalho de recuperação e reconstrução de uma vida inteira.

Alison me queimou de muitas maneiras e mais vezes do que posso contar. Repetidamente, tentei ser o corpo de bombeiros dela, financiando tratamentos e pagando estadias em clínicas de reabilitação premium. Mas mesmo com recursos substanciais, não há como resgatar alguém que não percebe que está queimando. As cicatrizes que carrego de minha irmã não são apenas um lembrete, são lições. Eles me ensinaram que talvez nossos mundos sejam diferentes demais para se sobreporem, o dela feito de fogo e o meu de luz.

Sempre esperei e desejei que Alison melhorasse, para *que* pudéssemos melhorar. Eu entendo que ela foi gravemente ferida emocionalmente e teve que descontar sua dor duradoura em alguém. Ela me escolheu. Ao

longo dos anos, tanto minha irmã quanto meu irmão me colocaram em risco, venderam mentiras para qualquer jornal de fofoca ou site de lixo que quisesse comprar ou ouvir. Eles me atacam há décadas. Mas quando eu tinha 12 anos, minha irmã me drogou com Valium, me ofereceu uma unha rosada cheia de cocaína, me causou queimaduras de terceiro grau e tentou me vender para um cafetão. Algo em mim foi preso por todo aquele trauma. É por isso que costumo dizer: "Tenho eternamente doze anos." Ainda estou lutando contra esse tempo.

*E eu sinto sua falta, dente de leão*

*E até te amo*

*E eu gostaria que houvesse uma maneira*

*Para eu confiar em você*

*Mas me machuca toda vez*

*Eu tento te tocar*

- "Pétalas"

## **DETANGLED E DISTINGIDO**

Na fotografia, raios de sol brilhantes brilham sobre mim como um holofote, e o cachorro-quente que estou segurando tem uma grande e feliz mordida dele. Meu cabelo tem uma variedade de mechas douradas, siena crua, loiro de trigo e limão doce, iluminados pelo sol. Ondas suaves e grossas dele estão soprando em camadas longe do meu rosto enquanto alguns cachos se erguem dos meus ombros. Há uma ternura no meu olhar, cortada levemente com seriedade nas bordas dos meus olhos.

Esta foto é uma das minhas favoritas da minha infância. Nele, pareço um típico aluno da primeira série nas férias de verão. Pareço

pertencer a alguém que sabe cuidar de mim. Eu pareço bem cuidada. Mas eu não estava.

Minha infância foi repleta de abandono. Havia muitas coisas sobre mim que minha mãe não entendia como cuidar ou manter - mas a mais óbvia, mais simbólica e mais visível era meu cabelo.

Meu cabelo não estava preso a ninguém. Ninguém *arrumou* meu cabelo. Ninguém sabia como. Não tínhamos condicionador (ou "creme de enxágue", como se dizia na época) na casa da minha mãe. Não havia pomadas, pentes de dentes largos ou escovas de cerdas duras. Não havia nenhum ritual dominical para lavar e fazer tranças no meu cabelo; certamente, não houve lubrificação do couro cabeludo. Não havia nenhuma ordem feita no meu cabelo. Nunca senti a arrumação ou segurança de ter meu cabelo *feito* .

Como resultado, meu cabelo costumava ficar uma bagunça emaranhada. E ninguém ao meu redor conseguia entender completamente a humilhação particular de ser uma garotinha não branca com cabelo despenteado.

Eu não tinha uma linguagem para isso, mas carreguei o fardo de como era. Meu cabelo negligenciado era uma sereia, sinalizando que eu era diferente de todas as meninas brancas - e das meninas negras também.

Meus cachos selvagens, misturados e mutilados me faziam sentir inferior, indigna de receber a atenção adequada.

Não havia como ir ao salão, *querida* . Não me lembro de minha mãe ter ido a um *salão de beleza* . Ela subscreveu totalmente aquela filosofia de beleza boêmia e descomplicada dos anos 1950 e 1960. Para ela, um rosto full beat era um delineador - uma pequena asa de gato, se ela estivesse sendo extravagante - um toque de rímel, um toque de blush, um lábio e voilà! Rosto perfeito. Seu cabelo era fabuloso, para cima ou para baixo. Mesmo que ela acreditasse em buscar serviços de higiene profissional, para ela ou para mim, nunca poderíamos pagar. E, além disso, não havia salões naquela parte de

Long Island que pudessem compreender as contradições de minhas gavinhas, a absoluta complexidade das necessidades de meu cabelo.

Naquela época não existiam profissionais de texturas mistas em lugar nenhum, realmente, nem existiam produtos especializados. Eu estava vivendo emaranhada entre um mundo Afro Sheen e uma Breck Girl.

As duas representações constantes da beleza feminina que via diariamente eram minha mãe e comerciais de TV. Eu admirava e desejava profundamente a perfeição escura e suave dos cabelos longos e luxuosos de minha mãe. O contraste entre como o cabelo da minha mãe parecia quando ela acordou de manhã e como o meu estava era *profundo*. Ela balançava a cabeça, e cabelos grossos e lisos despencavam como um metro de crepe de seda pesada, caindo em uma piscina elegante sobre seus ombros. Eu, por outro lado, tinha aglomerados esmagados, confusos e suados, explodindo em uma cacofonia de nós, ondas e cachos por toda a minha cabeça.

E então havia o cabelo que eu vi na TV, o cabelo magnífico, cheio de sol, em câmera lenta soprado pelo vento enquanto corre descalço pelos campos de flores. Fiquei encantado com esses comerciais,

principalmente os do shampoo Clairol Herbal Essence. Era como se a própria Eva estivesse no Jardim do Éden, engarrafando o espesso néctar verde-esmeralda feito de delícias terrestres de ervas e flores silvestres.

Estava convencido de que esse shampoo me daria o cabelo celestial, soprado por rajadas de asas de anjo, que vi no comercial. Eu queria que shampoo *tão* ruim. Eu queria que angelical, soprando o cabelo *tão ruim*. (Por causa desses comerciais, Olivia Newton-John, e do chefe, Diana Ross, ainda sou obcecada em soprar cabelos, como evidenciado pelas máquinas de vento usadas em quase todas as minhas sessões de fotos.) Jovem e culturalmente isolada, não tinha ideia de como cuidar do meu cabelo, nem a vergonha que isso me trazia. Muitas vezes me pergunto se minha mãe já viu o descuido que meu cabelo tornava visível. Ela estava muito preocupada com

seus próprios fardos para notar? Ela não conseguia sentir a secura e os caroços e inchaços dos emaranhados nodosos em minha cabeça? Por que ela não podia simplesmente me sentar e escovar meu cabelo por duas horas, como Marcia Brady fazia no *The Brady Bunch*? Talvez em sua ideologia boêmia e amante dos anos 60 ela pensasse que eu parecia livre, como uma adorável criança das flores. Talvez ela não soubesse que eu me sentia sujo.

Ter um pai negro e um branco é complicado, mas quando você é uma garotinha com mãe branca, em grande parte isolada de outras mulheres e meninas negras, pode ser terrivelmente solitário. E, é claro, eu não tinha modelos ou referências birraciais. Eu entendo por que minha mãe não entendia como cuidar do meu cabelo.

Quando eu era bebê, era, bem, cabelo de bebê, principalmente uniforme, cachos macios. Conforme fui ficando mais velho, ele ficou mais complexo, com diversas texturas surgindo aparentemente do nada. Ela não sabia o que estava acontecendo. Ela estava confusa e aleatoriamente começou a cortar uma franja trágica no meu cabelo (acreditar que uma franja se comportaria em um cabelo biracial é corajoso).

Foi um desastre e me senti impotente. Aos sete anos, eu realmente pensei que se ela apenas lavasse meu cabelo com Herbal Essence, uma fada do cabelo viria à noite, e eu acordaria e puf! Eu teria um cabelo perfeito como o da minha mãe ou das garotas dos comerciais.

Levei quinhentas horas de treinamento na escola de beleza para saber que mesmo o cabelo de Marcia Brady não explodiria com abandono apenas com shampoo. Leva profissionais, produtos e produção, *dahling* -

abundância de condicionadores, difusores, cortes de precisão, pentes especiais, clip-ins, câmeras e, claro, máquinas de vento. Requer muito esforço para conseguir um cabelo sem esforço.

O que eu realmente precisava era de *qualquer* mulher negra, ou qualquer pessoa com algum tipo de cultura, creme e um pente! Mas

mesmo isso não era tão simples.

Certa vez, as meias-irmãs de meu pai encenaram uma espécie de intervenção, determinadas a "fazer algo a respeito do cabelo daquele chile". Seria um evento. Eu estava na segunda série quando meu pai me levou para a casa do meu avô e da vovó Ruby no Queens.

O humor foi uma ferramenta que usei para enfrentar, desarmar e me defender. Também o usei para expressar meu ponto de vista quando não tinha controle. Foi uma ferramenta que comecei a aprimorar bem cedo e, até hoje, utilizo com frequência. No banco de trás do carro, durante a longa viagem para visitar a família de meu pai, ouvi Alison, sentada na frente, resmungando com ele sobre como eu estava absorvendo as peculiaridades e excentricidades de minha mãe (particularmente aquelas associadas ao privilégio dos brancos). Acho que ela pensou que eu estava no mundo, "passando" com nossa mãe branca (como se uma criança pudesse fazer essa distinção).

E então, como se eu não estivesse lá, ela começou a fazer um discurso inflamado. Continuei a olhar silenciosamente pela janela para os bairros dilapidados pelos quais estávamos dirigindo para chegar de Long Island à Jamaica, Queens. Finalmente, eu não agüentei mais. Conseguindo uma representação (eu acho) impressionante de minha mãe, especialmente para uma criança de seis anos de idade, eu gemi sarcasticamente em seu tom caracteristicamente lento e baixo, de diva da ópera: " *Vejo* que estamos seguindo o *caminho cênico* !" Ao que Alison virou a cabeça em direção ao meu pai com um exasperado " *Viu?*

"Expressão em seu rosto. Ele enrijeceu, agarrou o volante com um pouco mais de força e manteve os olhos à frente. Para efeito, não desviei meu olhar entediado para fora da janela. Ninguém se divertiu com a minha pequena personificação. Eu tentei.

A doce Nana Ruby foi a segunda esposa do pai de meu pai, com quem ele teve muitos filhos, meio tias e tios para mim, que

posteriormente formaram uma gangue de primos, alguns dos quais tinham mais ou menos a minha idade. Meu pai e o pai dele, Bob Carey, tinham um relacionamento complicado. A mãe de Bob era da Venezuela, e acredita-se que seu pai era negro - misturado com algum fator de alívio não documentado, já que ele também estava no lado mais justo do que era então chamado de "espectro negro".

Até eu ter cerca de seis anos, meu pai não falava com o pai dele há anos. Ele era filho único e tinha uma mãe diferente dos outros filhos do meu avô, e tão calorosa e acolhedora como Nana Ruby e sua casa eram - e pelo que pude ver, ela encheu meu pai de amor - ainda, ela não era dele mãe, e talvez ele se sentisse um estranho com eles. Acho que ele se esforçou para consertar as coisas com o pai, pelo bem dos próprios filhos e também por si mesmo. Ele deve ter percebido o quão isolado eu estava, morando apenas com minha mãe em uma comunidade totalmente branca que estava se tornando cada vez mais hostil para mim. Eu precisava conhecer *alguma* família.

E serei eternamente grato por isso, porque aquela casa era um lugar aconchegante e repleto de vida familiar.

Eu adorei lá. Toda a vizinhança amava meu avô. Ele era um cara normal, que gostava de se divertir e tinha uma risada cordial, que usava meias carecas com suas sandálias deslizantes. Ele tinha um pequeno vinhedo urbano em seu quintal no Queens. Ele cultivava uvas verdes com as quais fazia vinho doce caseiro, que armazenava no porão. Nana Ruby e minhas tias sempre tinham algo cozinhando na minúscula cozinha -

frango, verduras - mas o prato básico de destaque era arroz com feijão. Eu poderia comer pratos inteiros disso. Ouvia-se o clamor de ruídos reconfortantes: potes batendo, música soul ao fundo, o zumbido da TV, conversas, risos, portas abrindo e fechando, pés subindo e descendo as escadas correndo. Foi um espaço alegre. Havia pessoas apenas saindo juntas, conectadas umas às outras. Estar lá foi a sensação mais próxima que tive de ter uma família grande, uma família normal, uma família de *verdade*.

Meus primos favoritos viriam do Bronx e, cara, nós jogamos! Éramos um grupo criativo e travesso. Às vezes, pendurávamos para fora da janela do segundo andar e jogávamos balões d'água nas pessoas que passavam por baixo. Então, sumíamos de vista e tremíamos em uma histeria abafada. E, claro, adorei tudo o que envolvia performance. Meu favorito era reencenar "Sra. Esboços de Wiggins do *The Carol Burnett Show*

. Sem surpresa, insisti em fazer o papel principal. Eu fiz sua assinatura descer pat. Enchi meu pequeno saque com um travesseiro, estendendo-o para fora, agindo como se estivesse com uma saia lápis justa. Eu andava na ponta dos pés (talvez seja por isso que ainda ando na ponta dos pés), dando pequenos passos. Eu batia em um chiclete imaginário e fingia que lixava minhas unhas, e falava com a voz estridente e nasal que eu tinha feito com perfeição. Eu me especializei em vozes de personagens muito cedo.

"Oh, Sra. Uh-Whiggins!" um dos meus primos diria com um sotaque sueco tolo e distorcido. Eu me encaixaria no personagem e iniciariamos uma improvisação completa. O que mais adorei foram as risadas barulhentas com meus primos. Eu amei o som da minha risada como uma pequena parte no coro de outras crianças que eram meio como eu.

Dentro de casa com meus primos, posso ter me sentido parte de alguma coisa, mas fora com as crianças da vizinhança era uma história diferente. É *sempre* uma história diferente comigo. Embora meus primos não vivessem neste quarteirão predominantemente negro e hispânico no Queens, eles eram conhecidos porque nosso avô era "aquele cara" da vizinhança. Quando estávamos brincando do lado de fora, eles me apresentavam às outras crianças como prima, e alguma criança invariavelmente dizia: "Ela não é sua prima.

Ela é *branca* . "

"Sim, ela é nossa prima!" eles estariam de volta. Quem era minha mãe, quem era meu pai, a quem eu pertencia, estava sempre em questão. Mas sair com meus primos não era tão pesado. Eu fazia

parte de um grupo. Eu fazia parte *deles* e eles me defenderam. *Sim ela é*. Simples assim. E foi tão importante. Meus primos negros eram os únicos que eu conhecia quando era pequena. Como o lado da família da minha mãe, o lado branco, a havia deserdado, eu não tinha como ter um relacionamento real com nenhum deles quando criança.

Meus primos eram bem montados porque suas mães eram *muito* bem montadas. Uma tia em particular era mais jovem, suculenta e simplesmente linda. Ela parecia pronta para rodar pela linha do *Soul Train* na TV.

Sua maquiagem estava sempre impecável, os lábios brilhando como vidro. Ela usava conjuntos funky-chic, e seu cabelo estava sempre em um estilo soberbo, penteado para trás, para que ela pudesse mostrar o *rosto* .

Ela estava te dando moda, sexy e coordenada o tempo todo, quase tão fabulosa quanto Thelma em *Good Times* (mas um pouco mais grossa). Essa tia atrevida vendia maquiagem no balcão da loja de departamentos

- *isso* foi fabuloso para mim. Certa vez, ela fez uma avaliação facial falsa para mim e minha prima favorita.

Enquanto examinava nossos rostinhos, ela disse a Cee Cee: "Seus lábios são bons". Então ela se virou para mim com um olhar perplexo e fez uma pausa. Eu estava me perguntando e me preocupando: *O que há de errado com meu rosto? Mim?*

"Mariah, seus lábios não são carnudos o suficiente", disse ela com um suspiro.

Eu não sabia para que eles não estavam cheios o suficiente, mas aceitei totalmente sua análise como um fato.

Alguns anos depois, eu tinha cerca de 12 anos e estava saindo com uma namorada branca em uma loja de departamentos em Long Island, onde eles ofereciam demos de maquiagem grátis em um dos balcões. Meu amigo, pelos padrões locais, era uma beleza: grandes

olhos azuis, nariz fino e lábios muito finos. Eu, sem dúvida, usava um conjunto aleatório, e quem sabe o que o cabelo estava fazendo naquele dia. Claramente parecendo nossa idade, nós nos sentamos para fazer nossos rostos. Talvez a vendedora tenha pensado que tínhamos dinheiro para comprar maquiagem, ou ela estava entediada, ou simplesmente teve pena de nós.

Seja qual for o caso, ela começou o processo.

Como minha tia havia feito, ela estudou os contornos e ângulos de nossos rostos e me relatou: " *Seus* lábios estão muito cheios em cima". *Espera*, pensei. Eu sabia que tinha um lábio superior fino - mas não tão fino quanto meu amigo branco, cujo tamanho de lábio era o "padrão" na época. Eu queria dizer: "Na verdade, eu realmente quero que meus lábios sejam maiores" - o que eu queria, desde o dia da avaliação de minha tia -

mas segurei minha língua. Assim, recebi duas opiniões profissionais opostas sobre meus lábios quando menina; eles eram muito cheios para um padrão de beleza branco e não o suficiente para um preto. Quem sou eu para acreditar? Era como se meus complexos tivessem complexos. E não havia ninguém para me dizer:

"Mariah, você é *boa*". Período.

E agora aqui estamos em um mundo onde mulheres brancas e negras estão enchendo suas bundas e lábios como balões de água. Acho que deveria ter injetado meus lábios há muito tempo, mas é tarde demais. O

mundo inteiro sabe como são os meus lábios verdadeiros, então por que se preocupar? Por que eu faria isso agora, quando posso apenas acentuá-los com delineador de lábios, *querida* ?

Mas estou divagando. Naquele dia na casa do vovô e da Nana Ruby, quando eu tinha sete anos, havia chegado a hora do evento principal dos meus primos. Minhas tias decidiram que era hora de me juntar.

Alguns deles estavam reunidos no andar de cima, no quarto de Nana Ruby, e me chamaram. Meus primos e eu subimos as escadas em

direção ao quarto principal, que ficava à direita do banheiro. Passei muitos momentos explorando aquele pequeno banheiro, fascinado com todas as *graxas e manchas* que ele continha.

Havia uma infinidade de cremes e loções para a pele, e curativos e pomadas para os cabelos. Imagine: loção para a pele e graxa para o cabelo! Nesse banheiro, todos os armários e espaços livres eram preenchidos com poções e produtos misteriosos.

Raramente entrava no quarto principal, mas também era pequeno, apertado e reconfortante. Estava úmido e cheirava a confeitaria quente. Uma grande cama, coberta com uma colcha acolchoada paisley branca e marrom brilhante, com babados na bainha, ocupava a maior parte do quarto. Havia um espelho de corpo inteiro preso na parte de trás da porta e uma gaveta baixa da cômoda em que minhas tias tinham tudo arrumado. Houve um arranque da placa quente. Sobre sua superfície escaldante havia algum objeto estranho que parecia uma ferramenta de jardim, com um cabo de madeira escura como um martelo, com dentes.

Embora a parte de metal estivesse enegrecida, traços de sua cor dourada original podiam ser vistos embaixo.

Esse misterioso garfo-martelo pousava ameaçadoramente na superfície do prato, ficando cada vez mais quente. Ao cruzar a soleira para entrar no quarto, senti como se tivesse entrado em um universo alternativo, uma câmara secreta - uma das belezas das garotas negras.

Minhas tias fizeram sinal para que eu me sentasse ao lado da cama. Eu não sabia que tipo de ritual estava à frente, mas com certeza estava animado. Quando me sentei na beira da cama, os pés balançando para fora, pude sentir muitas mãos explorando o jardim selvagem de nós, cachos e mechas retas que compunham minha cabeça de cabelo. Meu coração estava disparado. Eu me senti como uma princesa há muito perdida sentada em seus aposentos, esperando que fosse esse o momento da coroação, quando meu

cabelo finalmente seria *feito* e eu seria transformada, apresentada ao mundo com um novo poder e graça.

Finalmente, pensei, talvez meu cabelo caísse nele. Talvez caísse em cachos elegantes e brilhantes, e eu ficaria parecida com minhas lindas primas e amigas negras que se reuniam no Queens. Ou talvez ficasse liso e reto como o cabelo das garotinhas brancas com quem cresci em Long Island. De qualquer forma, eu estava emocionada porque meu cabelo finalmente seria cuidado por alguém que sabia o que fazer.

A ação começou na parte de trás da minha cabeça, com alguns puxões e separações, e um pouco de nitidez de nós sendo desfeitos. A próxima coisa que senti foi algo que nunca esquecerei. Primeiro, senti um puxão pesado e uma sensação de queimação perto do meu pescoço, seguida imediatamente por um alarmante som de queimadura e chiado e um cheiro estranho e vicioso, como um animal de pelúcia sujo pegando fogo.

Junto com a fumaça significativa, um leve pânico começou a invadir a sala. Não consegui entender muito o que estava sendo dito, mas certamente ouvi: "Que merda!" e "Pare, pare!" várias vezes. E então parou.

Abruptamente. A excitação, o ritual e o concerto pararam. Fiquei imóvel e quieto, uma pequena mecha de cabelo na minha nuca ainda fumegando.

Minhas tias pediram desculpas. "Desculpe, baby, o pente quente é muito forte para o seu cabelo", explicaram minhas tias. *Desculpe, baby*, e foi o fim de tudo. Não haveria ritos de passagem na sociedade de cabelos negros naquele dia. Não emergi transformada em uma garotinha apresentável para o Harlem, Queens ou Long Island. Eu ainda era uma pequena desajustada rebelde que usava uma coroa desobediente na cabeça -

só que agora com uma mecha de cabelo áspero, queimado e irregular (e visivelmente mais curto) na parte de trás. Eu estava longe de *terminar* .

Em raras ocasiões, minha mãe, meu irmão e eu íamos de carro para Jones Beach com a família. (A proximidade da praia era uma das poucas vantagens de ficar preso em Long Island.) Certa manhã de verão, nós três, crianças, junto com um dos amigos do meu irmão, nos amontoamos no caixote de rodas da minha mãe e pegamos a estrada para o de praia. Foi um dia claro e brilhante; você podia ver o oceano no céu. Foi um dia perfeito para a praia. Minha mãe, usando um cafetã de algodão azul-claro com listras verdes finas, estava dirigindo. Todas as janelas estavam abertas, dando ao carro uma sensação falsa de conversível; as mangas de sino de minha mãe balançavam levemente com a brisa. Ela usava óculos de sol grandes e característicos, e seu cabelo estava normalmente despreocupado. Meu irmão sentou ao lado dela, sem camisa, seu grande e fofo afro balançando suavemente.

Sentei-me no banco de trás ao lado do amigo do meu irmão, em silêncio olhando pela janela aberta, deixando o ar quente e salgado lavar meu rosto. Eu estava tentando ser indiferente, não deixar transparecer que tinha uma queda enorme por esse garoto com aparência de estrela adolescente. Seu cabelo sedoso era loiro morango, com reflexos naturais perfeitos, dispostos em delicadas camadas de penas e repartidas ao meio.

Cada fio de sonho descansava em seu lugar perfeito. O carro estava silencioso enquanto todos nós desfrutamos de um raro momento de contentamento.

Aos poucos, porém, percebi que meu cabelo havia começado a se mover. Mas não era do vento. Em vez disso, era do que parecia ser dedos. Havia dedos procurando pelo arbusto selvagem e emaranhado que era meu cabelo. Não ousei me mover ou falar. Mas o menino estava puxando meu cabelo gentilmente!

Cirurgicamente, ele trabalhou nas pontas menores, mais apertadas e emaranhadas com o grande pente de plástico preto que mantinha permanentemente guardado no bolso de trás. Ele estava usando o mesmo pente com que passou em seu campo de fios de ouro perfeitos na *minha* cabeça desgrenhada! Ele puxou o pente do couro cabeludo até a ponta em pequenas seções. À medida que cada parte era liberada do peso de sua antiga armadilha retorcida, ela flutuava um pouco.

Ao longo da viagem, sem uma única palavra trocada entre nós, ele removeu todos os nós e confusão do meu cabelo. Quando chegamos à praia, meu cabelo não era mais um fardo. Foi liberado. Corri direto para a água -

ah, como eu amo o oceano, um presente de minha mãe - e enquanto corria pude sentir meu cabelo, flutuando e balançando ao vento pela primeira vez. Aleluia! Meu cabelo estava esvoaçando como nos comerciais!

Eu mergulhei na primeira onda que pude e montei de volta à costa. Quando me levantei e toquei meu cabelo, não era a mistura aleatória de texturas a que estava acostumada. Em vez disso, toquei em cachos ordenados, crespos e alongados! Pela primeira vez, meu cabelo estava bonito. *Eu* me senti bonita. Eu me senti suave e leve, como se a vergonha que eu carregava tivesse sido arrancada de mim e lavada.

Enquanto eu estava com água na altura da cintura, deleitando-me com a confiança recém-descoberta trazida por meus cachos liberados, uma parede repentina de oceano apareceu, desabando, batendo contra minhas costas. Meus pés foram varridos do chão arenoso e passaram por cima da minha cabeça. Meu corpo minúsculo foi sacudido como uma boneca de pano nas ondas fortes que repentinamente se levantaram. Eu não tinha nenhum senso de equilíbrio ou orientação, mas sabia que estava sendo puxado para baixo, caindo na água escura e agitada misturada com espuma branca espumosa e areia que batia contra meu corpo como luvas de boxe feitas de lixa. Mesmo se eu pudesse dizer qual era o caminho

para cima e como chegar lá, eu sabia que não era forte o suficiente para superar as fortes correntes, então relaxei meu corpo e fui com ele. Eu me rendi.

Pelo que acredito ser a graça de Deus, o oceano decidiu me devolver à terra. Fiquei imóvel na areia granulada e úmida, sem fôlego e salgada. Quando percebi que estava vivo, me levantei para procurar minha mãe. Eu a espiei com meu irmão deitados em um cobertor verde-oliva à distância, óculos escuros, tomando

sol despreocupadamente. Desatento. Soltei um gemido poderoso, que evoluiu para um choro histérico, finalmente chamando a atenção de minha mãe. Mais um encontro próximo com a morte.

Para acalmar meus nervos abalados de sete anos, alguém me levou até o calçadão, para a barraca de cachorro-quente. Eu estava um caco - mas meu cabelo não. Ainda estava em cachos ondulados. Eu tinha conseguido um cabelo de praia perfeito. Naquele dia, eu quase morri, mas meu cabelo foi *feito* .

### **MELHOR AMIGO DE UMA RAPARIGA**

Desde o momento em que a vi, senti admiração e identificação. Eu a idolatrava. Ela era como uma boneca viva, mas nem bebê nem Barbie; embora fosse uma mulher adulta, elegante e real, parecia pura e perfeita, como se fosse feita de porcelana laqueada delicada. Eu nunca tinha visto ninguém como ela - um ser tão radiante, glamoroso, vulnerável, mas poderoso. Ela era sobrenatural. Eu fiquei lá olhando, fascinado e congelado diante da tela brilhante onde ela morava.

Certa noite, eu estava andando sem rumo pelo corredor de uma das muitas casas em que morávamos. Ao passar pelo quartinho escuro de minha mãe, entrei casualmente. Não me lembro se a vi ou ouvi primeiro, mas sei algo me levou para aquela sala. O quarto estava iluminado apenas pelas cores desbotadas da velha TV em frente à cama, onde minha mãe estava deitada em silhueta, assistindo a um especial sobre a vida e a morte de Marilyn Monroe.

Empurrei suavemente a porta do quarto, entrando na cena icônica de *Gentlemen Prefer Blondes*, em que Marilyn canta "Diamonds Are a Girl's Best Friend". Ela era a pessoa mais linda que eu já tinha visto.

Sua energia era como a de uma fada, mas ela parecia uma deusa, envolta em um luxuoso vestido de seda rosa elétrico e luvas de ópera combinando, com diamantes de todos os tamanhos pingando de suas orelhas e enrolados em seu pescoço e pulsos. Os únicos pedaços de pele expostos eram o rosto, os ombros e os braços até o cotovelo, mas me lembro de sua carne parecendo tão rica e cremosa, brilhando como sorvete caseiro.

Seu cabelo estava apenas alguns tons mais claro, deslumbrante como ouro finamente fiado. Ela tinha uma forma voluptuosa, com quadris redondos e curvilíneos, uma cintura pequena e apertada, seios orgulhosos e cheios de propósito e braços que se estendem amplamente e se apertavam. Ela estava equilibrada, como uma dançarina, mas seus pés não pareciam se mover. Em vez disso, dezenas de pessoas dançaram ao *seu* redor : bajulando e abanando, ajoelhando-se e curvando-se para ela, transportando-a acima de suas cabeças como Cleópatra. Talvez ela fosse uma rainha, pensei. A rainha brilhante das estrelas de cinema.

Eu nunca tinha ouvido o nome Marilyn Monroe antes daquele momento. Mas fui rapidamente fisgado. Não é a tarifa típica da terceira série, talvez, mas minha infância foi tudo menos típica. Minha mãe apoiou amorosamente meu fascínio por Marilyn. Enquanto a maioria das garotas da minha idade adornava as paredes com fotos de Holly Hobbie - a boneca de pano da fronteira com sardas e tranças de fios louros em um chapéu com estampa de morango - eu tinha um pôster de Marilyn Monroe vestida como uma showgirl sensual, completa com um corpete de contas pretas , meia arrastão e bombas de couro envernizado preto. Eu olhei para Marilyn antes de dormir e a primeira coisa quando acordei.

Mais tarde, minha mãe comprou para mim *Marilyn: A Biography* , de Norman Mailer. Embora eu fosse muito jovem para o material, como a própria Marilyn, eu lia vorazmente. Eu me debrucei sobre as fotos grandes e brilhantes dela, estudando todos os seus diferentes estados de espírito e aparência. Ela era uma metamorfa - em algumas fotos ela era incrivelmente bonita e glamorosa, em outras

ela parecia destruída e prestes a desaparecer. Seu cabelo mudou de formato também: cachos alfinetes, rabos-de-cavalo, penteados arrebatadores, prumos com ondas profundas. Eu até detectei cachos rebeldes e pelos familiares sob a onda perfeita, quase loiro-branco de seu cabelo. Também havia algo em sua fisicalidade, algo sobre seu tipo de corpo, que não parecia tipicamente branco para mim. Ela não era apenas curvilínea, mas também possuía uma sensualidade muito particular, beirando a comovente.

Eu li muito sobre Marilyn, teorias da conspiração sobre sua morte e sobre sua educação. Quanto mais eu lia, mais me conectava com ela e entendia por que me sentia atraído por ela. Ela teve uma infância muito difícil, mudando de um lar adotivo para outro. Isso foi perto da minha história: ser desenraizado e desprotegido, me sentindo um estranho. Eu entendi intimamente sua luta contra a pobreza e a família. No final das contas, o que eu amava em Marilyn era sua capacidade de vir do nada - de não pertencer a ninguém - e evoluir para um grande ícone. Eu me agarrei a isso. Eu acreditei *nisso* .

Ouvi dizer que Marilyn pode até ter sido a inspiração de minha mãe para o meu nome. As primeiras quatro letras são iguais: MARI. No entanto, meu pai alegou que meu nome vem de Black Maria / Mariah, a infame van da polícia usada para transportar pessoas para a prisão no Reino Unido. A história *também* diz que recebi

o nome de um show de sucesso dos anos 1950, "They Call the Wind Maria", de *Paint Your Wagon* , um show da Broadway sobre a Corrida do Ouro na Califórnia. (Ambas as referências usam a pronúncia suave, com a segunda sílaba tendo um som de *centeio* .) Talvez seja uma combinação de todos os três: uma estrela dos anos 1950, uma música de show e um paddy wagon.

Seja qual for a origem, quando eu era mais jovem, não gostava do meu nome. Ninguém mais tinha, e quando você é criança isso não é legal. Sempre desejei ter um nome normal como Jennifer ou Heather. Não havia adesivos bonitos, chaveiros ou miniplacas de carro com meu nome neles. Mas a pior parte era que dificilmente alguém conseguia pronunciar. Sempre tive medo de ver um

professor substituto, sabendo que a lista de chamada seria uma calamidade para Maria / Maya. Eu não conheceria outra Mariah antes dos dezoito anos; ela era uma garota negra legal e nós nos solidarizamos com bom humor pelos erros de pronúncia de nossa infância. Não tinha como imaginar que apenas alguns anos depois, muitas pessoas estariam chamando seus filhos de Mariah, depois de mim.

De todas as supostas inspirações para meu nome, a conexão com Marilyn Monroe é a que mais ressoa em mim - autocríada e controlada, confiante e vulnerável, feminina e infantil, glamorosa e humilde, adorada e sozinha. Marilyn é uma fonte de inspiração para mim, e *Lawd*, eu precisava disso.

Quando eu estava na oitava série, havia um bando de garotas bonitas, a maioria irlandesas, de quem eu queria desesperadamente fazer amizade. Naquela época, naquela cidade, a maioria dessas meninas era considerada o auge da perfeição física: pele leitosa, cabelos sedosos e olhos azuis. Eles costumavam ter um cântico: "Olhos azuis regra!" Essas não eram garotas legais.

E eu me sentia totalmente inferior perto deles. Em comparação com eles (e na oitava série, a comparação é o *único* método de medição), minha pele estava enlameada, meu cabelo estava sem lei. Eles me chamavam de Urso Fozzie (dos Muppets) por causa do meu cabelo rebelde, e por mais que eu tentasse, eu nunca conseguia aplainá-lo para ficar parecido com o deles, e meus olhos eram distinta e inegavelmente não azuis. (Eu gostava dos meus olhos escuros, mas nunca me defendi durante seu canto estranho.) Claramente, eu me destaquei do grupo deles, mas eles me deixaram ficar com eles. Talvez porque eu fosse o palhaço da turma, sempre rápido para contar uma piada ou atacar alguém e fazer todo o grupo rir. Mesmo que eu estivesse lá apenas como entretenimento, estava feliz em dar um show.

A garota daquele grupo que era minha melhor amiga (e eu uso essa palavra com liberalidade) também era a mais bonita. Acho que agora eles a chamariam de "inimiga inimiga". Eu diria a ela que estava interessado em um menino na escola e, sabendo muito bem que nunca agi em nenhuma das minhas paixões, ela e seus grandes olhos azuis iriam atrás dele e quase sempre marcariam. Eu acredito que ela fez isso apenas para me empurrar para baixo, para me deixar saber que ela tinha todo o poder. Mas o que ela não sabia é que eu nunca persegui meninos porque queria evitar a humilhação inevitável, uma vez que descobriram que metade de mim era negra e tudo de mim era pobre. Ela também não sabia que eu não queria me envolver com algum garoto estúpido e atrapalhar meus sonhos ou, pior, engravidar como minha irmã. Ela nem me conhecia.

Nenhum deles fez.

Alguns dos pais das meninas conheciam minha mãe, no entanto. Eles tinham um mínimo de respeito por ela porque ela também era irlandesa e uma cantora de ópera profissional - e a ópera era *elegante*. O drama adulto funciona de maneira diferente do que entre os adolescentes, mas eles costumam se cruzar. Espalhou-se a notícia de que o pai irlandês da garota mais bonita estava abusando fisicamente de sua mãe. Minha mãe, que pode ser realmente justa quando quer, assumiu a responsabilidade de escrever uma carta para ele. Nessa carta, tenho quase certeza de que ela revelou que havia sido casada com um homem negro e que ele era o pai de seus filhos (claro, eu não saberia da carta até muito mais tarde).

Como eu disse, essas *não* eram garotas legais, mas acabei sendo convidada para ir com algumas delas, incluindo a mais bonita, a Southampton para uma festa do pijama. Um deles tinha uma tia rica, Bárbara, com uma casa chique perto da praia. Southampton *extravagante*? Uma festa do pijama com as garotas populares?

*Claro* que queria ir. Entramos em um de seus carros grandes e dirigimos por duas horas ao longo da adorável orla atlântica de Long Island até o pequeno vilarejo onde aconteceria o rico "verão". (O verão era uma estação para mim, não um verbo.)

A casa era grande, arejada e organizada. Tinha até uma sala toda branca e ninguém tinha permissão para entrar. Fiquei pasmo quando chegamos, tão ocupada comparando e ansiosa que não tinha percebido que as meninas se agruparam em um agrupamento perto de uma porta.

Eles me chamaram: "Vamos, Mariah. Vamos voltar aqui. "

Sem dúvida, eu o segui. Eles me levaram para o que eu pensei que seria uma sala de jogos ou uma toca (eu sabia que pessoas ricas tinham tocas). Era um cômodo menor nos fundos da casa, talvez um quarto de hóspedes. Um deles fechou a porta com um clique e, de repente, o clima ficou pesado, rápido. Achei que talvez eles tivessem sugado um pouco de álcool ou algo assim. Mas não havia emoção, nenhuma energia perversa e feminina. Em vez disso, todas as meninas estavam olhando para mim. De repente, no silêncio pesado, a irmã da garota mais bonita cuspiu seu segredo feio para que todos ouvissem:

"Você é um *negro* !"

Minha cabeça começou a girar quando percebi que ela estava se referindo a mim. Apontando para mim. Era *meu* segredo, *minha* vergonha. Eu estava congelada.

Os outros se juntaram rapidamente. "Você é um negro!" todos eles gritaram. Todos juntos, em uníssono, gritavam: "Você é um negro!" de novo e de novo. Eu pensava que isto nunca iria acabar.

O veneno e o ódio com que essas garotas vomitaram essa nova iteração de seu canto usual foi tão forte que literalmente me tirou do corpo. Eu não tinha ideia de como lidar com o que estava acontecendo. Foram todos eles contra mim. Eles haviam planejado isso. Eles me enganaram pensando que realmente gostavam de mim.

Eles me atraíram a horas de distância de casa. Eles me isolaram. Eles me prenderam. Então eles me traíram.

Eu explodi em lágrimas históricas. Eu estava desorientado e apavorado, e pensei que talvez, se eu segurasse e continuasse chorando, com certeza um adulto viria e pararia o ataque. Mas ninguém apareceu.

Eventualmente, eu ouvi outra voz choramingando entre a multidão.

"Por que você está fazendo isso?" a pequena e corajosa voz perguntou. Era o loiro mais velho.

A irmã feia da mais bonita retrucou: "Porque ela é negra".

Não me lembro de mais nada sobre aquele dia. Não me lembro da carona para casa. Não me lembro de ter contado para minha mãe quando voltei. Como você diz a sua mãe toda branca que seus "amigos" brancos simplesmente arrastaram você para sua grande casa toda branca em Southampton, passando por um quarto intocável todo branco, apenas para encurralá-lo e chamá-lo de o mais sujo coisa em seu mundo todo branco?

*Negro.*

Eu também estava com medo de que minha mãe pudesse fazer uma cena pública massiva e tornar a navegação na vida na escola ainda mais difícil para mim. Eu não tinha nenhuma linguagem ou habilidades de enfrentamento para nada disso. Certamente não foi a primeira vez que fui degradado por meus colegas de escola. Eu fui escolhida no ônibus escolar e cuspidada. Eu entrei em lutas físicas. Frequentemente, eu batia palmas de volta; minha língua era afiada e eu poderia ser um verdadeiro espertinho. Às vezes até comecei brigas. Mas para isso eu não tinha defesa. Eu não estava apenas em desvantagem numérica e isolado, mas amargamente traído. Esta não era a sua briga de garotas malvadas no pátio da escola. Foi um assalto premeditado violento e tortuoso por garotas que chamei de minhas amigas. Eu nunca falei disso. Enfiei dentro. Eu tinha que encontrar uma maneira de sobreviver àquelas meninas, àquela cidade, à minha família e à minha dor.

*Ela sorri através de mil lágrimas*

*E nutre medos adolescentes  
Ela sonha com tudo  
Que ela nunca pode ser  
Ela vagueia na insegurança  
E se esconde dentro de mim  
Não diga que ela leva tudo como certo  
Estou bem ciente de tudo que tenho  
Não pense que estou desencantado  
Por favor entenda  
Parece que sempre fui  
Alguém de fora olhando para dentro  
Bem, aqui estou para que todos eles sangrem  
Mas eles não podem tirar meu coração de mim  
E eles não podem me colocar de joelhos  
Eles nunca conhecerão meu verdadeiro eu  
- "Olhando para dentro"*

"Mariah só tem três camisas e ela as coloca em rotação!"

As palavras cruéis se chocaram com a agitação do tráfego entre as classes do meu corredor da sétima série como uma bomba fedorenta. Todo o bater de pés, barulho de armários, chilrear de conversa fiada e pequenas risadas se transformaram em um monstro risonho gigante feito de crianças, sentado no meio do corredor apontando para mim. Meu estômago desabou e meu rosto explodiu em chamas. Achei que fosse vomitar ali mesmo no chão de ladrilhos.

O ensino médio é um esporte de contato e eu era muito habilidoso com minha própria língua afiada. Muitas crianças sofrem com nomes

maldosos ou “engraçados” dados a elas por seus colegas por causa de sua aparência ou algum evento embaraçoso, mas ser provocado por ser pobre parecia um tipo diferente de crueldade.

Fiquei gravemente ferido, mas não deixei transparecer. Não fiquei doente na frente de todo mundo. Não dei a ninguém a satisfação de me ver enfraquecido. Não demonstrei nenhuma emoção e esperei pacientemente que o monstro derretesse, enquanto o tráfego tinha que ser retomado e as crianças tinham que ir para as aulas. Eu entendi que depois disso não haveria recuperação e nem tentativa de pertencer. Eu sobreviveria do lado de fora com três camisetas e nenhum amigo, na esperança de que inevitavelmente me mudaria novamente.

Em nossa comunidade de classe média, eu estava extremamente constrangido de viver com um guarda-roupa surrado em uma pequena casa em ruínas; no entanto, na época em que entrei no ensino médio, havia desenvolvido algumas novas habilidades de sobrevivência. Naquela idade, eu não tinha nenhum controle sobre onde morava, mas podia fazer algo sobre o que vestia. Uma das poucas vantagens de me mudar tantas vezes era que eu tinha uma nova safra de crianças com quem tentar me encaixar. Em uma rodada, consegui reunir algumas namoradas e convencê-las de que deveríamos ter um sistema de troca de moda, onde trocaríamos nossas peças mais modernas e as coordenaríamos de forma diferente. Isso deu a ilusão de que eu tinha um guarda-roupa mais amplo e atualizado do que poderia pagar.

A coisa mais legal que eu tinha era uma jaqueta superdimensionada de lã vermelha e couro preto com AVIREX

em letras grandes estampado nas costas. Era muito importante para mim ter um item de marca, então me certifiquei de ter uma peça de assinatura que fosse adaptável a uma variedade de looks. Eu fiz o meu melhor para parecer a típica adolescente bonita de subúrbio, para me encaixar com todas as outras garotas de Long Island.

Quando eu estava na décima série, eu estava "saindo" com o cara maior e mais assustador da cidade. Ele tinha um metro e noventa de altura e tinha bíceps mais grossos do que minhas duas coxas. Ele tinha vinte e poucos anos, tinha um carro e ninguém mexia com ele. E essa é a principal razão pela qual eu estava com ele. Ele era um protetor, um campo de força. O garoto anterior com quem eu tinha saído era volátil; nós até começamos uma altercação física na frente de um grupo de garotas que ficavam por perto e assistiam.

Depois que terminamos, ele começou a me perseguir e assediar - um verdadeiro encantador. O Sr. Seis Pé Cinco o pegou me atacando verbalmente e começou a levá-lo do chão e jogá-lo sobre cinco carros estacionados - uau! Ele realmente era muito legal além de sua força bruta. Mas o ensino médio pode ser traiçoeiro, especialmente para um estranho como eu, então ter o cara mais difícil da cidade como *meu* cara foi bom naquele momento.

Havia um grupo de garotas que estavam em uma vibração de Grateful Dead dos anos 60 que eu nunca entendi. Era o final dos anos 80 e as tendências das ruas eram tão novas que eu *realmente* não entendia o que eles estavam fazendo. Por que eles estavam voltando a um visual retro tão aleatório? Além disso, eles eram agressivos e duros, nada de hippies, Dead Heads ou amantes da paz. Sendo o espertinho que eu era, chamei-os de "Povo da Paz". Espalhou-se o boato de que eu estava zombando deles e eles ficaram putos. Começaram a circular rumores de que eu levaria um chute na bunda. Mas Mr. Six Foot Five era famoso; todo mundo tinha medo dele, então chegar até mim não era tão simples.

Certa manhã, depois de completar minha rotina de ir à Bagel Station para comprar um bagel com bacon, queijo e café, eu estava caminhando no caminho para "o pátio" para terminar meu café e fumar um Newport antes da aula. O pátio era um grande quadrado de tijolos fora do refeitório da escola, onde as crianças costumavam sair, fumar e fazer postura. Várias centenas de metros antes de eu alcançá-lo, de repente um semicírculo de cerca de uma dúzia de

garotas brancas se fechou ao meu redor, e todas estavam animadas para lutar.

Eles estavam gritando ao mesmo tempo, e a garota mais difícil de todas saiu do bando e avançou em minha direção. Fiquei assustado, mas tentei não mostrar o quanto estava assustado. O bagel no meu estômago tinha se transformado em combustível de foguete e estava explodindo na minha barriga, e minha cabeça girava tentando inventar algo para dizer para desarmar ou atrapalhar a situação, porque certamente *eu* não iria lutar.

Posso ter um exterior duro e uma boca esperta, mas nunca quis realmente lutar contra ninguém. Usei minha inteligência para sobreviver (além disso, era o corredor mais rápido da escola, exceto por um menino). A multidão tinha chegado perto o suficiente para que o calor de sua mentalidade de turba chamuscasse os cabelos dos meus braços. Eu precisava dizer algo, então abri minha boca e comecei a gritar - não tenho ideia do quê. O que nunca esquecerei é ver sua bravata instantaneamente murchar em mansidão enquanto eles lentamente recuaram e rapidamente se dispersaram. Por um rápido instante, pensei que realmente os tivesse repreendido, mas então senti uma energia poderosa atrás de mim. Eu me virei e parecendo uma versão adolescente voadora de um protesto dos Panteras Negras, havia uma grande parede bonita de todos os estilos, tamanhos e tons de todas as garotas negras que conheci na escola. "Oh, nós protegemos você", disse um deles, e foi isso.

Não houve nenhum debate sobre "quão negra" eu era, ou se eu "parecia branca" - aquelas garotas duronas apenas me deixaram saber que, quando chegasse o momento, elas iriam me segurar.

Anos mais tarde, após o lançamento de "Vision of Love", estive em todo o rádio e na TV. Minha mãe ainda morava em Long Island e perguntei se poderíamos passar na casa onde moravam a garota mais bonita e suas irmãs. Parei o carro, desci e apenas olhei para a estrutura modesta, um símbolo do que eu tinha sobrevivido.

Minha mãe, enrolada em um casaco de pele que eu dei a ela, saiu também. O pai da família (aquele que batia na mãe) veio até a porta e, em seu sotaque denso e sibilante de Long Island, gritou: "Ah, olhe, Pat se foi para Hollywood!" O resto da família saiu de casa em fila. O mais bonito ficou pasmo. Ela não podia acreditar que tinha acontecido.

A cadela mulata vira-lata que morava no barraco miserável da rua havia se tornado uma estrela.

O irmão gritou: "Você é um perdedor!"

Aquela família, aquela casa, aquela cidade, aquela hora, aquele dia - de repente tudo parecia nada para mim.

Não era nada em lugar nenhum, e *eu* tinha conseguido sair.

Quando me virei para entrar no carro, ouvi a loira chorando atrás de mim: "Mariah, estou tão feliz por você; Eu estou tão feliz por você!" E ela se tornou a irmã mais bonita de todas.

*Sim eu estou machucado*

*Cresceu confuso*

*Estado destituído*

*Eu vi a vida de muitos lados*

*Estigmatizado*

*Estive em preto e branco*

*Me senti inferior por dentro*

*Até minha graça salvadora brilhar em mim*

*Até que minha graça salvadora me liberte*

*Me dando paz*

- "Minha graça salvadora"

[PARTE II](#)

[CANTA. CANTA.](#)

## UM PRELÚDIO PARA CANTAR

*Aproximando-se do limite*

*Alheio eu quase*

*Caiu logo*

*Uma parte de mim*

*Nunca serei capaz*

*Para se sentir estável*

*-"Fechar meus olhos"*

Mesmo agora é difícil explicar, colocar em palavras como eu existia em meu relacionamento com Tommy Mottola. Não é que não haja palavras, é apenas que elas ainda ficam presas subindo de minhas entranhas ou desaparecem na espessura da minha ansiedade. A energia de Tommy era intensa, mais do que autoritária; para mim, era uma atmosfera inteira. Mesmo antes que ele entrasse na sala, eu podia sentir a mudança no ar e minha respiração ficar curta. Ele rolou sobre mim como uma névoa. Sua presença parecia densa e opressiva.

Ele era como a umidade - inevitável.

Nunca, quando estava com ele, senti que podia respirar fácil e plenamente como eu. Seu poder era generalizado e com ele veio uma inquietação indescritível. No início de nosso tempo juntos, eu estava pisando em ovos. Então se tornou uma cama de pregos e, em seguida, um campo minado. Eu nunca soube quando ou o que o faria explodir, e a ansiedade era implacável. Nos oito anos em que estivemos juntos, não me lembro de dez minutos com ele em que senti que poderia estar confortável - quando poderia simplesmente *estar*. Senti que seu aperto estava constantemente me sufocando de minha essência. Eu estava desaparecendo em parcelas.

Parecia que ele estava cortando minha circulação, mantendo-me longe dos amigos e da pouca "família" que eu tinha. Não conseguia falar com ninguém que não estivesse sob o controle de Tommy. Eu

não podia sair ou fazer nada com ninguém. Eu não conseguia me mover livremente em minha própria casa.

Muitas noites eu ficava deitado de lado em nossa cama enorme, sob a qual deixava minha bolsa cheia de coisas essenciais, para o caso de ter que fugir rapidamente - minha bolsa "para viagem". Tive que esperar ele adormecer. Mantendo meus olhos fixos nele, eu gradualmente avançava lentamente até a beira da cama, rolava cirurgicamente meus quadris e colocava minhas pernas no chão. Nunca quebrando meu olhar, eu ia na ponta dos pés para trás em direção à porta, que parecia um quarteirão inteiro de distância. Com muito cuidado, eu saí pela porta. Foi uma grande vitória quando consegui sair da sala! Eu desceria suavemente a grande escadaria de madeira escura como um ladrão roubando um pouco de paz de espírito, em seguida, faria meu caminho para algum lugar na mansão. Muitas vezes, eu só queria ir para a cozinha fazer um lanche ou sentar à mesa e escrever algumas letras. Mas toda vez, exatamente quando eu começava a me acomodar na calma da escuridão silenciosa e começava a recuperar o fôlego - Beep! Bip! O interfone tocava.

Eu pularia e as palavras "O que você está fazendo?" iria estalar pelo alto-falante, e eu ofegaria e mais uma vez perderia meu próprio ar. Cada movimento que fiz, onde quer que fosse, era monitorado - minuto a minuto, dia após dia, ano após ano.

Era como se eu estivesse sendo esmagado para fora de mim mesmo. Tudo o que ele sentia que não criava ou controlava estava sendo estrangulado. Eu criei a garota divertida e livre em meus vídeos para que eu pudesse assistir a uma versão de mim mesma estar viva, viver indiretamente através dela - a garota que fingi ser, a garota que eu queria que fosse eu. Eu veria meus vídeos como prova de que existia.

Eu estava vivendo meu sonho, mas não podia sair de casa. Solitário e preso, fui mantido cativo nesse relacionamento. Cativo e controle vêm em muitas formas, mas o objetivo é sempre o mesmo -

quebrar a vontade do cativo, matar qualquer noção de valor próprio e apagar a memória da pessoa de sua própria alma.

Ainda não tenho certeza do preço que isso causou em mim, quanto de mim foi permanentemente destruído ou preso - talvez, entre outras coisas, minha capacidade de confiar totalmente nas pessoas ou de descansar totalmente. Mas, felizmente, fui me escondendo aos poucos, através das letras das minhas canções.

*Eu deixei o pior não dito*

*Deixe tudo se dissipar*

*E eu tentei esquecer*

*Quando fechei meus olhos*

Eu cantei algumas coisas que não pude dizer. Embora eu tente, não consigo esquecer. Às vezes, sem aviso, sou assombrado por um pesadelo ou flashes de sufocamento. Às vezes ainda sinto o peso. Às vezes não tenho ar.

## **SOZINHO NO AMOR**

Quando eu estava na sétima série, tive minha primeira sessão de gravação profissional. Fiz backing vocals em algumas músicas originais, incluindo um cover da clássica balada R&B "Feel the Fire", originalmente escrita e gravada por Peabo Bryson. A sessão aconteceu em um pequeno estúdio caseiro, mas era um trabalho de verdade, e eu recebi dinheiro de verdade. Foi também quando comecei a descobrir como criar nuances e texturas em arranjos vocais e como usar minha voz para construir camadas, como um pintor. Foi

quando meu romance com o estúdio começou. Este foi um momento importante que iniciou minha jornada, meu desejo de ter sucesso.

Um show de sessão levou ao próximo. Eu era um peixinho grande em uma poça. O cenário musical de Long Island era bem pequeno, e o boca a boca era o método de se anunciar. Na época eu tinha quatorze ou quinze anos, eu estava escrevendo canções e gravando

vocais e jingles de fundo para empresas locais. Eu estava fazendo backing vocals regularmente para esses caras jovens do *Wayne's World*. Eles gostavam de riffs de guitarra altos e selvagens, enquanto eu ouvia (ou melhor, estava *obcecado por*) rádios urbanas contemporâneas, que eram principalmente R&B, hip-hop e dance music. Eu vivi para o rádio. Embora nossos gostos fossem claramente muito diferentes, gostei do trabalho mesmo assim. Eu estava fazendo demos para músicas e comerciais, e aprendendo como adaptar minha voz para a tarefa, fosse ela qual fosse.

O estúdio era meu habitat natural. Como estar no oceano, quando estive lá, me senti leve e todas as minhas preocupações externas desapareceram. Eu me concentrei apenas na música e, mesmo não gostando das músicas, respeitei o trabalho que deu para fazê-las. Um dia, enquanto estávamos trabalhando em uma de suas misturas de música, eu disse a eles que também era compositor. Achei que se pudéssemos trabalhar nas coisas cafonas deles, por que não poderíamos trabalhar nas minhas?

Tecnicamente, eu escrevo desde antes de ser adolescente. Escrevi poemas e esboços de canções em meu diário. De vez em quando, eu ficava sozinho em casa, ou minha mãe estava dormindo, e eu tinha um momento de leveza na pequena e escura sala de estar, sentado no banquinho de madeira do piano no surpreendentemente bem cuidado restaurante marrom de minha mãe piano Yamaha vertical. Eu colocaria meu diário na prateleira de música, os pés balançando. Eu cantarolaria um pouco uma melodia, procuraria as teclas que estivessem mais próximas da minha voz. Então, muito baixinho - quase sussurrando - eu cantava algumas palavras com a melodia.

Eu confiei na música que ouvia na minha cabeça. Achei que fosse parecido com as canções populares que ouvia no rádio. Minhas canções não imitavam o estilo ou som do que ouvi; em vez disso, eu sempre procurava o *direito* de som, o que me senti como *me*. E eu acreditava que meu som se encaixaria, ou até mesmo ultrapassaria, o que estava no rádio. Eu realmente acreditei nisso. Eu sabia que o

que estava ouvindo era avançado para a minha idade, mas felizmente estava trabalhando com dois caras que eram muito colaborativos e abertos para trabalhar com uma artista tão jovem e feminina. Então foi lá na casa da mãe deles, em um estúdio triste e desajeitado, que escrevi e produzi uma de minhas demos favoritas, "To Begin"

(ainda amo, mas infelizmente está entre uma das muitas fitas perdidas de pequena Mariah). Eu estava confiante de que tinha uma música sólida.

Eles perguntaram: "Por que estamos ouvindo essa criança?" Honestamente, eu simplesmente não acho que eles entenderam a cultura, os gêneros e os tons com os quais eu estava trabalhando. Eles realmente eram caras esquisitos do tipo hippie de uma banda de garagem. Na verdade, eu *era* uma criança, mas também sabia onde estava o pulso da cultura - e que eles não estavam nem perto disso. A disciplina de trabalhar com eles foi boa para mim. Mas quando eu tinha quinze anos, já os tinha superado.

Um dos meus primeiros shows regulares foi com esses dois caras que faziam demos. Eles gostaram do meu som porque eu tinha aquela qualidade de menina que era popular na época, principalmente por causa do sucesso de Madonna. Mas *na verdade* eu era uma jovem garota, e meus vocais podiam entrar nessa faixa aguda naturalmente. Eu poderia emular a popular técnica de estúdio da Madonna, mas apenas com minha voz.

Eu fiz o teste cantando uma das canções que eles escreveram, e eles me contrataram na hora. Então, os caras esboçados começaram a me pagar para cantar demos. Este foi o início oficial de minha carreira profissional -

e de uma sucessão interminável de personagens esboçados que veio com ela. Eu havia entrado no território traiçoeiro da "indústria da música". Embora minha jornada estivesse apenas começando, eu logo seria iniciada na dinâmica complicada que as artistas mulheres

têm de suportar. Como agora sei, a maioria não consegue sobreviver.

Houve vibrações estranhas desde o início, porque eu realmente não podia dizer se esses caras eram pervertidos ou não, mas eu acreditava que nada louco iria acontecer porque os dois tinham esposas que estavam por perto o tempo todo. Ingenuamente, pensei que essas mulheres poderiam assumir papéis de irmã mais velha comigo. Eles eram todos adultos desenvolvidos e eu ainda era quase uma criança, mas infelizmente, minha idade e talento causavam atrito. Embora eu fosse uma adolescente magricela (quer dizer, meu corpo era praticamente uma linha reta naquela idade), uma das esposas foi ameaçada por mim. Ela estava sempre por perto, andando em shorts curtos, me dando energia maligna. Eu não entendi o que estava

acontecendo. Eu era muito jovem para entender e também estava lá para trabalhar. Talvez meus próprios shorts curtos fossem inadequados com esses homens mais velhos. Eu não sabia. Eu era apenas uma criança sentindo o primeiro cheiro de independência e, além disso, alguns pares de shorts e tops baratos eram tudo o que eu tinha. Eu estava em uma batalha de shorts curtos e nem sabia disso.

Continuei gravando demos de músicas para os caras, ganhando um pouco de dinheiro. Mas, novamente, assim como com os caras da banda de garagem, estávamos colocando *suas* músicas de lado, embora eu acreditasse que minhas músicas eram mais fortes. E novamente, perguntei se eles estavam abertos para eu escrever algumas canções. Inicialmente, eles recusaram. Foi totalmente frustrante: aqui estava eu cantando músicas estranhas e cafonas de *novo*. Essas pessoas nem *ouviam* rádio? Eu me perguntei. Eles não sabiam o que era popular? Estudei a música no rádio de perto, analisando constantemente o que estava em alta rotação.

Eu sabia que as músicas que eles estavam escrevendo não eram boas. Apesar de não gostar do material, cantei porque era o meu trabalho e eu precisava muito do dinheiro. Mas agora que

experimentei fazer demos, sabia que precisava criar minhas próprias músicas e rapidamente.

Mais tarde, consegui fazer um acordo com um dos donos de um estúdio: eu faria demos para ele se ele me deixasse trabalhar por conta própria. Eu trouxe uma das músicas que comecei no piano da minha mãe na cabana, chamada "Alone in Love". Sentei-me em uma sala sozinho e comecei a fazer minhas primeiras demos. Meu *próprio*

*Me varreu*

*Mas agora estou perdido no escuro*

*Atear fogo em mim*

*Mas agora fico com uma faísca*

*Sozinho, você foi além da névoa e*

*Estou perdido dentro do labirinto*

*Eu acho que estou sozinho no amor*

*-"Sozinho no amor"*

Eu descobri a configuração. Eu experimentei as músicas. Eu fiz faixas de dança, direto para baixo, todos os sons diferentes. Aprendi a produzir sob pressão. Eu estava no estúdio, fazendo isso. "Alone in Love" foi uma das primeiras faixas da minha demo. Uma versão da música acabou fazendo parte do meu primeiro álbum e continua sendo uma das minhas favoritas.

*Você me assombra em meus sonhos*

*Estou chamando seu nome*

*Eu vejo você desaparecer*

*Seu amor não é o mesmo*

*Eu descobri o seu estilo*

*Para se separar rapidamente*

*Voce me segurou por um tempo*

*Planejou desde o início*

*Sozinho no amor*

Eu estava na décima primeira série.

Lembro-me claramente de uma noite - sangrando pela manhã. O rosa do amanhecer estava vazando pelas bordas do céu noturno roxo profundo, e eu não sabia onde diabos estava, de *novo*. Em algum lugar na Taconic Parkway, ou talvez na Cross Bronx Expressway? Agarrando o volante de plástico rígido do velho e raquítico Cutlass Supreme da minha mãe, tentei manter o foco na estrada e não me estressar com o ponteiro do medidor de combustível que continuava girando em E.

Cada dia era uma luta, eu tentando encontrar o caminho de casa depois do trabalho apenas para dormir algumas horas antes de ir para a escola. Eu recentemente me formei no cenário musical de Long Island. Meu irmão (que também estava tentando fazer um nome para si mesmo na indústria da música, como empresário ou produtor - não tenho certeza do quê) me apresentou a uma nova safra de músicos de sessão e engenheiros de estúdio na *cidade* - Nova York Cidade. Comecei a me deslocar para a cidade para fazer aulas à noite e então dava meia-volta e ia para a Ilha para ir para a escola na manhã seguinte. Então começou minha primeira vida dupla (mais ou menos).

Muito poucos dos meus colegas na escola sabiam o que eu estava fazendo. Eles não sabiam que eu estava dirigindo sozinho em rodovias, me perdendo à meia-noite, desabando na cama e me arrastando para a escola.

Eles não sabiam porque eu estava atrasado todos os dias. Não falei sobre isso porque sabia que pareceria loucura - e a maioria das pessoas não tinha a capacidade de realmente *acreditar* tanto quanto eu. Além disso, as crianças que eu conhecia não *precisavam*

acreditar. Eles estavam ganhando carros novos, Camaros e Mustangs, para seu aniversário de dezesseis anos. Eles tiveram seus caminhos traçados e foram bem financiados para as gerações vindouras. A maioria tinha certeza de que iria para a faculdade. Eles tinham uma vida garantida já planejada para eles.

Lembro-me de uma vez que um dos atletas mais populares da escola me perguntou o que eu estava fazendo depois da formatura. Normalmente não contava meus sonhos a nenhuma das crianças ao redor, mas, nesse caso, contei. Eu disse a ele que seria cantora e compositora. Sua resposta foi: "Sim, certo; você estará trabalhando na HoJo em cinco anos." (HoJo's era a abreviação de Howard Johnson's, a rede de hotéis e restaurantes que ainda era muito popular na época.) A degradação era totalmente intencional.

Acontece que, em menos de três anos, com um vestido preto simples, a cabeça cheia de cachos e a barriga cheia de, sim, borboletas, caminhei por um estádio lotado em meio ao zumbido ensurdecido de dezenas de milhares de vozes. Uma voz alta e clara interrompeu a cacofonia: "Senhoras e senhores, por favor, dêem as boas-vindas à cantora da Columbia Mariah Carey por cantar 'America the Beautiful'". A faixa de piano foi gravada por Richard T. Eu segurei o pequeno microfone e cantei-a grande música com tudo que eu tinha.

Alcansei uma nota muito alta em "mar a *mar* brilhante" e o estádio explodiu.

Quando terminei, o locutor disse: "O palácio agora tem uma rainha e os arrepios continuarão". Era o primeiro jogo das finais da NBA, entre Detroit e Portland. Eu sabia que o atleta que me condenou ao HoJo's (nenhuma sombra para ninguém no serviço, porque eu estive lá), e todos que me desprezaram, e milhões de americanos estavam assistindo. Nenhum dos jogadores, nenhum dos fãs sabia quem eu era quando entrei, mas eles se lembrariam de mim quando eu saísse. Uma vitória.

Outro grande momento inovador de alta visibilidade: "Vision of Love" foi o número um nas paradas de R&B

antes de chegar ao topo das paradas pop, então minha estreia na televisão nacional foi no *The Arsenio Hall Show*. Arsênio era mais do que um anfitrião; ele tinha mais do que um show noturno; foi um *evento* cultural

, uma verdadeira experiência negra - ou melhor, foi um show de entretenimento popular visto pelas lentes negras. Todos assistiram e falaram sobre isso em *todos os lugares*. Sempre serei grato e orgulhoso por ter sido no palco do Arsênio que a maior parte da América conseguiu ver meu rosto, saber meu nome e ouvir minha música pela primeira vez.

Na minha adolescência, viver em um constante estado de exaustão e alegria tornou-se meu novo normal.

Mas com cada quilômetro percorrido e cada amanhecer se encontrando, eu estava cada vez mais determinado. Minha ambição cresceu até o nível de devoção. E as bênçãos conquistadas com dificuldade estavam começando a cair. Meu irmão conseguiu me conectar com um produtor e escritor respeitável chamado Gavin Christopher. Gavin escreveu grandes sucessos para Rufus (a banda para a qual Chaka Khan atuou como principal) e produziu canções para Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa. Clicamos instantaneamente e começamos a trabalhar juntos para produzir uma de minhas primeiras demos profissionais. Também conheci a namorada dele, Clarissa, outra cantora, e nos dávamos bem. Eu gostava dos dois e podia sentir os sinais de uma nova vida na cidade aparecendo diante de mim.

Fazer conexões valiosas na cidade de Nova York certamente foi crucial para minha carreira, mas sair da casa de minha mãe não era mais apenas um desejo, era uma necessidade. Quando eu era mais jovem, não tinha controle sobre nossos movimentos constantes e as escolhas consistentemente ruins de minha mãe quanto aos homens. No meu último ano do ensino médio, ela começou a namorar um

cara que eu desprezava. Ele era mesquinho e manipulador. Em Ação de Graças todos nós saímos para jantar, e ele realmente insistiu que eu e meu sobrinho Shawn (que estava no ensino médio), o primeiro filho de Alison, *pagamento* para os nossos porções de jantar. Ele dividiu o recibo igualmente entre as pessoas presentes e exigiu que pagássemos nossa parte. Então, depois que eu dei a ele os poucos dólares lamentáveis e amarrotados que eu tinha nos bolsos, que era quase todo o dinheiro que eu tinha, Shawn e eu saímos e fomos ao cinema ver *De Volta para o Futuro II*. Não, graças a ele.

Quando minha mãe decidiu se casar com ele, eu sabia que era minha deixa para me mudar. Acho que ela pensou que ficara rica se casando com esse cara porque ele tinha um barco na West Seventy-Ninth Street Boat Basin. Mas era onde ele morava antes de bater no barraco e, acredite, seu barco era mais um rebocador do que um iate.

Por fim, ela acabou com aquele casamento abominável. O divórcio demorou vários anos e muitos honorários de advogado, que obviamente paguei depois do sucesso do meu primeiro disco. Então o idiota acabou me processando pelos direitos de uma boneca Mariah Carey fictícia (se eu tivesse um dólar para cada caloteiro que me processasse, eu estaria ... bem, tem sido muito). Mas eu era o oposto de rico quando me mudei da casa da minha mãe. Eu estava falido e tinha dezessete anos. Era o final dos anos 1980 e eu morava completamente sozinho na cidade de Nova York.

O destino é uma coisa bizarra. Quando eu tinha cerca de sete anos, morávamos naquele apartamento apertado no topo da delicatessen, e eu adorava ouvir os sons do rádio subindo pelas nossas janelas. Lembro-me de balançar, posar e cantar com Odyssey: "*Oh, oh, oh, você é um nova-iorquino nativo / Você deveria saber o placar agora.*" Eu não sabia o que era "conhecer o placar", mas queria aquela sensação fabulosa de Nova York desde então. Demorou mais dez anos, mas finalmente cheguei.

Para mim, a cidade tinha uma textura crua e uma elegância impossível. Estava em movimento perpétuo: massas de pessoas andando rápido, ninguém parecendo o mesmo, mas todos se movendo em sincronia. A cidade era uma loucura de motos mensageiro zunindo e incontáveis longos táxis amarelos ziguezagueando pelas ruas como um enxame de abelhas ásperas. Algo estava acontecendo em todos os lugares que você olhava - enormes outdoors, sinais de néon piscando, grafites selvagens estampados em todos os tipos de superfícies, cobrindo vagões de metrô, torres de água e vans. Era como uma grande galeria de arte em movimento. As avenidas principais eram grandes e apinhadas passarelas cheias de modelos ecléticos, magnatas dos negócios, traficantes de rua e trabalhadores de todos os tipos, todos se pavoneando e sem nenhum estudando uns aos outros. Todos tinham um lugar para ir e algo para fazer. Era um planeta louco e fabuloso de concreto e cristais povoado de desajustados, mágicos, sonhadores e traficantes - eu caí bem no meio dele. Olá, baby, fui feito para isso.

### **FAÇA ACONTECER**

Depois de me mudar da casa da minha mãe, eu dormi no apartamento vazio de Morgan em cima do Charlie Mom Chinese Cuisine em Greenwich Village, enquanto ele estava na Itália buscando uma carreira de modelo (e Deus sabe o que mais). Alimentei seus dois gatos, Ninja e Thompkins, e tentei o meu melhor para me alimentar. A primeira decisão de cada dia era se eu compraria um bagel na H&H ou uma ficha de metrô.

Eu estava sobrevivendo com um dólar por dia, e algo tinha que ceder - era o café da manhã ou o transporte.

Os bagels H&H eram sublimes: macios, quentes e rechonchudos até a perfeição, um clássico da manhã de Nova York que mantinha meu estômago ocupado até as três horas (H&H significava Helmer e Hector, os dois proprietários porto-riquenhos, que provavelmente faziam o melhor kosher bagels do mundo). Mas, novamente, se locomover é muito importante, e o metrô de Nova York era a rota

mais turbulenta, mas mais direta para qualquer lugar da cidade. O token era um pouco maior do que uma moeda, um disco de ouro sujo com "NYC" estampado no meio e um recorte distinto em Y fino. Essa era a moeda do povo e poderia levar você a qualquer lugar, a qualquer momento. Mas se eu pudesse andar até onde precisava ir, o café da manhã venceria.

Eu encontrei um emprego imediatamente. Eu não tive escolha. Então eu fiz o que todos os outros sonhadores falidos fazem quando chegam à cidade de Nova York. Peguei o jornal gratuito de verdadeiros nova-iorquinos, o *Village Voice*, e verifiquei os anúncios de emprego. Peguei o que pude - e o que consegui foi trabalhar em um bar de esportes na Seventy-Seventh com a Broadway, habilmente chamado Sports on Broadway.

Comecei como garçoneiro, mas como a gerência logo descobriu, eu ainda era adolescente e não podia servir bebidas legalmente, então fui transferida para a caixa registradora. Rapaz, isso foi um desastre. Eu trabalhava muito, mas passava a maior parte do meu tempo trabalhando em um estúdio de gravação, e trabalhar como registrador não é como gravar vocais de fundo. Eu não estava pegando rápido. E este era um bar de bairro com frequentadores regulares e garçonetes racionais, como "Kiss My Grits" Flo em *Alice*, mas Nova York difícil. Aquelas garotas me odiavam por bagunçar o dinheiro delas!

Eventualmente, fui transferido para a verificação de casacos. Simples. Mas enquanto eu estava correndo, eu também estava sendo empurrada: eu não tinha permissão para manter minhas gorjetas, o que é praticamente todo o fascínio de ser uma garota de casacos. Eu ganho um dólar por cada casaco. Eu sabia que não era justo, mas também sabia que era temporário. Quando chegou o verão, o guarda-roupas foi convertido em uma

barraca de mercadorias e eu me tornei a garota das camisetas "Sports on Broadway". O estande ficava bem na porta da frente, então a primeira coisa que os homens viram foi eu com um sorriso de boas-vindas, em uma camiseta branca com a palavra "Esportes"

estampada nos meus seios. Fiquei grato pela simplicidade de tudo: o uniforme era a camiseta e a calça jeans do bar, e como eu só tinha uma calça jeans, era uma coisa a menos para eu lutar para comprar.

*Não mais do que três curtos anos atrás*

*Eu estava abandonado e sozinho*

*Sem um centavo no meu nome*

*Tão jovem e com tanto medo*

*Sem sapatos adequados nos meus pés*

*Às vezes eu nem conseguia comer*

*Muitas vezes eu chorei até dormir*

*Mas eu ainda tinha que continuar*

- "Faça acontecer"

Eu também tinha apenas um par de sapatos, e eles eram um tamanho e meio pequenos demais. Tinham sido da minha mãe - lamentáveis botins de couro preto com cordões até o tornozelo. Eles eram básicos e utilitários, e eu os fiz funcionar. Em algum momento, a parte superior do sapato se separou da sola de borracha, criando uma aba que golpearia o implacável pavimento da cidade enquanto eu batia forte em direção ao meu destino. O inchaço dos meus pés por ficar em pé o dia todo com sapatos muito pequenos certamente contribuiu para a morte deles. Os dias de neve eram os piores; o gelo escorregava para dentro da aba, derretia e vazava pelas minhas meias finas, e a sensação pegajosa de couro úmido e barato subia pela minha espinha. E naquele ano Nova York teve uma grande tempestade de neve interessante! Mas eu me recompus, o mais fofo que pude, e abriria um sorriso, fazendo meu trabalho agradavelmente e apenas esperando que ninguém olhasse para os meus pés. Tive anos de treinamento para viver a humilhação, mas agora não estava na escola; Eu estava morando na cidade. Eu acreditava em meu coração que um dia eu conseguiria e teria alguns

dos sapatos mais extravagantes e bem ajustados que se possa imaginar.

Eu tinha minha grande fé, mas também fui abençoado com muitos sinais e atos de bondade de pessoas ao longo do caminho. Como Charles, o cozinheiro da Sports, que me fritava um cheeseburger gorduroso e o esgueirava para mim com um copo de Sambuca. Não era glamoroso, mas eu tinha uma refeição, uma roupa e alguns dólares. Cada dia que eu sobrevivía, eu sabia que estava mais perto do meu sonho. Eu caía de joelhos todas as noites e agradecia a Deus por mais um dia em que não desistisse ou fosse derrubado.

*Eu sei que a vida pode ser tão difícil*

*E você sente vontade de desistir*

*Mas você deve ser forte*

*Baby apenas espere*

*Você nunca encontrará as respostas se jogar sua vida fora*

*Eu costumava me sentir como você*

*Ainda assim, eu tinha que continuar.*

- "Faça acontecer"

O trabalho no sports bar era um meio, mas o estúdio era o fim. Tudo entrou na minha demonstração. Um dia, enquanto comia no restaurante chinês, no térreo, saboreando com gratidão os petiscos baratos da única refeição do dia, notei um rosto familiar. Era Clarissa, a agora ex-namorada do amigo produtor do meu irmão, Gavin Christopher. Nos abraçamos como velhos amigos. Eu disse a ela que havia me mudado oficialmente para a cidade. Quando eu dei a ela um resumo de meus arranjos caóticos de vida, como um anjo, ela me convidou para ir morar com ela.

Embora ela tenha se identificado como uma "artista lutadora", felizmente para mim, Clarissa não estava lutando tanto assim. Ela morava com um casal gay em um enorme prédio clássico do Upper

West Side, na Eighty-Fifth Street, entre o Central Park West e a Columbus Avenue. Suspeitei que ela fosse uma daquelas crianças que tinha um fundo fiduciário esperando por ela assim que superasse sua fase de artista faminta.

Minha música era minha vida. A música era o único plano de sempre.

Embora fosse certamente uma atualização do meu antigo crash pad lotado, morar com Clarissa ainda tinha seus desafios. Ela tinha um quarto (com uma porta inteira, que fechava) onde havia uma cama tipo loft com

equipamento de gravação embaixo dela. Seu quarto ficava ao lado da sala de visitas maior. Minha situação era uma estrutura irregular semelhante a um loft construída acima da cozinha na área comum que dividíamos com o casal. Para chegar ao meu esconderijo, tive que subir no balcão da cozinha e me içar até o recanto minúsculo. Era pouco mais do que um espaço pequeno e tinha espaço apenas para um colchão duplo, equipado com um único travesseiro e um cobertor (um presente de aquecimento da "casa" de minha mãe). O espaço era tão raso e o teto tão próximo que eu não conseguia me ajoelhar totalmente na cama sem bater com a cabeça (então ali, orei de costas). Foi "decorado" com os únicos vestígios de minha vida em Long Island: meus diários e diários, meu pôster de Marilyn Monroe e um punhado de livros sobre Marilyn. Eu ainda a admirava.

Conectar-se com Clarissa foi uma grande bênção. Ela me ajudou a encontrar trabalho e me sustentou quando eu não consegui ganhar minha parte dos quinhentos dólares de aluguel por mês - uma *fortuna* para mim na época. De vez em quando, ela me levava para comer fora. Nós até escrevemos algumas músicas em seu mini estúdio. Ela tinha algumas conexões na cena musical de seu tempo com Gavin e às vezes me apresentava a outros músicos que também moravam no Upper West Side. Nessas ocasiões especiais, ela até me emprestava um vestidinho preto para usar (não muito diferente do

que estou usando na capa do meu primeiro álbum). Eu certamente não tinha nada próprio que fosse apropriado para se misturar.

Como tudo naquela época, nada durou muito. Eventualmente, a adição de alguns colegas de quarto malucos fez com que Clarissa e eu fugíssemos para salvar nossas vidas (eu realmente não consigo entrar em detalhes sobre *isso* ) e tivemos que seguir em frente e sair. Juntamo-nos à minha amiga Josefin (que conheci quando ela mantinha um relacionamento aberto com meu irmão). Ela estava morando com algumas outras garotas da Suécia. Então eram cinco garotas aleatórias morando em um apartamento qualquer no topo de um clube chamado Rascals, na East Fourteenth Street. Eu fui rebaixado para um colchão no chão, mas agora estava morando no "centro da cidade", no coração da cena artística de Nova York do final dos anos 1980. Foi emocionante, embora precário, e meus olhos estavam sempre voltados para cima. Consegui ganhar um pouco de estabilidade e muito mais fé. Eu sabia mais do que nunca que isso iria acontecer comigo.

*Uma vez eu estava perdido*

*Mas agora fui encontrado*

*Eu coloquei meus pés em terra firme*

*Obrigado senhor*

*Se você acredita dentro de sua alma*

*Apenas segure firme*

*E não deixe ir*

*Você consegue! Faça acontecer*

*-"Faça acontecer"*

Depois de alguns meses, as outras garotas da Suécia se mudaram, e éramos Josefin e eu. Ela me ajudou a conseguir empregos ocasionais, mas eu também estava começando a conseguir mais trabalhos vocais de fundo. Para este trabalho, eu escolhi meu conjunto de jovem cantor: um vestidinho preto de malha, meia-calça

preta e meias grossas e desleixadas sobre um par de tênis Reebok Freestyle branco (os sapatos pretos de segunda mão da minha mãe finalmente foram reduzido a pedaços). Anteriormente, Clarissa havia me incentivado a pedir a minha mãe que comprasse sapatos novos. Minha mãe então perguntou a Morgan, que, ela me relatou, disse: "Ela tem que aprender a fazer as coisas sozinha". Eu *era* um adolescente morando sozinho na cidade, mas tanto faz. Eventualmente, com relutância, Morgan comprou-me um par de Reeboks brancos (por que não pretos, eu me perguntei, que combina com tudo - mas eu estava grato por ter sapatos que serviam e não tinham ar-condicionado involuntário). Usei essa roupa em quase todas as sessões; era como meu uniforme.

Gavin e eu estávamos trabalhando em uma música juntos. Enquanto estávamos gravando, ele me apresentou a um produtor da cidade, Ben Margulies, que foi contratado como baterista na sessão de nossa música chamada "Just Can't Hold It Back". Ben tinha seu próprio estúdio, e eu comecei a trabalhar com ele ocasionalmente durante meus dias de estudante-cantor em Long Island. Seu estúdio ficava em Chelsea, na rua 19, entre a sexta e a sétima avenidas. Localizada nos fundos da fábrica de armários de seu pai, era do tamanho de uma despensa. Poderia ter sido um galinheiro para mim - e honestamente não estava longe disso.

O que importava era que era quase um estúdio de gravação completo, o lugar onde eu pertencia. Para mim, o estúdio é parte santuário, parte playground e parte laboratório. Eu adorei estar lá, escrevendo, riffs, cantando,

sonhando e correndo riscos. Eu dormi muitas noites em muitos andares de estúdio, começando com este lugar humilde, mas mágico.

Ben e eu trabalhamos incessantemente ao longo de mais ou menos um ano. Ocasionalmente, seu parceiro Chris estava lá, ajudando com a programação. Eu estava tendo muitas ideias e estávamos gravando, mas ainda sentia que os caras não estavam indo rápido o suficiente. Eu estava alcançando um novo passo. Eu estava criando

todas essas letras e melodias e estava frustrado porque parecia que deveria estar indo mais rápido. Talvez porque eu tinha apenas dezessete anos e era extremamente impaciente, mas me sentia investido de forma diferente, como se estivesse em uma trajetória diferente da deles. A música foi toda a minha vida - muito do meu sistema de crenças, minha *sobrevivência*, estava entrelaçado em minhas canções.

Havia uma urgência em meu ar, no momento e em *mim*. Esta era a *minha* hora e eu podia sentir isso. Eu senti como se estivesse correndo rápido em direção a algo ou alguém em breve, e não estava prestes a deixar ninguém ou nada me atrasar.

Ben e eu estávamos empolgados com as músicas em que estávamos trabalhando, mas no final das contas nossas sensibilidades e ambições eram incompatíveis. Acho que ele pensou que formaríamos uma dupla, como o Eurythmics, com ele como co-líder, Dave Stewart para minha Annie Lennox. Eu estava tipo, "Hum, boa sorte com isso; podemos apenas nos concentrar em colocar *minhas* músicas, por favor? "

Fomos capazes de criar uma demo completa que eu achei que realmente mostrasse minhas composições e estilos vocais. Minha memória mais vívida de estar naquele estúdio é de eu sentado sozinho no chão, no canto, escrevendo letras e melodias, ou olhando pela janela sonhando com o dia em que apareceria. Olha, Ben estava muito comprometido e eu passei muito tempo trabalhando com ele, e fizemos muito. Mas eu tinha uma visão, mesmo naquela época, que minha carreira tinha a capacidade de ir muito além do que ele ou a maioria das pessoas ao meu redor eram capazes de imaginar.

Ben sugeriu que tivéssemos alguma "segurança", por meio de um acordo formal, então ele fotocopiou um contrato do livro *Tudo o que você precisa saber sobre o mundo da música* (co-escrito por Don Passman, que, ironicamente, vários anos depois tornei-me meu advogado). Sem pai, advogado, gerente ou mesmo um bom amigo, eu assinei. Eu tinha *talvez* dezoito anos. Obviamente, eu não sabia

muito sobre contratos e ofertas de então, mas o que eu *fiz* sabia era que não havia valor em minhas letras e as músicas. (Eu me lembrei de ter visto um documentário sobre os Beatles quando eu estava crescendo e de ficar chocado por eles não terem a propriedade completa das músicas, eles escreveram - os *Beatles* !) Então eu sabia que não devia abrir mão de todas as minhas publicações. Algumas letras de músicas como "Alone in Love" eu comecei a escrever no início do ensino médio.

Começamos a marcar reuniões com gravadoras e as coisas começaram a andar rápido. Recebemos uma oferta inicial de uma grande editora para uma canção chamada "All in Your Mind" para ser colocada em um filme. Lembro que me ofereceram cinco mil dólares pela publicação.

*Aproxima-te*

*Você parece tão longe*

*Há algo que eu sei que você precisa dizer*

*Eu sinto suas emoções*

*Quando eu olho em seus olhos*

*O teu silêncio*

*Sussurrando mal-entendidos*

*Há tanta coisa que você precisa perceber*

*Você vai sentir minhas emoções*

*Se você olhar nos meus olhos*

*Ei querida*

*Eu sei que você acha que meu amor está escapando*

*Mas, baby, está tudo em sua mente*

- "Tudo em sua mente"

Recusei, embora naquela época cinco mil dólares parecessem um milhão (que foi o quanto ganhei pelo meu primeiro negócio *real de*

administração editorial). Graças a Deus eu tinha um conto dos Beatles de advertência fresco em minha mente. Não vendi porque acreditava que minhas músicas vinham de algum lugar especial dentro de mim, e que vendê-las seria vender um pedaço de *mim* .

O negócio da música é projetado para confundir e controlar o artista. Mais tarde, executivos musicais experientes me disseram que o negócio de Ben era realmente um bilhete de ouro. Eu estava tentando ser leal

a alguém que acreditou em mim em um momento crucial, mas na minha ingenuidade, não percebi a enormidade do que havia assinado. Fui informado, e o que me lembro, é que ele conseguiu 50 por cento da publicação de todas as canções em que trabalhamos juntos no meu primeiro álbum. Ok, tudo *bem* . Além disso, ele recebeu 50 por cento dos royalties do meu *artista* pelo primeiro álbum, 40 por cento pelo segundo álbum, 30 por cento pelo terceiro e assim por diante. Foi assim de 1990 até cerca de 1999. Mesmo que Ben não tenha escrito uma palavra ou nota comigo depois do primeiro álbum. Por lealdade a ele e pelo trabalho árduo que colocamos juntos naquele pequeno estúdio, nunca olhei para trás e tentei reconfigurar ou recuperar.

Então, sim, uma fotocópia: essa é a origem sem cerimônia do meu primeiro "acordo oficial". Que boas-vindas ao mundo da música! O que eu estava tão ansioso para ler, mas logo passei a acreditar que minha primeira assinatura estava em um pedaço de papel bastante sombrio - e um que seria difícil de tirar. Mas certamente não seria o último. Uma floresta inteira cheia de sombra ainda estava por vir.

É preciso escolher as batalhas com sabedoria, e eu não estava prestes a vir por alguém que já havia deixado para trás. Eu estava no meu caminho. Serei eternamente grato e desejo o melhor a ele.

Pelo menos fizemos a demonstração.

Essa demo ficou no meu Walkman, que ficou no meu quadril, e a música ficou nos meus ouvidos. Além do rádio, as músicas que colocamos foram tudo que ouvi. E as ofertas das principais editoras

me deram a confiança de que coisas iriam acontecer. Eu só tinha que manter a fé e continuar trabalhando. Eu não parei.

Continuei indo a mais sessões, fazendo mais conexões e conseguindo mais trabalho vocal de fundo. Comecei a fazer vocais para o músico e produtor TM Stevens, que escreveu com Narada Michael Walden e tocou baixo com James Brown, Cyndi Lauper, Joe Cocker e outros artistas importantes. Foi por meio dele que tive a sorte de conhecer a incrível Cindy Mizelle em uma sessão.

Desde aquele primeiro show de background aos 12 anos, eu ganhei respeito pela habilidade e talento específicos necessários para ser um bom vocalista de background. Gostaria de ouvir especificamente o fundo do rádio. Eu estudaria o encarte dos álbuns e capas de CD para saber quem estava fazendo os vocais de fundo (especialmente em discos de dança, pois acredito que os fundos são o que compõem essas canções).

Eu me familiarizei com todas aquelas cantoras excepcionais, como Audrey Wheeler e Lisa Fischer ... e *Cindy*. Para mim, ela era uma das melhores. Cindy Mizelle foi *a* cantora de fundo. Ela cantou com os vocalistas mais talentosos de todos os tempos - Barbra Streisand, Whitney Houston, Luther Vandross e os Rolling Stones. Ela era uma cantora de verdade. Cindy era *aquela* garota para mim. Eu a admirava muito.

Lembro que no início da sessão estávamos no microfone, fazendo uma parte que eu estava com dificuldade de acertar. Cindy é tão perfeccionista (como eu sou agora), mas ela tinha paciência comigo. Quando você aprende a fazer vocais de fundo - tons e estilos diferentes - não é fácil. Os produtores gostaram do meu tom, mas eu tive que aprender como realmente colocar no bolso, para obtê-lo exatamente como eles queriam. A precisão requer prática. Cindy tinha um novo show praticamente todos os dias; ela era uma mestra. Quando comecei a cantar ao lado dela, tive que trabalhar muito para acompanhar. Agora, os vocais de fundo são um dos meus elementos favoritos na construção de uma música. Eu amo as

texturas e camadas e como elas podem fazer uma música; fundos entram em seus ossos.

Uma vez, enquanto Cindy e eu estávamos gravando e parados muito próximos um do outro ao microfone, ela podia ouvir meu estômago roncar. Ela olhou para baixo e viu os sapatos tristes que eu estava usando, examinou minha roupa amarrotada e olhou para mim com pena e reconhecimento. Eu estava empolgado demais para ficar constrangido - naquele ponto da vida, minha ambição era mais forte do que minha vergonha. Quem se importava se eu chegasse um pouco faminto e um pouco maltrapilho? Eu finalmente estava cantando para viver, ao lado de um profissional consumado.

Cindy me deu seu número naquela noite e me disse que se eu precisasse de alguma coisa, poderia ligar para ela. Eu não sabia o que fazer com isso. Ela cantou com grandes atos em todo o mundo - que negócio eu tinha de chamá-la? O que eu diria? Eu não liguei, e da próxima vez que a vi, ela me questionou sobre isso. Não foi fácil para mim pedir ajuda. Eu não queria incomodá-la ou sobrecarregá-la, expliquei. Cindy me olhou nos olhos e disse: "Mariah, você *precisa* me ligar".

De repente, me ocorreu. *Oh, entendi.* Eu *deveria* ligar para ela. Eu não tinha entendido imediatamente que isso fazia parte do processo: a iniciação, a orientação, a criação, a entrada em uma sociedade de irmãs cantoras. Esses rituais eram todos novos para mim. E eu não estava familiarizado com o fato de ser bem-vindo em uma família de artistas - em uma família de qualquer tipo.

Depois que eu entrei no círculo íntimo dos vocalistas de fundo de elite, as recomendações começaram a vir.

Vocalistas de fundo são contratados boca a boca - um cantor recomendará outro, e bons cantores gostam de trabalhar juntos. Se o elenco for forte, a sessão será forte, e se as sessões forem fortes, o dinheiro é bom e estável. Eu estava agora na comunidade restrita e talentosa de músicos trabalhadores na cidade de Nova York. Embora eu fosse invariavelmente o mais jovem na multidão, também

costumava sair com alguns deles fora do horário de trabalho, principalmente no Upper West Side de Manhattan. Eu não gostava de beber ou de ficar namorando; o jeito, para mim, era sobre networking - ênfase no *trabalho* . Valeu a pena.

Recebi uma oferta para fazer uma sessão de demonstração para um grupo chamado Maggie's Dream. Quando cheguei ao show, disseram que cantaria para um vocalista. Entrou este jovem artístico sexy, sereno, cor de amêndoa torrada - ele parecia a *definição* de um artista. Seu cabelo espesso e escuro estava apenas começando as fases de dreads. Ele tinha uma sombra perfeita de cinco horas, com uma faixa espessa de cavanhaque no centro do queixo. Ele estava vestido de estrela do rock casual: jaqueta de motociclista vintage de couro preto pesado, jeans preto, camiseta preta. Ele tinha uma argola fina no nariz e cheirava como eu imaginava que os óleos do antigo Egito cheirariam. Seu rosto era gentil e fino, com um sorriso de menino.

Ele atendia pelo nome de Romeo Blue. Seus amigos o chamavam de Lenny. E cerca de um ano depois, o mundo o conheceria como Lenny Kravitz.

Maggie's Dream tinha um baterista chamado Tony, que também era baterista da banda de uma cantora chamada Brenda K. Starr. Brenda lançou um grande hit pop de R&B chamado "I Still Believe", que a gravadora estava tentando reformular. Houve uma vaga para cantores secundários, e Tony me deu uma vaga no teste. Fiquei animado porque Brenda tinha uma grande música no *rádio* - e você sabe o quanto eu amava o rádio. No teste, fomos convidados a cantar a música de Brenda bem na frente da mesa onde ela estava sentada. Eu dei tudo de mim.

Eu cantei pela minha vida. Fiz todos os tipos de corridas e berrou a última nota. Quando terminei, fiquei perfeitamente imóvel, voltando para a Terra com o coração em chamas. Brenda me lançou um olhar longo e plano e, de repente, deu uma risadinha travessa. Com seu sotaque nasal curto, ela disse: "Você está tentando roubar meu emprego?" Eu não me mexi. Mas sua risada se transformou em uma

gargalhada calorosa. Eu não sabia que você não deveria ultrapassar o cantor que poderia te contratar!

“Mariah é minha nova melhor amiga”, disse ela, quebrando meu transe. Esperar. Ela sabia meu nome! Eu não conseguia acreditar que alguém que tinha uma música importante no rádio agora sabia *meu* nome.

Imediatamente após a audição, Brenda teve que voar para algum lugar para se apresentar, mas assim que ela voltou, eu fui contratado. Ela ficava dizendo: "Eu contei a todos sobre essa menina Mariah!"

Brenda era uma mistura apimentada, no verdadeiro sentido da palavra. Ela cresceu nos projetos da Ninetieth and Amsterdam Avenue, e a cultura dos projetos cresceu nela. Ela me disse que sua mãe era porto-riquenha e havaiana e seu pai, Harvey Kaplan, era judeu e fazia parte de uma banda chamada Spiral Starecase. Eles tinham um hit: “More Today Than Yesterday”. Brenda era um pouco mais velha e mais experiente nas ruas do que eu e tinha um senso de humor bobo e fácil. Foi fácil tornar-se amigo.

Minha vida como cantora profissional estava passando rapidamente, mas, ao mesmo tempo, eu ainda era uma adolescente. Uma vez eu estava saindo com os caras do Sonho de Maggie e um deles começou a me provocar porque eu era virgem. (Aparentemente, Clarissa disse a eles que sim.) Todos estavam rindo, mas não entendi por que era engraçado. Eu era uma criança. Eu sempre fui o mais jovem e claramente o mais idealista, então tive que sofrer com algumas das diversões mais grosseiras dos músicos adultos.

Posso ter sido jovem e ingênuo, mas Brenda sabia que minhas canções eram boas e sábias além da idade delas. Quando a deixei ouvir minha demo, ela disse: “Oooh, Mariah, quero fazer isso no meu próximo álbum.” Ela atualmente tinha uma música que ainda estava em rotação ativa no rádio, e toda vez que estávamos juntos e eu ouvia tocar, era alucinante. Eu não conseguia acreditar que

estava trabalhando com ela e ela era minha amiga, sem falar que ela tinha me dado o meu maior trabalho até agora.

Mesmo assim, eu disse: "Eu sei que não tenho nada grande acontecendo ainda, mas sinto muito, tenho que manter essas músicas. Essas músicas são as que escrevi para mim. "

Posso ter ficado inseguro sobre meu dinheiro, minhas roupas, minha família e uma série de outras coisas, mas sabia que minhas músicas eram valiosas. Eu estava muito animado por finalmente estar na companhia de jovens e alguns músicos e artistas atuais, mas a verdade é que eu sempre acreditei que isso iria acontecer comigo. Brenda nunca mais me pressionou a usar minhas músicas depois disso.

Cantar com Brenda durante a turnê com sua grande canção foi muito divertido. Certa vez, fomos a Los Angeles para participar de um show de uma popular estação de rádio. Foi a primeira vez que estive em LA e

uma das poucas vezes em que pus os pés em um avião. Agora, eu estava embarcando em um avião como cantora profissional, indo fazer um grande show ao ar livre patrocinado por uma rádio em LA! Para mim, estar no rádio *era* ser famoso. Para o show, Brenda foi escolhida para cantar "I Still Believe", comigo como uma das vocalistas de fundo. Will Smith estava lá também, para apresentar "Parents Just Don't Understand".

Jeffrey Osborne (do grupo LTD) também estava lá; ele fez "You Should Be Mine (The Woo Woo Song)"

como parte de seu set. Eu estava na platéia, assistindo. Jeffrey, o veterano entre nós, começou a cantar o refrão de sua música com sua voz temperada e suave: "E você woo-woo-woo", ele começou. A multidão se juntou a ele. Depois de algumas rodadas, ele ofereceu seu microfone para a plateia.

"Passe para ela! Passe para ela! " Brenda gorjeou, sacudindo o dedo para mim como o rabo de um cachorrinho feliz.

Eu peguei o microfone e dei a esse "woo-woo" um remix especial de Mariah, com todos os tipos de floreios vocais, e no final eu levei o último "woo" para o meu registro agudo, e toda a multidão explodiu em selvagem aplausos. Esse foi o dia em que Will Smith e eu nos tornamos amigos.

Will e eu éramos muito jovens e parecíamos isso. Acima de minha franja estourada de assinatura, juntei a parte superior do meu cabelo rebelde e enrugado em um elástico amarelo, o cabelo se espalhando como uma fonte peluda, e deixei a água e a natureza fazerem suas próprias coisas com a metade de trás do meu 'Faz. Eu estava usando um vestidinho regata rosa chiclete que peguei emprestado de Josefin. Will era alto e magro, vestido como se esperasse que um jogo de basquete pudesse estourar a qualquer momento. Ele era incrivelmente amigável e engraçado, assim como seu amigo carismático, Charlie Mack. Imediatamente eu percebi que ele não era apenas super talentoso, mas também brilhante e focado no laser. Eu adorei "Os pais simplesmente não entendem" e fiquei muito impressionada com o que ele realizou.

Will e eu às vezes saíamos no Rascals, embaixo do apartamento que eu dividia com Josefin. Ele era um amigo descomplicado. Nós dois éramos absolutamente ambiciosos e ainda mantínhamos uma admiração infantil e uma curiosidade sobre o mundo. Nosso relacionamento sempre foi platônico e nunca ficou estranho.

Depois de me ouvir cantar, Will acreditou no meu talento. Ele me levou com ele para a Def Jam Recordings, o novo selo de hip-hop mais quente da época, onde ele assinou. Enquanto caminhávamos pela rua em nosso caminho para Def Jam, vimos um homem branco alto e magro se aproximando de nós. Ele se destacou porque estava meio que dançando e batendo forte, com fones de ouvido que tocavam música tão alta que dava para ouvir: "São necessários dois para fazer uma coisa dar certo!"

Mais tarde descobri que era Lyor Cohen, que dirigia Run-DMC e LL Cool J e contratou Eric B. & Rakim e DJ Jazzy Jeff & the Fresh Prince. Foi uma cena curiosa para mim: um homem adulto

musculoso, vestido de maneira bem descolada, cantando em voz alta: "Eu quero detonar agora!" Eu estava pensando: *como ele conhece essa música?*

Os escritórios da Def Jam tinham uma vibração muito "baixa". Este era o rótulo de muitos artistas masculinos de hip-hop, então obviamente havia um milhão de garotas entrando e saindo. A maioria das pessoas provavelmente presumiu que eu era uma groupie andando de braço dado com o Fresh Prince. Will nunca tinha ouvido minha demonstração; ele apenas me ouviu cantar no show, mas isso foi o suficiente para ele, eu acho. No andar de cima, nos encontramos com um executivo júnior que queria que eu cantasse. Mais uma vez, posso ter parecido um pouco maltrapilho e jovem, mas fui perspicaz o suficiente para entender: não ia cantar para aquele cara qualquer. Fiquei grato pela confiança de Will, mas estava de olho em uma grande gravadora com um legado de artistas mais alinhados com minhas ambições de cantor e compositor - algum lugar enorme, como Warner ou Columbia Records. É onde eu sabia que pertencia e era onde acreditava que estaria.

Minha fé e foco eram fortes, mas também havia evidências do meu trabalho árduo, como um possível acordo mudando para a Atlantic Records. Durante esse tempo, as grandes gravadoras estavam colhendo os benefícios de suas estrelas adolescentes - as Tiffanys e Debbie Gibsons do mundo. Conforme a história continua, Doug Morris, o chefe da Atlantic, respondeu à minha demo dizendo: "Já temos nossa filha adolescente", referindo-se a Gibson.

Claramente, ele realmente não entendeu. Por *falar* nisso, a maioria das gravadoras realmente não *me* entendeu. Eles realmente não sabiam onde eu me encaixava. Eles não entenderam meu som; a demo tinha canções que não se encaixavam perfeitamente em um gênero existente. Embora muito jovem, eu definitivamente não era pop adolescente. Havia um pouco de soul, R&B e gospel infundidos em minha

música, e eu tinha uma sensibilidade hip-hop. Minha demo era mais diversa do que a indústria musical da época.

Então, é claro, sempre havia o elefante birracial louro na sala. Os executivos da Motown supostamente reagiram à minha demonstração dizendo: "Oh, não, não queremos lidar com a situação de Teena Marie novamente" - o que significa que eles não queriam forçar o público em geral a se perguntar se eu era negro ou branco ou o quê. Eles não sabiam como me comercializar. A maioria dos executivos de discos simplesmente não sabia como funcionariam meu disco. Eles não tinham certeza de que poderia "cruzar".

Mas, para constar, Teena Marie nunca se importou em fazer a travessia. E eu também não queria atravessar.

Eu queria transcender.

### **CHERCHEZ LA FEMME**

Uma noite, Brenda anunciou: "Vou levá-lo a esta festa, e você vai conhecer um grande executivo de gravadora, Jerry Greenberg, e vai ser ótimo".

*Claro, por que não?* Eu pensei. Eu estava sentindo confiança profissional suficiente para deixá-la me arrastar para uma festa da indústria. Eu estava fazendo sessões e tinha um negócio se formando na Warners para que uma de minhas canções fosse usada em um filme. Eu não estava muito interessado em que essa festa fosse a festa. Embora ela tivesse um coração generoso, Brenda também podia ser muito boba, então às vezes eu levava muito do que ela dizia com um grão de sal.

Íamos nos vestir na casa dela em Jersey, já que ela tinha todas as roupas, maquiagem e acessórios por estar em turnê e ter algum dinheiro. Ela deveria me buscar no meu apartamento. Eu esperei no meu vestíbulo apertado, caído no chão de ladrilhos, por mais de uma hora (veja bem, não havia mensagens de texto naquela época). Finalmente, ela apareceu, acelerada, cheia de energia e pronta para a festa. Sua excitação era contagiante.

Começamos nosso ritual de saída em seu grande banheiro. Brenda tinha toda a musse, spray de cabelo, pentes e rolos que você poderia imaginar. Com sua mistura de herança porto-riquenha e

judaica, eu certamente poderia trabalhar com o que ela tinha. Tentei criar uma espiral longa e uniforme em volta da minha cabeça, torcendo mechas de cabelo em torno da haste de uma varinha ondulante. Eu terminei com um estrondo direto. Peguei emprestado dela um vestidinho preto (o que mais!). Eu havia trazido minhas próprias meias pretas opacas, mas não cabia em seus sapatos; eles eram muito pequenos. Então eu coloquei meus tênis Vans pretos em camadas com meias desleixadas com nervuras. Eu completei o conjunto com minha peça única - aquela jaqueta Avirex do colégio.

Eu realmente tentei com meu visual, e estava tudo bem. Brenda me disse que a festa era para comemorar uma nova gravadora, mas como, a essa altura, eu me interessava pelas grandes gravadoras com os marmanjos e grandes artistas, não tinha grandes expectativas sobre quem estaria presente. A nova gravadora foi a colaboração de três caras conhecidos da indústria que se uniram para formar sua própria gravadora, a WTG Records. "WTG" significa Walter, Tommy e Gerald. Parecia um negócio de pneus para mim; Eu realmente não sabia quem era ainda. Mas Brenda conhecia Jerry (Gerald Greenberg), que ela me disse ser um figurão na indústria (em 1974, aos 32 anos, ele se tornou o presidente mais jovem da Atlantic Records).

Quando ela explicou isso, a festa começou a ficar um pouco mais interessante.

Agora entendi por que Brenda queria que eu trouxesse minha demo comigo (não que eu nunca tenha ido a *lugar nenhum* sem ela) - ela me trouxe lá para encontrar um cara da Atlantic Records. Quando chegamos à festa, eu estava cercado por "pessoas da indústria", embora ainda não tivesse ideia do que isso significava.

Enquanto eu caminhava, observei a cena. Alguns treinadores estavam perambulando com uma artista feminina, como um cavalo de exibição. Ela era muito loira, muito bonita, muito branca, e muito arrumada e penteada, com uma enxurrada de pessoal da gravadora formando uma nuvem apertada e zumbidora ao seu redor. Havia fotos grandes dela ampliadas por toda a sala. Achei que devíamos

fazer ooh e ahh na presença dela. Mas eu não estava interessado nela. Eu estava pensando: *quem é ela, por que eu deveria estar animado?* Para mim, ela era apenas alguém que eles estavam carregando. Francamente, não fiquei impressionado com toda a cena.

Brenda e eu nos sentamos a uma mesa. Estávamos tentando nos divertir na sala cheia de ternos, mas tudo que eu conseguia pensar era que poderia estar no estúdio trabalhando em músicas ou algo assim. Foi onde eu sempre quis estar. Levantamos para ir ao banheiro, abrindo caminho no meio da multidão para chegar à escada que levava aos banheiros.

Enquanto subíamos as escadas, eu o vi.

Ele não era ninguém que eu normalmente teria notado: não particularmente alto ou baixo, não estiloso ou brega. Tenho certeza de que ele estava de terno. Ele teria sido totalmente esquecível se não fosse por seus olhos. Nossos olhos se encontraram, e uma energia instantaneamente correu entre nós, como um leve choque elétrico. Ele tinha um olhar penetrante.

Ele olhou *para* mim, não para mim. Fiquei um pouco abalado - não de um jeito ruim, mas também não de um jeito amoroso à primeira vista. Continuei subindo as escadas, desta vez em um ritmo mais lento, enquanto me ajustava ao que acabara de acontecer. Quando fechei a porta do banheiro, a sensação estranha ainda pulsava por mim. O que tinha acontecido? Eu não sabia quem ele era, mas o reconheci de alguma forma. Eu sabia que não era da TV ou algo parecido. Não era seu rosto; era outra coisa. Reconheci sua energia e acho que ele reconheceu a minha.

Brenda estava toda animada. "Você viu como Tommy Mottola *olhou* para você? *Eu fiz!*" ela disse, com os olhos arregalados.

"Quem é Tommy Mottola?" Eu perguntei.

"*Garota.* Ela me olhou com curiosidade, uma sensação de seriedade sobre ela. "Quem é Tommy Mottola?!"

Ela começou a cantar um refrão familiar: " *Tommy Mottola vive na estrada ... Você não sabe quem é; você não conhece essa música? "* Eu balancei minha cabeça. Ela cantou um pouco mais: " *Oh, oh, oh, oh, oh cherchez, cherchez -"*

Isso me atingiu. "Oh! Sim, eu conheço essa música! " Eu entrei em: " *Oh, oh, oh, oh, oh, cherchez, cherchez*

." Era "Cherchez la Femme / Se Si Bon," da Original Savannah Band do Dr. Buzzard.

Disse a ela que gostava dessa música quando era pequena.

Brenda disse: " *Esse é o Tommy dessa música. Ele é um dos maiores músicos de todos os tempos . "* Brenda e eu fomos até o local onde todos estavam.

Eu estava me perguntando, se ele era tão importante, o que ele queria de mim? A festa foi recheada de garotas mais bonitas, com maquiagem profissional e calçados bem melhores. Tommy disse a Brenda: "Quem é seu amigo?" - as três palavras mais intensas que eu já ouvi.

Brenda dirigiu sua resposta a Jerry. "Ela tem dezoito anos; o nome dela é *Mariah* . Você tem que ouvir isso!

" Assim que ela foi entregar a Jerry minha fita demo, a mão de Tommy rapidamente a cortou no meio da extensão. Ele pegou a fita, levantou-se, saiu da mesa e saiu da festa. Era bizarro e desconcertante. Eu estava tipo, *que tipo de merda é essa?*

Essa foi uma demonstração importante. Tinha algumas das minhas melhores canções - "All in Your Mind",

"Someday" e "Alone in Love". Esse tal de Tommy tinha acabado de pegar todo aquele trabalho (e dinheiro!)? Eu não estava sentado ali pensando, *Eba, acabei de dar minha demo para um grande executivo de gravadora.* Eu estava mais focado no fato de ter lançado mais uma cópia da minha demo. *Eu sei que esse tal de Tommy nunca vai ouvir isso ,* pensei.

A história popular diz que Tommy saiu da festa para entrar em sua limusine, onde poderia ouvir imediatamente a demonstração. Eu não sabia qual foi o motivo pelo qual ele deixou a festa tão abruptamente.

Mas depois que ele fez, eu estava pronto para sair também. Então eu fiz.

Por fim, Tommy voltou à minha procura, aparentemente sem acreditar no que acabara de ouvir vir daquela mesma garota na escada, o garoto de aparência inocente em Vans e meias desleixadas. Todas aquelas garotas bem vestidas de salto alto estavam trabalhando muito para chamar a atenção de W, T ou G - e T voltou à *minha* procura .

Tommy já era o presidente da Sony Music, então pegar meu número de telefone não era nada. Ele me ligou e deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica.

Josefin e eu transformamos em arte performática de brincar e fazer vozes bobas na secretária eletrônica. Eu voltava do estúdio às cinco da manhã e fazíamos essas mensagens malucas. No que Tommy ouviu, eu estava imitando seu sotaque sueco: "Se este é o super, precisamos de ajuda aqui! Temos moscas na cauda de nossos gatos. Não há água quente "- seguida por uma risada histérica. Era engraçado para nós, mas também era verdade. As condições em nosso apartamento eram bastante desagradáveis. Tínhamos papel mosca pegajoso pendurado no teto e nas paredes, que nossos gatos tocariam. Também não tínhamos água quente; foi uma bagunça. Mas éramos garotas jovens e tontas e brincávamos com nossas circunstâncias.

A primeira vez que Tommy ligou, ele desligou. Mas ele não desistiu. Ele ligou de volta e desta vez deixou uma mensagem curta e séria: "Tommy Mottola. CBS. Sony Records. " Ele deixou um número. "Me ligue de volta."

Eu não pude acreditar. Liguei imediatamente para Brenda, que confirmou que, de fato, o escritório de Tommy havia ligado para seu

gerente e ele queria me contratar. Esta foi a primeira de uma série estranha e fantástica de histórias de Cinderela na minha vida. Mas eu não fiquei surpreso, e acredite e acredite em mim, Tommy Mottola não era um Príncipe Encantado.

### **PRINCESA. PRISIONEIRO.**

*Uma vez, eu era um prisioneiro*

*Perdido dentro de mim*

*Com o mundo ao meu redor*

- "Eu estou livre"

Era uma vez, eu morava em uma casa muito grande chamada Storybook Manor. E nele estavam grandes diamantes e grandes armários cheios dos vestidos mais espetaculares e chinelos enfeitados com joias. Mas também dentro de suas paredes havia um vazio inevitável, maior do que tudo o mais lá dentro, que quase me engoliu por inteiro. Este não era o lugar para a Cinderela.

Se houvesse um conto de fadas que pudesse descrever minha vida, seria "Os Três Porquinhos". Minha infância foi uma série de casas frágeis e instáveis, uma após a outra, onde inevitavelmente o Lobo Mau, meu irmão problemático, bufava e soprava e derrubava tudo. Nunca me senti seguro. Eu nunca *estive* seguro. Sua raiva era imprevisível; Nunca soube quando viria, quem ou o que iria devorar. O que eu sabia era que estava realmente sozinho, lá fora, nas florestas selvagens do mundo. Eu sabia que, se algum dia fosse encontrar um lugar seguro, teria de fazê-lo sozinho.

Lembro-me da primeira vez que senti que estava em algo como um lugar seguro. Eu estava morando sozinho na cidade de Nova York, em um apartamento estúdio de um cômodo no décimo andar com uma vista espetacular. O edifício chamava-se Chelsea Court. Adorei o nome daquele edifício: tinha um tom tão majestoso. Eu podia ver o Empire State Building da janela do meu apartamento. *Meu* pequeno apartamento -

o primeiro que era todo meu.

Eu tinha acabado de receber meu primeiro avanço de artista. Eram cinco mil dólares, um número que nunca esquecerei. Cinco mil dólares era mais dinheiro do que eu já tinha visto de uma vez, muito menos tive que chamar de meu e gastar como eu desejasse. Assim que recebi esse adiantamento, ganhei meu próprio apartamento. Eu poderia finalmente pagar meu próprio aluguel! Chega de viver em cantos e recantos, de dormir no chão ou dividir banheiros apertados com quatro ou cinco outras garotas.

A primeira coisa que fiz foi comprar meu próprio sofá pequeno com quatro pernas estáveis. Às vezes, eu apenas acariciava o tecido no braço do meu novo pequeno sofá como se fosse um bebê. Foi isso importante para mim. Eu mudei de um colchão no chão para minha própria cama. Eu tinha uma pequena cozinha. Eu tinha os dois gatos, Thompkins e Ninja. Eu tive um pouco de paz. Eu estava tendo um momento, e senti que poderia jogar minha boina framboesa no ar e girar na rua com minha bolsa de roupa suja - porque eu tinha sobrevivido. Eu sobrevivi ao perigo. Eu sobrevivi à fome. Eu sobrevivi à incerteza e à instabilidade, e agora aqui estava eu, cada vez mais perto do meu destino. Eu era independente na cidade de Nova York, em meu próprio apartamento cheio de meus próprios móveis, trabalhando em meu próprio álbum, cheio de todas as minhas próprias canções. Eu poderia receber meus próprios amigos. Foi meu primeiro gosto de autonomia, e foi divino. Mas não duraria muito.

No começo, Tommy me protegeu. Mesmo que eu estivesse respirando um pouco mais fácil, com algumas pausas precoces e um caminho claro para o sucesso, os traumas e inseguranças da minha infância - e a pressão do meu irmão e de outras pessoas tentando tirar vantagem de mim - ainda estavam bem atrás de mim, assombrando cada movimento meu. Nunca parei de olhar por cima do ombro. Tommy me protegeu de todas as pessoas que pensavam que eu devia algo a eles ou que queriam me usar. Isso significava que Tommy também me protegia de minha própria família.

Eu tinha dezenove anos e já havia vivido uma vida inteira de caos, sobrevivendo apenas por minha própria determinação fragmentada. Então, de repente, esse homem poderoso apareceu, dividindo os mares para dar lugar ao meu sonho. Ele realmente acreditou em mim.

Com todo o respeito, Tommy Mottola foi *apenas* a pílula amarga que eu precisava engolir em um período crucial da minha vida. E lá é um monte de respeito devido a ele. Ele foi um executivo musical visionário que, destemida e ferozmente, trouxe suas visões para a realidade. Ele acreditou em mim, implacavelmente.

“Você é a pessoa mais talentosa que já conheci”, ele me dizia. “Você pode ser tão grande quanto Michael Jackson”.

Eu ouvi música na maneira como ele disse aquele nome: *Michael Jackson*. Aqui estava um homem que desempenhou um grande papel no avanço da carreira de alguns dos maiores nomes da indústria, e ele *me* viu compartilhando o mesmo ar raro que o artista e artista mais influente da história moderna. *Respeito*.

E não foi um discurso de vendas ou um discurso barato. Foi *real*. Não brincávamos quando se tratava de trabalho. Minha carreira como artista era a coisa mais importante para mim - era a *única* coisa. Isso validou minha própria existência, e Tommy entendeu o poder de meu compromisso. Eu era sério e ambicioso. Ele sabia que meus vocais eram únicos e fortes, mas ficou muito impressionado com a forma como criei as músicas: a estrutura das minhas melodias, a *música*. Eu me tornei sua nova estrela assim que ele estava começando uma posição enorme em uma nova gravadora, então ele teve a influência de limpar a pista para minha ascensão ao céu. Ele estava disposto a mover céus e terras para me tornar bem-sucedido. Eu reconheci e respeitei esse poder. Apesar de ter estado perto de alguns dos maiores nomes da indústria da música, Tommy me disse que eu era *a* pessoa mais talentosa que ele já conheceu. Ele era real e eu realmente acreditei nele.

Logo depois que nos conhecemos, Tommy começou a fazer aberturas românticas. No início, eles eram um pouco desajeitados e adolescentes, como me mandando ursinhos de pelúcia Gund caros. No entanto, seus gestos persistentes e atenção constante também me deram uma sensação de segurança. Tommy tinha uma confiança descarada que eu nunca tinha visto de perto. Ele me impressionou e eu o vi como uma pessoa verdadeiramente poderosa, o que achei muito atraente. Por trás do brilho, no entanto, tive a impressão de que havia uma energia mais sombria que vinha com ele - um preço a pagar por sua proteção. Mas, aos dezenove anos, estava disposto a pagar. Para mim, Tommy era uma combinação potente de figura paterna, Svengali, parceiro de negócios, confidente e companheiro. Nunca houve uma atração sexual ou física forte ali, mas, na época, eu precisava de segurança e estabilidade - uma sensação de lar - mais do que de um namorado.

Tommy entendeu isso e ele providenciou. Dei a ele meu trabalho e minha confiança. Dei a ele minha convicção e a combinação de meu código moral.

A relação era intensa e abrangente - afinal, já trabalhávamos juntos, e era assim que passávamos a maior parte do tempo. Quando não estávamos trabalhando, jantávamos em churrascarias sofisticadas ou restaurantes italianos famosos ou participávamos de eventos do setor juntos. Eu passava cada vez menos tempo no meu apartamento em Chelsea e comecei a passar a maioria das noites com ele.

Logo, senti a pressão de Tommy para desistir de meu lugar e, contra meus melhores instintos, desisti. Mal sabia eu, que a renúncia marcaria o início de uma marcha lenta e constante para o cativo. Mal sabia eu, ceder às exigências de Tommy iria gradualmente engolir minha privacidade e começar a apagar minha identidade.

Nos fins de semana, íamos até a casa da fazenda de Tommy em Hillsdale, Nova York, que eventualmente passei a chamar "carinhosamente" de "Hillsjail". Na noite em que recebi meu primeiro adiantamento de publicação, de um milhão de dólares (um *milhão*

*de dólares compra muitos bagels H&H!), Tommy nos levou até a Taconic Parkway e parou diante de um lindo pedaço de terra. Ele parou o carro e me disse para sair. Eu olhei para a extensão vasta, estremeando com a brisa de outono - era realmente impressionante.*

“Vamos construir uma casa aqui!” Tommy proclamou. Eu sabia o que isso significava: *é aqui que estamos construindo nossa casa. Eu não tinha ideia do alcance do que estava me metendo.*

Agora, isso não era Hillsjail. Era impressionante e majestoso: cinquenta acres de terra verde fértil adjacente a uma reserva natural em Bedford, Nova York. Estava espremido entre propriedades pertencentes a Ralph Lauren e um bilionário muito proeminente, uma área com garantia de segurança. Mas, como eu logo descobriria, o conceito de segurança estava prestes a se voltar contra mim.

Nunca quis sair da cidade, mas era isso que estávamos fazendo. Fora do estúdio de gravação, eu me perguntei, quando eu voltaria para minha amada Manhattan? Certamente, construir uma nova casa seria um empreendimento monumental, mas teve um forte apelo para mim, criativa e emocionalmente.

Depois de uma infância sendo desarraigada e jogada em todos os tipos de arranjos de vida precários, eu finalmente tive a chance de construir o meu próprio, desde a fundação. Eu fiquei animado. Eu entrei nisso.

Insisti em estar totalmente envolvido em todos os aspectos do design e também em pagar metade de todos os custos. Eu queria que fosse *minha* casa. Tive novas lembranças de testemunhar minha mãe passando pela

humilhação de um namorado gritando: “Saia da minha casa!” Disse a mim mesma que nenhum homem jamais faria isso comigo. *Sempre.*

Muito do que aprendi com minha mãe e irmã mais velha foi o que eu *não* faria quando crescesse. Tive muito pouca orientação sobre o *que* fazer como mulher, embora tivesse sido forçada a situações de adulto quando ainda era muito jovem. Tommy era vinte e um anos mais velho do que eu; ele poderia ter sido meu pai. Ele também era o chefe da minha gravadora. Não havia nenhuma mulher sábia ao meu redor para apontar que a dinâmica de poder em nosso relacionamento não estava nem perto de cinquenta por cento, então talvez eu devesse pensar duas vezes antes de ir cinquenta por cento com ele em uma propriedade cara. Para piorar, ainda não éramos casados.

Mas eu era jovem e estava totalmente envolvido com Tommy. Eu tinha orgulho de ganhar meu próprio dinheiro (embora não tivesse um conceito real de dinheiro). Recentemente, recebi um enorme cheque de royalties das vendas do meu álbum de estreia, então pensei que estava decidido para o resto da vida.

Construir uma casa de sonho com Tommy não parecia um risco. Eu estava vendendo milhões de discos até então. Mas eu não sabia que nossa mansão dos sonhos viria com um preço insondável de trinta milhões de dólares. E no fim das contas, meu tempo naquela casa com Tommy acabaria me custando muito mais do que dinheiro.

Adorei o processo de construção daquela grande mansão em Bedford. Isso abriu uma nova área de paixão em mim. Finalmente consegui dar vida à minha obsessão de infância por filmes antigos de Hollywood.

Ironicamente, fui especialmente influenciado por *How to Marry a Millionaire*, estrelado por Betty Grable, Lauren Bacall e Marilyn Monroe (é claro). As imagens de janelas arqueadas palacianas e pisos brilhantes e glamorosos foram gravadas em minha imaginação de menina. Certifiquei-me de que todos os cômodos da nossa casa fossem imaculados e espaçosos, cheios de ar e brilhando com luz. Trabalhamos em estreita colaboração com os designers e arquitetos; repassamos todos os detalhes juntos. Aprendi muito sobre os estilos de molduras e azulejos. Tornei-me um especialista em *arandelas* -

*arandelas* , dahling! Também aprendi muito sobre materiais e costumava visitar várias pedreiras. Embora em nenhum momento eu goste de um visual rústico, eu tenho uma preferência por mármore caído no chão da minha cozinha. Eu era muito específico e confiante sobre o que gostava.

Por mais ingênuo que fosse na época, decidi que ia construir uma casa ótima. Eu tinha vindo de muito pouco para reclamar: "Oh, coitado de mim; Eu tenho que construir uma mansão! " Eu estava nisso. Afinal, eu sinceramente pensei que estaria com Tommy para sempre e que a casa que faríamos juntos seria tão atemporal, duradoura e espetacular quanto a música que estávamos criando - por trás da qual, é claro, eu também era a força criativa.

E foi espetacular. Tínhamos até um salão de baile. Eu tinha vinte e poucos anos, com meu próprio salão de baile! Construí um grande armário inspirado no armário de Coco Chanel em seu apartamento na rue Cambon 31, em Paris, cheio de espelhos opulentos e uma escada em espiral que levava à sua própria seção de sapatos.

Eu tinha adquirido tantos sapatos em todas as minhas sessões de fotos e vídeos que tive que construir paredes inteiras de prateleiras para eles. Era impressionante pensar que, poucos anos antes, eu estava andando com os sapatos muito pequenos e surrados de minha mãe, com neve entrando pelas rachaduras nas solas. Guardei aqueles botins desbotados por um tempo, com a intenção de bronzeá-los como botinhas de bebê, para nunca esquecer de onde vim (como se isso fosse mesmo uma opção). Em tão pouco tempo, passei de roupas de segunda mão esfarrapadas para minha própria mansão, completa com paredes feitas sob medida para uma coleção inteira de calçados. Minha fé e meus fãs me abençoaram com riquezas inimagináveis. Fiquei imensamente grato. Mas, apesar dessa grande conquista, eu ainda tinha que aprender que, na realidade, eu apenas forneci a inspiração para o design e coloquei metade do dinheiro para construir minha própria prisão.

O magnífico complexo que construí em Bedford ficava a pouco mais de dezesseis quilômetros do vilarejo de Ossining, outra cidade pitoresca e arborizada de Westchester, lar da mais famosa prisão de segurança máxima do estado de Nova York e possivelmente do país: Sing Sing. Um complexo de pedra sombria e tijolo em 130 acres, paisagístico com grandes olmos, Sing Sing fica formidavelmente na margem oriental do rio Hudson. Os arcos semelhantes a uma montanha-russa da Ponte Tappan Zee podem ser vistos da torre de vigia. No outono, as vistas são de tirar o fôlego; as árvores queimam laranja, ouro e vermelho de fogo.

Sing Sing confina cerca de dois mil seres humanos. Os termos populares para ser trancado - estar "no interior" ou "rio acima" ou na "Casa Grande" - foram cunhados em Sing Sing.

Por mais nobre que seja o imóvel, por mais grandiosa que seja a estrutura, se for projetada para monitorar o movimento e conter o espírito humano, servirá apenas para diminuir e desmoralizar os que estão lá dentro.

Nada da ironia de minha proximidade com a prisão infame, nem de seu nome peculiar, passou por mim: brincando, me referi à propriedade de Bedford como Sing Sing. Estava totalmente equipado com guardas armados, câmeras de segurança foram instaladas na maioria dos quartos e Tommy estava no controle.

Enquanto eu estava construindo Sing Sing, pensei que seria uma ideia saudável ter minha mãe e meus sobrinhos, Mike e Shawn, morando perto de mim. Adorei o processo de concepção e criação de uma casa linda. Embora eu tivesse pouca liberdade em Sing Sing, Tommy me apoiou na compra de uma casa nas proximidades para minha mãe. Tornou-se um assunto importante para nós conversarmos, e ele finalmente entendeu como era importante para mim tentar criar algo estável para minha família. Mais tarde, descobri que ele secretamente fazia com que os seguranças me

seguissem sempre que eu ia dar uma olhada em casas ou fazer recados, mas fiquei grato pela pequena janela da ignorância.

Aquela criança em mim, no fundo, ainda sonhava com uma família que não fosse fragmentada. Eu tinha começado a realizar meus sonhos de carreira e pensei que talvez pudesse nos tornar um lar de família - uma base onde todos eram sempre bem-vindos - e faria de minha mãe a cabeça disso. Fiquei entusiasmado com a ideia de comprar uma casa que minha mãe adoraria e, finalmente, pude pagar por isso com estilo. Encontrar a casa perfeita para ela era meu novo projeto. Assim como eu queria que cada pedacinho da minha casa me refletisse, eu estava determinada a colocar essa atenção aos detalhes na casa para minha mãe. Eu queria que ela gostasse de onde iria morar.

Recrutamos amigos de Tommy no mercado imobiliário para me ajudar a encontrar um lugar nas proximidades. Eles me mostraram várias casas lindas, mas eu estava esperando a coisa certa, para *ela*. Meu gosto era mais antigo da Hollywood, e o dela era mais "Old Woodstock".

Depois de uma extensa busca em um raio de vinte minutos de nossa propriedade, finalmente chegamos a uma propriedade profundamente arborizada com uma casa afastada da estrada. Não era meticulosamente manicurado, o que era típico daquela parte do Upper Westchester; em vez disso, o paisagismo era intencionalmente orgânico. Os seis acres verdes estavam cheios de velhos carvalhos esplêndidos. E a casa combinava perfeitamente com a natureza ao seu redor. O interior era espaçoso e aconchegante, com tons aconchegantes de madeira e luz suave fluindo pelas janelas graciosas. Uma vez lá dentro, você não conseguia ouvir ou ver o mundo exterior.

Eu tinha encontrado o único hippie-cantor de ópera-cabana-dos-sonhos-no-bosque em Westchester! Foi perfeito, e eu sabia exatamente o que fazer para trazê-lo à vida. Eu aceitei como se fosse um designer de interiores em um daqueles programas de reforma. Eu escolhi e paguei por cada peça de mobília nova em

folha, todas as bugigangas e acessórios. Escolhi cada detalhe, desde luminárias a cores de pintura, tudo na

“paleta de Pat”. Pendurei floreiras de madeira do lado de fora e as enchi com românticas flores silvestres.

Consegui impressões de fotos de seus familiares irlandeses e brasões irlandeses, mandei montá-las e emoldurá-las e pendurei-as subindo a parede ao longo da escada. E consegui manter isso em segredo dela.

O maior desafio foi colocar seu piano sem que ela soubesse. Eu sabia que era importante que fosse sua velha vertical Yamaha de madeira clara que estaria na sala de estar, não um modelo novo e reluzente. Seu piano guardava memórias em suas teclas; era um símbolo porque era um objeto significativo e estável que ela forneceu durante minha infância turbulenta. Eu inventei uma história de que iria ajustá-lo ou algo assim antes de ir para o armazenamento; Eu até a fiz assinar documentos falsos de mudança para que pudesse ser levado sem suspeita. Seu velho piano seria a pièce de résistance em sua cabana na floresta de Westchester.

Um dos detalhes que me venderam a propriedade foi uma placa de madeira com as palavras “Cabin in the Woods” gravadas nela. Os vendedores não queriam se separar, mas eu lutei com unhas e dentes porque sabia que minha mãe iria *adorar*. Tive tanta alegria em fazer planos, manter o segredo e trabalhar para fazer tudo da maneira certa. Ao crescer, sempre quis uma casa de família onde não teria vergonha de levar meus amigos. Criar um lugar onde minha mãe pudesse viver confortavelmente e toda a família pudesse se reunir foi tão especial - curador, até. Foi como preparar um Natal espetacular para minha mãe e minha família.

Fiquei tonto de empolgação quando chegou a hora de apresentar a casa que havia criado para minha mãe. Eu estava orgulhoso do trabalho que fiz. Para mim, esta casa também foi um testemunho de minha capacidade de manter os desejos da infância, a prova de que o trauma e o perigo que enfrentei não destruíram minha esperança.

Minha mãe achou que ela estava vindo para Sing Sing para um de nossos jantares semirregulares.

Quando a peguei no colo, disse que precisava passar pela casa da amiga de Tommy, Carole, que ficava perto.

Quando os portões de ferro forjado que eu havia instalado se abriram como braços de boas-vindas dos pilares de pedra e entramos na propriedade, senti minha mãe ficar quieta, então a ouvi respirar fundo. As árvores farão isso: farão você parar e respirar. Ela saiu do carro como se o ar fresco a estivesse fazendo diminuir a velocidade.

Ela olhou para a casa em toda a sua beleza. Eu a observei apreciar a graça dos vasos de flores. E, quando Carole abriu a porta da frente, o aroma de um rico café e pãezinhos de canela quentes passou por nós. (Eu tinha orquestrado para ser fermentado e assado quando chegamos, pois queria que esses detalhes definissem o clima.) Minha mãe parou na porta e disse suavemente: "Oh, Carole, sua casa é *linda* ." Agindo imediatamente, Carole se ofereceu para mostrar o lugar a ela e eu a segui. Quando chegamos à escada, minha mãe parou nas fotos, mas eu percebi que não consegui registrar. Então, quebrei seu transe. "Mãe, olha quem está nas fotos." Ela ficou totalmente confusa ao notar *sua* família na parede de Carole. Fracamente, ela respondeu: "Eu ... não entendo."

"Isso é tudo para você. É aqui que você mora agora ", eu disse. Ela estava sem palavras. E eu estava mais orgulhoso de que já estive.

Mike, que eu valorizo completamente, ainda era muito pequeno. Ele saiu correndo pela casa e saiu para o quintal, correndo pela grama macia, gritando de alegria. Ele estava cheio de pura alegria (e ainda é uma grande fonte de alegria para mim). Ele estava livre. Um garotinho brincando na brisa da tarde, sem sujeira, apenas *livre* . Tínhamos completado o círculo depois de balançar sobre montes de lixo ou ser jogados fora como lixo - ou assim pensei.

Junto com o salão de baile e os armários de sapatos de alta costura de Sing Sing, construí um estúdio de gravação fantástico e de última geração. Adjacente ao estúdio havia uma enorme piscina de mármore branco em estilo romano dentro de um grande salão. Nestes dois lugares encontrei consolo e solidão. Eles foram um alívio temporário e uma chance de sentir-se leve - no estúdio de gravação e na água. Mas o estúdio, a piscina e eu ainda estávamos confinados, fechados dentro dos limites da fortaleza de Sing Sing.

Em circunstâncias normais, a chance de ter meu próprio estúdio - feito sob medida de acordo com minhas especificações exatas e à minha disposição a qualquer momento - teria sido libertadora. Nos primeiros dias de minha carreira, eu estava à mercê de outras pessoas para conseguir tempo de estúdio, grato por estar em pequenos espaços sombrios, cantando músicas que eu não gostava, trocando, fazendo o que fosse necessário para gravar minhas músicas. E agora, eu tinha meu próprio estúdio de gravação lindo e totalmente equipado.

Imaginei que poderia ter minhas próprias sessões quando quisesse e chamar os artistas com quem queria trabalhar, como o Prince fez. Sing Sing não era Paisley Park, mas era fabuloso e era meu. Bem, *metade* minha. Havia um estúdio com equipamento de gravação sofisticado, mas também equipamento de segurança muito sofisticado instalado em toda a casa - aparelhos de escuta, câmeras de detecção de movimento -

gravando cada movimento meu.

## **UMA FAMÍLIA**

*Então, quando você sentir que a esperança se foi*

*Olhe dentro de você e seja forte*

*E você finalmente verá a verdade*

*Que um herói está em você*

- "Herói"

Era meados de julho de 1993 e eu estava indo para Schenectady, Nova York, para gravar um especial de Ação de Graças para a NBC. Foi o primeiro evento a dar início à promoção do meu terceiro álbum de estúdio a ser lançado em breve, *Music Box*. O primeiro single, "Dreamlover", sairia em uma semana, e o álbum completo seria lançado no último dia de agosto. Schenectady, uma típica cidade industrial no leste de Nova York, era em grande parte composta de imigrantes do Leste Europeu e negros que tinham vindo do Sul para trabalhar na fábrica de algodão da cidade. É um tiro direto para o norte ao longo do rio Hudson de Hillsjail.

O concerto seria gravado no Proctors Theatre, uma antiga casa de vaudeville completa com um tapete vermelho, uma abundância de folhas de ouro, colunas coríntias, lustres e sofás Luís XV no calçadão da varanda - os nove metros inteiros. Mesmo sendo um belo teatro clássico, não era o cenário que eu teria escolhido, com certeza; nem a maioria dos jovens de 20 anos no início dos anos 1990. Mas tomei poucas

decisões sobre meu paradeiro então. Fora do estúdio de gravação, todos os aspectos da minha vida eram decididos por um comitê naquela época, com Tommy atuando como presidente do conselho. (Curiosamente, nunca fui convidado para as reuniões.)

Quando chegamos ao centro da cidade, as ruas pareciam cada vez mais vazias e comecei a notar muitos policiais. Várias ruas foram bloqueadas perto do teatro, patrulhadas por grupos de homens em uniformes escuros, equipados com sapatos brilhantes e armas pretas. A limusine diminuiu a velocidade enquanto eu olhava pela janela, as ruas estranhamente silenciosas passando. Uma ansiedade familiar estava crescendo dentro de mim, que eu lutei fortemente para conter. Tive que me preparar mentalmente para apresentar novas canções para novas pessoas, uma performance que seria televisionada para milhões em uma grande rede. Eu sabia que não podia deixar minha ansiedade se transformar em medo. Com exceção dos policiais - quem chamou todos esses policiais? Eu tinha minha própria segurança comigo; na verdade, *sempre* tive

segurança comigo - a rua atrás do teatro, onde ficava a porta dos bastidores, era deserta.

Antes de ser rapidamente levado para o meu camarim dourado, tive um vislumbre de uma multidão de pessoas atrás das barricadas. Embora agora eu tivesse um momento para me acomodar, ainda me sentia ansioso. Acabei perguntando por que as ruas estavam bloqueadas e cheias de policiais. O que diabos estava acontecendo no centro de Schenectady neste dia quente de meio de verão?

"Senhorita Carey", eles me disseram, "é para você. É porque você estava vindo para fazer o show. "

Aparentemente, muitos fãs jovens estavam lotando as ruas, esperando ter um vislumbre de *mim* . No início, não consegui digerir totalmente essa resposta. O que eles quiseram dizer? As barricadas, os esquadrões da polícia, as ruas vazias foram por *minha* causa ? Meu primeiro álbum, *Mariah Carey* , tinha saído três anos antes de atingir e manter o primeiro lugar na *parada* da *Billboard* 200 por 11 semanas consecutivas, permanecendo na lista por 113 semanas no total, com quatro singles chegando ao primeiro lugar na *parada* -

de volta. Eu ganhei o Grammy de Melhor Artista Revelação e a melhor performance vocal pop feminina, e recebi indicações para Canção do Ano e Gravação do Ano por "Vision of Love", que eu apresentei no *The Arsenio Hall Show*, *Good Morning America* , *The Tonight Show* e *The Oprah Winfrey Show* . O álbum venderia nove milhões de cópias apenas nos Estados Unidos e ainda estava vendendo em todo o mundo (viria a vender mais de quinze milhões de cópias). Meu segundo álbum, *Emotions* , havia sido lançado apenas um ano antes. Eu particularmente adorei trabalhar com David Cole (metade da fabulosa C + C Music Factory). Ele era um garoto da igreja que amava dance music (como evidenciado em "Make It Happen").

Como produtor, ele me incentivou como cantora, porque ele também era. Eu lancei um EP com versões ao vivo de músicas dos meus dois primeiros álbuns para o popular programa *MTV Unplugged* . Incluía

um remake do clássico hit dos Jackson Five, "I'll Be There", apresentando meu cantor e amigo Trey Lorenz. A música disparou rapidamente para o número um após o show, tornando-se meu quinto single número um e, pela segunda vez, "I'll Be There" ocupou o lugar cobiçado. Apresentei "Emotions" no MTV Video Music Awards e no Soul Train Music Awards. E lá estava eu de novo, prestes a atingir outro palco, e de alguma forma não tinha ideia de que era famoso.

Por quatro sólidos anos da minha vida, eu estava escrevendo, cantando, produzindo e fazendo sessões de fotos, sessões de vídeo, reuniões de imprensa e turnês promocionais. Todos os prêmios e elogios que recebi foram entregues em ambientes altamente coordenados da indústria. Parecia apenas fazer parte do trabalho.

Se eu tivesse algum tempo "livre", seria sequestrado em uma velha casa de fazenda no Vale do Hudson.

Tommy orquestrou tudo isso. Eu tinha vinte e poucos anos.

Como nunca estava sozinho, não tinha compreensão do impacto que minha música e eu estávamos causando no mundo exterior. Nunca tive tempo para pensar ou refletir. Agora acredito que isso foi totalmente intencional. Tommy sabia que eu seria mais fácil de controlar se ignorasse todo o alcance do meu poder?

Disseram-me que na era da *Music Box*, como um presente para mim, meu então maquiador Billy B e o cabeleireiro Syd Curry fizeram um álbum de recortes atencioso para mim, no qual reuniram pequenas notas de amor e apreciação de outros artistas ou celebridades que eles trabalharam ou viu em suas viagens. Joey Lawrence (lembra do Joey de *Blossom* ?), Que era um galã na época, aparentemente deixou uma mensagem muito doce. Bem, Tommy viu a festa do amor de um livro, rasgou-o e queimou-o na lareira antes que eu pudesse vê-lo - um ato infantil de crueldade, especialmente para com Billy e Syd, que fez todo o esforço para me provar quão grande eu era mesmo entre as estrelas.

Sem proteção ou gerenciamento parental ou familiar, eu era fácil de manipular, mas a dinâmica de meu relacionamento com Tommy era complexa. De muitas maneiras, Tommy me protegeu de minha família disfuncional, mas ele foi ao extremo: ele me controlou e patrulhou. No entanto, seu controle também

significou que, nesses primeiros anos, todo o meu foco, toda a minha energia e toda a minha paixão foram para escrever, produzir e cantar minhas canções. Tommy e seu controle sobre meus movimentos pareciam um preço justo a pagar por fazer o trabalho com que sempre sonhei. Ele tinha minha vida, mas eu tinha minha música. Foi só naquele momento em Schenectady que comecei a perceber o grau de minha popularidade. Eu tinha *fãs* ! E logo eles se tornariam outra fonte de minha força.

No camarim, onde me sentei em uma cadeira, primeiro alisando o cabelo, depois enrolando e borrifando, a magnitude do que eu acabara de aprender começou a me afetar. A polícia não estava por perto por causa de algum incidente violento ou perigoso - eles estavam lá para deixar um caminho claro para *mim* . Minha família pode não ter me dado segurança, meu relacionamento pode não ter me dado segurança, mas perceber que havia uma multidão de pessoas aparecendo e expressando amor por mim me deu um novo tipo de confiança. Como Tommy nunca me permitiu experimentar os privilégios glamorosos concedidos aos jovens, ricos e populares, a fama que descobri foi definida exclusivamente por meio de meu relacionamento com meus fãs e o relacionamento deles com minha música. Decidi naquele dia que estava preparado para ser dedicado a eles para sempre.

O especial de Ação de Graças foi intitulado *Here Is Mariah Carey* , e eu ia estreiar três novas músicas da *Music Box* : "Dreamlover", "Anytime You Need a Friend" e "Hero", junto com alguns de meus sucessos conhecidos - "Emotions , "" Make It Happen "e, claro," Vision of Love ". Sempre escrevi canções de um lugar honesto, usando minhas próprias experiências vividas e sonhos como fonte. Eu também levei meus vocais ao extremo. Eu também ia estreiar

"Hero". É sempre um risco estrear músicas em um show ao vivo que as pessoas não tiveram a oportunidade de se conectar por meio da repetição do rádio. Embora eu tenha escrito "Hero", originalmente não era para eu interpretar.

Pediram-me para escrever algo para o filme *Hero*, estrelado por Dustin Hoffman e Geena Davis. Tommy concordou que eu enviaria uma música para o filme, a ser cantada por Gloria Estefan, que estava na Epic Records (a Sony, gravadora de Tommy, era a empresa-mãe). Eu sabia que Luther Vandross também estava escrevendo uma música para a trilha sonora, então eu estaria em uma ótima companhia. Eu me concentrei no Right Track, ou Hit Factory - um dos maiores estúdios onde gastei uma grande fortuna. Eu estava lá naquele dia com Walter Afanasieff.

O enredo do filme foi explicado a todos no estúdio em cinco minutos: um piloto circula e resgata as pessoas.

Foi tudo o que absorvi. Pouco depois, levantei-me para ir ao banheiro, uma das poucas atividades que fazia sem a companhia de alguém da folha de pagamento de Tommy. Demorei-me na tenda para deleitar-me com o meu fugaz momento de paz. Saboreando meu tempo, lentamente caminhei pelo corredor para retornar ao estúdio. Enquanto eu caminhava, uma melodia e algumas palavras vieram claramente em minha mente.

Assim que voltei para a sala, sentei-me ao piano e disse a Walter: "É assim que funciona". Eu cantarolei a melodia e algumas das letras. Enquanto Walter trabalhava para encontrar os acordes básicos, comecei a cantar, " *e então aparece um herói*". Eu o guiei pelo que tinha ouvido tão vividamente em minha cabeça.

"Hero" foi criado para um filme mainstream, para ser cantado por um cantor com um estilo e alcance muito diferente do meu. Honestamente, embora eu achasse que a mensagem e a melodia eram bastante genéricas, também achei que se encaixava no perfil. Gravamos uma demo grosseira, que achei um pouco schmaltzy.

Mas Tommy ouviu o potencial para um clássico. Ele insistiu não apenas para que mantivéssemos a música, mas que ela estaria em meu novo álbum. Eu estava tipo, *ok. Estou feliz que ele goste*. Eu melhorei a música e fiz alterações na letra para torná-la mais pessoal. Para isso, fui ao poço das minhas memórias e mergulhei naquele momento em que Nana Reese me disse para segurar meus sonhos. Eu fiz o meu melhor para recuperá-lo, mas foi um presente, não importa para quem fosse.

Na época do show Schenectady, "Hero" havia perdido sua simplicidade e ganhou alguma profundidade. A ansiedade inicial que senti ao cantá-la ao vivo pela primeira vez na frente de uma platéia foi derretendo enquanto eu pensava em todas as pessoas que se enfileiraram nas ruas e lotaram o teatro para me ver naquela noite. Decidi que essa música não pertencia realmente a Gloria Estefan, a um filme, a Tommy ou a mim.

"Hero" pertencia aos meus fãs, e eu iria entregá-lo a eles com tudo que eu tinha.

O especial de Ação de Graças incluiu crianças do centro da cidade de uma organização comunitária local. Eu vi as crianças nos bastidores, transbordando tanto de promessa quanto de medo, e nelas, eu me vi. Eu cantaria essa música para eles também. O show começou com meu último hit, "Emotions" - alegre e embelezado com muitas das minhas notas superaltas características. Enquanto cantava "Emotions", e através

das várias paradas e retomadas necessárias (cantar ao vivo para uma gravação de TV é um trabalho tedioso), pude realmente olhar para as pessoas na multidão. Aquela era Schenectady, e essas eram pessoas reais - não ocupantes de vagas pagas ou figurantes vestidos com roupas da moda, mas autênticos, principalmente jovens com aquela fome e adoração inconfundíveis nos olhos. Eu os via como eles eram, e eles eram *eu*. Fechei meus olhos e fiz uma oração. Quando os primeiros acordes da introdução do piano tocaram, comecei a cantarolar com o coração. Quando eu abri minha boca, "Hero" foi lançado ao mundo.

Alguns de nós precisam ser resgatados, mas todos querem ser vistos. Eu cantei "Hero" diretamente para os rostos que eu podia ver do palco. Eu vi as lágrimas brotarem de seus olhos e a esperança crescer em seus espíritos. Qualquer cinismo que eu tivesse sobre aquela música foi embora depois daquela noite. Mas Tommy também notou o tamanho do impacto.

Mais tarde naquele ano, em 10 de dezembro de 1993, quando apresentei "Hero" no Madison Square Garden, anunciei que todos os lucros das vendas nos Estados Unidos seriam doados às famílias das vítimas do tiroteio na Ferrovia de Long Island, ocorrido três dias antes. Em um trem - uma rota que eu havia viajado antes - um homem sacou uma pistola 9 mm e abriu fogo, matando seis pessoas e ferindo dezenove. Três homens corajosos, Kevin Blum, Mark McEntee e Michael O'Connor, o subjugaram, evitando assim mais massacres.

Eles eram heróis, então dediquei "Hero" a eles naquela noite. Apenas dez dias após os ataques de 11 de setembro, cantei a música como parte da maratona *America: A Tribute to Heroes*. E em 20 de janeiro de 2009, tive a honra impensável e incomparável de cantá-la no Baile de Inauguração do primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos da América. Até hoje, "Hero" é uma das minhas músicas mais tocadas.

*Music Box* alcançaria o status de diamante nos Estados Unidos e é um dos álbuns mais vendidos de todos os tempos.

E aqui está uma observação lateral: algumas pessoas vieram atrás de "Hero," e para mim, tanto com direitos autorais quanto com reclamações de plágio. Estive três vezes no tribunal e três vezes os casos foram arquivados. Na primeira vez, o pobre idiota que foi atrás de mim teve que pagar uma multa. No início, me senti uma vítima, sabendo como a música era pura para mim, mas depois de um tempo quase comecei a esperar mentiras e processos judiciais com o meu sucesso - de estranhos e de minha própria família e amigos.

E eles não vão parar.

A gravação naquela noite em Schenectady levou várias horas. Um programa de televisão tem tantas necessidades técnicas - várias câmeras, close-ups, tomadas de longe e em corte, mudanças de figurino, retoques de cabelo e maquiagem, extras, reações do público - é uma *produção*. Quando finalmente terminamos, eu disse todos os meus agradecimentos às crianças, ao coro, à orquestra e à equipe. Então, assim que eu entrei, fui levado rapidamente para fora da porta dos bastidores, que parecia levar não para a rua, mas direto para a limusine.

Eu sentei no banco de trás, zumbindo de um coquetel contraditório de exaustão e alegria. Quando saímos para a rua, percebi que onde antes havia vazio e uma dispersão de barricadas, agora havia uma multidão de pessoas inchando sobre as frágeis divisórias de metal, gritando meu nome e "Nós te amamos!" Notei os policiais também, parados ali, imperturbáveis, no meio da energia e da excitação pulsantes. Uma coisa era ser informado, mas outra bem diferente era ver com meus próprios olhos, ouvir com meus próprios ouvidos e sentir em minha alma a reação de pessoas reais a mim e à minha música. O que eu senti naquela noite em Schenectady não foi idolatria, foi *amor*. Foi o tipo de amor que vem de uma conexão honesta e reconhecimento. Fiquei hipnotizado enquanto olhava pela janela, vendo todas essas pessoas me despejarem com tanto amor. Não apenas fãs. Uma *família*.

Conforme a multidão desapareceu de vista e nos aproximamos dos arredores da cidade, nos aproximando da rodovia, minha euforia começou a passar. E, quando as rodas tocaram o alcatrão da Taconic Parkway, o clima no carro havia voltado à melancolia rotineira. Na maioria das noites de quinta-feira, Tommy e eu subíamos o trecho sul dessa rodovia, deixando a glamorosa Manhattan para trás para passar o fim de semana em Hillsdale. Enquanto as luzes e os arranha-céus diminuía no espelho retrovisor e a atração magnética

da cidade diminuía, uma parte da minha força vital também diminuía.

Quando o rádio do carro, que ficou travado na Hot 97 (o slogan da época: "hip-hop e R & B em chamas"), começou a quebrar, abafado pela estática, eu conhecia minha vida como uma cantora vencedora do Grammy-o compositor de vinte e poucos anos estava acabado. Todo fim de semana, Tommy desligava o rádio que era minha salvação e fazia um momento de silêncio antes de colocar um de seus amados CDs de Frank Sinatra.

Que metáfora trágica, ouvir Tommy cantarolando "My Way" enquanto nos conduzia de volta ao meu cativeiro.

Fui condicionado a falar sobre o assunto ou ficar em silêncio em nosso trajeto desolador. Principalmente, porém, eu apenas olhava pela janela para o grande rio Hudson, preparando-me para meu primeiro papel importante: uma futura esposa satisfeita. Este foi o único trabalho de ator que Tommy encorajou. Ter aulas de atuação ou aceitar papéis em filmes ou na TV era estritamente proibido.

Na viagem de volta de Schenectady, não me lembro de Tommy e eu discutindo o que tinha acabado de acontecer. Talvez ele soubesse que eu vi a pureza e o poder dos fãs - que descobri como o amor deles não podia ser controlado. São os fãs que criam um fenômeno, não os executivos de gravadoras. Tommy era inteligente. Ele sabia. Mas não sei se ele percebeu que depois daquele momento, eu finalmente percebi também.

Chegamos à casa da fazenda e tudo que eu queria fazer era tomar banho. Ser performer é uma produção.

Você constrói e veste, você cria estratégias, manipula, acomoda e muda de forma. Requer rituais (às vezes na forma de maus hábitos) para voltar a ser você mesmo. Meu ritual era lavar o artista. A adição de uma grande banheira de frente para uma ampla janela panorâmica foi uma das poucas contribuições que fiz para Hillsjail.

O banheiro era meu refúgio, já que colocar uma câmera ou interfone ali seria um pouco demais, até para Tommy. O ladrilho de mármore

frio enviou uma sensação calmante aos meus pés descalços, que tinham sido içados nos calcanhares a noite toda. Eu preguiçosamente tirei meu conjunto, grata que o som da água correndo foi o único que eu ouvi. Baixei as luzes do teto e acendi cerimoniosamente algumas velas brancas.

A água era acolhedora e eu me rendi. Como se fosse batizado, mergulhei minha cabeça e permaneci no silêncio quente e escuro. Eu gentilmente me levantei, inclinei minha cabeça para trás e apoiei meus braços ao longo da borda da enorme bacia, as pálpebras ainda fechadas, saboreando cada momento desta solidão calma. Lentamente, abri meus olhos para uma lua cheia radiante, brilhando contra um céu claro, preto-azulado. Comecei a cantar baixinho: " *Da, da, da, da, da ...* "

Imagens da cena que eu tinha acabado de deixar - fãz gritando e chorando - passaram pela minha mente, misturando-se com dolorosas lembranças de meu irmão gritando e minha mãe chorando, de mim mesma como uma garotinha solitária em um vestido negligenciado. Eu estava flutuando em uma banheira que era maior do que o tamanho de toda a minha sala de estar apenas cinco anos antes, em um cômodo maior do que todas as salas de estar em todos os treze lugares em que morei com minha mãe enquanto crescia. A enormidade, a complexidade e a instabilidade da estrada que percorri para entrar neste banho me atingiram.

Foi a primeira vez que me senti segura o suficiente para voltar e espiar Mariah, a pequena, e reconhecer o que ela havia sobrevivido. E de repente, o primeiro verso e refrão de "Close My Eyes" veio até mim: *Eu era uma criança rebelde*

*Com o peso do mundo*

*Que eu segurei bem no fundo.*

*A vida era uma estrada sinuosa*

*E eu aprendi muitas coisas*

*Os pequenos não deveriam saber*

*Mas eu fechei meus olhos  
Firmei meus pés no chão  
Levantei minha cabeça para o céu  
E os tempos foram passando  
Ainda me sinto como uma criança  
Enquanto eu olho para a lua  
Talvez eu tenha crescido  
Um pouco cedo.*

Eu levaria anos para terminar essa música - anos de angústia e sobrevivência.

## **MY BIG FAT SONY CASAMENTO (E PEQUENA LUA DE MEL SKINNY)**

Para anunciar nosso noivado, Tommy e eu levamos minha mãe para um jantar chique no centro de Manhattan. Enquanto caminhávamos para fora após a refeição, a cidade estava toda vestida com seu traje noturno de luzes brilhantes e outdoors piscando, e eu mostrei a ela o anel de noivado, uma aliança de ouro

tricolor Cartier com um diamante imaculado de tamanho modesto. Era discreto, mas também era *Cartier*.

Minha mãe olhou para o anel delicado e deslumbrante em meu dedo delgado (e muito jovem) e disse baixinho: "Você merece".

Foi isso. Ela entrou na limusine que eu estava esperando por ela e foi embora. Eu nunca soube realmente o que ela quis dizer com isso. Mas isso foi tudo o que restou entre nós. Não houve nenhum conselho feminino ou risos de menina - o que, honestamente, eu não esperava, mas eu acho que a ocasião exigia mais do que um simples.

Muitas pessoas razoáveis questionam por que me casei com Tommy. Mas nenhum deles questionou a decisão mais do que eu. Eu sabia

que perderia mais poder como pessoa, e já estava completamente sufocando emocionalmente no relacionamento. Estávamos igualmente unidos um ao outro por meio da música e dos negócios. No entanto, a dinâmica de poder pessoal entre nós *nunca* foi igual. Ele me convenceu de que tudo seria melhor se fôssemos casados, que as coisas seriam diferentes. Mas o que eu realmente esperava era que *ele* fosse diferente - se eu desse a ele aquilo que ele queria tanto, este casamento que eu acreditava que ele iria legitimá-lo, ou acabar com a conversa sobre ele ter um caso com um artista da gravadora, isso o mudaria.

Nunca tive certeza de por que ele queria tanto se casar. Rezei para que, ao fazer isso, ele se acalmasse e afrouxasse o controle sobre minha vida. Eu esperava que talvez ele confiasse em sua "esposa" e a deixasse respirar.

Eu estava em meus vinte e poucos anos, apenas alguns anos removidos do barraco, eo conceito de uma vida que incluiu *tanto* a realização pessoal e profissional era incompreensível para mim. Eu realmente acreditava que não era digno tanto de felicidade *quanto de* sucesso. Estava acostumada a fazer todas as escolhas da minha vida com base na sobrevivência.

Naquela época, eu não escolhia qual roupa glamorosa usar todas as manhãs; Eu escolhi qual mecanismo de sobrevivência eu precisava para me armar naquele dia. Mais do que minha felicidade pessoal, eu precisava da minha carreira de artista para sobreviver. A felicidade era secundária. A felicidade era um bônus passageiro. Casei-me com Tommy porque pensei que era a única maneira de eu sobreviver nesse relacionamento. Eu vi o poder que ele poderia colocar por trás da minha música, e ele viu o poder que minha música poderia dar a ele. Nosso sagrado matrimônio foi construído sobre criatividade e vulnerabilidade. Eu respeitava Tommy como parceiro. Se ao menos ele soubesse como me dar o respeito que devo como ser humano.

No primeiro casamento de verdade a que compareci, eu era a noiva. Nunca sonhei em me casar quando era jovem. Eu realmente não queria. No colégio, as garotas fantasiavam com vestidos grandes e volumosos e casamentos em Long Island, enquanto eu visualizava o sonho de me tornar uma atriz e musicista de sucesso.

Isso era tudo que me importava, então foi muito irônico que eu acabei tendo um dos casamentos mais luxuosos da década em Nova York em um dos vestidos volumosos e mais dramáticos da década.

Além da ambição, Tommy e eu éramos completamente diferentes, e a parte Negra de mim mesma o confundia. A partir do momento em que Tommy me contratou, ele tentou lavar o "urbano" (tradução: Black) de mim. E não era diferente quando se tratava de música. As músicas da minha primeira demo, que se tornaria meu primeiro álbum de sucesso, eram muito mais comoventes, cruas e modernas em seu estado original. Assim como fez com minha aparência, Tommy suavizou as músicas para a Sony, tentando torná-las mais gerais, mais "universais", mais ambíguas. Sempre senti que ele queria me converter no que ele entendia

- um artista "mainstream" (ou seja, branco). Por exemplo, ele nunca quis que eu usasse meu cabelo liso.

Acho que para ele não parecia naturalmente reto, parecia *reto*. Ele achou que me fazia parecer muito

"urbano" (tradução: Black) ou R&B, como Faith Evans. Em vez disso, ele insistiu que eu sempre usasse meus cachos soltos e saltitantes, que acho que ele pensava que me fazia parecer quase uma garota italiana (embora, ironicamente, meus cachos sejam resultado direto do meu DNA Black, auxiliado por um bom pequeno barril varinha ondulante para integrar o frizz).

Meus cachos certamente se cruzaram com a cultura italiana antes de eu conhecer Tommy. (I fez ao vivo em mais de uma dúzia de lugares em Long Island.) No décimo primeiro grau Eu assisti a uma escola de tecnologia beleza. Eu estava lá principalmente para matar o tempo antes de me tornar uma estrela (meu único objetivo de

carreira). Era mais criativo, divertido e prático do que o ensino médio normal. Eu sempre me esforcei para conseguir uma aparência coesa - não havia nenhuma das ferramentas ou poções em casa para eu brincar, e certamente não tinha um grupo consistente de garotas para passar de garota para adolescente

com. Havia um verdadeiro fascínio em adquirir habilidades de beleza mais refinadas. Além disso, eu era um grande fã do filme musical *Grease enquanto* crescia; Eu pensei que poderia ter meu próprio momento Pink Ladies. E eu meio que fiz.

Minha turma da escola de beleza era composta principalmente por garotas italianas. Havia garotas malvadas, garotas tímidas, garotas normais e depois havia *as garotas*. Eles eram um grupo de cerca de três ou quatro fabulosos, que comparativamente, de todas as garotas que eu já tinha visto em Long Island, eram as mais glamorosas - ou melhor, pareciam estar se divertindo mais com isso. Mas eles levavam *muito a sério* sua aparência.

Sutileza, para essas garotas, era perda de tempo e de sabor. Eles eram bronzeados em estado terminal. Seu cabelo fortemente destacado foi *penteado* a uma polegada de sua vida, cada anel, puf e estrondo borrifado em obediência. A maquiagem deles era brilhante, chamativa e perfeitamente aplicada. Eles usavam as unhas compridas e o *faziam*. Algumas até tinham arte nas unhas: uma linha de minúsculos tachas de ouro, ou suas iniciais em cristais em um "French" branco perfeito, espesso e brilhante - *major*.

Todos nós tínhamos que usar um uniforme com uma bata marrom desbotada de botões com calças brancas e sapatos de enfermeira brancos horríveis e grossos. Mas essas garotas não queriam esconder sua extravagância. Eles usavam os batas abertos, revelando as leggings e os tops masculinos com nervuras e os sutiãs rendados que exibiam por baixo. E, é claro, havia as joias: correntes de elos de ouro grossas e finas em estilos planos, espinha de peixe e corda com chifres italianos, cruces e pingentes iniciais pendurados em camadas em seus pescoços, argolas em suas orelhas e ouro delicado e anéis de diamante em cada dedo.

Eles eram tão adultos para mim. Eles obviamente já estavam fazendo sexo - obviamente não apenas porque carregavam seus corpos de uma maneira particular, mas porque deixavam todo mundo saber disso. Eles falavam fácil e abertamente sobre sexo (o que era secretamente chocante para mim). Eles se chamavam de

“Guidettes” e eu não tinha ideia do que isso significava, mas achei legal que eles tivessem um nome, como um grupo de canto ou algo assim.

Eles iriam rolar para a escola de beleza em carros chamativos, batendo na WBLS, a estação de rádio de dança urbana - ooh, se eles soubessem que a chamamos de “Estação de Libertação Negra” - *alto* . E, claro, eu conhecia todas as músicas e as *cantava* - como “Somebody Else's Guy” de Jocelyn Brown (gostei bastante de fazer vocais grandes e lentos no início) ou “Ain't Nothin 'Goin On But the Rent” por Gwen Guthrie. As meninas adoravam, e minha professora odiava, porque eu estava *sempre* cantando, soprando notas ao invés de soprando.

Foi o meu canto e o constante lançamento de piadas que conquistaram essas princesas adolescentes chamativas, porque eu era de outra escola e não tinha formado meu próprio visual confiante - não era um material de camarilha muito legal. Conseguimos fazer o cabelo um do outro. Surpreendentemente, ninguém nunca me questionou sobre minha textura mista, a espessura (ou finura) dos meus lábios ou qualquer uma das minhas características. Aprendi muito com essas meninas. Eles me ajudaram a trazer mais volume e energia para meu cabelo e mais brilho para meus lábios.

Tínhamos mais em comum do que se poderia imaginar. Sempre houve uma relação underground entre o hip-hop e a máfia na cultura pop. Amamos especialmente o estilo e o estilo de filmes como *O Poderoso Chefão* e *Scarface* . Mais tarde, recriei a cena da banheira de hidromassagem com Jay-Z para o vídeo de

“Heartbreaker”. Esse vídeo sempre será um dos meus favoritos. Eu gostava de homenagear Elvira, a personagem de Michelle Pfeiffer, a esposa torturada e presa, que tinha uma casa espetacular e roupas de grife sensuais (posso *relacionar* ).

Embora eu tenha tentado, descobri que eu acabaria abandonando a escola de beleza. A maioria das meninas da minha turma era muito focada e tinha talento para a área. Eles estavam destinados a fazer cabelo.

Felizmente, eu tinha outro doce destino esperando por mim, porque eu certamente nunca seria coroada rainha das ondas de dedo.

Eu nunca poderia ter imaginado, apenas alguns anos depois de minhas quinhentas horas com as Guidettes, eu estaria no altar com um dos homens mais poderosos da indústria da música - um italiano, nada menos. Eu não estava procurando por ninguém romanticamente. Certamente não estava procurando um marido. E eu definitivamente não estava procurando me casar com Tommy, mas aconteceu de qualquer maneira. E que *acontecimento* foi. Depois que eu disse sim ao casamento, pensei: *Ei, podemos muito bem torná-lo um evento - uma EXTRAVAGANZA!* Como acontece com qualquer projeto ou produção em que estou envolvido, eu queria trazer o máximo de otimismo e festividade possível. Tommy também estava entusiasmado com a

pompa e circunstância em potencial que poderíamos criar. Ele se concentrou na curadoria do público mais influente e impressionante - quero dizer, lista de convidados - que pudesse.

Claramente, não havia família ou mãe da noiva comandando o show aqui. Deus sabe que essa tarefa estava além de qualquer coisa que minha mãe pudesse compreender. Além disso, esse casamento foi planejado para ser um espetáculo da indústria do entretenimento; mesmo uma mãe ou irmã capaz não poderia gerenciar a produção que iríamos fazer. A esposa de um dos colegas de Tommy, que era uma mulher de meia-idade bem conectada socialmente, recebeu o

papel de coordenadora de produção. Ela me ajudou com todos os principais detalhes, como o vestido.

Esse vestido foi um evento em si. Minha coordenadora era amiga de uma das estilistas femininas mais proeminentes da época, cuja especialidade eram noivas. Parecia que eu passava tanto tempo em seu showroom de provas quanto no estúdio para um álbum inteiro. Havia pelo menos dez provas - uma loucura para uma garota que, não muito tempo antes, tinha apenas três camisas em rotação.

Claro, fui inspirado pela Princesa Diana. Quem não foi? Ela era uma figura inspiradora! Eu adorei aquele casamento e realmente foi meu único ponto de referência para como um casamento deveria ser. Eu não cresci olhando revistas de noivas e, além disso, a realeza sabe como fazer um bom casamento - obviamente. No final, quase todos os elementos ou símbolos de princesa imagináveis poderiam ser encontrados naquele vestido. O tecido de seda creme era tão fino que parecia brilhar. O decote em forma de coração caía graciosamente sobre o ombro antes de florescer em mangas de puf exageradas. O corpete estruturado era intrincadamente incrustado com cristais e contas explodindo em uma enorme saia de vestido de baile, mantida à tona por camadas e mais camadas de crinolinas. Mas a característica mais notável era o trem ultra-dramático de vinte e sete pés, que exigia sua própria equipe de manipuladores. Afixado a uma tiara de diamante estava um véu igualmente longo. Sy d Curry enrolou meus cachos para cair como os de Rapunzel, e Billy B fez minha cara, servindo ingênua glamorosa e Belle of the Ball. Eu havia percorrido um longo caminho desde a Cinderela da Cabana. O buquê era inesquecível: uma cascata de rosas e orquídeas, cravejada de várias flores brancas e romanticamente entrelaçadas com trepadeiras de hera. Uma pequena trupe de meninas jogou pétalas brancas aos meus pés.

Tommy também não desapontou com sua missão - o elenco foi impressionante. A lista de convidados incluía pesos pesados de Barbra Streisand a Bruce Springsteen, Billy Joel e Christie Brinkley - até mesmo Ozzy Osbourne e Dick Clark! Para piorar, seu padrinho foi

Robert De Niro! Embora minhas damas de honra incluíssem minhas amigas de longa data Josefin e Clarissa, elas não me trouxeram conforto. Ninguém poderia. Eu estava morrendo de medo.

Quase não me lembro da cerimônia na majestosa Igreja de São Tomás (afinal, precisávamos de um local que acomodasse o drama do vestido).

Lembro que nossa música era "You and I (We Can Conquer the World)" do Stevie Wonder, porque eu escolhi, claro. Lembro-me de meu rosto tremendo involuntariamente no altar. Mas no momento em que as portas da igreja se abriram para a Quinta Avenida, eu ouvi o rugido de gritos e vi as hordas de fãs inundando cada centímetro da calçada até onde a vista alcançava, os flashes das câmeras estourando como fogos de artifício. Desci as escadas e sorri para *eles*. Para mim, meu casamento não foi para todas aquelas pessoas ricas e famosas que eu mal conhecia. Não era pela minha família distante e disfuncional (embora eu me lembre com carinho do meu avô, então nas garras da demência, gritando meu nome com amor como se estivesse no quarteirão: "Mariah! Mariah!") Para mim, o casamento O espetáculo foi principalmente para os fãs, e demos a eles o momento fabuloso que *eles* mereciam.

Houve uma recepção cheia de estrelas no Metropolitan Club (gostei do local porque tinha "MC"

monogramado em todos os lugares, mas não mencionamos isso para TM) que eu mal me lembro. Eu estava *exausto*. Foi preciso muita energia apenas para planejar a coisa e depois passar por isso.

Na noite anterior, eu tive uma festa do pijama só para meninas no Mark Hotel. Eu estava claramente em conflito. Meus amigos sabiam que eu nem acreditava realmente na instituição do casamento, mas aqui estava eu para dar um grande show com um homem que já mostrava sinais perigosos, profissional e pessoalmente.

Ele se tornaria meu parente mais próximo; a sufocante bagunça quente de um relacionamento que eu já tinha com ele só se tornaria mais desagradável e desequilibrado.

“Você não precisa fazer isso”, todos disseram. Mas eu realmente acreditava que precisava. Não vi saída. Eu não sabia mais o que fazer. Aprendi a suportar decepções e seguir em frente, a tirar o melhor proveito das coisas e continuar trabalhando. Certamente sabia como viver com medo. Não conhecia a vida sem medo.

Tommy e eu cancelamos o casamento. No dia seguinte, voamos para o Havaí. Não posso, em sã consciência, referir-me ao que fizemos como uma "lua de mel". Não foi doce. Não foi um sonho. No. Tudo. Estávamos hospedados na casa de alguém, que já estava bem sem graça. Eu realmente não me importei muito, já que meu relacionamento com Tommy nunca foi sobre romance, mas ainda assim, era tecnicamente minha "lua de mel" ...

Felizmente, a casa ficava na praia, e estar perto do mar é sempre um conforto para mim. No dia seguinte, eu tinha ido ao banheiro colocar um maiô quando ouvi Tommy falando alto no viva-voz. Eu poderia dizer que ele estava discutindo. *Excelente.*

"Qual é o problema?" Eu perguntei. Ele estava ao telefone com seu assessor de imprensa muito poderoso, que estava enlouquecido, gritando e xingando porque não queria as fotos do nosso casamento na capa da *People*, como havíamos planejado. O publicitário estava dizendo a Tommy que não era apropriado para sua imagem executiva. *Sua* imagem? Quer dizer, por que passar por toda aquela grandiosidade por alguma pequena foto de canto, como o publicitário estava pedindo? Eu compartilhei essa opinião com ele e Tommy.

O publicitário explodiu.

"Você está brincando comigo ?!" ele gritou comigo.

Tommy não veio em minha defesa. Então, aqui estava eu, com vinte e poucos anos, em minha lua de mel, com um homem de cinquenta anos gritando e xingando comigo ao telefone enquanto meu *marido de* quarenta estava sentado ali, sem fazer nada a respeito. E ainda por cima, eu estava certo! *É claro que* nosso casamento deveria ter

sido uma grande história de capa. Foi planejado dessa forma - isso era show business!

Enquanto os dois homens furiosos gritavam um com o outro e comigo como crianças, comecei a chorar e fugi daquela casa. Eu simplesmente comecei a correr sem rumo pela praia, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Nós nem tínhamos digerido o bolo de casamento, e aqui estávamos nós de novo, de volta às brigas, de volta à fúria, de volta a mim sendo dispensado e derrotado. Nada mudou ou se acalmou. Eu apenas corri, sem saber para onde estava indo. Por fim, cheguei a um hotel com um bar à beira-mar. *Perfeito*, pensei, *preciso de uma bebida*.

Mas quando me sentei, percebi que havia saído de mãos vazias. Eu não tinha telefone nem bolsa, nem dinheiro, nem cartão, nem carteira de identidade. Eu não consegui nem mesmo uma bebida de simpatia para chorar. Com meu cabelo preso em um topete, vestindo nada além de um biquíni e um sarongue, eu parecia mil jovens solitárias na praia, não uma estrela pop famosa que vendeu milhões de discos em todo o mundo.

Eu certamente não parecia uma noiva em lua de mel. Se alguém me reconheceu, me deixou em paz - e ninguém poderia imaginar como me sentia sozinha.

Pedi para usar o telefone e fiz uma ligação a cobrar para meu gerente (lembra quando você teve que memorizar números de telefone importantes?). Pedi a ele que desse ao barman um número de cartão de crédito para que eu pudesse pelo menos pegar uma bebida. Pedi um doce e arrependido daiquiri congelado.

Eu tomei um gole e ouvi as ondas quebrando na costa enquanto a realidade da situação começava a ser absorvida.

Por fim, voltei para a praia e para a casa. Mas eu sabia o que fazer. Mais uma vez, Tommy e eu ficaríamos sentados em silêncio, depois de tudo dito e feito. O pouco de esperança que eu tinha de que me casar iria mudá-lo foi lavado como pegadas na areia. Foi nesse dia que comecei a prender a respiração e resistir à ressaca de Tommy.

## **ACÇÃO DE GRAÇAS É CANCELADA!**

*E eu perdi muita vida, mas vou me recuperar*

*Embora eu saiba que você realmente gosta de me ver sofrer*

*Ainda assim, desejo que você e eu nos perdoemos*

*Porque eu sinto sua falta, Valentine, e realmente te amei*

- "Pétalas"

Eu o chamei de TD Valentine. Esse era o seu nome artístico na época em que se imaginava um músico. Ele amava música, isso é verdade, e ele encontrou uma maneira de ter um caso duradouro com ela. Como eu disse, nosso amor mútuo pela música, ambição e poder estava completamente entrelaçado com nosso relacionamento pessoal. A música *era* o relacionamento, mas por mais que tentássemos, isso não poderia torná-lo um casamento. Eu sinceramente acreditava no meu coração que estaria com Tommy *para sempre*.

Mas minha sanidade e alma não se renderam ao meu coração, e o casamento rapidamente começou a me prejudicar em um nível emocional e espiritual.

Havia uma mitologia popular de que eu era um sofisticado cavador de ouro que conquistou um grande fabricante de sucessos que agora estava financiando meu estilo de vida de princesa - que eu estava simplesmente sentado em um trono em minha mansão de trinta milhões de dólares. O casamento certamente deu essa ilusão, e isso era tudo, uma ilusão. Se havia alguma percepção de um casamento ou vida de conto de fadas, era absolutamente fumaça e espelhos. A segurança de ferro que Tommy forneceu de minha família se transformou em uma masmorra de ferro.

O controle e o desequilíbrio de poder em nosso relacionamento se aceleraram. Meu empresário era um amigo de infância dele. Seu segurança preferido era o cara durão que ele idolatrava desde os tempos de escola (embora eu fosse mais alto que ele quando estava de salto). Todos cujo trabalho era cuidar de mim tinham ligações

profundas com *ele* . Eu era muito jovem e inexperiente quando Tommy me conheceu; ele sabia muito mais sobre muitas coisas, especialmente o mundo da música. Mas eu sabia algumas coisas que ele também não sabia, principalmente no que se referia a tendências e cultura popular, o que, suspeito, o fazia se sentir ameaçado. Ele parecia ameaçado por qualquer coisa que não conseguia controlar.

Mesmo a *ideia* de eu fazer algo que ele não conseguia controlar o colocaria em uma pirueta irracional. Um exemplo básico e ridículo: uma vez, havia um exemplar do *Entertainment Weekly* na mesa da nossa cozinha em Sing Sing. Nele havia uma curta peça em que um escritor refletia sobre a ideia de um remake moderno de *All About Eve*, estrelado por Diana Ross como Margo Channing e eu como Eve Harrington - gênio! Claro, adorei o filme original, não apenas pelo glamour e pelas performances icônicas, mas também porque Marilyn Monroe teve um papel pequeno, mas delicioso, como Miss Casswell, uma atriz linda e ambiciosa.

Tommy leu o artigo e ficou puto - *comigo* ! De alguma forma, ele encontrou uma maneira de me culpar pela fantasia de outra pessoa de me escalar para um filme (que nem tinha uma cena de amor, pelo amor de Deus!).

Como se ele fosse um pai ou guarda autoritário, sua raiva permearia a casa e abalaria todo o meu ser. Tive problemas (sim, "problemas", porque me senti tão infantilizada por ele) pela mera sugestão, feita por *outra pessoa* , de eu fazer algo além do seu controle.

A diferença entre nossos gostos e instintos na música e na cultura pop era mais divisiva do que a diferença entre nossas idades. No final dos anos 80 e em meados dos anos 90, a Uptown Records, liderada pelo falecido e lendário Andre Harrell, era o selo de R&B, hip-hop e o híbrido que se tornaria conhecido como New Jack Swing. Uptown tinha Heavy D & the Boyz, Guy (com Teddy Riley), Jodeci, Mary J. Blige e Father MC. O álbum do padre MC foi um dos meus favoritos. Mary J. Blige estava fazendo backing vocals e refrões para ele e ele também apresentaria Jodeci *love* . Eu os ouvia o tempo todo. Tommy me observaria ouvindo. Ele sabia que deveria prestar

atenção no que eu estava interessado porque sabia que meu ouvido e meus instintos eram aguçados. Mas eu sabia que ele não podia *sentir* isso. Ele não conseguia compreender totalmente sua vanguarda. Ele nunca acreditou realmente no poder cultural duradouro do hip-hop porque não conseguia entendê-lo totalmente. Ele pensou que era uma moda passageira ou tendência.

Uma noite, Tommy e eu saíamos com um grupo de amigos e grandes executivos da música, em uma sala de jantar lindamente iluminada em um restaurante italiano que servia focaccia calorosa inesquecível e era frequentado por illuminati da indústria musical. Estávamos todos sentados ao redor de uma grande mesa.

Minha amiga Josefin veio da Suécia, e ela e seu novo marido estavam entre os convidados, então não era completamente um jantar de trabalho, mas neste ponto minhas vidas profissional, social e pessoal eram praticamente a mesma. Até nossa casa havia sido amplamente projetada para conduzir negócios e impressionar parceiros (embora a principal preocupação de *meus* contemporâneos fosse onde eles podiam relaxar e fumar um baseado - de todos os quartos luxuosos disponíveis, nenhuma surpresa, nós preferíamos o estúdio). Às vezes, hospedávamos lá grandes jantares festivos, alguns dos quais divertidos e fabulosos, mas nunca pareciam uma *família*. Nada parece família quando você está sob vigilância, o que sempre fui.

Os meados dos anos 90 foram uma era emocionante na música, e eu fiz parte de uma geração pioneira de jovens artistas, compositores, produtores e executivos inovadores. Queríamos fazer um novo tipo de som, baseado em R&B e rap, mas sem restrições de formatos e fórmulas antigas. Estávamos brincando com novas tecnologias e combinando melodias fluidas de maneira irreverente com a estética e a energia do hip-hop. A música que estávamos fazendo era crua e suave ao mesmo tempo, e éramos os únicos que sabíamos como fazê-la funcionar. Era o nosso som, um reflexo do nosso tempo e das nossas sensibilidades.

Meu ex-gerente também estava conosco no restaurante. A conversa mudou para Puffy, também conhecido como Sean, também conhecido como P. Diddy, que havia recentemente deixado a Uptown Records, onde havia começado como estagiário, tornando-se chefe da A&R. Agora ele já tinha sua própria gravadora, Bad Boy, e seu artista estrela, o Notorious BIG, estava em todas as rádios e começando a se espalhar por uma

geração. O então chefe da Epic Records se virou para mim e perguntou: "Então, o que você acha desse cara, Puffy? O que você acha que está acontecendo com ele? Você gosta da música dele? "

Ele dirigiu a pergunta para mim porque eu era a pessoa mais jovem da mesa. Eu também amava e entendia o hip-hop, e era o único artista lá. Além disso, recentemente trabalhei com Puff como produtor. A mesa ficou quieta quando me inclinei e dei minha avaliação honesta: que Puff e Bad Boy eram definitivamente para onde a música moderna estava indo.

Não muito antes, em nossa mesa da cozinha, Tommy havia compartilhado sua opinião comigo e com meu sobrinho Shawn: "Puffy estará engraxando meus sapatos em dois anos". Fiquei atordoado. *Esperar. O que ele disse?* Foi uma das poucas vezes em que me opus a Tommy, dizendo-lhe que o que ele havia dito era abertamente racista. Eu estava chateado. Shawn nunca me viu responder a ele; ele ficou chocado por eu ter mostrado minha raiva e ficou genuinamente preocupado com minha segurança. Muitas pessoas foram então.

Mas naquela noite no restaurante, o que poderia ter sido uma discussão robusta entre o líder da indústria e o artista sobre a cultura global e o futuro da música pop americana tornou-se uma birra épica de Tommy.

Quando estava terminando minha resposta, vi seus olhos brilharem com uma raiva familiar. Ele saltou da mesa e começou a andar, bufando e bufando pelo restaurante. Ele estava tão lívido que não conseguia se conter. A mesa inteira ficou em silêncio enquanto

olhávamos um para o outro, sem saber o que diabos havia de errado com ele (desta vez) ou o que deveríamos fazer. Todo o restaurante testemunhou Tommy tentando descer de uma saliência que só ele conseguia ver. Finalmente, ele atacou de volta. Ainda vibrando de raiva, ele bateu com o punho na mesa e anunciou: "Eu só quero que todos saibam que AGRADECIMENTOS É

CANCELADA!" *Hum, está bem.*

Estávamos planejando fazer um jantar festivo de Ação de Graças em Sing Sing, mas como me atrevi a dar minha opinião honesta e autônoma, em público, a alguém que ele admirava (que *me* perguntou o que eu achava), ele iria fechar as portas a diversão. Como se fosse minha festa de aniversário de dez anos. Mesmo assim, era ridículo, a arrogância com que ele declarou o *cancelamento* de um feriado nacional . Tipo, quem iria ligar para Frank Perdue? Por Deus, quem iria se lembrar de todas as Butterballs ?! Eu fui feita uma pergunta direta. O que eu deveria fazer, sentar lá como um manequim e não responder ao homem? Era tudo simplesmente ridículo.

O que não era engraçado era saber como seria punido por minha transgressão na viagem de uma hora para casa. Algo aconteceu comigo naquela noite e decidi que não iria levar a culpa por algo que não era minha culpa, de *nov*o . Esta noite, eu não seria trancado na câmara de tortura do Range Rover de Tommy e enviado de volta para a prisão em Bedford. Decidi que não iria embora com ele em hipótese alguma. Percebi que estava correndo um risco enorme e assustador, mas como estávamos em um lugar público, com uma mesa cheia de testemunhas, arrisquei, pensando que ele não faria uma cena maior e que talvez eu estivesse segura.

Ele sentou-se à mesa cozinhando e olhando para mim. Eu sentei nervosamente em minha cadeira, minha perna literalmente tremendo sob a toalha de mesa de linho branco, mas ainda cheia de convicção. De alguma forma, eu encarei de volta. *Não esta noite*. De jeito nenhum eu faria aquele passeio de carro com ele naquele estado. Foi um impasse tenso e todos na mesa ficaram apavorados.

Eles estavam com medo por mim; eles estavam com medo de si mesmos. *Todo mundo* sempre teve medo do Tommy! Mas mantive minha posição e, finalmente, Tommy saiu sozinho. Mesmo que ele e eu soubéssemos que ainda haveria pessoas me seguindo e se reportando a ele, esta posição foi um movimento *monumental* de minha parte. Por respeito à nossa privacidade, o chef e o proprietário concordaram em me deixar sair discretamente pela cozinha. Josefin e eu fomos a um pequeno clube (o que foi um passo *enorme* para mim) para sacudir a cabeça e tomar alguns coquetéis, depois fomos para um hotel para ter uma noite de sono decente. Foi meu primeiro gole de liberdade - e como eu estava sedento por mais.

*Porque é minha noite*

*Sem estresse, sem brigas*

*Estou deixando tudo para trás ...*

*Sem lágrimas, sem tempo para chorar*

*Apenas aproveitando ao máximo a vida*

-É assim

A noite em que Tommy "cancelou" o Dia de Ação de Graças foi a primeira vez que me defendi e resisti às suas ordens. Ele nunca me permitiu ter uma voz própria; exibir o menor sinal de agência ou pensamento independente parecia ameaçá-lo e castrá-lo. Eu não tinha controle sobre seu controle. Eu era a voz da

gravadora, obtendo todos os tipos de lucros e ações para ele, mas não conseguia ter voz na mesa de jantar.

Mas eu não me permitiria ser cancelada.

## **FANTASIA**

Embora Tommy nunca abrisse mão do controle da minha vida, a certa altura ele começou a fazer concessões no que se referia à produção da música. Ele sempre me respeitou como compositor; ele era um homem da música e conhecia boas letras e estrutura

melódica. No entanto, eu não estava apenas superando alguns dos produtores que ele tinha ligado a mim, mas também a indústria da música. Eu sempre resisti ao impulso deles para me encaixar em uma categoria legal de "adulto contemporâneo". Contemporâneo adulto era o que ele conhecia, era o que seus caras sabiam, e eu realmente sabia disso também. Eu poderia escrever grandes sucessos pop como "Hero". Eu poderia escrever músicas no estilo da Broadway. Qualquer que fosse a ocasião exigida, eu poderia fazer acontecer. Mas eu queria fazer mais da minha própria música com um som mais moderno. Eles continuaram tentando me suavizar enquanto eu só queria ficar um pouco mais áspero.

Eu queria adicionar dinâmica e ampliar meu alcance. E, claro, havia uma dimensão racial e cultural que veio com a integração do hip-hop - era uma forma de arte negra. Ao contrário do jazz (que Tommy apreciava) ou do gospel, o hip-hop era radical, cru e na cara. Não foi projetado para fazer homens brancos de meia-idade se sentirem bem. O hip-hop realmente não *precisava mais* desse tipo de "criador de sucessos", e acho que isso o ameaçava por colocar em risco seu poder. E ainda assim ele não podia negar as evidências. Meus instintos estavam fazendo sucesso. Então ele parou de lutar tanto comigo nas amostras, artistas e produtores com quem eu queria trabalhar.

Eu sabia que o hip-hop adicionava uma energia jovem e excitante a quase qualquer outro som, se feito corretamente. Eu sabia que Puff seria o parceiro de produção perfeito para o "Fantasy Remix" que eu estava sonhando. Fiquei muito feliz com o que o produtor Dave "Jam" Hall e eu fizemos com o single. Para a amostra, escolhi "Genius of Love" do Tom Tom Club. Era uma música perfeita, divertida e animada, mas eu sabia que poderia ir a lugares ainda mais interessantes. Mantivemos a amostra do Tom Tom Club para o remix, até mesmo enfatizando e trazendo-a ainda mais. Puff estava muito entusiasmado com a minha ideia de apresentar o Ol 'Dirty Bastard do Wu-Tang Clan - esse era o *verdadeiro* gênio do amor.

Os ternos do "necrotério corporativo" não eram loucos por ODB. Eles realmente pensaram que ele era certamente louco e que eu estava prestes a chocar minha base de fãs inteira. Tommy geralmente considerava o ruído de fundo do rap e não tinha ideia de que ODB estava prestes a trazer esse ruído para "Fantasy". Eles não entendiam o quão diversos meus fãs eram, nem entendiam o impacto global do Wu-Tang Clan (quero dizer "Up from the 36 Chambers!" - vamos lá!). Wu-Tang era um movimento, um tipo de grupo único em uma geração, e ODB era um membro extra-especial. Eu realmente acreditava que ele traria algo incrível para o remix. Puff teve a visão e correu com ela. Havia também alguns caras legais de A&R que me ajudaram a contrabandear um dos maiores recursos do rap de todos os tempos.

Claro, a sessão de ODB era tarde da noite, e depois eu fui abordado por Tommy e trazido de volta para Sing Sing para passar a noite. Eu havia tomado um banho, que se tornou para mim uma espécie de ritual batismal reverso, pelo qual fiz a transição de jovem artista de gravação global de volta para esposa enjaulada de Westchester. Vesti uma camisola de seda branca, andei na ponta dos pés pelo carpete de lã branca do quarto principal e subi em nossa cama opulenta, equipada com lençóis egípcios brancos de 1.000 fios e o que parecia ser uma centena de travesseiros de plumas brancos.

Tommy já estava na cama com seu pijama de algodão branco. Seu lado da cama parecia a um milhão de quilômetros de distância. A esterilidade havia se tornado rotina. De repente, o telefone tocou. Eu respondi e comecei a gritar de excitação. Alguém do estúdio ligou para relatar que ODB havia concluído sua sessão.

"Espere, espere", eu disse, "deixe-me colocar você no viva-voz." Pressionei o viva-voz para Tommy ouvir: *Ei, Nova York em casa*

*O Brooklyn está na casa?*

*Uptown na casa*

*Shaolin, você está em casa?*

*Boogie Down, você está em casa?*

*Sacramento em casa*

*Atlanta, Georgia, você está na casa?*

*Costa Oeste, você está em casa?*

*Japão, você está em casa?*

*Pessoal, vocês estão em casa?*

*Querida, querida vamos*

*Baby, vamos, baby, vamos!*

Wheeeeeeeeeeee! Eu não pude me conter. Posso até ter começado a pular na cama! Aí ouvi as próximas falas:

"Eu e Mariah voltamos como bebês de chupeta! Old Dirt Dog não mentiroso. Manter a fantasia quente como fogo! "

Era isso! Ol 'Dirty Bastard cuspiu brilho louco e queimou nosso quarto branco imaculado com a sujeira e a diversão justa que eu ansiava! Ele continuou, e todos os seus improvisos loucos me enviaram a risadas eufóricas. Eu me delicieei com isso. Eu estava apenas gritando, rindo e gritando. Mas então olhei para Tommy. Sua cabeça estava inclinada para o lado com uma expressão de confusão que ele não pôde conter.

"Que porra é essa?" ele deixou escapar. " *Eu* posso fazer isso. Dê o fora daqui com isso. " Lá estava. Isso foi o que ele disse sobre uma das coisas mais originais e incríveis que eu já tinha ouvido! Acho que ele estava em choque, ou talvez *tenha* pensado que poderia fazer isso e que todos nós estávamos malucos. Era como se a Starship *Enterprise* tivesse me transportado para outra galáxia, muito, muito longe de Tommy. A música era nosso único vínculo verdadeiro, e agora estávamos a anos-luz de distância.

Agora, *eu* estava louco por "Fantasy Remix". Foi uma das primeiras músicas que toquei sem parar antes de sair no rádio. Eu tocaria na viagem de volta para Bedford (tenho certeza que Tommy *adorou* isso). Parecia toda a diversão que eu perdi na minha infância. Isso me fez sentir feliz. A energia de ODB era algo com que todos podiam

se identificar - ele era seu tio amoroso e divertido que fica bêbado em todas as festividades, no jantar de Natal, no churrasco, no Dia de Ação de Graças. ODB e Puff realmente me ajudaram a criar algo duradouro ao qual todos os tipos de pessoas se conectam. Esse remix nos deu falas e sentimentos que usaríamos para sempre. Ele até trouxe de volta Donny e Marie Osmond com "Eu sou um pouco country, sou um pouco rock 'n' roll!" Como o que o fez explodir e cantar *isso* ? Gênio. E agora, quando estou cantando no palco e temos seus vocais, parece que ele está dizendo "Eu sou um pouco Roc e Roe" - isso sempre me pega.

Fazer o vídeo "Fantasy" foi muito importante para mim também. Eu queria que fosse divertido e despreocupado. Na minha opinião (que raramente era considerada), quase todos os meus vídeos não estavam *certos* . Tommy nunca me permitiu trabalhar com os diretores que eu queria, os da moda na época, como Herb Ritts, ou os estilistas descolados, que dariam um toque especial ao meu visual; eram pessoas criativas que ele não conseguia controlar completamente. Seu pacote para mim era tão popular, mas este, não havia como homogeneizar este. A necessidade é a mãe da invenção, certo? Então, como não poderia ter um diretor com quem quisesse trabalhar, decidi dirigir o vídeo sozinho. Era um conceito simples: jovem, divertido e gratuito. Foi filmado em locações no Playland Park de Westchester em Rye, Nova York. Todos podem se identificar com a alegria e o abandono de um parque de diversões, a sensação de jogar as mãos para o alto na montanha-russa. Essa é a pura diversão que eu queria capturar. Elementos simples, como crianças fofas em patins, cores vivas, shorts cortados e um palhaço. Houve uma sequência de dança noturna com uma equipe de B-boys frescos e foi isso. Essa foi a versão pop. Para o vídeo de remix, eu queria que ODB fizesse para o vídeo o que ele havia feito na música: trazer um elemento bobo e sujo para ele.

O dia da filmagem de ODB estava nublado e tínhamos uma configuração simples para ele no calçadão. Fui ao camarim para nosso primeiro encontro cara a cara com um presente - um frasco de prata com suas iniciais gravadas. Conversamos sobre o conceito -

que, de novo, era bem simples, porque eu não queria que nada obscurecesse sua performance (como se fosse possível qualquer coisa ultrapassar ODB). Conteí a ele sobre a ideia de amarrar o palhaço no mastro e realmente apresentar suas grades. Ele estava desanimado com toda a ação, mas tinha algum tipo de problema com seu guarda-roupa e queria uma peruca.

“Eu quero uma peruca”, dizia ele, “como um daqueles idiotas dos anos sessenta. Como Al Green. Sou como o Al Green desta geração”.

“Ooooooh, não sei sobre Al Gweeeeen, mas você definitivamente é algo incrível”, respondi respeitosamente.

Ele já estava em seu modo totalmente bêbado de tio. Tive que enviar o estilista ao shopping com ele para que pudesse obter exatamente o que estava imaginando. Veja bem, estávamos em Westchester (era meu vídeo, mas eu ainda estava no território de Tommy).

Quando eles voltaram, depois de uma ou duas horas, o estilista estava um caco. Aparentemente, ODB estava cantando e gritando e “woahhhhhhhing” e bebendo durante todo o shopping! Mas seu visual era perfeito, as proporções alongadas e largas eram perfeitas para sua dança e movimentos estranhos e maravilhosos. Ele usava as mangas e o capuz como adereços. Foi no local. E a cena em que ele está de peito nu com a peruca reta em forma de cogumelo, com óculos escuros pontudos - ele estava dando um pouco mais de Ike Turner

do que Al Green, mas seja o que for, foi inesquecível! Seu desempenho foi todo ele, e foi perfeito. Eu sei que ODB teve alguns problemas reais em sua alma, mas ele trouxe nada além de alegria para o remix, para o vídeo e para o meu mundo.

## RIPODB

"Fantasy" foi um grande álbum. Foi o primeiro single a estreiar em primeiro lugar no Billboard Hot 100 da história por uma artista feminina e o segundo artista a fazê-lo (o primeiro foi Michael Jackson com "You're Not Alone"). Ele ocupou o primeiro lugar por oito semanas consecutivas e permaneceu nas paradas por um total de 23 semanas. Foi meu nono número um único. Mesmo os críticos gostaram "Fantasia" e o remix (alguns *realmente* gostei) toda -a *Daydream* álbum fez surpreendentemente bem: diamante certificado. Como um álbum, teve alguns singles duradouros realmente especiais, como "Always Be My Baby" e, claro, "One Sweet Day", cujas letras e música eu co-escrevi com Boyz II Men, inspirado pelo falecimento do meu incrível amigo e colaborador David Cole e seu empresário de turnê, ambos morreram cedo demais. "One Sweet Day" foi o single número um mais antigo na história americana em 23 anos.

Eu estava escalado para tocar "Fantasy" e fazer algumas outras partes no vigésimo terceiro American Music Awards anual, onde fui indicado em várias categorias. Foi uma grande noite para mim, mas ganhar os prêmios de melhor artista pop feminina e melhor artista feminina de R&B não foi o momento mais memorável para mim.

Quando eu não estava no palco ou esperando nos bastidores, me sentei na primeira fila ao lado de Tommy.

Estávamos ambos vestidos com a tensão da alta costura (a foto da capa de *Daydream* pelo fotógrafo Steven Meisel, que era indiscutivelmente o mais proeminente na indústria da moda na época, definiu o estilo chique do preto-é-o-novo-preto para o tom de promoção do álbum). Ironicamente, minha roupa para essa performance estava dando a você pseudo vibrações "Militant Mariah", com calças de couro pretas, um sobretudo de couro preto e uma blusa de gola alta preta (tenho certeza que Tommy gostou

porque a única pele exposta foi meu rosto). Talvez tenha sido uma premonição do que estava por vir.

Porque eu tinha mais do que apenas uma performance de "Fantasy" para fazer naquela noite, eu tinha um trailer atrás do Shrine Auditorium para mudanças de guarda-roupa e tal. Eu estava voltando para o trailer para entrar em outro conjunto. A segurança estava em toda parte, então não precisei ser seguida na curta caminhada até onde todos os trailers dos artistas estavam estacionados atrás do teatro.

Quando saí com toda pressa para voltar ao palco, notei um Rolls-Royce branco silenciosamente, aproximando-se lentamente. Assim que meus dedos dos pés tocaram o asfalto, o veículo elegante e reluzente parou suavemente bem na frente da minha porta. Foi como se o próprio tempo tivesse parado. A janela escurecida do passageiro deslizou para baixo.

Ele estava sozinho, recostado no banco do motorista, de modo que o braço que segurava o volante de couro estava quase reto. Ele apoiou a cabeça para trás apenas o suficiente para que seus cílios luxuosos não projetassem uma sombra e obscurecessem seus olhos escuros alertas e surpreendentes que olharam nos meus.

"Ei, Mariah," ele disse suavemente, meu nome saindo de seus lábios como fumaça. Então aquele sorriso espetacular explodiu em tudo. Em um instante, a janela voltou a subir e Tupac rolou para longe.

Se não fosse por um assistente de produção ou alguém me chamando de volta ao palco, de volta à terra, eu poderia ter ficado lá atordado por horas. Eu fiz minha parte no palco e voltei para minha cadeira rígida ao lado de Tommy. Meu coração disparou nervosamente, mas ele não sabia. Ninguém sabia. Eu tinha acabado de colocar os olhos de Tupac Shakur em *mim*.

Embora eu estivesse gravando *Daydream*, partes da minha vida ainda eram um pesadelo. Eu estava escrevendo e cantando músicas animadas como "Always Be My Baby" e baladas arrebatadoras como

"One Sweet Day". Fiquei totalmente inspirado pelo risco criativo que corremos ao colaborar com ODB no remix de "Fantasy". Eu estava explorando meu alcance musical, mas também estava cheio de raiva. Sempre foi um desafio para mim reconhecer e expressar raiva. Minha vida pessoal estava sufocando durante o *Daydream*, e eu precisava desesperadamente de uma liberação.

Música e humor foram meus dois grandes lançamentos - foram como sobrevivi a todas as angústias da minha vida. Então, enquanto eu tinha uma banda completa e tempo de estúdio no Hit Factory para esse álbum, criei uma artista alter ego e sua banda paródia tipo Ziggy Stardust. Minha personagem era uma menina gótica taciturna de cabelos escuros (uma versão dela, Bianca, apareceu alguns anos depois no vídeo de

"Heartbreaker") que escreveu e cantou canções torturadas ridículas. No final de cada sessão, eu ia para um canto e, sem pensar muito, rabiscava rapidamente algumas letras. Em cinco minutos eu teria uma música: *Eu sou!*

*vinagre e água*

*Eu sou!*

*Filha feia de alguém*

*Eu estou vadeando na água*

*E eu estoumm!*

*Como uma bolha aberta*

*Eu sou!*

*Irmã de Jack, o Estripador*

*Eu sou!*

*Apenas um vagabundo solitário*

Eu trazia minha pequena canção de rock alternativo para a banda e cantarolava um riff de guitarra bobo. Eles pegariam e nós gravaríamos imediatamente. Foi irreverente, cru e urgente, e a

banda entrou nisso. Na verdade, comecei a amar algumas das músicas. Eu me comprometeria totalmente com meu personagem. Eu estava tocando com o estilo das cantoras brancas punk-leves e arejadas do grunge que eram populares na época. Você conhece aqueles que pareciam tão despreocupados com seus sentimentos e sua imagem. Eles podiam estar zangados, angustiados e bagunçados, com sapatos velhos, deslizamentos enrugados e sobranceiras indisciplinadas, enquanto cada movimento que eu fazia era tão calculado e bem cuidado. Eu queria me libertar, me soltar e expressar minha miséria - mas também queria rir.

Eu estava totalmente ansioso para fazer minhas sessões de banda de alter-ego depois do *Daydream* todas as noites. Tommy estava muito tempo na Itália na época, então eu tinha um pouco de espaço e ar para fazer essa coisa bizarra e divertida que era só para mim. A banda adorou, e acabamos com um álbum de músicas que valem a pena, que mixamos e tudo. Meu projeto jokey "release raiva" acabou sendo um estranhamente bom satírico, subterrâneo, rock alternativo *coisa*. Quando Tommy e algumas outras pessoas da gravadora ouviram, não acreditaram que tínhamos feito tudo isso durante a gravação do *Daydream*. Eu até pedi ao departamento de arte da gravadora para projetar uma capa que eu havia conceituado. Escrevi o título com batom rosa sobre uma foto Polaroid que Tommy tirou de uma barata gigante morta na Itália. Eu disse a eles para adicionar uma paleta de maquiagem de sombra de olho esmagada. Eles colocaram tudo para fora, e era perfeitamente sujo e atrevido. Tive muita satisfação pessoal em fazer aquele álbum "alternativo". Eu fiz o disco sarcástico de bater cabeça que ninguém nunca iria permitir que eu fizesse. Minha assistente e eu costumávamos explodir no carro andando pelas ruas secundárias de Westchester, cantando a plenos pulmões, dando-me um breve momento para ficar externamente zangado, irreverente e livre.

Havia uma música no álbum chamada "Crave" (que eventualmente rebatizei de "Demented"). Tommy sabia que eu tinha talento para reconhecer talentos, então ele criou uma gravadora boutique para mim que chamei de Crave, inspirada pela música.

O primeiro ato no selo Crave foi um grupo de hip-hop chamado Negro League (eles fizeram participações especiais no vídeo "The Roof"). Eles se batizaram em homenagem a famosos jogadores de beisebol Black, como Satchel Paige e Cool Papa Bell, que tiveram que formar sua própria liga por causa da segregação. Eles eram jovens, divertidos e *todos* estavam bem. Eu simplesmente adorei entrar em uma festa com eles - eles cantavam "NEGROES! NEGROES!" Nada ambíguo nisso, *querida*.

Mais tarde, quando ficou claro para Tommy que o casamento não daria certo, Crave rapidamente faleceu e o álbum alternativo convenientemente desapareceu. Houve um pequeno e doce benefício residual de Crave e da Liga Negro. Eu escolhi um dos meus amigos do grupo como meu interesse amoroso sem camisa, andando de moto e lambendo os lábios no vídeo "Sweetheart" de Jermaine. Eu o chamei de "Frasco" (que era próximo ao seu nome) porque ele estava tão nervoso no vôo para Bilbao, na Espanha, que bebeu e foi esmagado. Mas sua ressaca funcionou bem no filme, enfatizando seus olhos já sonhadores. Ele foi meu namorado por um curto período de tempo, logo após um rompimento muito difícil, que irei abordar em breve. Ele era divertido, ótimo e perfeito para lamber minhas feridas.

## **UMA NOITE DE VERÃO, FICAMOS AFASTADO POR UM TEMPO ...**

Na esteira do sucesso do remix de "Fantasy" com Ol 'Dirty Bastard, eu agora tinha alguma munição que tornava um pouco mais fácil trabalhar com pessoas fora da jurisdição de Tommy. Eu estava começando a buscar o que eu pensava serem os colaboradores certos, com os quais eu poderia alcançar o som que vinha ouvindo há algum tempo, o que incluía infundir hip-hop e trabalhar com uma diversidade de rappers. No entanto, a velha guarda da A&R e dos executivos musicais das grandes gravadoras não sabia como controlar ou conter o hip-hop e olhou para mim de lado em busca de sugestões.

O rap estava ganhando muito dinheiro muito rápido, então os executivos espertos correram para tentar conseguir uma parte dele. E Tommy não foi exceção. Ele era inteligente. Embora ele sempre tivesse um estilo contemporâneo pop / adulto mais tradicional em mente para mim, ele não podia negar que a indústria e o público estavam mudando. Estava bem estabelecido que Tommy não gostava particularmente de rap ou rappers, mas ele era um homem de negócios astuto e, apesar de sua resistência inicial, ele entendeu que eu tinha meu dedo no pulso cultural. Eu estava determinado a que meu próximo single soasse mais como a música que eu estava ouvindo na minha cabeça o dia todo, a música com a qual eu tinha sonhado. Então comecei meu trabalho no *Butterfly* .

Eu tinha chegado a um ponto em que era confiável para escolher as pessoas que me inspiravam, não os jogadores previsíveis. Um dos mais talentosos foi Jermaine Dupri, um produtor suave e desconexo de Atlanta com ouvido e instinto brilhantes. Como eu, Jermaine entrou no jogo cedo. Ele era extremamente ambicioso e talentoso; aos dezenove anos, ele descobriu, desenvolveu, escreveu e produziu sucessos de multiplatina para Kris Kross e garantiu um contrato de joint-venture para uma gravadora, SoSo Def Recordings, com a Sony e a Columbia.

Eu estava realmente inspirado pelo trabalho que ele fez em "Just Kickin 'It" com o novo grupo de garotas também de Atlanta - Xscape. Foi intencionalmente "subproduzido"; suas escolhas de faixas eram sonoramente cruas - exatamente o que eu estava procurando. Assim que ouvi essa música, soube que deveríamos trabalhar juntos. Jermaine - também conhecido como JD, também conhecido como Jermash (como eu o chamo) - e eu instantaneamente cliquei criativamente. Como produtores, nós dois tínhamos uma forte disciplina no estúdio, mas também podíamos abordar a música com abandono, sem medo de tentar coisas novas. Poderíamos nos concentrar e fluir juntos. Era um relacionamento raro e nós sabíamos disso.

Nossa primeira colaboração foi "Always Be My Baby," no *Daydream* . Foi a primeira música que escrevemos juntos, mas foi como se tivéssemos feito isso um milhão de vezes antes. Sentamos no estúdio e o abordamos como uma tela em branco - sonoramente orgânico. Com o talentoso Manuel Seal nos teclados, criamos essa música clássica legal, mas cativante.

Para deixar a gravadora feliz, tive que entregar várias versões de um single, incluindo uma que fosse rápida e simples, sem todos os improvisos e "inflexões urbanas". Para me deixar feliz e fazer com que uma música de que gostasse funcionasse para os garotos do clube (que sempre me deram vida), reservei um tempo para fazer remixes, às vezes vários em uma mesma música. Frequentemente, reescrevia completamente e novas faixas vocais em vez de reciclar do original - especialmente quando trabalhei com David Morales. Nós teríamos uma visão completa de uma música. Muitas vezes trabalhávamos tarde da noite, quando eu podia roubar um momento para mim. David iria ao estúdio e eu diria que ele poderia fazer o que quisesse com a música. Eu tomaria alguns salpicos de vinho e iríamos aonde quer que o espírito nos levasse - que eram quase sempre faixas dançantes de alta energia com vocais grandes e novos. Foi uma maneira pela qual encontrei a libertação enquanto estava trancado em Sing Sing.

Tive uma ideia de remix para "Always Be My Baby" e pedi a JD para trazer Xscape e uma grande e excitante jovem rapper de Chicago chamada Da Brat que tinha um álbum de sucesso, "Funkdafied", que JD havia produzido, para meu estúdio . Sabendo como JD e eu trabalhamos bem juntos, calculei que poderíamos fazer um remix e gravar um vídeo legal no estilo docu, tudo na mesma sessão. Foi uma jogada eficiente. Foi uma grande façanha garantir um recorde de sucesso; você tinha que ser estratégico em suas escolhas criativas.

Escolhemos "Tell Me If You Still Care" da SOS Band como amostra, pensando que seria palatável para um público crossover, e então ter

Da Brat fazendo um rap nele tornaria a música atraente para um público de hip-hop.

JD estava caído. Eu sabia como queria que o remix soasse, com fundos no estilo Supremes. Tive que refazer todos os vocais porque estava em um tom diferente. Mas porque Jermaine era tão adepto do estúdio e tão em sintonia com todos os nossos estilos, eu sabia que ele poderia juntar tudo. A sessão estava definida - So So Def estava vindo para Sing Sing.

Conforme você se aproxima do terreno de Sing Sing, um posto de segurança fica à direita, obscurecido por árvores. Dentro havia várias telas conectadas a todas as câmeras em toda a casa e na propriedade. JD subiu a longa entrada de automóveis em direção à enorme casa que se erguia como um castelo de um cobertor espesso e fofo de neve brilhante. Ele não estava preparado para tamanha grandeza. Eu não percebi o ar raro em que estava orbitando até que percebi aquele momento de reconhecimento no rosto de JD quando ele saiu do carro. A escala e opulência da mansão sugeriam não apenas "estrela da música", mas a próxima estratosfera. Sing Sing estava superdimensionado. Foi a representação física do poder e influência combinados de mim e Tommy, um casal poderoso da indústria musical. E, naquele momento, éramos o casal poderoso da indústria musical. Quando ele chegou à enorme porta da frente, Jermaine parecia Richard Pryor em *The Wiz*. Honestamente, todos nós parecíamos um grupo de crianças brincando em um reino de conto de fadas. Mas, na verdade, era mais como um dia de visita "ao interior". A alegria foi temporária.

Foi revigorante e um alívio muito bem-vindo ter um grupo de novos artistas em minha casa para criar algo que amaríamos e respeitaríamos. Esses eram meus colegas, mergulhados na música e na cultura hip-hop - e estávamos prontos para fazer um *sucesso*. Apesar de sermos todos muito jovens, coletivamente vínhamos centenas de milhões de dólares em vendas de discos. Mas depois

que você atravessou os portões de Sing Sing, isso não significou muito. Agora estávamos todos sob vigilância. JD, Xscape e Da Brat notaram a presença excessiva de guarda-costas e seguranças, mas não ficou imediatamente claro para eles exatamente quem ou o que eles estavam protegendo.

Jermaine estava tão focado e sério que foi direto para o estúdio para se aclimatar e se organizar. Ele se sentou no console, no comando total, como o capitão de uma nave espacial. Enquanto ele trabalhava na batida, as garotas do Xscape e eu vibramos e conversamos sobre a mecânica dos vocais de fundo. Foi provavelmente a primeira vez que tive cinco mulheres perto da minha idade em minha casa. Xscape era Kandi Burruss, Tameka "Tiny" Cottle e Tamika e LaTocha Scott. Com seus elaborados penteados de Atlanta, lábios brilhantes e roupas esportivas extragrandes, elas eram super voadoras e capturavam totalmente o visual glamouroso, mas descontraído, das mulheres do hip-hop durante aqueles anos. Seu som e estilo eram exatamente a vibe certa para o remix e o vídeo. Eu queria que todos parecêssemos fáceis e reais, não manipulados por "executivos de desenvolvimento".

Do estúdio, você podia ver as enormes janelas francesas, que levavam à área da piscina coberta com seus tetos altos de museu. Em dias claros, o reflexo das nuvens flutuava na superfície da água a partir da piscina externa, que ficava além das paredes. Da piscina externa você podia ver o lago e, de lá, em uma noite clara, você podia ver as luzes cintilantes de Manhattan à distância. Nós ficamos na sala de mármore com a piscina, jogando cartas, bebendo, contando piadas - quase como namoradas de verdade.

E então havia Da Brat. Sua energia era irresistível; Eu a adorei, instantaneamente. Eu era muito reservado com novas pessoas naquela época. Eu tinha ficado tímido e levava muito tempo para confiar (ainda confio), mas Brat quebrou a parede do meu passado de medo, no primeiro dia. Tínhamos espíritos parecidos com crianças, apenas Brat exibia destemidamente sua alma de menina, enquanto eu estava desesperadamente escondendo a minha. Muito

esforço, estratégia e dinheiro foram usados para criar minha fachada de princesa clássica, mas Brat, com todo seu espírito irreverente de adolescente, armada com um grande casaco fofo e pequenas tranças e presilhas, explodiu direto na minha bolha. A essa altura, minha vida era tão controlada por Tommy e seus comparsas que eu quase não conseguia mais ver. Mas Brat, com sua espontaneidade, ousadia e frieza, avistou minha menininha interior imediatamente e a sacudiu para acordá-la.

Brat era do West Side de Chicago e estava claramente hipnotizado pela extravagância de Sing Sing. Não houve absolutamente nenhuma postura dela; ela caminhou direto para a porta como, "Dayyyyumm!" Eu a levei para um tour pela casa. Ela nunca tentou conter sua admiração enquanto corríamos de sala em sala.

Mas não estávamos sozinhos - a segurança sempre esteve bem atrás de nós, como uma sombra. Quando nos mudamos, eles se mudaram. Nos últimos quatro anos, tenho trabalhado constantemente em um nível muito intenso. Eu tinha tantas decisões a tomar, tantas pessoas contando comigo e olhando para mim em busca de respostas e um dia de pagamento. Se eu tinha algum tempo "livre", passava com Tommy ou pessoas de sua idade, pessoas de sua folha de pagamento. Fazia muito tempo que eu não me divertia de verdade e Da Brat era uma festa de uma mulher só.

Eu só queria me divertir, mas sabia que estávamos sendo observados e ouvidos. Havia câmeras e dispositivos de gravação em toda a casa. Eu não tinha certeza de onde estavam todos plantados - mas conhecia pelo menos um lugar onde eles não estavam.

Nossa próxima parada na excursão foi o quarto principal. Pirralho era tão engraçado; ela gritou quando viu a tela gigante da televisão subir, como por um truque de mágica, de uma caixa aos pés de nossa cama elaborada. Pirralha não era uma garota feminina - ela usava jeans extragrandes, uma camisa pólo e botas Timberland - mas fiz um grande alarde em mostrar a ela meu armário inspirado em Coco Chanel e insisti que ela visse minha enorme coleção de sapatos chiques. Eu sabia que se pudesse colocá-la na sapataria, os

seguranças não nos veriam; Eu o projetei e tinha certeza de que não havia câmeras ou dispositivos de escuta entre meus Manolos. Eu conversei em voz alta sobre estiletos enquanto fechava lentamente a porta.

Sentamos no chão do meu armário de sapatos e o chutamos um pouco. Éramos os dois arianos, ambos muito bobos, e ambos acreditávamos em um Deus incrível. Eu estava me divertindo muito com o Brat, mas sabia que não poderíamos ficar escondidos por muito tempo; certamente a segurança suspeitaria e exporia meu único cômodo seguro na casa.

Eu nunca soube quem estava ouvindo, então sussurrei para Brat: "Quer ir buscar batatas fritas?" Em qualquer outra realidade, isso teria sido uma sugestão mundana, mas na minha, estava prestes a ser uma cambalhota em grande escala.

Quando saímos do armário, coloquei meu dedo na boca e apontei para a parede, dando a ela o sinal para ficar quieta e seguir minha liderança. Eu continuei falando sobre mostrar a ela o resto da propriedade, então anunciei que queria mostrar a ela os carros rapidamente. Pulamos para a garagem. Dentro havia uma frota de carros. Vários deles eram meus, a maioria dos quais eu nunca dirigi, em parte porque estava sempre sendo dirigido. Apontei para o Mercedes conversível preto e disse a Brat para entrar rapidamente. Sempre mantive as chaves dentro do carro, então em questão de segundos eu estava com o motor ligado. Engatei a marcha e contornamos o beco sem saída, depois aceleramos pela entrada de automóveis e saímos para a estrada aberta.

De repente, lá estava eu: voando pela rua em meu carro esporte, com minha nova e legal homegirl, rindo alto e profundamente sob o forte sol da tarde de inverno. Foi emocionante. Pirralho e eu destruimos a Casa Grande!

Enquanto estávamos jogando Black Thelma e Louise, *Escape from Alcatraz* não estava jogando tão bem no Storybook Manor. Eu entendi que segurança era necessária, mas por que era necessário

que todos fossem brancos, com olhos azuis e armas pretas? Eles estavam ficando loucos. Antes de percorrermos a estrada até o Burger King, o telefone de Brat começou a tocar. Eu podia ouvir JD gritando do outro lado da linha: "Ei, pirralho, volte aqui, porra; eles estão ficando loucos! "

Brat riu ao telefone e respondeu: "Não vou dirigir; Mariah é! " Mas JD estava claramente chateado.

"Isso não é engraçado, porra", disse ele. "Tommy está ficando maluco; ele fez todo mundo correr procurando por vocês; eles sacaram armas e essas merdas! "

Brat respondeu: "Droga, nós só vamos comprar batatas fritas, JD! Se Mariah quiser batatas fritas, vamos conseguir batatas fritas! " Ela fechou abruptamente o telefone e seguimos para o Burger King.

Por cerca de vinte minutos, enquanto Brat e eu ficamos sentados no carro comendo aquelas batatas fritas e contando piadas, eu me delicieei com a simples emoção de ser jovem. Eu nunca esquecerei isso. Jermaine deve ter ligado a cada cinco minutos, implorando para que voltássemos. Ele passou de zangado e aborrecido a nervoso a com medo. Brat estava rapidamente percebendo o quão séria nossa fuga momentânea tinha sido.

A cada toque, ela olhava para mim com crescente preocupação e tristeza. Estávamos realmente a apenas um quilômetro de distância e as pessoas estavam em *pânico* .

Ela disse algo como: "Isso não está certo. Essa é a sua merda, Mariah. Jermaine, Xscape - estamos todos aqui por *sua* causa . Você vendeu milhões de discos, garota. Você mora em um palácio maldito. Você tem tudo, mas se não pode ser livre para ir à porra do Burger King quando quiser, não tem nada. Você precisa sair daí.

" Desta vez ela não estava rindo. Se Da Brat, uma rapper de dezenove anos do West Side, está com medo por você, você sabe que a situação deve ser terrível, *querido* .

Quando chegamos à propriedade, havia mais de dez seguranças do lado de fora, preparando dois grandes SUVs pretos para uma busca. Eles me pararam antes que eu pudesse subir a garagem para a garagem, como se eu fosse um fugitivo cruzando a fronteira. Fui prontamente levado de volta para casa e de volta ao estúdio

- de volta à minha torre, minha prisão.

JD estava visivelmente abalado. Meu pequeno esquema espontâneo e malicioso teve consequências reais para ele. Eu não trouxe meu telefone, então a segurança não tinha como entrar em contato comigo. Seria um inferno pagar a Tommy por uma vigilância tão desleixada. Enquanto Jermaine estava no estúdio, concentrando-se em definir o ritmo da faixa, a segurança o invadiu e o interrogou, com suas armas apontadas em plena luz do dia. Eu presumo que eles perceberam que, uma vez que Jermaine era o produtor, Brat era *seu*

artista, então ele estava no comando, ele era o responsável. Gritaram com ele: "Onde ela está? *Diga-nos onde ela está!*" "Claro, ele não tinha ideia de onde estávamos. Ele estava trabalhando. Ele estava no meu estúdio.

Esta foi a primeira vez que ele esteve na minha casa. Ele tinha apenas 23 anos.

Depois que Tommy teve certeza de meu retorno seguro, a situação se acalmou. Brat enrolou um gordo sem graça, mas Deus sabe que ela não podia fumá-lo perto de mim, então ela apenas o segurou durante toda a filmagem, como um cobertor de segurança, e começou a trabalhar em seu rap para o remix. Seus nervos estavam um pouco em frangalhos agora também. Além de tudo o mais, ela provavelmente se sentiu culpada por termos causado tanto drama enquanto gravava seu primeiro grande rap comigo. Mas quando o microfone estava quente e a câmera rodando, Da Brat o matou. Sua entrega foi alegre e difícil, tocando referências inteligentes e ritmos sofisticados dentro do espaço da música:

*Quem arrasa na sua caixa de música*

*E decompõe sua estrutura*

*Você fantasia enquanto me visualiza como seu Dreamlover*

*Foda-se com suas emoções desconectadas do seu Daydream*

*- "Always Be My Baby (Remix)"*

Conseguimos: um remix, um vídeo e uma fuga da prisão, tudo em um dia. Você nunca saberia pelo vídeo que dirigi que estávamos cercados por seguranças armados. Eu era um mestre em editar a pressão.

### **EFETOS COLATERAIS**

*Eu era uma menina, você era "o homem"*

*Eu era muito jovem para entender*

*Eu fui ingênua*

*Eu apenas acreditei*

*Tudo que você me disse*

*Disse que você era forte, me protegendo*

*Então eu descobri que você era fraco*

*Me mantendo lá sob seu polegar*

*Porque você estava com medo que eu me tornasse muito*

*Mais do que você poderia suportar*

*Brilhando como um lustre*

*Que decorou cada cômodo*

*Dentro do inferno privado que construímos*

*E eu lidei com isso*

*Como uma criança, eu gostaria de poder voar para longe*

*Mas em vez disso, mantive minhas lágrimas dentro*

*Porque eu sabia que se começasse, continuaria chorando pelo resto da minha vida com você Finalmente reuni forças para ir embora, não me arrependo, mas ainda vivo com os efeitos colaterais*

- "Efeitos colaterais"

Quando Tommy sugeriu que fizéssemos terapia de casal, fiquei surpreso. Sem surpresa, ele me disse que teria de ser com *seu* terapeuta, com quem ele se encontrava há anos. No entanto, este foi um passo monumental para nós dois. Nossas carreiras e, conseqüentemente, nosso casamento, estiveram constantemente sob os holofotes públicos. Mas ninguém jamais teve permissão para entrar no interior sombrio de nosso relacionamento. Eu nunca tive ninguém em quem confiar sobre como eu estava vivendo -

ou não vivendo. Carregava o fardo de acreditar que, por ser capaz de escrever, cantar e produzir minhas canções, tornar-me famoso e ter acesso a uma riqueza inimaginável, não merecia a felicidade pessoal também. Eu realmente acreditava que tudo de bom em minha vida me custaria, e que o controle de Tommy era o preço pelo meu sucesso.

Honestamente, eu só estava tentando ganhar cinco minutos de paz - a oportunidade de ser capaz de descer as escadas até minha própria cozinha e comer algo sem o silvo do interfone e seu ameaçador "O que você está fazendo?" zumbindo fora disso. Além disso, eu não confiava em ninguém - àquela altura, eu estava distante de minha família imediata e todos ao meu redor estavam ligados a Tommy e com medo dele. Eu sabia que qualquer coisa que eu dissesse iria voltar para ele, e eu sofreria sua raiva constante.

Eu tinha começado a desenvolver erupções semelhantes a urticária. Fui ver o dermatologista, que me garantiu que minha pele, de outra forma imaculada, estava tendo uma reação a forte estresse. Foi sugerido

que eu fizesse algumas mudanças na dieta e adicionasse algumas novas rotinas de limpeza para ajudar a aliviar os sintomas. Quando contei a Tommy o diagnóstico do médico (não era um bom negócio

para o seu artista mais vendido ser eliminado), ele respondeu: “*Estresse* ?! Porra, você tem que estar estressado?”

Lawd, deixe-me contar as maneiras.

A terapia foi um salva-vidas. Nossa terapeuta era uma judia gentil, mais velha, com cabelo curto cor de âmbar e olhos alertas. Ela tinha um escritório aconchegante em sua casa clássica em Westchester. Eu gostava dela mais do que pensei que gostaria, pois presumi que ela faria parte do “time de Tommy”, mas ela era revigorantemente imparcial e uma verdadeira profissional. E ele a respeitava. (O que era *importante* .) Naquele ponto da minha vida, eu não tinha muitos relacionamentos com adultos profissionais estáveis cujo sustento não estivesse ligado às vendas de discos. Poucos lugares eu não fui dominado pela ansiedade: primeiro, foi o estúdio de gravação e agora foi o consultório do terapeuta.

Embora mesmo em meus espaços “seguros”, a presença de Tommy contagiasse a atmosfera. Eu estava no estúdio de gravação escrevendo e vibrando com produtores ou outros artistas, e ele frequentemente aparecia às 18h ou 19h para me pegar, como se eu fosse sua “office girl” das nove às cinco. e não um artista que teve seu próprio processo criativo, que você não poderia colocar em um cronômetro. (Sem mencionar que colaborou com vários rappers e produtores de hip-hop, muitos dos quais - como eu - não reconhecem o tempo, especialmente o *dia* .) Assim que ele entrou, a tensão eclipsou a leveza da criação; todas as risadas cessariam e todos nós encolheríamos um pouco para dar lugar à pressão que o acompanhava. E embora eu não possa dizer que me sentia completamente seguro ou igual no consultório do terapeuta (ou em qualquer lugar), era a coisa mais próxima que tínhamos de um espaço neutro onde Tommy e eu poderíamos tentar nos comunicar.

Foi um grande avanço para mim o fato de ela nos ouvir com objetividade. E ela *acreditou em* mim. Ela o tratava há anos, como Tony Soprano e Jennifer Melfi, exceto que ela era mais uma figura materna do que uma erudita sexy. Ela pode ter sido a única pessoa que teve algum tipo de percepção de sua psique e poderia conceber

completamente as condições repressivas e paranóicas que ele impôs a mim em nosso casamento e vida familiar. Ela foi a primeira a reconhecer e nomear o abuso que eu vivia. Eu já sabia o estrago que isso estava causando em meu espírito, mas ela identificou o dano que isso estava causando em mim emocionalmente.

Depois de algumas de nossas sessões, ela pedia a Tommy que fosse sentar e esperar por mim no carro, para que ela e eu pudéssemos relaxar e falar honestamente. Uma vez, durante nosso tempo a sós, perguntei a ela, implorando na verdade: "Por que ele não pode simplesmente me deixar ir ao spa ou ao cinema, ou fazer *qualquer coisa* ? Eu não fiz nada de errado!"

Ela fez uma pausa e disse, com seu sotaque seco e prático de Nova York: "Querida, não é *normal* . Por que você está agindo como se estivesse lidando com uma situação normal? Não é normal! "

Mas eu não tinha um quadro de referência para o normal. Nosso casamento tinha sido um local de demolição muito antes de chegarmos à terapia.

Depois de nosso relacionamento de oito anos, minha vida se tornou um thriller psicológico. Chegou ao ponto em que a simples presença de Tommy para mim era uma ocupação hostil. Andar na ponta dos pés e me proteger era minha existência diária. Nunca pensei que seria forte o suficiente para deixar Tommy. Achei que simplesmente continuaria a lidar com isso. Orei para que ele percebesse como estava me sufocando e que fizesse o trabalho e as coisas mudassem. Alguns dias eu realmente queria apenas ser como Peter Pan e voar para longe. Principalmente, tentei aceitar qualquer merda que ele estava dando, não importa o quão ultrajante, e apenas esperava que ele se tornasse mais tolerante. Estar casado com ele realmente era o equivalente a ter um pai severo que governava com medo e controlava tudo o que você fazia. Eu esperava que ele apenas relaxasse e me desse espaço para apenas ser, para que tivéssemos uma chance. Era nossa única chance.

Escrevi no *Butterfly* o que esperava que Tommy pudesse ver e dizer para mim: *Cegamente eu imaginei*

*Eu poderia mantê-lo sob o vidro*

*Agora eu entendo de te abraçar*

*Devo abrir minhas mãos*

*E veja você subir*

*Abra suas asas e prepare-se para voar*

*Porque você se tornou uma borboleta*

*Oh voe abandonado no sol*

*Se você deveria voltar para mim*

*Nós realmente fomos feitos para ser*

*Então abra suas asas e voe*

*Borboleta*

Imediatamente, o terapeuta de Tommy defendeu que eu tivesse mais independência. Ela apoiou a ideia de que eu precisava criar alguns limites para mim e me encorajou a ir a outros lugares por conta própria. Parecia um milagre - eu nunca tive um aliado antes. Ela recomendou que fizéssemos as coisas em etapas, algo como liberdade condicional. Mas, ao contrário da liberdade condicional, o objetivo não era eu ser reaclamada à sociedade, mas moderar o comportamento de Tommy, já que ele era tão extremo. Ele tinha controle sobre mim como artista. Ele tinha controle sobre minha vida pessoal. Ele tinha controle sobre todos em minha vida profissional. E embora eu fosse o maior artista da gravadora, ele ainda era a pessoa mais poderosa da minha vida, e aparentemente a vida de todos. Todo mundo estava morrendo de medo de Tommy - os executivos, a gerência, o jurídico, outros artistas - *todo mundo* .

Depois de uma negociação feroz com o terapeuta, concordamos que o primeiro passo para a independência era que eu finalmente assistiria às aulas de interpretação. Por anos, eu quis treinar

atuação. Músicas são como monólogos, então eu sabia que tinha uma boa matéria-prima e, certamente, uma gama de emoções e experiências de vida para me inspirar. Mas eu estava ansioso para aprender alguma arte, para explorar, desenvolver e disciplinar outra paixão fermentando dentro de mim. Como aconteceu com o canto, desde cedo fui obcecado por filmes e muitas vezes memorizava falas como uma fuga. Atuar era um sonho e algo que eu sentia que precisava fazer. Tommy "concordou" que eu teria aulas particulares de atuação - sem surpresa, novamente, com um treinador que ele conhecia e aprovava. Como o terapeuta, este treinador de atuação era muito qualificado e trabalhava com atores incríveis de classe mundial.

A treinadora de atuação era uma mulher ampla que parecia gostar muito de seus seios volumosos e da carnosidade de seu corpo. Ela se moveu com abandono. Ela balançava em camadas de roupas esvoaçantes Stevie Nicks e fazia grandes gestos com os braços, mesmo durante uma conversa casual. Ela era em parte hippie mãe terrestre, em parte princesa privilegiada, em parte aspirante a guru, e eu gostava dela.

Ela ensinava em seu luxuoso apartamento no Upper West Side. Como ela, o espaço era eclético e acolhedor.

Estava cheio do cheiro de Nag Champa, o que mais me impressionou porque era imediatamente calmante e, naquela época, eu não era facilmente acalmado.

Em nossa primeira sessão, ela me fez deitar em uma esteira no chão e fechar os olhos para fazer alguns exercícios básicos de respiração profunda e relaxamento. Sentada em sua cadeira no alto, ela me instruiu a respirar profundamente e tentar relaxar. "Relaaaaaaaax." (É mais fácil falar do que fazer, senhora.)

"Feche seus olhos. Respirar. Respirar." Eu estava lutando, mas ouvindo e tentando seguir suas instruções.

"Relaxe, Mariah. Relaxe seus músculos; respire e relaxe seu corpo. " Foi então que percebi que meus ombros estavam empurrados até as

orelhas. Mesmo deitado no chão, eu estava em uma postura tensa de lutar ou fugir - principalmente lutar; Eu estive me protegendo por muito tempo.

"Respirar. Respirar. Verifique com você mesmo, "ela disse calmamente. Verifique comigo mesmo? Eu não sabia o que isso significava.

Sentindo minha resistência, ela disse: "Vá para um lugar onde se sinta seguro".

Nada.

"Você tem um lugar onde se sinta segura, Mariah? Vá ali. Pode ser da sua infância. "

Nada.

"Imagine que você é pequeno, tem seis anos. Vá ali."

Eu estava na casa da delicatessen. Não é seguro.

"Talvez você seja um pouco mais velho. Vá ali."

Eu estava de volta ao barraco. Não é seguro.

Ela continuou empurrando, pensando que certamente deveria haver um lugar. "Pode ser algum tempo mais recente. Vá para um lugar seguro. "

Eu não estava sentindo nada em lugar nenhum. Eu só podia sentir o chão duro contra minhas costas enquanto procurava em meu próprio vazio. Eu estava procurando um espaço em minha mente e esperando a chegada de uma visão reconfortante. Não havia nada. Eu estava em branco. Eu abri meus olhos e olhei para o teto. De repente, me senti com frio e sozinho. Ocorreu-me que não havia nenhum lugar, dentro ou fora, onde eu me sentisse seguro.

Em seguida, o treinador perguntou: "Como você está, Mariah?" Uma onda de tristeza percorreu meu corpo e se derramou em um dilúvio de lágrimas. Todo o meu ser estava ofegante, soluçando; Eu não tinha certeza se algum dia seria capaz de parar.

Por fim, a tempestade de lágrimas diminuiu. Não acho que tenha chorado abertamente todo o tempo que estive no relacionamento com Tommy. Chorar com ele exigiria muita limpeza e o custo emocional seria muito caro. Ele certamente me puniria se eu chorasse. *Foi* ele quem chorou durante algumas de nossas lutas mais explosivas. E eu acabaria consolando -o , abandonando completamente minhas necessidades, minha dor. Foi cruelmente manipulador.

*Não me diga que você sente muito por ter me machucado*

*Quantas vezes posso desistir?*

*Quantas batalhas você pode vencer?*

*Oh, não implore por misericórdia esta noite.*

*Esta noite, porque eu não agüento mais*

- "Tudo desaparece"

No entanto, o exercício de chorar foi um alívio, embora minúsculo. Eu estava segurando muito por tanto tempo. Comecei a respirar um pouco.

Minha treinadora de atuação pairou sobre mim, e eu podia sentir o cheiro de óleos essenciais, patchouli talvez, vazando de seus poros. Ela colocou as mãos nos meus ombros e começou a empurrá-las suavemente para baixo em direção à minha caixa torácica.

"Deixe de lado a postura de luta e apenas respire," ela sussurrou. Eu não tinha percebido o quão alto e apertado estava segurando meu corpo. Meu colapso foi encorajador para ela; Eu havia libertado alguns dos meus sentimentos reprimidos. Agora ela me disse que queria que eu "me sentisse livre no corpo". Eu estava um pouco vacilante quando me levantei para vê-la demonstrar o exercício. Ela fechou os olhos e começou a girar os ombros de um lado para o outro, deixando a cabeça cair para trás e ao redor com eles. Então seus quadris se juntaram em um balanço sem objetivo. Ela ergueu os braços e começou a agitá-los como aqueles estranhos homens de tubos infláveis no lava-rápido. "Livre no corpo!" ela cantou. "Vamos

lá, fique livre no corpo, Mariah." Eu estava observando ela fazer sua dança errática e extasiada e simplesmente não conseguia dar o salto. Assim como não poderia dançar para Addie, para provar que era negra, eu sabia que era negra *demais* para fazer uma dança interpretativa com ela, mesmo que fosse uma sessão privada.

O que me lembro com mais clareza foi o treinador de atuação me dizendo que eu tinha dificuldade em acessar minha raiva. Pensei em algo que o terapeuta me disse uma vez: muitas vezes, a tristeza é a raiva voltada para dentro. Claro que guardei tudo dentro - de que outra forma eu teria sobrevivido? Percebi que não podia expressar raiva porque nunca tive permissão para fazê-lo. Com quem eu sempre estive seguro para ficar com raiva? Nem meu irmão, nem minha irmã, nem Tommy, nem minha mãe, nem ninguém. Não havia pessoa segura e nenhum lugar seguro em minha vida. Nunca existiu.

*Aquela mulher-criança falhando por dentro*

*Estava prestes a desaparecer*

*Felizmente acordei a tempo*

- "Fechar meus olhos"

A paixão de Tommy era implacável. Depois de incontáveis lutas dolorosas e dramáticas, e depois que comecei a fazer um exame de consciência genuíno, Tommy e eu começamos a abordar a noção de separação temporária na terapia. Demorou muito trabalho pessoal e entrar em contato comigo mesmo para tocar no conceito. Eu estava com tantas cicatrizes em tantos níveis. As lutas emocionais com Tommy foram ininterruptas e eu ainda não conseguia nem começar a saber os efeitos do trauma, mas chegar a um ponto em que poderíamos discutir um alívio da dor era importante. Ele puxou muitos cordões para me amarrar. Eu realmente não sabia como poderia escapar dele enquanto ele ainda estava vivo. Ele poderia ser incrivelmente vingativo. E sua rede era tão abrangente. Tive a sensação real de que toda a minha segurança estava em risco.

Com um pouco de apoio e algumas ferramentas novas, pude ver claramente que morar com ele estava me matando. Eu precisava

criar um lugar para respirar.

Eu tinha certeza de que precisava escapar da fúria de Tommy e acessar a minha, e isso exigiria alguma ajuda e estratégia. Porque estávamos em terapia, eu não precisava ser o único a "trazer isso à tona". Foi a terapeuta quem disse a Tommy que ele me perderia para sempre se não tentasse me dar um pouco de espaço. Portanto, foi discutido como um Band-Aid temporário para "tratá-lo como uma separação". Ela estava tentando convencê-lo a me deixar sair com outras pessoas, pelo amor de Deus - pelo *meu* bem.

Depois de tanto incômodo e muito barulho, Tommy concordou em seguir o conselho do terapeuta e fez um acordo para tomar certas medidas para ver se conseguiríamos encontrar uma maneira de continuar a viver juntos. Lembro-me da terapeuta dizendo, com seu jeito maternal: "Mariah tem que começar a ir aos lugares sozinha, Tommy. Não é justo. Você a está sufocando." Eu estava em um ponto de ruptura e algo precisava ceder. Eu não estava pedindo muito, apenas um pouco de tempo com os amigos. Meu espírito foi drenado e, nesse ritmo, o relacionamento estava ameaçando levar os pedaços restantes de minha própria alma.

O prédio do meu professor de teatro era conectado por uma passagem particular ao prédio ao lado. Era possível acessar o prédio vizinho passando pela entrada frontal do prédio dela. Era como algo saído da abertura do show de comédia dos anos 1960 *Get Smart* : você tinha que passar por uma porta lateral indefinida e andar por um corredor de concreto e por um beco fechado, mas era possível ir de prédio em prédio sem nunca saindo.

Então, secretamente, aluguei um pequeno apartamento no prédio ao lado do dela. Pude trabalhar com a administração do prédio para providenciar a entrega de coisas para mim com um nome falso. Eu tinha uma configuração muito simples, com um sofá conversível para que eu pudesse dormir - sozinha. Eu dizia a Tommy que estava cansado das aulas de atuação e de passar a noite com meu

professor, então deslizava para minha própria casinha e saía pela manhã do prédio do meu professor. Foi sorrateiro, mas eu estava no fim da porra da minha corda! Sempre havia alguém observando cada movimento meu. Esta foi a sobrevivência básica.

Mais tarde, minha caverna de sobrevivência se tornou meu escritório pessoal e estúdio particular. Mandei instalar uma simples parede de espelhos, e foi lá que fiz a melhor carroceria da minha carreira com a incomparável Debbie Allen. A Sra. Allen entrou em contato comigo e disse que queria trabalhar comigo porque ela realmente se conectou com a minha música. O que é uma dádiva de Deus! Ela era magistral. Ela analisou como me movi ou não me movi. Ela me ensinou alongamentos e outras ferramentas para me ajudar a me libertar e a aterrar. Ela trabalhou comigo em coreografias para apresentações. Ela criou movimentos que funcionaram para *mim*. Ela tinha dançarinos ao meu redor, literalmente me dando apoio. E era disso que eu precisava por tanto tempo - alguém para ser paciente comigo enquanto eu descobria meu próprio corpo.

Eu estive totalmente desconectado do meu corpo por tanto tempo. Eu só sabia como me deixar dominar completamente por uma música. Eu não tinha ideia de que agitava minhas mãos da maneira que fazia até que vi uma de minhas primeiras apresentações na TV! Foi necessária a fabulosa Kiki Shepard para descobrir que eu *realmente* não sabia como andar de salto. Ela me puxou de lado e me fez subir e descer as escadas ao lado do palco no Apollo até que eu entendi direito. Pancada.

Anjos da guarda existem - Debbie Allen com certeza era uma das minhas.

A terapeuta montou um plano para eu sair socialmente sem Tommy pela primeira vez. Isso era importante. Ia ser novo para mim também: eu tinha ido direto de uma infância complicada e descuidada para a indústria da música traiçoeira e um casamento tóxico e tumultuado. E eu mal tinha vinte e poucos anos. Mas eu estava finalmente começando a acessar um tipo diferente de

coragem - uma que estava lá para proteger minha vida, não apenas minhas músicas.

Tommy tinha sido inflexível sobre eu não atuar porque temia que eu estaria em sets glamorosos com atores ou diretores atraentes ou o que seja. O fato de ele admitir que eu tinha um treinador de atuação (que ele pensava ser leal a *ele* ) era um tanto promissor. Ele não tinha a mesma influência em Hollywood que tinha no mundo da música. Eu ter aulas de teatro na cidade talvez não fosse tão ameaçador para ele, porque Nova York era sua cidade e ele tinha olhos em todos os lugares. Mas eu sair com meus colegas, pessoas da minha idade, para me *divertir* ? Isso era profundamente ameaçador para ele. O mais assustador de tudo era a ideia de eu ser vista sem ele e, Deus me livre, fotografada sem ele. Ele não suportava pensar que as pessoas veriam Cinderela no baile sem seu príncipe e salvador.

Controlar a percepção do público era vital para Tommy e, antes da mídia social e dos smartphones, era bastante viável. Então o negócio era que iríamos a um grande evento juntos, seríamos vistos, teríamos documentado e, depois, nos separaríamos e eu poderia sair com meus amigos. Provavelmente Tommy tinha menos medo de me perder para a traição (o que nunca passou pela minha cabeça) e mais medo de perder sua

influência sobre mim, o que era muito mais valioso para ele do que minha fidelidade. Embora ele se opusesse, ele sabia que tinha feito um acordo e, em seu mundo, um acordo é um *acordo* . Então, negociamos meu primeiro voo solo como uma borboleta social.

Nosso relacionamento era muito parecido com um acordo de pais e filhos em que a independência é conquistada em incrementos. Eu tinha quase a idade de um adolescente, mas era Tommy, claramente meu mais velho, que precisava ser ensinado a ser um adulto sobre o assunto. Foi tudo tão distorcido, mas estávamos tentando dar o melhor de nós ao *normal* , querida.

## **O HOMEM DE KALAMAZOO**

A Noite de Voo de Teste Solo da Operação Mariah tinha um itinerário rígido: primeiro, Tommy e eu iríamos juntos ao evento de gala do Fresh Air Fund, que havíamos feito em anos anteriores ( *agindo* normalmente).

Depois, eu jantaria com um grupo de amigos ( *na verdade* normal). Sair com Tommy tinha se tornado uma atuação tão cansativa que fui tomada por um horrível coquetel de ansiedade e tédio.

Felizmente, naquela noite, eu sabia que alguns dos meus colegas, como Wanya Morris do Boyz II Men, também iriam ao baile de gala, então eu não teria que usar uma máscara tão pesada a noite toda. Eu me agarrei ao fato de que, do outro lado das oportunidades de fotos, pratos de mil dólares e banalidades não era a viagem silenciosa e sufocante de volta para Westchester juntos, mas a possibilidade de *diversão* . Eu poderia passar por este. Eu deslizei em um vestido longo de jersey fosco Ralph Lauren vermelho chique e cheguei ao tapete vermelho, apoiado no braço de Tommy.

Todas as fotos daquela noite nos mostraram olhando em direções diferentes, meu corpo rígido e um sorriso estranho estampado em meu rosto. Não havia motivo para sorrir. Sinceramente, eu tinha medo de sorrir na maioria das fotos, pois quando era pequena me disseram que meu nariz era muito largo e sorrir fazia com que ele se espalhasse mais. Esse tiro de insegurança foi seguido por um perseguidor do executivo de desenvolvimento de artistas da Sony, uma senhora rotunda e imponente que me disse quando nos conhecemos, antes do meu primeiro álbum: "Este é o seu lado lisonjeiro. Você *só* deve ser fotografado deste lado do rosto. " (Era o lado *sem* a marca de beleza. Quem *são* essas pessoas? Quem. São. Eles?) Eu era muito jovem e não tinha confiança para desafiar a opinião dela, então obedeci. Eu internalizei muitas das críticas prejudiciais e cruéis que as pessoas mais velhas me fizeram quando criança e jovem; alguns se enterraram tão profundamente em minha psique que nunca serei capaz de erradicá-los inteiramente. Até hoje eu, inconscientemente, me volto para o "lado lisonjeiro" se houver uma câmera por perto; é uma *coisa* .

A gala foi um típico evento de caridade com jantar de frango repleto de celebridades. Sentei-me ereto, encolhi o estômago e prendi a respiração até que tudo acabou. Tommy e eu fingimos a noite toda sem incidentes. Nós dois tínhamos bastante prática em fingir. Então acabou: eu havia dado a Tommy seu momento público e agora estava livre para ir! Este foi um grande negócio maldito! Nunca tive permissão para ir a *qualquer lugar* social sem ele. Eu não pude acreditar! Eu estava livre para rir e me divertir, como um ser humano, sem ser calado, silenciado e sequestrado. Eu me senti como a Cinderela ao contrário; era o baile chique que era a tarefa.

Na década de 1990, Giorgio Armani foi o auge de uma casa de moda de luxo. Armani era o designer preferido de todos os A-listers. Tommy, é claro, usava Armani e estava sempre tentando melhorá-lo. E

ocasionalmente eu também usava Armani. Havia várias pessoas legais e conectadas que trabalhavam para o designer e saíam com seus clientes legais. Depois da gala, nosso plano era ir a um jantar festivo em um restaurante que alguns dos insiders da Armani haviam organizado. Minha assistente e eu fomos, e Wanya nos encontrou lá. Era uma cena fabulosa no centro da cidade.

A iluminação no local era baixa, e vinte de nós estávamos sentados atrás, contra uma parede gigantesca de janelas, em torno de uma grande mesa de jantar cheia de lindas garrafas de vinho e velas. O ar estava elétrico com conversas e risadas divertidas. E havia boa música tocando ao fundo, com Wanya ocasionalmente explodindo em riffs. Foi uma noite normal para todos os outros presentes, mas foi uma revelação para mim, estar socialmente com meus colegas e ouvir a música da minha época.

Embora ainda estivesse sendo observado, me senti mais leve do que há muito tempo. Eu me sentia jovem e desencadeado. Não era incomum para um jantar desse tipo ter convidados entrando e

saindo em ondas, então, quando Derek Jeter e seu amigo entraram e se sentaram à minha frente na mesa, eles não chamaram a minha atenção. Eu os achei ambíguos. Depois de olhar rapidamente para eles, pensei: *Quem são esses caras?*

minha atenção se voltou para os convidados mais interessantes para o jantar.

Nunca fui atraído pelo tipo de atleta, nem mesmo no colégio, onde os atletas estavam no topo da cadeia alimentar. Derek e seu amigo não eram exceção à minha regra. Seu terno Armani não encobriu o Kalamazoo nele. Ele não tinha a vibe elegante de Nova York com a qual eu estava tão acostumada. Não estou sendo obscuro, mas ele estava com sapatos de *bico fino*. Os artistas podem ser muito tribais e, em comparação com as estrelas do hip-hop e do R&B, modelos, fashionistas e garotos descolados em todos os matizes na mesa, os dois se apresentavam como um tanto triviais.

O restaurante estava mal-humorado, mas nossa mesa estava movimentada, e em algum momento a conversa mudou para "escuridão imperceptível" - passando, mas com mais nuances. Eu estava fascinado. Discutimos quem pensávamos que era secretamente Black ou então poderia ter algum Black passando por eles, como eles poderiam ou não se identificar e como eles eram frequentemente identificados erroneamente. Eu nunca tive uma conversa aberta sobre estética biracial ou multirracial, *nunca*. Meus pais não tinham linguagem para isso, e Tommy nunca quis falar sobre minha identidade biracial; se ele não tinha vergonha disso, certamente não queria promovê-lo. Não pude acreditar: era minha primeira noite sem ele, e de repente eu estava em um diálogo sobre raça e identidade com pessoas jovens, inteligentes e criativas!

Por fim, o debate voltou-se para *mim*. Um dos caras da Armani disse que não sabia dizer se eu era parte Black ( *nenhuma* parte dele era Black, a propósito). Wanya não estava aceitando. Sua voz se elevou em seu registro agudo: "Não, cara, vamos lá! *Todos nós*

sabemos; como você poderia não saber? ” Eu estava rindo, mas também estava profundamente interessado.

Como se fosse uma deixa, outra pessoa da equipe Armani se intrometeu: “Derek, sua mãe é irlandesa e seu pai é negro, certo? Tipo, então o que você acha de tudo isso? ”

De repente, foi como o momento em *O Mágico de Oz* em que a tela passou de preto e branco para Technicolor. Eu estava em um novo momento, uma nova sala; era uma nova noite e talvez um novo mundo.

Quando ouvi “mãe irlandesa e pai negro”, minha cabeça se ergueu involuntariamente e se virou para Derek.

Nossos olhos se encontraram. Uma tristeza profundamente reprimida que eu havia enterrado dentro de mim desde o primeiro golpe doloroso de alguém dizendo que eu não era branco o suficiente ou negro o suficiente, que se traduziu em “não bom o suficiente”, ambos se elevaram e começaram a se dissolver, e um desejo de conexão tomou seu lugar.

Foi como se de repente eu pudesse vê-lo. Derek definitivamente não era mais um pedestre; ele estava mais perto de um Príncipe Encantado. Este primeiro momento de conexão foi tão profundo. Eu tinha criado um número infinito de momentos românticos em minhas canções, e eu estava incrivelmente triste por tanto tempo. Finalmente, era como se eu estivesse realmente *vivendo* um sonho. Eu vi seus olhos - enormes pérolas de jade cintilantes flutuando em uma piscina marrom-dourada. Era como se não houvesse mais ninguém no restaurante ou no universo. Começamos a conversar do outro lado da mesa; a brincadeira era leve, brilhante e profundamente sedutora. Não conseguia me lembrar da última vez, se é que houve uma, em que senti borboletas ao falar com um homem.

O resto da noite conversamos, suave e facilmente. Por fim, percebi como todos estavam cientes de nossa atração, mas não me importei. Esta era minha noite fora e eu estava sentindo a doçura da

liberdade, a pressa e o fascínio de tudo isso. Eu sabia que estava sendo observada, mas para o inferno com isso. Derek era jovem, misto, ambicioso e estava fazendo o trabalho dos seus sonhos, assim como eu! No meio de todas as pessoas, luzes e música, parecia que éramos os únicos no mundo. Mesmo sendo apenas um piscar, ainda era *fogo* .

Por mais descarado que fosse, permiti que Derek me acompanhasse até o carro, onde um motorista - também conhecido como agente de Tommy, é claro - estava esperando. Estar com ele naquele momento era como *viver* . Eu nunca vou esquecer andando ao lado dele naquela noite, olhando -se para ele, com a sua altura e a maneira como seu corpo atlético movido. Eu me senti diminuta ao lado dele. Foi uma experiência muito diferente. Esse passeio de dois minutos na calçada foi mais estimulante para mim do que andar em mil tapetes vermelhos encenados. Foi um momento real. Eu estava solto nas ruas de Nova York, a brisa abafada da madrugada soprando em meu cabelo e pressionando a delicada camisa de meu vestido contra meu corpo.

Na verdade, me senti bem. Livre.

## **ESCOLHEU**

*Sozinho*

*Ansioso por apenas*

*Acredite que é bom o suficiente para ser o que*

*Você realmente é*

*Mas no seu coração*

*A incerteza permanece para sempre*

*E você sempre será*

*Em algum lugar do*

*Lado de fora*

*-"Lado de fora"*

Sabendo que havia olhos sobre nós, minha assistente discretamente trocou informações com o amigo de Derek. Eu estive em um lugar tão escuro e solitário por tanto tempo em meu relacionamento. Finalmente tive alguma esperança, porque havia encontrado alguém como eu que existia neste mundo. Quando criança, eu costumava orar para encontrar alguém que me entendesse pelo que eu era e não se sentisse superior a mim.

Nosso encontro também teve um ar genuíno de inocência. Isso reforçou as muitas maneiras puras que escrevi sobre romance em minhas canções. Era como os filmes que eu idolatrava. Mas embora parecesse assim para mim, descobri que Derek não tinha acabado de entrar em uma sala e entrar na minha vida. Meu empresário sabia que Derek realmente queria me conhecer; ele me implorou uma vez para autografar uma foto para

“esse garoto que é louco por você” para que ele pudesse conseguir ingressos para a Série Mundial - um incidente que eu esqueci totalmente. Naquela noite, ele e eu nos conhecemos, ele me disse que “Anytime You Need a Friend” era sua música favorita e que a ouvia antes de cada jogo.

*Sempre que precisar de um amigo*

*eu estarei aqui*

*Você nunca estará sozinho de novo*

*Então não tema*

*Mesmo se você estiver a milhas de distância*

*estou do seu lado*

*Então, nunca fique sozinho*

*O amor vai fazer tudo bem*

*Se você apenas acreditar em mim*

*Eu vou te amar infinitamente*

*Pegue minha mão*

*Me leve em seu coração*

*Eu estarei lá para sempre baby*

*Eu não vou deixar*

*Eu nunca vou deixar ir*

Entre todas as minhas canções, aquela foi especialmente significativa, porque eu estava desesperadamente sozinha, distante dos amigos e cheia de medo. Minha crença em Deus me manteve vivo - escrevi essa música pensando no que pensei que Deus nos diria em tempos de medo.

*Quando as sombras estão se fechando*

*E seu espírito diminuindo*

*Apenas lembra-te*

*Você não está sozinho*

*E o amor estará lá*

*Para te guiar para casa*

- "Sempre que precisar de um amigo"

Foi edificante, enraizado na espiritualidade e uma mensagem de fé, e isso também me fez sentir mais segura e conectada com Derek. Também me deixou saber que ele era na verdade um fã - e os fãs eram as únicas pessoas em quem eu realmente confiava.

Começamos uma comunicação clandestina, trocando mensagens de texto fofas, mensagens curtas sempre que podíamos e planejando horários para conversar. Desnecessário dizer que eu morria de medo de falar com ele se Tommy estivesse por perto. Mas eu roubaria momentos. Se estivéssemos no estúdio ou no jantar, fingiria que preciso usar o banheiro. Eu inscrevi meu assistente. Faríamos uma missão e sairíamos no carro dela, e eu conversaria com ele. Às vezes íamos para a casa dela, e eu sentar-se em sua modesta pequena sala de estar e falar com ele em um sussurro - I foi *que* medo de Tommy. Cada ligação foi breve. Eu estava crivado

de medo, mas era emocionante. Embora a energia fosse definitivamente excitante e romântica, nossas conversas reais eram leves e banais. Eu não me importei; era *alguma coisa*. Planejar e se comunicar com Derek parecia como se alguém tivesse contrabandeado um arquivo para a minha cela de prisão. Cada vez que nos conectávamos, era como se eu tivesse desgastado um pouco mais as barras que me mantinham cativo.

Cada pequeno movimento que fizemos foi construído em direção a uma ideia maior: liberdade. Eu estava completamente acostumado a trabalhar sem parar, olhando por cima do ombro e afastando o desespero; era uma afirmação da vida, quando jovem, sentir-se tonta e feminina. Através de toda a escuridão, descobri que ainda tinha alguns caprichos reservados para mim e meu próprio coração. Até comecei a assistir beisebol no estúdio quando ele estava jogando. Para aumentar a fantasia perfeita de tudo isso, Derek desempenhou a mesma posição que o grande Joe DiMaggio (o segundo marido icônico de Marilyn Monroe) jogou nos Yankees, conectando-o ao meu fascínio por Marilyn. Eu literalmente conheci a pessoa que havia imaginado.

Eu estava vivendo em minha própria canção de amor.

As semanas de comunicação secreta aumentaram para marcar um encontro. Eu ainda estava dolorosamente ciente de que era casado e não planejava quebrar nenhum dos meus votos. O plano era que eu iria encontrá-lo em uma pizzaria discreta perto de seu apartamento, e sairíamos furtivamente e iríamos para sua casa. Eu estava apavorado por correr o risco, mas precisava vê-lo; Eu precisava saber que estava vivo. Lembro-me do cuidado com que escolhi meu conjunto. Eu queria algo sexy, é claro, mas certamente elegante, jovem e chique. Eu criei um momento de chocolate quente: uma minissaia de couro Chanel acolchoado de cor castanha macia e cremosa combinada com um top bandeau castanho-avermelhado de malha fina e em camadas com um cardigã combinando. Por baixo havia meia-calça marrom com nervuras Wolford, que levava a uma elegante bota Prada mocha de bico redondo. Eu *amava* essas botas.

Eu estava servindo texturas com sabores de cacau. Era novembro, então eu estava dando um momento de "outono em Nova York". Para piorar, eu usava um boné de beisebol marrom sobre o volume dos meus cachos, a aba puxada para baixo para esconder meu rosto.

Eu estava com medo (ooh, eu estava com *medo* ). As apostas eram incrivelmente altas. Nunca tinha tentado nada tão perigoso antes e tinha visto em primeira mão como Tommy podia destruir pessoas. Ele certamente tentou me destruir. Pelo que me lembro, o procedimento para a operação secreta era: Meu assistente e eu diríamos ao meu motorista (também conhecido como o espião de Tommy, na *minha* folha de pagamento) que queríamos jantar na pizzaria. Nós entraríamos juntos e, quando Derek entrasse, deixaríamos meu motorista escapar. Derek morava perto, em algum lugar onde poderíamos ter privacidade e apenas relaxar. Minha assistente serviria de isca, e Derek e eu sairíamos juntos.

Eu estava nervoso em vários níveis. Além de ficar com medo da ira de Tommy, também me sentia ingênua.

Mesmo que eu tivesse estado em todo o mundo, eu tinha uma experiência quase inexistente em namoro. O

pensamento do simples prazer de apenas estar perto de Derek era libertador.

Minha assistente e eu nos sentamos em banquinhos no balcão, olhando para a grande vitrine da loja, a adrenalina pulsando em nós dois. Derek entrou - em um moletom básico e boné de beisebol, é claro. Meu coração estava disparado. Finalmente estávamos na mesma sala juntos, mas o movimento mais traiçoeiro estava à frente: tínhamos que escapar da pizzaria sem que o espião nos visse. Acredito que minha assistente saiu para o carro fingindo recuperar algo. Quando ela foi até a janela do motorista, Derek e eu baixamos as abas do chapéu e saímos pela porta e viramos a esquina em uma pequena rua secundária. Aninhada sob seu braço,

fui consumida por alívio e excitação. Escorregamos por mais algumas ruelas sinuosas até o prédio dele.

Eu estava ansioso demais, e uma timidez que tentei desesperadamente esconder tomou conta de mim assim que a porta de sua casa se fechou atrás de nós. Eu já tinha ficado sozinha com um único homem em seu apartamento - ou em qualquer lugar - antes? Eu não tinha certeza. Tudo isso era novo. O espião descobriria que estou desaparecido e frustraria nossa operação secreta? As borboletas no meu estômago estavam em um frenesi completo.

Tirei meu boné, sacudi meus cachos, respirei fundo e tentei me acalmar e me orientar, concentrando-me nos arredores. Não me lembro de muitos detalhes. Não era um lugar particularmente impressionante, apenas prático e limpo. Fiquei parado na sala de estar um pouco sem jeito, muito apaixonado e ainda assustado.

Derek disse que havia uma cobertura no prédio e perguntou se eu queria subir lá. Eu concordei.

Ele desapareceu da sala e voltou com uma garrafa gelada de Moët. "Eu tenho guardado isto porque pensei que um dia você poderia vir aqui." Eu sorri e disse: "Sim, vamos precisar disso". (E então foi realmente uma garrafa de "Moe-ay" que me deixou com a sensação de liberdade.) Subimos até seu telhado, rimos,

conversamos baixinho, tomamos goles de champanhe gelado direto na cabeça e nos deliciamos com nossos corpos se abraçando.

A lua do outono estava brilhante e uma névoa quente e pesada cobria a noite. Por este breve momento, eu estava em êxtase, sozinho no topo da cidade com um homem que parecia ter saído dos meus sonhos.

Sussurramos algumas coisas, rimos um pouco mais e então caímos no romance do momento. Nós nos inclinamos, um centímetro de cada vez, e nos derretemos em um beijo quente, lento e inebriante. Senti um véu invisível de tristeza começar a escapar de mim e derreter em uma poça aos nossos pés.

E, naquele instante, o céu cedeu e começou a chover. Nós seguramos nosso beijo; nossos braços não relaxaram em seu abraço e nossos corpos permaneceram fixos. A chuva veio tão repentinamente, mas nós já tínhamos desaparecido no encontro de sonho que tínhamos antecipado, planejado e arriscado tanto. Eu estava tão envolvido que nem uma vez pensei em minha saia de couro Chanel ou botas Prada nos elementos. E

graças a Deus meu cabelo era naturalmente cacheado, porque se tivesse sido alisado, eu poderia ter quebrado e corrido para salvar a explosão!

O que quebrou o transe não foi a chuva, mas o medo novamente. Há quanto tempo estávamos fora? Tommy já sabia? Eu tive que ir! Eu disse ao meu assistente que estávamos no caminho de volta. Derek me empurrou de volta pelas ruas molhadas e me deixou antes da pizzaria, onde minha assistente estava esperando com olhos selvagens. Ela saiu correndo quando me viu e pulamos na limusine. Nós nos sentamos no banco de trás sem fôlego, cobrindo nossas bocas para abafar as risadas. Com certeza o motorista percebeu que eu estava encharcado, mas não me importei! Eu não me importava que ele fosse, sem dúvida, relatar minha desobediência. Eu tinha fugido para reivindicar um momento que era todo meu e *real*. Deixei um pouco de tristeza naquele telhado, e não voltaria para recuperá-la.

Assim que o motorista deixou meu assistente, eu estava sozinho no longo banco traseiro de couro da limusine para a tediosa viagem de volta para Sing Sing. Minha mente estava disparada e meu coração batia forte. *Isso realmente aconteceu? Eu realmente fiz isso? Tommy vai ficar louco!* Liguei o rádio para me ajudar a me acalmar. Saiu explodindo uma batida suja, perigosa e sexy, então o gancho: *Com medo de morrer, com medo de olhar, eles tremeram*

*Porque não existem coisas como trapaceiros meio-caminho*

Certamente fiquei abalado quando paramos no alto e imponente portão de ferro forjado que levava à minha mansão. Parecia

ameaçador na chuva escura - e à luz do que eu tinha acabado de fazer. Supunha-se que Tommy estava fora da cidade, mas assim que cheguei a esse ponto nunca soube o que esperar.

Entrei lentamente na minha linda penitenciária; tudo estava quieto, e não tão assustador. Uma misericórdia.

Ele não estava lá, então pelo menos eu não tive que inventar uma história sobre por que estava todo molhado.

Exausto, sentei-me na grande escadaria, tirei as botas e fui na ponta dos pés até o banheiro. Não me preocupei em acender as luzes. Eu queria ficar no silêncio da expansão do mármore rosa suave que me rodeava. Eu queria me deleitar com a poesia dos reflexos opacos do lustre de cristal opulento quicando na escuridão. Tirei minha blusa de tricô encharcada, que se tornou como pele líquida, e tirei minha saia de couro úmida. Sentei-me na beirada da enorme banheira para tirar minha resistente meia-calça de lã fina. Tomei um banho quente rápido, deixando a água lavar um pouco da minha ansiedade. Envolvido em um roupão felpudo branco felpudo, me aproximei do espelho e me olhei. Eu encarei meus próprios olhos. Eles eram um pouco mais brilhantes. Tive um vislumbre da Mariah de que me lembrava antes de todo o terror espreitar. Eu vi um pouco de exuberância, um pouco de esperança, um pouco de coragem. Eu vi o brilho da promessa de liberdade.

Depois de uma noite tão perigosa, sexy e suja, o grande quarto todo branco com a grande cama toda branca estava mais estranho do que nunca. Puxei o edredom macio de penas de ganso até o pescoço e fechei os olhos. Imediatamente tive vontade de voltar ao telhado e reviver o esplendor do qual acabara de escapar.

Involuntariamente, minha cabeça balançou suavemente no travesseiro e uma batida começou a rolar levemente. A música que eu tinha ouvido no carro, "Shook Ones, Part II", de Mobb Deep, começou a tocar bem alto na minha cabeça, e Comecei a sussurrar:

*Cada vez que sinto a necessidade*

*Eu imagino você me acariciando*

*E voltar no tempo*

*Para reviver o esplendor de você e eu*

*No telhado naquela noite chuvosa*

*Eu adormeci.*

No dia seguinte, liguei para o Poke and Tone da Trackmasters. Pegamos a amostra e nos ocupamos. "The Roof (Back in Time)" foi minha primeira docu-song completa.

*Ainda não estava chovendo*

*Mas estava definitivamente um pouco enevoadado*

*Naquela noite quente de novembro*

*E meu coração estava batendo forte*

*Minha voz interior retumbante*

*Me implorando para me afastar*

*Mas eu só tive que ver seu rosto para me sentir vivo*

*E então você casualmente entrou na sala*

*E eu estava enroscado na teia do meu desejo por você*

*Minha apreensão foi embora*

*Eu só queria que você provasse minha tristeza*

*Como você me beijou no escuro. Toda vez ...*

*E assim terminamos o Moët e*

*Comecei a me sentir liberado*

*E eu me rendi quando você me pegou em seus braços*

*Eu estava tão envolvido no momento*

*Eu não aguentava te deixar ir ainda*

*Então eu joguei cautela ao vento*

*E comecei a ouvir meu coração ansioso*

*E então você pressionou suavemente seus lábios nos meus*

*E sentimentos vieram à tona, eu tinha suprimido*

*Por muito tempo*

*E por um tempo esqueci a tristeza e a dor*

*E derreteu com você enquanto estávamos lá na chuva*

- "O telhado"

É exatamente o que aconteceu.

### **O ÚLTIMO SHOW DE SING SING**

Com a chuva torrencial no telhado, uma semente adormecida do eu foi regada e um pouco da umidade de Tommy dissipou-se. Ganhei confiança apenas o suficiente para parecer desafiador. Olha, eu - nós dois - sabia que estávamos no fim da estrada muito antes de partir. Comecei a sair aos poucos e, em resposta, Tommy começou a fazer tentativas desesperadas de última hora para que eu ficasse. Ele comprou para mim um lindo, mas inútil Jaguar conversível vermelho Carnival com interior em couro creme e capota combinando. Ficava na garagem de nossa mansão de trinta milhões de dólares - mais uma coisa cara para adicionar à pilha de sucata pródiga que era nosso casamento.

Certa noite, eu estava trabalhando com dois homens com quem tinha uma relação criativa e profissional significativa, cujo dever era ter uma lealdade mafiosa para com Tommy. Esses três homens, para cuja riqueza e proeminência eu havia contribuído consideravelmente, e eu estava sentado na cozinha, prestes a fazer um intervalo para refeição. Mesmo que fôssemos todos "amigos" sentados ao redor da mesa, de frente para uma grande lareira rústica com a frase agora tristemente irônica "Storybook Manor" gravada na lareira de pedra calcária (eu a chamei assim, desesperadamente acreditando que poderia desejar e desejo meu pesadelo um conto de fadas), a atmosfera era tudo menos calorosa. Estava frio, quieto e pungente de dor e conflito, evidência de que uma dinâmica em mim havia mudado. Acho que deixou Tommy envergonhado por ele ter perdido

o controle e perdido sua "mulher" na frente de seus "meninos". O constrangimento o enfureceu.

Ele começou um pequeno discurso estranho e assustador sobre o lindo carro que ele tinha acabado de me dar e nossa fabulosa propriedade (que eu projetei e financiei pela metade), e como, apesar de tudo isso, eu queria *deixá-lo*. Eu estava sentado quieto, olhando para a mesa, quando Tommy se aproximou e pegou a faca de manteiga do lugar colocado à minha frente. Ele pressionou o lado plano contra minha bochecha direita.

Todos os músculos do meu rosto se contraíram. Meu corpo inteiro travado no lugar; meus pulmões enrijeceram. Tommy segurou a faca ali. Seus *meninos* assistiram e não disseram uma palavra. Depois do que pareceu uma eternidade, ele lentamente arrastou a fina e fria tira de metal pelo meu rosto em chamas. Eu

estava queimando de raiva com a humilhação excruciante de seu desempenho covarde e aterrorizante na minha cozinha, na frente de meus "colegas".

Esse foi seu último show comigo como público cativo em Sing Sing.

*Tantos que considerei mais próximos de mim*

*Ganhou um centavo e me vendeu obedientemente*

*Embora aquela faca estivesse me lascando*

*Eles desviaram os olhos e foram para casa dormir*

- "Pétalas"

Eu estava trancado no banheiro, que agora parecia um mausoléu, sentado na beira da banheira fria tentando reunir coragem para sair, completamente. Então, as palavras suavemente vieram vibrando em minha cabeça:

"Não tenha medo de voar. Abra suas asas. Abra a porta. " Eu cantarolei a melodia, que se tornaria "Fly Away (Butterfly Reprise)". E desci a grande escadaria pela última vez. Eu realmente acreditava que morreria naquela casa que construí em Bedford e que a

assombraria para sempre. Eu podia ver o que eles pensariam disso: uma atração turística mórbida, porém festiva, “The Famous Ghost of Mariah Mansion”, como um Graceland de bom gosto, onde você podia me ouvir batendo notas altas nos corredores à noite.

Quando finalmente me afastei de Sing Sing, com pouco mais do que meu guarda-roupa e fotos pessoais, a única coisa que eu realmente queria da casa era a bela lareira entalhada à mão. Um mestre artesão do Leste Europeu o esculpiu primorosamente de acordo com as minhas orientações de design muito específicas. Ao sair de casa, corri meus dedos ao longo de suas curvas suaves e intrincadas para a despedida final. Só então percebi que havia uma borboleta no centro do coração que ficava no centro da estrutura. Eu não pedi, mas suas asas abertas eram o sinal de que eu precisava desesperadamente quando deixei aquela porta se fechar atrás de mim.

Desastres naturais acabaram derrubando todas as paredes que sustentavam tanto da minha miséria. Poucos anos depois de deixar Sing Sing, ele queimou até o chão. E Hillsjail foi completamente destruída por um tornado. Eu estava na minha cobertura em Manhattan quando recebi um telefonema de uma mulher que era a ex-proprietária da minha antiga casa. Ela havia removido a lareira, mas a guardou, porque ela a achou muito pessoal e achou que eu poderia querer. Eu o recuperei e mandei pintar uma laca branca nova, assim como Marilyn fez com o piano de sua mãe. Aquela lareira está agora em meu quarto mais pessoal em minha casa, junto com minhas fotos de família e outras coisas preciosas minhas. E eu não deixei meu espírito morrer.

## **APENAS COMO MEL**

O encontro com Derek foi apenas o empurrão que eu precisava para cruzar para a Terra Prometida. Eu tinha provas de que poderia ter algo lindo do outro lado do inferno que era o meu casamento. O reino sombrio de Tommy sobre mim agora estava desmoronando. Derek estava fora do mundo de Tommy; Tommy não poderia destruí-lo e senti a possibilidade de minha própria destruição chegar ao fim.

"The Roof", como uma música e um vídeo, pintou um quadro profundamente apaixonado e muito preciso de minhas experiências. Foi *importante* para mim, não por qualquer motivo lascivo, mas porque qualquer intimidade com outro ser humano não era algo que eu tivesse experimentado antes, nunca. Foi uma sensação incrível, e eu estava obcecado em lembrar o encontro e fantasiar aonde ele poderia me levar.

Romantizei tanto aquela noite que acreditei que fazia parte do meu destino. Eu pensei que tinha conhecido minha alma gêmea. Eu fui impulsionado. Todo o meu ser doía para ver Derek - ou, mais precisamente, para experimentar como me sentia quando estava perto dele.

Ao criar o conceito de vídeo para "The Roof (Back in Time)", eu queria capturar a sensação da noite - a antecipação louca e os tons fortes e sensuais. Eu queria que fosse um pouco cru e sexy. Jogamos com o tema

"de volta no tempo" com uma vibe hip-hop estilosa dos anos oitenta, que não era uma era comum de se repetir em 1998. O estilista de guarda-roupa teve que vasculhar brechós e lojas de fantasias para conseguir agasalhos Adidas, Kangol chapéus e jeans Sergio Valente; e Serge Normant, o cabeleireiro, trabalhou horas extras para alcançar meu momento Farrah Fawcett em camadas e penas. Apresentamos Mobb Deep, membros do grupo de rap Negro League e dançarinos de break legítimos. Eu sabia que era um vídeo muito legal, bom tanto para o mercado "urbano" quanto para o "mainstream".

Mas sempre que eu desse um passo em frente, sempre haveria uma reação adversa. O "show" que foi meu casamento pode ter acabado, mas o pós-show - o "meet and greet", a desmontagem do palco - exigiu um planejamento delicado. Houve uma grande agitação. Minha vida estava totalmente entrelaçada com a de

Tommy; Eu precisava de tempo e aconselhamento sobre uma estratégia de saída limpa (quanto possível).

Mudei-me para um hotel no Upper East Side e continuei a terapia.

Eu ainda estava absorto na memória do telhado e não estava disposto a cair na lama do desespero. Uma nova parte de mim estava viva e eu pretendia alimentá-la. Ouvi de uma das pessoas da Armani que Derek estaria em Porto Rico. Em nossa próxima sessão de terapia, anunciei a Tommy que precisava fazer uma viagem.

Argumentei que era hora de ele honrar o escopo de nosso novo acordo: ele deveria me deixar ir e poderíamos ver outras pessoas. Eu estive sozinha socialmente, estive em sessões de gravação sem ele me pegando, estive tendo aulas de atuação e passando a noite na casa do meu professor ( *certo* ), e agora era hora de ir a algum lugar, apenas para mim. (Ok, talvez eu tenha me sentido um pouco mal com a última parte, mas você tem que fazer o que tem que fazer para sobreviver.) Fiz isso parecer super razoável: talvez eu e minha assistente, ou talvez outra namorada, iríamos embora para o fim de semana, para algum lugar onde eu pudesse nadar no oceano e relaxar ao sol e escrever (tendo em mente que eu *nunca* fiz nada assim enquanto estava em Sing Sing, *nunca* ) - algum lugar bonito e próximo, como Porto Rico. Minha assistente estava totalmente envolvida nisso. Ela ainda era jovem, e este era um romance secreto legítimo. Estávamos todos presos.

Nós nos hospedamos no El Conquistador Resort, um adorável conjunto de vilas em um hotel espanhol-caribenho clássico e clássico em uma exuberante ilha particular. Ele foi aninhado em colinas verdes e bem em uma praia exclusiva. Decidimos ir à popular discoteca Egipto, que ficava na Velha San Juan, a quase uma hora de distância. Foi projetado como um templo egípcio e, como se fosse uma cena de *Antônio e Cleópatra*

, entrou Derek. Não havíamos orquestrado esse encontro, mas eu simplesmente *sabia* . Eu acreditava tanto que ele estaria lá no clube que pedi ao meu assistente que reservasse uma villa em outro resort, o El San Juan Hotel, que ficava perto. Nós ficamos no clube brevemente, e eu o informei que havia garantido um pequeno esconderijo.

Então lá estávamos nós de novo, nos esgueirando para evitar minha segurança. Saímos pela porta dos fundos do clube e caminhamos por um labirinto de pequenos caminhos através das palmeiras e arbustos floridos até o resort e minha villa, acompanhados pelo ar noturno abafado. Voltamos para o meu quarto e aquela dança familiar das borboletas começou. Estar sozinho com alguém por quem eu tinha uma atração genuína era tudo tão novo para mim. E, novamente, joguei cautela para a brisa do Caribe e me entreguei em seus braços e no momento. Deitamos para a noite em um abraço, nos envolvendo em um único e longo beijo. Foi o momento mais sexy - sem sexo.

Eu sabia que meu segurança me viu e viu Derek sair do meu quarto pela manhã, mas finalmente senti algo mais forte do que medo da vingança de Tommy. Agora que eu tinha, não conseguia imaginar a vida sem esse sentimento. O desejo se tornou minha razão de viver, meu tudo. O sono não veio na viagem de avião de volta para Nova York, mas uma música veio. Comecei a escrever.

*Eu estou pensando em você*

*Na minha solidão sem dormir esta noite*

*Se é errado te amar*

*Então meu coração simplesmente não me deixa estar certo*

*Porque eu me afoguei em você*

*E eu não vou sobreviver*

*Sem você ao meu lado*

- "Meu Tudo"

Ir para Porto Rico foi uma mudança de paradigma. Depois daquela viagem, travei uma estratégia e dei mais um golpe em nome do meu coração: coloquei em uma música tudo o que estava sentindo naquele momento.

Era um risco gigantesco, porque eu sabia que Tommy presumia que eu estava tendo um caso sexual (embora, tecnicamente, eu ainda

não estivesse). Também foi uma revelação. Havia uma empolgação e um propósito despertados em mim que me abasteceram de um novo nível de criatividade. Eu estava ouvindo melodias diferentes e tinha experiências novas e reais das quais recorrer. Então eu fiz algo perigoso e bonito para *mim*

- e todos estavam com medo *por* mim.

*Eu daria tudo para ter*

*Só mais uma noite com você*

*Arriscaria minha vida para sentir*

*Seu corpo ao lado do meu*

*Porque eu não posso continuar*

*Vivendo na memória de nossa música*

*Eu daria tudo de mim pelo seu amor esta noite*

Haveria um inferno a pagar, eu sabia. Eu realmente acreditava que estava realmente arriscando minha vida, mas sentia que não valia a pena viver se eu não pudesse ter o que tive naquela noite. "My All" foi a canção de amor mais real, mais ousada e mais apaixonada que eu já escrevi. Eu trouxe para ele os tons espanhóis, a brisa quente, o êxtase do desejo e a agonia da separação que eu me lembrava tão claramente.

*Baby, você pode me sentir?*

*Imaginando que estou olhando nos seus olhos*

*Eu posso te ver claramente*

*Vividamente gravado em minha mente*

*E ainda assim você está tão longe, como uma estrela distante*

*Estou desejando esta noite*

*Eu daria tudo para ter*

*Só mais uma noite com você*

- "Meu Tudo"

Essa música era sobre vida e morte, e eu não queria que ela se perdesse em nenhuma conversa fiada. Eu precisava que fosse forte e simples. Eu queria que os vocais fossem a peça central, o ponto focal na mixagem, com uma faixa simplificada atrás deles. Era tudo sobre a emoção, a alma, e eu cantei como se minha vida dependesse disso.

Toquei a música pela primeira vez para Tommy e Don Ienner, o então presidente do Columbia Records Group, no Range Rover, a caminho de um restaurante no interior do estado de Nova York. Don sabia que era um sucesso. Tommy sabia que nunca poderia ser sobre ele. Um novo lugar dentro de mim como um artista que antes havia sido selado agora estava totalmente exposto. E "My All" *foi* um sucesso, um sucesso de platina. Mais tarde, Jermaine (Dupri), The-Dream e Floyd "Money" Mayweather, três caras sólidos, me disseram que "My All" é sua música favorita. Como criadores, eles sabem que amor é vida e não há nada mais real do que isso.

Eu já tinha começado a trabalhar no *Butterfly* antes de meus encontros com Derek, mas eles inspiraram parte da crescente maturidade e complexidade em minhas composições e estruturas. As narrativas e as melodias vinham de um lugar mais fresco. Eu estava ouvindo as coisas de uma forma mais estratificada, crua e sofisticada. Eu estava me sentindo mais livre e menos apreensivo para abrir minhas asas criativas. Defendi o som que queria. Procurei novos produtores que pudessem trazer aquele toque suave e sexy para isso.

Comecei a trabalhar em "Breakdown" com Stevie J, um dos "Hitmen" da Bad Boy Records, e Puffy. Eu trouxe Stevie, Puffy e Q-Tip - um dos caras mais legais e criativos lá fora - juntos para o que se tornaria o single principal do álbum, "Honey". Eu comecei a letra e a melodia básica em Porto Rico. A Q-Tip fez esta amostra incrível de "Body Rock", dos Três Traidores. Eu disse a eles que também queria

incluir o hit de 1984 "Ei! DJ, "pela famosa equipe suprema do mundo:" *Ei! DJ apenas toque essa música / Mantenha-me dançando (Dança) a noite toda .* " Mal sabiam eles que era um grito secreto para Derek Jeter. "Honey" era uma música sobre desejo por aquele sentimento de DJ.

*Oh, eu não posso ser indescritível com você querida*

*Porque é evidente que estou sentindo você*

*E é muito difícil para mim sair abruptamente*

*Porque você é a única coisa que eu quero fazer*

*E é igualzinho ao mel*

- "Mel"

Quando toquei "Honey" para Tommy, ele brincou: "Bem, fico feliz que você esteja tão inspirado". A amargura! Eu estava tipo, "O quê? Agora você está bravo? Por que você não ficou bravo com 'Fantasy' ou

'Dreamlover'? " É flagrantemente óbvio que eu não estava falando sobre Tommy naquela música! Eu não estava falando sobre ele, ou qualquer pessoa real, em praticamente *qualquer* música romântica. Antes de conhecer Derek, eles eram principalmente personagens imaginários. Tenho certeza de que Tommy podia sentir que as canções escritas para o *Butterfly* não eram mais sobre amantes fictícios e distantes - essas canções, embora certamente poeticamente embelezadas, eram cheias de detalhes específicos e realidade sensual.

Tommy e a gravadora também resistiam ao que meu novo som representava. Mais uma vez, ouvi o refrão

"muito urbano", que obviamente era um código para "muito preto" - e sim, eu nunca voltaria.

"Honey" foi a primeira vez que senti que tinha plena licença criativa para fazer um vídeo. Estávamos fazendo um thriller de ação e minicomédia, e isso foi possível graças a um orçamento insano de

dois milhões de dólares. O vídeo me permitiu realmente explorar meu humor kitsch, com Frank Sivero como o personagem gangster com o cabelo maluco. Também incluí Johnny Brennan dos Jerky Boys - "Torta de mel, torta de doce, calças lindas". Eu *vivia* para os Jerky Boys; eles eram tão tolos. Qual é, eu não estava tentando ridicularizar Tommy - estava apenas brincando com estereótipos cinematográficos, justapondo o personagem de Johnny com o de Eddie Griffin. Minha frase em espanhol - "*Lo siento, pero no te entiendo*" - foi pronunciada com uma piscadela.

O que fiz no vídeo "Honey" é o que sempre quis fazer. Pude explorar as influências criativas e da moda sem restrições de marca. Meu look foi inspirado em Ursula Andress nos filmes de 007 dos anos 1970. Eu queria parecer glamorosa, perigosa e durona, como uma Bond girl. E finalmente tive a liberdade de acessar a equipe de criação certa para conseguir os looks. Saindo da piscina com o biquíni bege bombshell? *Fui* eu. Eu também finalmente consegui trabalhar com um jovem e gostoso diretor Black, Paul Hunter, que entendeu todas as minhas piadas e referências de James Bond, mas também garantiu que o vídeo tivesse um visual contemporâneo e estiloso. Toda a equipe e a vibração eram jovens, fogosas e divertidas. A experiência foi um grande contraste com todos os vídeos que fiz enquanto estava isolado no interior do estado de Nova York, onde tudo tinha que ser feito em um raio de 32 quilômetros de Sing Sing. Toda a mensagem no vídeo de "Honey" era que eu estava me libertando - embora ninguém entendesse a insanidade, a toxicidade e os abusos em que vivia. Eles não tinham ideia.

Enquanto filmávamos o vídeo, em Porto Rico, muitas vezes eu podia ver meu empresário à distância na praia, sapatos duros sem sapatos, calças cáqui enroladas no tornozelo, andando pela praia com o telefone colado na orelha - falando com Tommy incessantemente. Mesmo que estivéssemos tecnicamente separados naquele ponto, eu ainda era o melhor artista da Sony. Além disso, saber de cada movimento meu era um hábito difícil para Tommy quebrar. Meu gerente estava reportando, mas não o criticando detalhadamente.

Teria feito Tommy doido saber que eu estava me divertindo tanto.

Por mais que eu ame "Honey", minha única grande decepção foi que Biggie (o Notorious BIG) nunca chegou ao remix. Puffy e eu conversamos sobre trazer para "Honey" uma mistura semelhante de minha textura vocal rouca e sedosa com o tipo de textura e fluxo que ODB trouxe para o remix de "Fantasy". Eu nunca conheci Biggie, mas havia uma história corrente que eu tinha rixa com ele por causa de sua música

"Dreams of Fucking an RnB Bitch":

*Jasmine Guy estava voando*

*Mariah Carey é meio assustadora*

*Espere um minuto, e minha querida Mary?*

Eu era meio assustador? O que *isso* significa? Foda-se ele. Se ele soubesse algumas das merdas assustadoras que eu *realmente* passei . Puffy ligou para ele um dia enquanto estávamos trabalhando no estúdio e me colocou no telefone. Na verdadeira forma do Biggie - meio cafetão, meio pregador - ele disse: "Não, mãe, você sabe, sem desrespeito", garantindo que a música era toda divertida. Então as coisas estavam bem entre nós. Na ligação, conversamos sobre a música e o fluxo, e até brincamos um pouco. Foi uma conversa fria e criativa. Ele estava confiante sobre o que ele queria trazer para "Honey", e eu não tinha dúvidas de que ele iria ao estúdio e esmagaria tudo; foi o que Biggie fez. Tragicamente, ele não viveu o suficiente para marcar nosso encontro no estúdio. O "Honey (Bad Boy Remix)" com Mase e o Lox foi um sucesso, mas há uma parte de mim que ainda sente falta de Biggie nessa música, e certamente neste mundo.

Produzir as músicas para o *Butterfly* foi o que me ajudou a superar esse período da minha vida. Eu estava escrevendo sobre tudo o que estava realmente acontecendo. Foi o início de outro nível em meu processo de cura. Depois do fracasso da falsa separação, depois de Porto Rico, depois que as canções sexy-bundas começaram a derramar, depois de toda a dor que provocamos um no outro, depois

de toda a normalidade louca que fingíamos ter e o aperto sufocante de seu controle finalmente relaxado, Tommy sabia que não havia mais nada do casamento.

Eu tenho um novo advogado, alguém fora do círculo de poder de Tommy. Pedi que ela redigisse os papéis.

Tommy assinou e eu embarquei em um jato para a República Dominicana, onde divórcios de mútuo consentimento para estrangeiros são processados com rapidez. Voei para Santo Domingo, falei com um juiz,

peguei meus papéis da liberdade, voltei para o jato e fui direto para Tampa, onde Derek estava no treinamento de primavera! Finalmente me senti como uma borboleta.

*Não tenha medo de voar ... abra suas asas*

*Abra a porta ... muito mais por dentro*

Naquele vôo, não tive medo. Eu estava incrivelmente vulnerável e cru. Eu fechei e abri uma porta. Eu sabia que tinha muita vida e trabalho pela frente - e na época pensei que a vida incluiria ser felizes para sempre com Derek J. Minha vida romântica até então tinha sido tão sombria, por que não acreditar em uma fada conto? Eu mal podia esperar para cair em seus braços com os papéis do divórcio em mãos. Finalmente!

Nenhum de nós queria baratear nosso romance traindo meu casamento. Eu sei que muitas mulheres teriam feito sexo naquele telhado na chuva, ou na vila na praia. Teria sido justificado - eram situações tão sedutoras, e meu casamento miserável estava em ruínas na melhor das hipóteses - mas não teria sido certo. Eu queria esperar até que estivesse *certo*. Eu esperei toda a minha vida para realmente desejar um homem. Valeu a pena esperar que fosse como *eu* queria que fosse.

Tive tantas experiências ameaçadoras com homens e não tinha o conceito real de escolher e ser escolhido em meus próprios termos. Nunca tive fome de sexo - nem na minha noite de núpcias, nunca.

Guardei toda a minha paixão pela minha música. Desta vez, Tommy estava certo; Eu estava *inspirado* . Era tão sensual -

tudo era tão novo e doce, até a textura lisa de sua pele mergulhada em mel. Era como *deveria* ser. Os meses de antecipação construíram uma intensidade que eu não poderia ter fabricado. Era tão inebriante, tão inebriante e eu estava tão vulnerável. Eu estava em contato com um incêndio que não sabia que tinha dentro.

Derek me confessou então que estava "participando" de nosso jantar divino. Ele aparentemente disse a várias pessoas que queria me conhecer, incluindo seus contatos em Armani. Ele revelou que ele e um amigo tinham cartazes pendurados nas paredes de seus quartos: o amigo dele era de Alyssa Milano e o dele, você adivinhou, eu. Aparentemente, muitas pessoas sabiam que ele era um fã, muito antes de nos conhecermos.

"Eu tinha um plano", ele me disse. "Eu estava indo para Nova York. Eu estava indo para o Yankees. Eu ia conhecê-lo e roubá-lo de Tony Sony "- seu nome é para Tommy -" e então íamos nos casar ". Meu sorriso tinha uma milha de largura. "OK. Eu gosto desse plano. " Só que ele não me roubou de Tommy - eu me libertei.

Não havia nada obsceno em meu relacionamento com Derek. Mesmo na noite de nossa consumação, quando eu dormi na casa dele em Tampa, sua irmã estava lá, então basicamente foi um evento da oitava série.

Lembro-me de acordar no dia seguinte, pensando com entusiasmo, *vou fazer o café da manhã para ele!*

Exatamente como nos filmes. Desci na ponta dos pés até a cozinha com o cabelo desgrenhado de paixão, vestindo sua enorme camiseta dos Yankees.

Olhei na geladeira para encontrar três ovos solitários e nada mais. A irmã dele me encontrou procurando, e rimos dos meus planos frustrados de com-com-rom. Ela era gentil e eu me relacionei com ela instantaneamente. Eu não conhecia muitas mulheres jovens de

raça mista. Ela era linda, com um coração aberto e uma risada honesta.

Sua família inteira me comoveu. Durante toda a minha vida, culpei a raça pela disfunção em minha família, mas conhecer os Jeter dissipou esse mito. O quebrantamento de minha família era mais profundo do que preto e branco. Esta família era próxima da minha em composição, mas tão diferente na realidade - eles eram próximos e amorosos. Eles interagiam um com o outro como se realmente conhecessem e se importassem um com o outro. Eram pessoas sólidas, com um código moral claro. Eles se abraçaram. E eles foram amáveis *comigo*, todos eles. Este foi um exemplo poderoso: um pai negro e uma mãe branca existindo como parceiros e pais. Uma irmã e um irmão orgulhosos um do outro, não inimigos. Aqui estava a prova de que uma família que se parecia com a minha poderia permanecer ininterrupta. Talvez essa noção, de que poderia haver uma família mista que fosse perfeitamente combinada, foi a coisa mais duradoura que Derek me deu em nosso breve relacionamento. A imagem da família Jeter me deu esperança.

Mas Tampa era apenas uma das maravilhas do fim de semana, e eu tive que voltar para Nova York e *Butterfly*. Tive que me preparar para a turnê, que seria a mais extensa até o momento. Duas amigas minhas, que estavam animadas para comemorar minha emancipação do casamento com Tommy, vieram me conhecer e todos voamos de volta para Nova York em um jato. Foi difícil deixar o que parecia um sonho, mas também estava ansioso para voltar ao trabalho. Derek me deu uma pequena pulseira de ouro no tornozelo e um cachorrinho gigante de pelúcia como presentes de despedida. Fofa. Eu só tinha vestido de saia curta que havia usado na República Dominicana, então ele me deu um de seus terninhos para usar no avião.

Chegamos ao aeroporto particular onde o jato e minhas garotas estavam esperando. Derek abriu a porta do carro para mim e eu saí para o sol da Flórida, bochechas coradas, lábios carnudos, cabelo ainda segurando a brincadeira da manhã. Meus grandes óculos

escuros da Chanel estavam caídos no meu nariz, e meu corpo estava afogado em suas calças de moletom enormes, que estavam enroladas no punho e na cintura, revelando meus tornozelos e meu umbigo. Eu tinha as mangas da jaqueta puxadas para cima também, sua parte inferior balançando com o vento, balançando ao redor da blusa cortada que eu usava por baixo. Equilibrando-me precariamente em minhas mulas de 15 centímetros, eu me esforcei para controlar o enorme animal de pelúcia em um braço e minha bolsa hobo Louis Vuitton no outro.

Quando me aproximei minhas meninas, eu podia ouvi-los gritando "Oooooooh, *hel* -lo!" Eles alegaram que eu estava desfilando pela pista como um cowboy com sapatilhas de ponta. Bebemos champanhe e brindamos à obtenção dos papéis da liberdade e, finalmente, a uma injeção de boa vitamina D. Rimos todo o vôo de volta.

Derek foi apenas a segunda pessoa com quem eu dormi (coincidentemente, seu número era 2 no Yankees).

Assim como sua posição na equipe, nosso relacionamento foi uma pequena parada na minha vida. Foi uma transição muito crítica para mim, e talvez um sonho tornado realidade, ou talvez uma realização, para ele. Eu não sei. Logo ficou claro que não fomos feitos para o longo prazo. Por um lado, existe um grande abismo entre atletas e artistas e, honestamente, é difícil para duas estrelas de qualquer indústria fazer isso funcionar.

Meu tempo com Derek foi um sonho doce e curto, mas seu impacto perdurou. Pensei nisso de vez em quando durante anos. Certa vez, eu estava me sentindo intensamente melancólico ao lembrar nosso breve caso de amor com um amigo. Com minha melhor voz de Joan Crawford, lamentei: "A mãe me amava! A irmã me amava! O pai me amou! Poderia ter sido *perfeito* ! " Havia tanta energia fluindo pelo meu corpo que a taça de champanhe que eu segurava se estilhaçou completamente. Peguei essa intensidade e coloquei em

"Chorão".

*Tarde da noite como uma criança  
Vagando sozinho na casa do meu novo amigo  
Na ponta dos pés, para que ele não saiba  
Eu ainda choro baby por você e por mim  
Eu não consigo dormir  
Estou acordado a semana toda  
Não consigo parar de pensar em você e eu  
E tudo que costumávamos ser  
Poderia ter sido tão perfeito  
Veja, eu choro. Eu choro. Eu choro.  
Oh, eu preciso dormir um pouco  
-"Chora bebê"*

Sejamos honestos, como artista, sou a Rainha de pegar um pedaço e fazer muitas refeições com ele. Eu ordenei e extraí meu tempo limitado com DJ por muito mais do que valia a pena. Meu sexto álbum de estúdio, *Butterfly*, foi lançado para o mundo e, desde então, vendeu mais de dez milhões de cópias.

Embora nosso relacionamento fosse apenas um momento na minha linha do tempo, Derek serviu a um propósito muito alto em minha vida. Ele era o catalisador de que eu precisava para sair do controle incapacitante de Tommy e entrar em contato com minha sensualidade. E a intimidade de nossa experiência racial compartilhada foi *importante* - conectar-se com uma família saudável que se parecia com a minha foi muito inspirador. Ele estava no lugar certo na hora certa e para o propósito certo.

DJ foi um amor *na* minha vida, não *da* minha vida. Era a ideia dele, ao invés de sua realidade, que era tão magnética. No final, vou atribuir nosso final ao fato de que não poderíamos viver de acordo com as fantasias um do outro. Nunca se pode competir com a fantasia. Você simplesmente não pode. É como Marilyn costumava

dizer: "Eles vão para a cama com Marilyn Monroe e acordam com Norma Jeane".

A maneira mais difícil é a maneira que mais aprendi. Não há "Dreamlover" vindo para me resgatar e nenhum Príncipe Encantado ou Joe DiMaggio para me varrer do chão. Fui varrido por um shortstop, mas apenas Deus Todo-Poderoso é meu Tudo.

## **UMA VISITA AO PRESIDENTE**

Eu precisava conseguir o que queria e queria liberdade. Eu precisava não apenas me libertar do meu casamento com Tommy, mas também da Sony, já que eles estavam inextricavelmente ligados.

Os executivos da Sony costumavam me chamar de "a franquia" (loucura, certo?), Então, quando eu estava pronto para sair do rótulo, eles dificultaram as coisas para mim. Fomos e voltamos com os advogados sobre quais obrigações eu deveria cumprir. Nós concordamos com um álbum de estúdio sem nome (que eventualmente se tornaria *Rainbow* ).

Eles queriam um álbum de grandes sucessos também. Eu resistia a isso porque parecia muito prematuro, como se eles estivessem tentando me costurar com os anos noventa.

Não importava com quem eu estava falando na gravadora, Tommy ainda estava no controle. Não havia ninguém acima dele na Sony Music - tudo tinha que passar por ele. Quando comecei a ter conversas sobre como sair do rótulo, fui bloqueado a cada passo. Tommy tinha uma vingança contra mim e usou seu poder para me manter como refém. Quando as coisas ainda não estavam indo bem, eu senti que não tinha mais opções, então decidi que era hora de fazer uma visita a Norio Ohga, presidente e chairman da Sony Corporation. Eu nunca tinha feito nada parecido com isso. Tommy era o maior chefe que eu já havia enfrentado até então. Ir acima de sua cabeça parecia uma ideia selvagem e perigosa e certamente era o último recurso. Mas não tive escolha: essa era minha liberdade, minha carreira, minha vida.

Eu sabia que era o artista de maior sucesso no Japão que a Sony tinha na época, então achei que poderia pelo menos ter uma sessão. Minha assistente executiva fez os preparativos para a viagem de nós dois - ninguém mais, nem mesmo meu advogado.

Liguei antes e disse: "Vou para o Japão. Eu gostaria de ir ver o Sr. Ohga. " Enquanto isso, o pessoal da Sony provavelmente estava ocupado trabalhando na próxima grande tecnologia global ou algo assim. Na época, eu não estava pensando que o que eles ganhavam com o negócio da música eram pequenas batatas em comparação com tudo o mais. Eu só pensava que devia haver alguém acima de Tommy. Tinha que haver alguma saída e eu estava disposto a fazer qualquer coisa. Então, decidi fazer as malas, voar para o outro lado do mundo e falar cara a cara com o homem que realmente comandava as coisas.

A assistente do Sr. Ohga foi uma mulher muito gentil comigo e me ajudou durante toda a viagem.

Continuamos amigos por anos depois. O Sr. Ohga falava inglês, mas sempre havia um intérprete presente.

Estive várias vezes no Japão e estava um tanto familiarizado com suas normas culturais, principalmente no que diz respeito a mostrar respeito e nunca perder prestígio. O que era mais difícil de navegar eram as expectativas culturais em torno do gênero. O Sr. Ohga era muito antiquado e tenho certeza de que ser confrontado por uma jovem foi surpreendente para ele, mesmo que essa jovem fosse a artista mais vendida de sua gravadora. E, honestamente, eu nem acho que ele sabia que eu era mestiça, então ele não sabia que uma jovem negra estava vindo à sua sede, pedindo sua liberdade. Foi uma jogada corajosa, mas eu tinha os números para me apoiar. Naquela época, não se tratava de números de streaming. As vendas eram objetos físicos, coisas que as pessoas tinham que sair e comprar - cem milhões de álbuns, DVDs, CDs, fitas VHS!

Eles compraram produtos e pôsteres. Afinal, eu era "a franquia". Até hoje não sei quanto dinheiro ganhei para a Sony. Disseram-me que

são bilhões.

Como o próprio homem, o escritório do Sr. Ohga era sério e elegante, mal iluminado com uma mesa grande e tradicional lacada em preto como peça central. O Sr. Ohga era formal e focado no laser. Eu não estava muito preparado para a extensão de sua formalidade, honestamente. Eu não tinha consultado uma equipe de preparação ou consultores. Portanto, não houve *preparação*, mas eu tinha um propósito claro. Minha intenção na reunião era que decidíssemos uma estratégia de saída. Precisaríamos definir os termos de um acordo e eu queria ter certeza de que haveria suporte de marketing da Sony para o trabalho que eu entregaria.

Apesar de quanto eu queria sair da Sony, eu sabia que meus fãs mereciam a música da mais alta qualidade que eu pudesse fazer, e eu não lhes daria nada menos. Eu queria que a Sony soubesse que eu iria trabalhar duro e promover incansavelmente. Eu queria ser visto e ouvido; Queria que soubessem que eu estava aqui, prestando atenção, falando sério e disposto a falar por mim mesmo.

Eu precisava ter certeza de que, se cumprisse minha parte do trato com esses novos álbuns, eles não me trapaceariam deixando de apoiá-los. Se eu fosse colocar meu coração e minha alma neste trabalho, precisava ter a palavra deles de que jogariam tudo o que tinham por trás, como costumavam fazer. Foi uma reunião breve que teria um impacto duradouro.

O próprio Tommy certa vez foi direto aos executivos japoneses para expulsar Walter Yetnikoff, um ex-mentor que virou rival. Esses homens poderosos não eram apenas versados nesse tipo de negócio cruel, mas eram incentivados a se defenderem. Embora eu não fosse um artista homem e não tivesse apoio dos pais ou advogado na sala, estava mais forte agora e não me deixaria ser interpretada nunca mais.

Posso ter tido a energia de um chefe, mas também fiquei profundamente triste com todo o processo. Eu queria continuar na Sony, mas não sabia como progredir no meio do meu casamento

com seu CEO chegando ao fim. No fundo, eu esperava que eles apenas o despedissem para que eu pudesse ficar. Não foi a primeira vez que ele causou problemas - houve um processo com George Michael, e Michael Jackson finalmente lançou uma campanha contra a exploração de artistas negros, explicitamente dirigida a Tommy, com o reverendo Al Sharpton na sede do Harlem da National Action Network.

O Sr. Ohga pode não ter concordado em despedir Tommy no dia seguinte, mas quando fui ao Japão, as pessoas perceberam. Eles agora estavam ouvindo. Minha música teve um impacto naquela cultura, naquele país e naquela empresa. Ir para o Japão foi difícil para mim, mas mudou minha vida. Eu tomei uma posição, *por* mim e *por* mim. Eu fizera acontecer e logo estaria livre.

Embora eu esperasse ter mais tempo e uma reunião mais aprofundada, no final das contas, fiquei grata que o Sr. Ohga me respeitou o suficiente para aceitar aquela reunião e fazer um acordo comigo; é por isso que, anos depois, consegui retornar à empresa com *Caution*, que curiosamente é meu álbum mais aclamado pela crítica. Quando voltei para casa para lidar com os poderes que estão na América, chegamos a um acordo final que incluía quatro álbuns a serem entregues nos próximos cinco anos: *# 1's*, *Rainbow*, *Greatest Hits* e *The Remixes*. *O número 1*, que eu conceitualizei e propus à Columbia, seria o primeiro a sair, em 1998.

Eu estava relutante em relançar músicas antigas, então, além dos treze hits número um que eu tinha na época, adicionei quatro faixas novas ao álbum. Brian McKnight e eu gravamos uma versão em dueto totalmente nova de "Whenever You Call," do *Butterfly*. Eu também fiz um dueto com Jermaine, um cover de

"Sweetheart" de Rainy Davis. Eu fiz um cover de "I Still Believe". Por último, mas certamente não menos importante, o *número 1* incluiu meu dueto com Whitney Houston do *Príncipe do Egito*, "When You Believe".

A gravação dessa música foi interessante. Jeffrey Katzenberg, da DreamWorks, me trouxe a música e perguntou se eu consideraria gravá-la para a trilha sonora de um filme de animação. A trilha sonora estava fortemente carregada de influências de R&B e gospel e contava com K-Ci & JoJo e Boyz II Men. Depois de ver o filme, soube que era algo especial do qual queria fazer parte (arrecadou \$ 218 milhões em todo o mundo, tornando-o o longa-metragem de animação não Disney de maior sucesso da época). Mas, acima de tudo, estava animado com a perspectiva de trabalhar com Whitney!

Foi um grande momento da cultura pop que Whitney e eu estávamos colaborando, mas eu estava pessoalmente muito feliz porque acabamos nos divertindo muito. Todos queriam nos colocar uns contra os outros em alguma "batalha das divas" - uma patologia cansada, mas penetrante na música e em Hollywood, que faz as mulheres competirem por vendas como lutadoras emocionantes do UFC. Essa narrativa apenas apóia o estereótipo de que todas as mulheres são mesquinhas e não controlam nossos sentimentos, mas totalmente controláveis pelos meninos da indústria.

Obviamente, Whitney era formidável. Quem não se inspirou na carreira dela, quem ela era como artista e como vocalista ungida?! Mas éramos muito diferentes. Eu amei (e ainda amo) colocar em camadas os vocais de fundo, escrever, produzir e fazer coisas de bastidores como essa. Ela meio que nasceu para isso, como uma princesa cantora real. Para nós, nunca pareceu uma competição. Nós nos *complementamos*. Nós dois tínhamos nossos corações ancorados no Senhor, e *isso* era real, embora muito do que estava acontecendo ao nosso redor fosse surreal. Depois que o frio inicial (acumulado por forças externas) passou, desenvolvemos um verdadeiro carinho um pelo outro. Ela tinha um senso de humor maravilhoso. Ela começou a usar minhas palavras e me chamar de "cordeiro" - era pura diversão.

Bobby Brown estava por perto e não sei o que mais estava acontecendo, mas não era da minha conta. Só sei que nos divertimos e rimos muito. Fazer o vídeo também foi muito divertido;

passamos muitos momentos incríveis juntos. Cada dia que passamos juntos foi especial, e sempre guardarei com carinho a lembrança daquela época e de tudo o que ela deixou para trás. "When You Believe" é um testemunho do poder da fé e, para mim, da irmandade aqui na Terra como no céu.

*Rainbow* foi lançado no ano seguinte e foi um empreendimento muito diferente do # 1 , que foi um álbum de compilação. Foi muito mais envolvente. Por razões óbvias, houve um grande esforço para fazê-lo, então escrevi e gravei *Rainbow* em três meses. Eu estava desesperado para trabalhar sem distração. Meu amigo de longa data Randy Jackson sugeriu que eu comprasse um estúdio de gravação muito legal e isolado em Capri (que eu amo mais do que qualquer lugar na Terra). Neste paraíso aninhado em antigas montanhas de calcário elevando-se no Golfo de Nápoles, eu tinha um lindo apartamento pequeno que era inundado de luz solar e privacidade todas as manhãs. Eu me sentava em uma sala do estúdio cheia de velas e criatividade e passava

horas, apenas escrevendo e estabelecendo faixas. Escrevi sozinho e ocasionalmente com o incomparável Terry Lewis, a quem amo como escritor, enquanto o Jimmy Jam acrescentou sua brilhante musicalidade.

(Juntos, eles são responsáveis por quarenta e um sucessos top-ten dos EUA.) Sem eles, o álbum não teria sido tão bom. Nós três trabalhamos juntos até o final de "Can't Take That Away (Mariah's Theme)," que eu trouxe para Diane Warren, que tocou no piano enquanto eu cantava a letra e a melodia do primeiro verso.

Escrevemos o segundo versículo juntos. Essa música era na verdade sobre a situação profissional e pessoal que eu estava passando:

*Eles podem dizer o que quiserem*

*Tente me derrubar, mas eu não vou permitir*

*Qualquer um para ter sucesso pairando nuvens sobre mim*

*E eles podem se esforçar muito para me fazer sentir*

*Que eu não importa nada*

*Mas eu me recuso a vacilar no que acredito*

*Ou perder a fé em meus sonhos*

*Porque há*

*Há uma luz em mim*

*Isso brilha intensamente*

*Eles podem tentar*

*Mas eles não podem tirar isso de mim*

- "Não consigo tirar isso (tema de Mariah)"

Desde criança, muitas vezes tive de recorrer à "luz em mim / Que brilha intensamente" apenas para passar, apenas para sobreviver. Então era uma música sobre muitas coisas, mas quando a escrevi, estava pensando em tudo o que estava acontecendo na época, sobre Tommy e os muitos anos que passei sob seu controle.

Esse era o meu tema - "Eles podem tentar, *mas não podem tirar isso de mim, não, não, não*".

O vídeo (que eu produzi e paguei), embora não seja o mais inteligente em termos de truques e valores de produção, foi uma mudança real. Filmamos no Japão. Na época, era incomum incorporar fãs reais e conteúdo gerado pelo usuário aos vídeos. Foi importante para mim centrar meus fãs e expressar como eles se sentiam sobre as músicas que eu estava escrevendo sobre minha vida para *eles*. Coletamos um monte de materiais: filmagens de pessoas comuns, pessoas reais que superaram as probabilidades de realizar coisas extraordinárias. O vídeo também incluiu campeões superstar como Venus e Serena Williams, mas principalmente pessoas em minha vida pelas quais me importava profundamente, como meu sobrinho Shawn, que, apesar de ser filho de uma mãe adolescente problemática, se formou em Direito de Harvard, e A avó de Da Brat. Mostrou momentos de triunfo, momentos emocionais - e foi real e cru. Eu queria utilizar o tema da minha crença central de

que todas as coisas são possíveis. Eu queria que o vídeo fosse uma homenagem a todos os fãs que me ajudaram a passar por tudo.

A música não fez nada nas paradas porque a gravadora mal a promoveu - e isso marcou o início de sua campanha de sabotagem. Mas isso importou para os fãs. Era importante para as pessoas que precisavam ouvir. E isso é importante para mim. Até hoje, eu ainda ouço de vez em quando. Eu ainda preciso disso.

Outra música importante no *Rainbow* foi "Petals". Foi, e ainda é, uma peça dolorosa para mim. É sobre minha vida, minha família, meu crescimento. Foi tanto um agradecimento quanto uma despedida das influências tóxicas em minha vida.

*Muitas vezes me perguntei se alguma vez existiu uma família perfeita Sempre desejei a integridade e busquei estabilidade*

- "Pétalas"

De certa forma, "Petals" contou parte da minha história de vida através de instantâneos das relações formativas que me tocaram e mudaram. Com essa música, eu queria oferecer perdão e imaginar outra vida possível no futuro - uma com menos dor e mais cura. Então eu escrevi a música para liberar um pouco da dor. Mas ainda há momentos em que a dor me sufoca e não consigo cantar a música.

*Rainbow* tinha dois números um - "Heartbreaker" (meu décimo quarto, com Jay-Z) e "Thank God I Found You" (meu décimo quinto, colaborando com Joe e 98 Degrees, e com Nas no remix). Foi importante para mim reunir os artistas que senti que estavam definindo a época, e Usher, Snoop Dogg, Jay-Z, Da Brat, Missy Elliott, Mystikal e Master P também fizeram parte do álbum.

Depois de trabalhar no estúdio de Minneapolis de Jimmy e Terry, voltei para Nova York para fazer

"Heartbreaker" com o DJ Clue. Jay-Z pulou nessa faixa, e ela se tornou o hit que todos nós conhecemos e amamos. Fizemos o remix

de "Heartbreaker" entre Nova York e Los Angeles. DJ Clue trouxe todos os tipos de artistas legais, como Joe e Nas em "Thank God I Found You (Make It Last Remix)." *Rainbow* fechou o século vinte e, para mim, foi a ponte para a liberdade. Mas, como se costuma dizer, a liberdade não é de graça.

Gravar o álbum foi um turbilhão, mas também foi gratificante. Naquela época, eu tinha uma noção real do meu ritmo e preferências específicas de como criaria uma música. Eu costumava criar diferentes partes de uma música em diferentes lugares. Eu realmente amo o processo de escrever de forma colaborativa, mas fazer meus vocais é um processo mais íntimo para mim. Enquanto escrevo, gosto de fazer um rascunho (primeiro rascunho) vocal, às vezes sem letras ou com letras parciais, e então pegar aquela faixa básica, completar a letra, finalizar os vocais, aperfeiçoá-la e sobrepor os vocais de fundo. Gosto de liderar quando não há mais ninguém lá, apenas eu e meu engenheiro. Se eu pudesse fazer minha própria engenharia, gravaria como Prince e ficaria completamente sozinho. Prefiro não ter que levar em consideração a opinião de outras pessoas no desenvolvimento dos vocais. Gosto de um espaço calmo onde posso trabalhar e focar; Preciso ser capaz de ouvir meus pensamentos e ver a visão em minha cabeça. Eu preciso ser capaz de tocar a música, ajustá-la e definitivamente preciso de uma chance de cantá-la algumas vezes. Onde é natural subir?

Onde não fica? Fazer discos é uma espécie de ciência espiritual em comparação com uma performance vocal ao vivo. Estou no meu melhor quando posso levar meu tempo e realmente viver com um recorde.

Lançamos o álbum *Greatest Hits* para Columbia em 2001. Foi um álbum duplo, que incluiu sucessos comerciais e alguns favoritos pessoais e dos fãs como "Underneath the Stars" e meu dueto com o verdadeiramente lendário Luther Vandross, um remake de " Amor sem fim." Meu último álbum para a Columbia, que marcaria o fim da minha obrigação com a Sony, foi *The Remixes* . Quando ele foi

lançado, em 2003, Tommy havia deixado a Columbia / Sony, então eu tive uma contribuição mais criativa para o álbum e investi mais.

O conceito da compilação era único: era um álbum duplo como *Greatest Hits*, apenas o primeiro disco era todas as mixagens do clube, e o segundo eram todas as colaborações e remixes de hip-hop, de "Honey" a

"Loverboy (Remix) "A" Breakdown, "apresentando Bone Thugs-N-Harmony. Incluía até o remix So So Def de "All I Want for Christmas" com Lil 'Bow Wow (ele ainda era pequeno na época) e minha música de sucesso com Busta Rhymes e Flipmode Squad, "I Know What You Want".

Mas antes desses dois álbuns finais, fechei o novo acordo sobre minha liberdade. Depois de me encontrar com todas as grandes gravadoras, optei pela mais eclética Virgin Records, que era muito amigável com os artistas (eles tinham Lenny Kravitz e Janet Jackson). Eu acreditava que se tivesse dinheiro e apoio de marketing suficientes, teríamos sucesso. Com um contrato novo e histórico com uma gravadora, eu estava prestes a embarcar no projeto que mudou minha vida - *Glitter*.

### PARTE III

### TUDO QUE BRILHA

### FIRECRACKER

*"Ele sabe que acabamos de fazer essa merda com Mariah ... e ele está tentando foder com Mariah."*

—Irv Gotti

A saga de fazer *Glitter* foi uma colisão de má sorte, má hora e sabotagem.

A trilha sonora e o filme começaram como *All That Glitters* e, embora eu tenha começado a trabalhar no projeto em 1997, tivemos que suspendê-lo por vários anos para que eu pudesse cumprir obrigações mais urgentes com a Columbia. Embora eu tivesse um

controle criativo significativo sobre a trilha sonora, não tinha praticamente nenhum quando se tratava do filme. Os conceitos iniciais que desenvolvi para a história foram quase totalmente reescritos. Comecei a trabalhar no roteiro com minha treinadora de atuação e Kate Lanier, que havia escrito *O que o amor tem a ver com isso*. Ela é uma escritora tão talentosa e talentosa, e eu realmente confiei nela. Mas a cada dia recebíamos mais e mais notas de estúdio.

Tommy não podia abrir mão do controle, principalmente agora que eu estava fazendo o que sempre sonhei e ele sempre temeu: atuar. *Glitter* estava sendo produzido pela Columbia Pictures, que pertencia à Sony, que o conectou a Tommy. O presidente da Columbia Pictures na época se referia a ele enquanto trabalhávamos

como "o elefante branco na sala" - aquela força silenciosa e invisível que não podíamos discutir. Qualquer coisa que pudesse ter empurrado o envelope, que o tornasse um filme para menores ou mesmo para menores de 13 anos, foi rapidamente vetado. Nada poderia ser muito real, muito tenso, muito sexy ou *muito* pé no chão. Havia um roteiro muito mais corajoso (vamos lá, foi nos anos 80!), Mas acabamos com algo bem chiclete.

Como resultado das idas e vindas contínuas e do controle sufocante de Tommy, tínhamos mudanças de roteiro todos os dias. Ninguém sabia o que estava acontecendo a cada momento. Além de um roteiro totalmente diferente, eu também queria Terrence Howard no papel principal (imaginei-o nesse tipo de papel antes de *Hustle and Flow*, veja bem). Mas os poderes constituídos rejeitaram a ideia de um romance entre Terrence e eu. Suspeitei que era porque ele parece mais negro do que eu (embora ele também seja misto!) E

eles não entendiam como isso iria *funcionar*, se você me entende. Então *isso* foi decepcionante. Nenhuma sombra para Max Beesley, que era ótimo.

Além da falta de controle criativo, eu senti que minha atuação foi realmente inibida por vários motivos pelo treinador de atuação, que

nessa época eu acredito que já havia investido demais em minha carreira. Eu não quero matá-la, mas ela me impediu de fazer o meu melhor ao projetar sua própria merda pessoal no filme.

Ouvi dizer que isso acontece com frequência em colaborações; ficou muito parecido com Marilyn e Paula Strasberg. Com todo o respeito, tornou-se uma festa do ego (tenho certeza de que ela concordaria comigo agora). O que era importante para mim era que os figurantes e outras pessoas no set - dos atores à equipe -

sabiam que eu estava falando sério, pronto para aprender e pronto para trabalhar tão duro quanto eles.

Embora todo o processo não tenha sido ótimo, eu senti que fiz algumas boas atuações (o que teria sido mais evidente com edições diferentes). Não fiquei chateado porque era um meio muito novo para mim, mas acho que houve erros a cada passo.

Mas havia luz no final deste túnel cintilante. Frank Sinatra disse uma vez que Dani Janssen era uma das

“garotas originais” de Hollywood e eu adoro uma boa garota, especialmente aquela que sabe dar uma boa festa. As festas do Oscar de Dani Diamonds (como ela era famosa) são *lendárias* - e eu não digo a palavra com L ao acaso. A maioria dos convidados precisa ter um Oscar ou ter sido nomeada para um para serem convidados. Seus frequentadores regulares são todos lendas - Sidney Poitier, John Travolta, Quincy Jones, Oprah, Babs (Barbra Streisand) e assim por diante. E a cada ano uma nova safra de novos vencedores do Oscar se mistura com ícones em meio a sua enorme coleção de orquídeas brancas. Um ano, tive a sorte de receber um convite surpreendente e muito especial (naturalmente, Dani e eu nos demos bem). Um dos protagonistas mais quentes da época, duas vezes vencedor do Oscar (o código de Dani de não "fazer contatos" ou mudar nomes é levado muito a sério, então ele permanecerá anônimo), veio até mim e falou sobre meu trabalho em *Glitter*, “Eu sei que as pessoas falam merda sobre isso. Eu estive lá.

Você estava realmente acertando em algumas coisas que eram muito genuínas e acho que deveria continuar com isso.

Não deixe que eles te façam sentir que você não pode mais ir lá. " Ele me fez sentir muito melhor por causa do imenso respeito que tenho por ele como ator. E foi uma coisa boa eu não desistir - porque alguns anos depois, algo realmente "precioso" surgiria em meu caminho.

Muito do que deu errado com *Glitter* levou de volta a Tommy. Ele estava zangado com o divórcio e minha saída da Sony e usou todo o seu poder e conexões para me punir. E todos ao meu redor sabiam que isso estava acontecendo, incluindo minha nova gravadora. Tommy e seus comparsas chegaram a tirar itens promocionais, como meus anúncios stand-up, das lojas de discos. Foi uma verdadeira luta. Ele não queria que parecesse que eu poderia ter sucesso por conta própria, sem ele, então ele até interferiu na trilha sonora de *Glitter*. Trabalhei nisso por muito tempo com gente como Eric Benét e Brat, que estavam ambos no filme. Terry Lewis conseguiu nos arranjar a música original para "I Did not Mean to Turn You On", já que ele e Jimmy Jam a produziram, é claro! E ter Rick James (que exigia um terno branco, uma limusine branca e talvez alguns outros equipamentos brancos para sua sessão) em "All My Life" não tinha preço.

Toda a experiência parecia um sonho. E de muitas maneiras, *era* exatamente com o que eu havia sonhado por tantos anos. Não me interpretem mal; Não estou dizendo que *Glitter* era um *gato em um telhado de zinco quente* ou algo assim, mas não acho que ele merecia o que ganhou. Eu acho que poderia ter sido bom se tivesse sido executado como originalmente concebido, mas no final, foi uma luta só ter acontecido. Mas, como sempre, mantive a fé. Eu disse a mim mesmo: *Tudo vai dar certo*. Eu fui para aquele lugar de esperança. *Isso é difícil agora*, disse a mim mesmo, *é uma luta, mas vou superar, não importa o que aconteça*. E eu estava mais forte do que nunca do outro lado. E embora a escuridão tenha seguido, foi nessa escuridão que aprendi a construir minha própria luz.

Tommy ficou furioso quando cortei as cordas que ele usava para me manipular. Não havia nenhuma maneira que ele me permitiria ter um grande sucesso depois de deixá-lo e a Sony. Ele não ia deixar eu ou *Glitter* brilhar; em vez disso, ele tinha a intenção de nos eliminar. Ele não teria ficado satisfeito a menos que eu *falhasse totalmente*. Ele costumava sempre dizer: "Você faz o que faz, e então eu faço minha *mágica* ." Ele me destruiria antes que eu expusesse que ele não era um mágico. Se o *Glitter* trilha sonora tinha sido um sucesso monstro, ele teria que encarar o fato de que ele não era onipotente, ele não era indispensável, não sozinho, *fazer* Mariah Carey. Para aumentar sua fúria, ele sabia que eu tinha acabado de negociar o maior contrato de registro de dinheiro até agora (e minha família também sabia, mas mais sobre isso depois). E, além disso, eu estava fazendo um filme, algo que ele *proibia* quando estávamos juntos, e isso significava que minha carreira estava se expandindo, o que o fez sentir que estava encolhendo. Ele já havia sido humilhado publicamente quando eu o deixei, mas para eu ter sucesso sem ele também? Isso era demais para seu ego frágil suportar. O que significaria para todo o seu império ser baseado na intimidação? O que significaria para outros artistas se eu fizesse isso sem ele? Eu acreditava totalmente que ele estava comprometido com o fato de eu não ter uma vida que ele não controlasse. Que ele não ficaria feliz até que eu fosse enterrado no chão.

Eu escapei de um homem e do casamento que quase me sufocou até a morte. Fui um dos vários artistas que convocaram Tommy e seus lacaios por trabalharem contra os interesses da empresa por causa de pequenas vinganças pessoais.

Enquanto isso, na nova gravadora, o inferno estava desabando porque "Loverboy", o primeiro single da trilha sonora de *Glitter*, estava *apenas* em segundo lugar nas paradas, não em primeiro lugar. Não entendi o pânico em torno de um single número dois na trilha sonora de um filme que ainda nem havia sido lançado.

Mas basta dizer que, nos saltos das filmagens de *Glitter*, minha vida e meu trabalho estavam mais uma vez sob um tremendo escrutínio e

pressão.

E então houve a sabotagem. Eu havia escrito a letra de "Loverboy"; a melodia era forte e tinha um ritmo contagiante. O superprodutor Clark Kent e eu escolhemos "Firecracker", da Yellow Magic Orchestra, como amostra, e os poucos insiders que trabalharam na produção do filme estavam realmente adorando. Isso não passou despercebido pelos executivos (e espiões) da Sony. Eu tinha escolhido a música e paguei para usá-la no filme. Depois de ouvir minha nova música, usando o *mesmo* sample que usei, a Sony correu para fazer um single para outra artista feminina de sua gravadora (que eu não conheço). Eles usaram a amostra

"Firecracker" e lançaram-na antes de "Loverboy". Ja Rule e eu escrevemos uma música juntos também, e a próxima coisa que você sabe, Tommy estava ligando para seu empresário Irv Gotti, pedindo a ele e Ja para colaborar em um dueto para o mesmo álbum da artista feminina - deixando-me apressar e refazer a música.

Irv até discutiu isso desde então, em uma entrevista para a *Desus & Mero* : "Ele sabe que acabamos de fazer essa merda com Mariah ... e ele está tentando foder com Mariah." Isso foi sabotagem, pura e simples.

Olha, eu fui bem treinado na arte de transformar situações de merda em fertilizante, mas Tommy sabia que foder com minhas escolhas artísticas era particularmente baixo. Mas eu não o deixaria me impedir. Mudei de assunto e passei da influência do techno para uma amostra mais funk de "Candy", de Cameo (você não pode dar errado com Cameo), e Clark Kent produziu novamente. Depois que nós dois fomos roubados, ele salvou o dia com uma faixa estrondosa (usando alguns resquícios de "Firecracker", que é minha parte favorita da música). Da Brat praticamente disse tudo em seu rap alucinante e muito *real* no remix de "Loverboy".

*Me odeie tanto quanto você quiser*

*Você não pode fazer o que eu faço*

*As cadelas estão me imitando diariamente*

*Me odeie tanto quanto você quiser*

*Você não pode ser quem diabos eu sou*

*Cadelas estão me imitando baby*

- "Loverboy (Remix)"

Até apresentamos Larry Blackmon (de trancinhas) em um vídeo pop-sexy e kitsch, filmado por meu bom amigo, o fabuloso David LaChapelle. E nós nos divertimos apesar de tudo.

Mas os bons tempos estavam prestes a se tornar *muito* ruins.

### **DESCANSO EM PEÇAS**

Depois de deixar Tommy, morei em hotéis e na estrada antes de finalmente conseguir construir uma casa para mim. Cheguei muito perto de comprar a requintada e palaciana cobertura Central Park West de Barbra Streisand em um impressionante edifício Art Déco. Ela é famosa por sua paixão por design; sua casa foi decorada com um gosto impecável e totalmente compatível com o que eu amava. Depois de tudo que passei para construir Sing Sing, teria sido um alívio ter uma linda casa pronta para uso. Mas, infelizmente, o conselho cooperativo conservador estava com medo de que houvesse muitos rappers e suas comitivas, também conhecidas como grandes negros, circulando, e não me aprovou. Acabei encontrando um prédio perfeito no centro, em Tribeca, e me mudei para o tipo de casa com que sonhava quando era criança. Ter meu próprio apartamento de cobertura glamoroso e gigantesco na cidade de Nova York era empolgante, mas também totalmente desorientador. Eu finalmente estava em meu próprio espaço, mas muitas vezes não sabia onde minhas coisas estavam ou onde deveria estar ainda. E não tive tempo de colocar meu novo lugar em ordem porque estava trabalhando sem parar. Eu tinha uma reputação na indústria de ser uma fera quando se tratava de produtividade. Eu me esforcei muito no estúdio, e fui igualmente difícil na promoção e no marketing. Eu era um artista *all-in*, e todos com quem trabalhei sabiam disso.

Ter um novo projeto em uma nova gravadora estava exigindo tudo que eu tinha, e eu estava dando o máximo que podia. Havia todo esse pessoal novo na gravadora, e minha equipe de gerenciamento pessoal não foi devidamente reestruturada para acomodar as novas demandas. E, para ser honesto, todas as mudanças e novas apostas mais altas os oprimiram. Minha agenda era brutal. Eu teria uma sessão de fotos ou um evento até as 3h da manhã, depois uma chamada de imprensa às 5h. Foi implacável. Em nenhum lugar do meu itinerário havia REST, e na época eu não sabia como exigí-lo. Quando você está trabalhando como uma máquina, deve haver cuidado humano embutido no processo: alimentos nutritivos, trabalho corporal, descanso vocal, mas o mais importante, *sono*. (Eu sabia disso, mesmo que a noção de "autocuidado" estivesse a uma década de distância.)

Claro, o momento do lançamento da trilha sonora não poderia ter sido pior - algo que ninguém poderia ter previsto. As pessoas não foram ver o filme. Ainda acredito que o *Glitter* estava à frente de seu tempo. As pessoas podem não estar prontas para lidar com os anos oitenta no início dos anos 2000, mas eu sabia que seria incrível. E então foi! E ainda *amo* essa trilha sonora. Estou tão feliz e tão grato que quase duas décadas depois, The Lambs e eu conquistamos #JusticeForGlitter, chegando ao primeiro lugar em 2018. Também estou feliz por poder tocar essas músicas agora. Os fãs deram a *Glitter* um novo brilho, um novo deslumbramento - a vida que ele *merecia*.

Era o final do verão de 2001. Os poucos críticos que puderam ver o filme de *Glitter* quase unanimemente criticaram. A ansiedade causada por sua má recepção e a reação da gravadora ao single atingir apenas o número dois estava se infiltrando em minha psique. Honestamente, o único outro artista que vi sob tanta pressão para se apresentar acima e além de seu próprio sucesso fenomenal foi Michael Jackson. Como ele, também estava acostumado a ter esmagamentos inquestionáveis. Foi minha ideia fazer um álbum completo chamado # 1's ! Mesmo assim, o número dois em um

novo selo, em uma trilha sonora ( *não em* um álbum de estúdio) não parecia tão trágico, se você me perguntar.

E ainda assim o estresse estava aumentando. Não parecia que a gravadora tinha uma estratégia promocional forte e eu ainda não tinha uma equipe administrativa coordenada. Não vi ninguém ao meu redor assumindo o controle do que estava se tornando a "situação única". A preocupação parecia ter mais peso do que o planejamento e a solução de problemas; internamente, o projeto estava uma bagunça. Então, meus instintos criativos de sobrevivência entraram em ação . Senti que precisava fazer *alguma coisa* - alguém precisava fazer *alguma coisa* .

A alta ansiedade tornava quase impossível o pouco sono previsto em minha agenda. Eu não conseguia dormir. Não consegui encontrar minhas coisas. Eu não conseguia fazer ninguém se recompor.

Então eu fiz meu próprio movimento. É certo que era tarde demais e um pouco confuso, mas era algum tipo de ação. Eu inventei um pequeno golpe publicitário de última hora para angariar entusiasmo para

“*Loverboy*”: eu encenei um “crash” do *TRL* na MTV.

Para manter a vibe do vídeo e do público, achei que seria festivo ter um momento nostálgico de verão.

Correndo em puro pânico e empolgação, eu apareci no set com um rabo de cavalo corajoso, empurrando um carrinho de sorvete cheio de picolés e vestindo uma camiseta “*Loverboy*” enorme aerada com uma surpresa por baixo: um look *Glitter* dos anos oitenta . Foi uma façanha inocente e boba e altamente não ensaiada. Eu fiz um freestyle em meu diálogo, como costumo fazer, e estava esperando que Carson Daly pudesse tocar a partir de mim, riff e envolver o público (como seria de se esperar que um apresentador fizesse). Mas ele não

jogou junto. (Eu sei que provavelmente foi dito a ele para parecer surpreso, mas ele não *agiu de forma* alguma.)

Percebi que estava vivendo o momento sozinha. Então eu pensei, *tudo bem, deixe-me usar um pequeno truque do figurino para colocar a energia em movimento* . Eu desajeitadamente removi a camiseta para revelar uma calça dourada brilhante e uma blusa "Supergirl". Mas em resposta, Carson, agindo horrorizado, disse: "Mariah Carey está se despojando do *TRL* agora!" ( *Oh, agora ele decide agir.* ) Eu certamente *não* estava *me* despindo - eu estava *revelando* . Certo, meu desempenho foi um pouco desleixado e acabou parecendo bobo. Mas em vez de improvisar, Carson estava olhando para mim como se eu fosse louco. Minha adrenalina foi aumentada para 1.000, e Carson me perguntou: "O que você está fazendo?" *Mesmo?!*

Eu nervosamente respondi: "De vez em quando, alguém precisa de um pouco de terapia e hoje é aquele momento para mim".

A verdade é que meus fãs *fazem* parte da minha terapia. Algumas pessoas fazem terapia de varejo, outras fazem terapia de chocolate; Eu tenho terapia de *fãs* . Tenho *sempre* ido diretamente para os meus fãs para a energia e inspiração. Estabeleci uma relação independente com meus fãs antes mesmo de a mídia social ser criada. Usei meu site para falar pessoalmente com eles; Eu deixaria mensagens de voz para eles e lhes diria o que estava fazendo e como me sentia honestamente.

Não foi filtrado, como eu me comuniquei com meus fãs e como nos comunicamos uns com os outros. Então, quando fiz aquela ligação infame para meus fãs, enquanto surtava e me sentia sozinho em um barco em Porto Rico, deixando uma mensagem triste dizendo que eu estava fazendo uma pausa - *eles* entenderam. A forma como foi noticiado na imprensa foi como se eu tivesse um colapso e fizesse uma ligação aleatória e desesperada. Naquela época, as pessoas não entendiam e se perguntavam por que eu falei diretamente com meus fãs. A mídia não tinha noção do vínculo que eu tinha com meus fãs. Nenhum.

Meus fãs se preocupam, eles tomam nota de tudo que eu faço e fazem do seu próprio jeito. A imprensa não entendeu como os fãs se

autodenominaram "Lambs". Os fãs prestaram atenção a quando Trey Lorenz e eu entrávamos em nossa afetação da velha Hollywood e dizíamos coisas como: "Seja um *cordeiro* e traga-me um pouco de vinho". Nós nos chamaríamos de "cordeiro" como um termo carinhoso o tempo todo - e foi assim que os Lambs (os fãs *profundamente* devotos) nasceram! Agora somos Lambily! Meus fãs salvaram minha vida e continuam a me dar vida todos os dias. Então, honestamente, não dou a mínima se os publicitários ou a imprensa pensaram que eu era louco por trazer picolés ou fazer ligações para *meus* fãs. Os Lambs são *tudo*, e cada música, cada show, cada vídeo, cada postagem, cada momento festivo, tudo que eu faço como artista é para *eles*.

*TRL*. Era. A. Stunt. Perdido. Errado. E sejamos claros e lógicos, não há nenhuma maneira de eu, Mariah Carey, ou *qualquer* outra *pessoa* conseguir *travar* qualquer programa da MTV, nem com um carrinho de sorvete menos. *Talvez* Carson Daly não soubesse que eu estava vindo, mas os produtores tiveram que agendar minha aparição - coordenadores, publicitários, segurança, *equipes* inteiras de pessoas sabiam que eu estava vindo. Foi uma manobra. Pareceu-me uma boa ideia na altura. *Qualquer* ideia era boa naquela época.

Eu era como um comediante que estragou um set. Todos os artistas bombardeiam, mas *meu* bombardeio desencadeou uma reação em cadeia que colocou um alvo nas minhas costas. Os tabloides e a imprensa de celebridades em geral agiram como se eu tivesse realmente me despido e dado a Carson uma dança erótica na TV ao vivo (que agora é uma rotina mundana frequentemente realizada por estrelas de reality shows e rappers - oh, como os padrões mudaram) !

A imprensa devorou minha *façanha* idiota do *TRL* e eu junto com ela. Foi a primeira vez que experimentei o fenômeno de uma falha pública que despertou o monstro na mídia, aquele vampiro cruel que ganha força alimentando-se das fraquezas dos vulneráveis. A *façanha* bombardeada transformou-se em uma grande, desagradável e interminável história. Alguns meios de comunicação convencionais

são um glutão de energia negativa e medo. Ele coloca uma máscara sobre a dor e a apresenta como uma notícia de entretenimento. Era visível e eu estava vulnerável. E quando a Cinderela de Sony caiu, nenhum cavalo ou homem do rei tentou esclarecer as coisas, me pegar ou me recompor. Em vez disso, eles se alimentaram do espetáculo e só queriam mais - mais tropeços, mais vergonha, mais rupturas, mais ridículo. O monstro na mídia só fica satisfeito quando você é destruído.

Isso tudo estava acontecendo antes do fenômeno das mídias sociais. Não houve aplausos de volta no Twitter.

Não "Arraste-os, Rainha!" Nenhuma turba de amor orgânico do ferozmente leal Lambily para correr em minha defesa. Milhares de fãs e Lambs se me mostrar o amor eo apoio através de cartas e comentários no meu site, mas o mundo "fora" não tomar nota disso. Não havia YouTube e nem 'grama. (Embora um aliado

surpreendente também tenha se levantado em minha defesa: Suge Knight (que era *tão* poderoso na época), em uma entrevista no Hot 97, disse: "Todo mundo precisa deixar Mariah em paz, ou eles terão um problema comigo. "Confiança, naquela época *ninguém* queria ter problemas com Suge.

Hoje é fácil coordenar um momento promocional ou mudar a narrativa por meio das redes sociais. Era muito *difícil* penetrar na cultura pop naquela época. Foi uma grande tarefa aparecer em grandes programas de TV e planejar meus próprios "momentos"; praticamente todos os movimentos que você fez como artista foram controlados pelo "necrotério corporativo" (como eu carinhosamente os chamo). Agora, quando algum acidente com alguma celebridade se torna viral, geralmente ocorre uma tomada de controle da mídia

24

horas por dia; então *acabou* . Naquela época, você fez uma coisa e isso dominou a imprensa pelo que pareceu uma eternidade. *TRL* era isso.

E a imprensa me caçava ferozmente. Isso foi cinco anos após a morte da princesa Diana pelo tablóide.

Estudei como a imprensa a perseguia como hienas. Certa vez, tive um momento breve, mas inesquecível, com Lady Di, quando nossos olhos se encontraram em uma festa da *Vogue*. Ela estava em um vestido cor de safira deslumbrante, o pescoço pingando nas mesmas joias azuis. E ela tinha aquele *olhar* - o terror surdo de nunca ser deixada sozinha queimando atrás de seus olhos. Éramos ambos como animais acuados na alta-costura. Eu a reconheci completamente e me identifiquei com ela. Compartilhamos essa compreensão de como é a sensação de estar sempre cercado de pessoas, todas as quais podem não estar tentando machucar você, mas todas tentando fazer algo. Todos eles querem *algo*. Eu não sabia que ela seria capturada e morta logo após nosso encontro. Eu certamente não sabia que logo estaria em uma posição perigosamente semelhante. Os caçadores estavam se aproximando.

Com o calor de agosto, meu sono agitado rapidamente se deteriorou e se tornou nenhum sono. O sono havia desaparecido, assim como as refeições adequadas. Eu mal comia. O pânico em torno de "Loverboy" na gravadora era real, e eles estavam desesperados para fazer outro vídeo para o segundo single imediatamente.

Tínhamos acabado de passar vários dias exaustivos gravando o vídeo "Loverboy" no escaldante deserto da Califórnia, em condições adversas, sem água ou necessidades básicas. Não havia área coberta para esperar e me bloquear do sol entre as tomadas, o que não só me fritou, como me perdeu tempo, porque minha maquiagem derreteu e teve que ser reaplicada. Posso ter parecido super animado, mas "Loverboy" foi uma filmagem tecnicamente extenuante, e a gravadora queria que eu pegasse um avião imediatamente, voltasse para Nova York e começasse a gravar outro vídeo para "Never Too Far" no dia seguinte !

Eu estava completamente exausto, assado, frito e desgastado, e certamente não estava em condições de fazer outro vídeo. Eu deveria ter tido, no mínimo, uma reserva de três ou quatro dias

entre as filmagens. Além disso, houve toda uma performance glamorosa da música no filme, que eles poderiam e deveriam ter usado como um vídeo (no final das contas eles usaram). Mas a gravadora não estava me ouvindo.

Não importava que eu estivesse completamente exausto - o que importava é que eles gastaram mais de cem milhões de dólares em "Mariah Carey". Eles queriam todos os seus produtos brilhantes prontos para venda *agora*. Não havia ninguém por perto para intervir, para ajudar a orientar a gravadora sobre como acompanhar os projetos e minha produtividade. Ninguém tinha força ou poder para dizer não a pedidos irracionais em meu nome, e a pressão aumentava constantemente. Eu estava exausto. E a parte mais difícil foi o deleite diabólico que a mídia tablóide estava extraíndo do meu momento de fraqueza. Era um circo sem fim e sem fim. Lembro-me de assistir a um programa de entretenimento após o desastre do *TRL*, onde eles estavam falando sobre mim no tempo passado. Foi tão surreal, como se estivesse assistindo a um "In Memoriam" de Mariah Carey. E tudo o que eu realmente queria *era* descansar em paz.

Isso, além de lidar com Tommy e minha família, era demais. Eu estava além de cansado. Eu precisava dormir com urgência. Sono, essa necessidade humana básica, esse conforto simples, tornou-se impossível de obter.

Tentei me refugiar no vazio da minha enorme cobertura nova, mas a gravadora e a "administração" estavam me ligando constantemente, tentando me convencer a fazer o vídeo. Simplesmente não pude fazer isso. Eu estava trabalhando há anos sem parar. Estava totalmente fora do normal para mim não aparecer, mas eu realmente não tinha mais nada. Eu não conseguia pensar. E eles não podiam me ouvir. O telefone não parava de tocar. Não importava em que sala eu estava - nenhuma das quais era familiar ou reconfortante para mim ainda - eu podia ouvir o telefone tocando e tocando. Esperar. Tommy sabia onde eu estava? Tommy estava

tentando me torturar também? Seu povo estava me seguindo de novo? Eu estava ficando com medo.

Eu precisava encontrar um lugar seguro. Eu tive que encontrar o *sono* . Em quem posso confiar? Ninguém que trabalhava para mim me ajudaria a encontrar um lugar para ir. Tudo que eu estava pedindo era um pouco de tempo. Todas essas pessoas na minha folha de pagamento e ninguém fez lobby para que eu tivesse um dia de folga. Eu estava tentando dizer a eles que só precisava de alguns dias desmaiado, algum tempo para descansar, me recuperar e obter um pouco de sono de beleza.

Em desespero, fui para um hotel perto da minha cobertura. Achei que se pudesse conseguir um quarto, fechar as cortinas, me enfiar debaixo das cobertas e *dormir* , tudo poderia ficar bem.

Eu tinha vivido em hotéis por longos períodos de tempo e encontrava conforto em saber que as pessoas não incomodariam você. E eu já tinha ficado neste hotel em particular várias vezes antes, enquanto minha cobertura estava sendo reformada. Nunca me ocorreu instruir a recepção a não entrar em contato com minha gerência ou contar a ninguém que eu estava lá. Por que eu deveria? Eu tropecei em meu quarto e prontamente pendurei a placa "Não perturbe" na maçaneta. Embora eu tivesse acabado de sair da minha cobertura espetacular e nova em folha para um modesto quarto de hotel, comecei a sentir alívio. Eu preparei um banho, afundei lentamente na água morna e perfumada e coloquei um pouco de evangelho reconfortante ("Ainda assim, vou confiar nele", de Men of Standard), esperando que um pouco do trauma se dissolvesse.

Comecei a me acalmar. O incidente do *TRL* ainda estava pesando muito sobre mim. Eu senti que o mundo inteiro pensou que eu tinha perdido. Enrolei-me no roupão do hotel e me enrolei na cama. Mas antes que pudesse fechar os olhos, ouvi uma batida na porta. E então houve um *estrondo* !

Eu pulei e fui até a porta, pronto para xingar quem não tivesse lido a placa. Abri para uma multidão de pessoas - gerentes, Morgan, até

minha mãe!

"O que diabos está acontecendo?" Eu gritei. "Eu tenho que ir dormir!" Eu estava em pânico. Eu estava histérica. Eu fui pego. Comecei a gritar - apenas gritar. Eu não conseguia falar. Uma delegação inteira chegou para me arrastar de volta ao trabalho. Tudo que eu queria era uns malditos dias de folga. Então eu gritei.

De repente, Morgan agarrou meus braços e me puxou para ele. Eu fiquei imóvel. Ele olhou para mim e disse baixinho: "Essa coisa toda é apenas *aniversários no Roy Boy's*."

Eu imediatamente sai dessa. "Aniversários no Roy Boy's" era uma piada interna que fazíamos sobre nosso pai, porque ele sempre confundia nossos aniversários. Morgan me trouxe de volta à nossa linguagem familiar inocente: as piadas e as palavras tolas que apenas nós compartilhamos, a maneira como usamos o humor para lidar com isso. As palavras que existiam antes de tudo isso, todos esses forasteiros. Naquele momento, acreditei que Morgan entendia como eu me sentia, que ele até se *importava* com meu bem-estar.

"Aniversários no Roy Boy's" me levou de volta a quando eu senti que ele poderia ser um verdadeiro membro da família para mim. Era pessoal e engraçado, e eu estava angustiado. Era como se ele tivesse me dado o código secreto para "Te peguei", aparecendo como um farol na tempestade. Emocionalmente, eu estava totalmente aberta - e Morgan deslizou para dentro.

Eu tinha sido expulso de minha casa e de um hotel. Havia toda uma equipe de pessoas me caçando para me puxar de volta ao trabalho, incluindo minha mãe. Eu estava além do desespero e ainda precisava dormir. Meu contrato com a gravadora foi uma coleira de mais de 100 milhões de libras em volta do pescoço de todos.

Eu precisava encontrar alguém sem nenhum interesse comercial ou investimento em mim - alguém que me conhecesse e se importasse comigo, que pudesse me ajudar ou me esconder. Minha mente imediatamente foi para Maryann Tatum, também conhecida como Tots. Ela estava comigo como vocalista de fundo desde o *Butterfly*,

e nos tornamos como irmãs depois que sua irmã morreu. Ela era uma das minhas poucas amigas que eu achava que sabia como lidar com situações realmente fodidas (e esta certamente se qualificava!). Ela era sólida e vinha de gente sólida. Tots cresceu como um dos nove filhos nos projetos em Brownsville, Brooklyn. E embora sua mãe tivesse que lidar com a criação de nove filhos sozinha, ela sempre foi limpa, sempre organizada. Tots era doce e amorosa a Deus, mas também conhecia bem as ruas. Achei que ela poderia me ajudar a fugir de todas as pessoas que vinham atrás de mim e me ajudar a dormir um pouco.

Decidimos que eu poderia ir ao apartamento dela no Brooklyn porque ninguém pensaria em me procurar lá.

Quando consegui me recompor e fugir para o Brooklyn, estava tomada pela ansiedade. Não só eu sabia que a gravadora estava procurando por mim, mas quem sabia se Tommy também estava me seguindo? Não teria sido a primeira vez. (A exposição de 1996 de Robert Sam Anson, "Tommy Boy" na *Vanity Fair* relatou apenas algumas de suas travessuras, mas ajudou totalmente a justificar minhas afirmações de seu controle e vigilância maníacos.) E os tablóides estavam na minha cola e salivando pelo meu menor passo em falso (

*ainda* são).

Peguei um serviço de carro particular para o apartamento de Tots. Certamente era um bom lugar para ir incógnito, mas não para dormir. Era apertado e não era exatamente confortável para mim, além de minha angústia e exaustão estavam me dando energia nervosa. Sugeri Tots e sua sobrinha Nini, e todos saímos para dar uma caminhada para me ajudar a relaxar.

Ela disse "Garota, espere. Você *não* sabe que você está Mariah Carey?"

Acho que não poderia simplesmente sair perambulando pelas ruas do Brooklyn. Eu precisava de um disfarce.

Nini trançou meu cabelo e eu coloquei sua camiseta Mariah Carey *Butterfly*, calça de moletom e um boné de beisebol com a aba puxada para baixo. Escondidos à vista de todos, nós três passeamos pelas ruas do Brooklyn na tentativa de recuperar um pouco dos meus últimos nervos perdidos. Ninguém me notou confortavelmente flanqueado entre duas garotas negras no diversificado bairro do Brooklyn.

Tots me garantiu que eu não tinha nada com que me preocupar, brincando: "Eles provavelmente só pensam que você é uma linda garota porto-riquenha que foi a um show de Mariah Carey".

Rimos um pouco, um pouco de conforto, uma pequena escapada - mas eu ainda sentia que estava sendo rastreado. Não consegui encontrar nenhum alívio. Não conseguia me lembrar da última vez que dormi ou fiz uma refeição.

O tempo estava caindo sobre mim, os dias e eventos todos correndo juntos. Meu empresário e a gravadora de alguma forma descobriram que eu estava no Brooklyn com Tots. Eles ligaram e pediram que ela me convencesse a concordar em fazer o vídeo. Minha instabilidade emocional, como resultado da privação de sono, estava começando a se apoderar de mim. Eu estava encurralado e confuso. Morgan foi novamente enviado para me buscar, já que a "delegação" do hotel havia presumido que ele era o único em quem eu confiava. Ninguém sabia que, para mim, *confiar em Morgan* era uma proposta perigosa.

Nunca soube o que esperar de Morgan; ele tinha sido tão imprevisível, volátil e violento por tanto tempo. E, no entanto, minha mãe confiava mais nele. Ele se tornou seu homem forte, seu protetor, quase uma figura paterna para ela - uma posição que nunca deveria ser preenchida por um filho. E embora ele tivesse me assustado tantas vezes quando criança, eu também o via como um homem forte e inteligente. Morgan era muito inteligente e impressionante e havia desenvolvido um conjunto traiçoeiro de habilidades de sobrevivência.

Ele estava na cena do centro de Nova York no final dos anos oitenta. Ele trabalhou em alguns dos bares e clubes mais badalados. Ele era incrivelmente bonito e ocasionalmente trabalhava como modelo. Ele era bem conhecido e querido. Ele discretamente forneceu às pessoas bonitas suas lembrancinhas em pó. Ele era diabolicamente carismático.

No início da minha carreira, Morgan tinha a missão de ser conhecido como aquele que foi o responsável por me "descobrir". (Seymour Stein, fundador da Sire Records e signatário da Madonna, na verdade teve uma oportunidade para essa distinção, já que foi um dos primeiros a ter minha demo. Infelizmente, ele disse: "Ela é muito jovem" - mas isso é outra tangente.) Morgan tinha vários contatos vagos na indústria musical, mas também me apresentou a alguns jogadores importantes na cena da moda, como o lendário cabeleireiro Oribe.

Em alguns círculos, eu era até conhecida como "a irmã mais nova de Morgan", embora ele não me visse como sua irmã há muito tempo. Eu era seu pequeno ingresso para a riqueza e a fama.

Muitas vezes reconheci publicamente Morgan por ser aquele que me emprestou cinco mil dólares para pagar minha primeira demonstração profissional, pela qual continuo grato e paguei cinco mil vezes. E eu continuaria a pagar e *pagar*.

Nunca pensei que aquele modesto empréstimo inicial me fizesse ficar em dívida com ele ou permitir que ele tivesse uma palavra a dizer em minha carreira. Eu era muito jovem, mas sabia que não devia fazer negócios com nenhum dos músicos questionáveis com quem meu irmão tentou me convencer a trabalhar e assinar com ele. Eu sabia com certeza que, para mim, negócios com Morgan envolveriam *sérios problemas*. Como um laço.

Menos de um mês depois de assinar meu primeiro contrato de gravação, minha mãe e Morgan propuseram uma reunião de família no barraco - talvez para comemorar? Quem sabia? Eu realmente não gosto de voltar.

A vergonha e o medo que sofri enquanto vivia lá ainda estavam pegajosos na minha pele. Contra meus melhores instintos, concordei.

A cabana estava tão desolada como sempre. O ar na minúscula sala de estar estava pesado com uma ansiedade e manipulação que eu podia sentir. O painel de "madeira" havia desbotado e gasto para se parecer

mais com o papelão da embalagem de camisa masculina. Cortinas sujas de renda branca de poliéster penduradas nas janelas escuras; o respiradouro de aquecimento no chão expeliu uma camada de fuligem cinzenta que subiu da batinha até o meio daqueles painéis lamentáveis de respeitabilidade irlandesa. Minha mãe e Morgan se sentaram juntas no sofá de veludo cotelê azul sombrio. Sentei-me em frente a eles em uma poltrona reclinável bege. A negligência era a cor de destaque geral.

Minha mãe estava inexpressiva, ocasionalmente lançando seus olhos sobre Morgan para aprovação. Ele foi claramente o "anfitrião" deste suspeito regresso a casa. Eu poderia dizer que ele estava no modo de esquema direto. Seus olhos tinham um foco selvagem e penetrante. Eu podia sentir sua tensão, mas ele havia aperfeiçoado a arte de lançar um verniz suave sobre suas emoções e suas intenções.

Morgan lançou um discurso retórico sobre como o segundo marido de minha mãe poderia ser um canalha conivente e como eles estavam *preocupados* que, agora que eu estava prestes a me tornar famosa, ele provavelmente representaria um "problema". Me avisando que ele conhecia todos os segredos sujos de nossa família e ameaçando contar tudo para a imprensa. Que contaria ao mundo sobre Alison ser uma prostituta viciada em drogas e ter HIV. *O que?* Minha mãe ficou em silêncio. Lembro-me de Morgan dizendo que eu precisava de proteção - que precisava ter cuidado, que esse cara poderia encerrar minha carreira antes que ela começasse - e que ele poderia "cuidar disso". Ele poderia cuidar *dele*.

Em menos de dez minutos na cabana, eu estava de volta à nuvem de tempestade familiar de medo conjurada por meu irmão. Eu certamente não precisava ser convencida de que esse homem era uma pessoa horrível, mas não conseguia entender por que minha mãe e meu irmão me arrastaram de volta aqui para falar comigo sobre algumas supostas ameaças de *seu* terrível marido. Eu tinha *acabado de* assinar meu primeiro contrato de gravação! Eu tinha *acabado de* sair desse drama familiar louco e assustador. Do que eles estavam falando? Por que eles estavam fazendo isso? Por que eu estava lá?

A vibração estava ficando cada vez mais assustadora e claustrofóbica. Lembro-me de Morgan dizendo com seu jeito silencioso e sinistro: "Eu tenho um plano para calá-lo. Você não precisa saber os detalhes, mas acredite em mim, posso fazê-lo calar a boca." Ele continuou dizendo que tudo que ele precisava era de cinco mil dólares. Lá estava.

Olhei para minha mãe, na esperança de obter alguma clareza. Ela apenas manteve os olhos fixos em Morgan, que obviamente a convenceu a deixá-lo comandar o show. Ele continuou a me lembrar como o marido dela era mesquinho e vingativo (e de fato *era* - ele vinha exibindo um comportamento oportunista desde o momento em que me conheceu) e que a imprensa me envergonharia e destruiria minha carreira. Eu só vivi para ser uma artista e tinha *acabado de assinar um contrato com uma gravadora*. Talvez tudo pudesse ser tirado em um instante? E ele disse de novo - por "apenas cinco mil dólares", ele poderia me proteger e cuidar da ameaça. "São apenas cinco mil dólares. Ninguém jamais saberá." Cinco mil dólares para quê? Para *fazer o que*? Um pânico nauseante começou a borbulhar na minha barriga.

Morgan tinha uma longa história de violência, de se envolver com personagens e situações duvidosas, e não havia como dizer o que ele poderia fazer por dinheiro. Em 1980, ele esteve envolvido em um caso escandaloso de assassinato no condado de Suffolk. John William Maddox foi assassinado por sua esposa, Virginia Carole

Maddox. O filho deles era conhecido de Morgan. Antes da noite em que atirou no pescoço do marido com um rifle, ela propôs a Morgan que o matasse por ela por trinta mil dólares. Ele aceitou um adiantamento de US \$ 1.200, mas não executou o trabalho. De acordo com os registros do tribunal, sua solicitação de Morgan (ele foi obrigado a testemunhar perante um grande júri) foi a principal evidência para refutar sua alegação de legítima defesa e ajudou a levar a sua condenação por assassinato.

Eu mal estava na terceira série quando Morgan se envolveu em uma conspiração para assassinar um homem por dinheiro. Lembro-me dele e de minha mãe conversando sobre isso e tenho uma vaga lembrança de ter visto esboços de tribunais em casa. Morgan delatou, então não teve tempo para aceitar o pagamento.

“Vamos, são apenas cinco mil dólares, ninguém vai saber”, continuava soando em meus ouvidos. Eu me levantei de um salto e comecei a andar os cinco ou menos passos entre a pequena sala de estar e a cozinha ainda menor; ambos pareciam encolher um centímetro a cada segundo que passava. “Você não precisa fazer nada além de me dar o dinheiro”, ele disse novamente. Eu estava lutando para processar o que *realmente* estava acontecendo aqui. Eu nem acho que eu recebi meu primeiro cheque de antecedência e já, já o meu irmão e sua mãe estavam tentando tirar dinheiro de mim ?! E para quê? Para foder com o marido da minha mãe ?! Que porra é essa.

Tragicamente, não fiquei surpreso que Morgan tivesse começado a tentar enroscar um sifão em mim imediatamente, mas o que me pôs de pé e me surpreendeu foi que minha *mãe* estava concordando. Ela permaneceu selvagemmente quieta o tempo todo Morgan vomitou teorias de conspiração sobre chantagem, expondo e humilhando suas filhas e seu filho, planejando “foder” seu marido por dinheiro. Ela estava realmente disposta a concordar em colocar todos os seus filhos em tão grave perigo emocional, espiritual (e possivelmente legal)? Ou, igualmente terrível, ela estava em uma conspiração com

Morgan para extorquir dinheiro de mim? Talvez ela tenha ficado impotente sob seu feitiço.

Eu não estava preparado para as implicações que tudo isso estava tendo para mim e para minha posição nesta família e neste mundo. Sob nenhuma circunstância eu poderia, *nunca* entreter estar envolvido em fisicamente prejudicar *ninguém*, mesmo um idiota desprezível como seu marido. Recusei-me categoricamente a até mesmo aceitar seu golpe doentio. No entanto, o que realmente estava me abatendo é que eu sabia que, se desse a Morgan os primeiros cinco mil dólares, e se ele fizesse algo violento ou criminoso, ele definitivamente *me* chantagearia. Essas seriam as primeiras cinco mil gotas em uma torneira que ele usaria para drenar meu dinheiro para sempre.

Quão delirante da minha parte ainda ter a ideia de que minha mãe e meu irmão iriam me brindar por realizar meu único sonho. Em vez disso, eles me chamaram de volta para me estripar. Eu estava em um choque triste.

Não me lembro exatamente do que disse, mas me lembro de andar em círculos apertados, aquela sensação de mal estar agora em meu coração e batendo até meus olhos, e eu estava balançando minha cabeça - "Não, Não" ... e algo invisível dentro de mim estalou, e eu me afastei daquele pacote.

Saí cambaleando da cabana, sabendo, sem dúvida, que não pertencia a nenhum deles. Meu pai estava afastado. Minha irmã queimou e me entregou. E agora não havia mais irmão e não mais mãe. Sozinho.

*Ainda machucado, ainda pisa em cascas de ovo*

*A mesma criança assustada, esconda-me para me proteger*

*(Não acredito que ainda preciso me proteger de você)*

*Mas você não pode me manipular como antes*

*Examine 1 João 4: 4*

*E eu te desejo tudo de bom ...*

- "Desejo-lhe o melhor"

Portanto, pelos padrões "normais", uma gravadora pedindo ajuda à família para se comunicar com um artista não era uma jogada arriscada. Mas eles não sabiam as coisas ruins, ruins que minha família poderia fazer.

*Vocês, queridos filhos, são de Deus e os venceram,*

*Porque quem está em você é maior do que quem está no mundo*

# 1 João 4: 4

Dizer que eu estava no limite quando Morgan chegou ao Tots seria generoso. Exausto e faminto, fui privado de todos os cuidados. Olhando em meus olhos selvagens e cansados, ele me tentou: "Ei, que tal uma boa viagem até a casa de Pat?"

Embora eu nunca tenha feito uma *boa* viagem para a casa de minha mãe, em meu estado destruído, meu irmão apresentou um argumento convincente. Ninguém, afirmou ele, ousaria incomodar-me na casa *da* minha *mãe*. Sua voz era doce açucarada e eu estava muito esgotada para acessar meus instintos. Se eu estivesse em plena capacidade, saberia que minha mãe e seu filho eram as *últimas* pessoas com quem eu deveria estar quando estava tão vulnerável.

Mesmo que ela se importasse comigo, naquele ponto, minha mãe não sabia nada sobre mim, e nada sobre o que eu estava passando no momento. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do fardo e da responsabilidade de ser uma artista que gera tanto dinheiro e energia: Ter tantas pessoas vivendo de você, contando com você e empurrando você para trabalhar e trabalhar constantemente. Para cantar e sorrir, vestir-se e girar, voar e escrever e trabalhar e trabalhar! Ela não tinha noção da humilhação que eu estava sofrendo do monstro da mídia voraz que estava se alimentando de mim. Ela não conseguia imaginar o quão ferido e caçado eu me sentia. Minha mãe nunca reconheceu meu medo. Na verdade, ela costumava ativá-lo.

Mas agora, eu voltaria com eles. Qualquer casa em que minha mãe estava nunca parecia um porto seguro, especialmente se Morgan estivesse presente, mas eu era frágil demais para resistir. Na minha confusão, realmente fez sentido para mim ir para o interior até a casa que eu havia comprado para ela, a casa que eu conhecia tão bem, onde era silenciosa e confortável e haveria espaço de sobra

para todos. Despojado de meus melhores instintos, concordei em ir. Mas se eu fosse, decidi, todos nós iríamos. Segurança em números, pensei. Então Morgan, Tots e eu saímos para um passeio pelo interior do estado. Atravessando o rio e pela floresta, vamos para a casa de minha mãe.

## **CALAMIDADE E CABELO DE CÃO**

Minha mãe ainda não estava em casa depois de estar na cidade com a delegação da gravadora no hotel, e eu fiquei aliviado. Isso significava que eu não correria o risco de ser provocado por ela e Morgan juntos e, especialmente, não queria usar a pouca energia que me restava para tentar explicar a ela por que eu só precisava dormir. Felizmente, eu também tive minha garota Tots como um amortecedor. Ao nos aproximarmos da casa, comecei a relaxar um pouco. Pensei: *esta é a casa que comprei para minha mãe e minha família morarem e encontrarem conforto*. Agora era eu que precisava dela mais do que qualquer coisa.

Eu havia projetado um quarto de hóspedes para qualquer pessoa da família que precisasse de um lugar para ficar, que eu sabia que certamente poderia usar agora. Eu já podia imaginar seu calor convidativo em minha cabeça. Tudo o que eu queria fazer era colocar um pouco de comida no estômago, subir, fechar a porta e dormir antes que minha mãe chegasse em casa.

Enquanto caminhávamos para dentro de casa, eu estava lutando para esconder o quão destruída eu estava, especialmente na frente de meu sobrinho Mike, que ainda morava lá. Ele era apenas uma criança e já havia passado por tanta coisa com sua mãe viciada. Eu queria poupá-lo da história traumática que pulsava por mim, por todos nós. Mas eu também estava começando a entrar em pânico, percebendo que agora estava isolado da cidade e de minha casa real. Eu não estava com meu motorista, estava com Morgan e minha mãe voltaria a qualquer minuto. Eles podem ser venenosos e manipuladores juntos. Eu me senti balançando para frente e para trás, para fora de casa e de volta para o barraco. Eu estava no

mundo *deles* agora. O passado e o presente pareciam o mesmo - inseguros.

A casa cheirava a calamidade e pelos de cachorro. Eu examinei a desordem e a desordem. (Nunca gostei da maneira como minha mãe cuidava da casa; por isso sempre tinha pessoal de limpeza para ela.) Assim como meu pai, sempre gostei das coisas muito limpas. A bagunça me causa ansiedade. Comecei a colocar as coisas em ordem, uma atividade que normalmente faço para me recentralizar. Eu pensei que se pudesse trazer alguma ordem ao caos da casa, mesmo que pequena, eu poderia ficar em meu corpo. Mas eu continuei escorregando.

*Não estou indefeso*, disse a mim mesmo. Esta foi a bela casa que eu tinha comprado, criado e gerido como um adulto. Eu não era uma garotinha em uma cabana aleatória. *Eu posso colocar ordem nisso*. Mas Deus, eu estava tão cansada. Talvez, pensei, por alguma brecha de tempo e espaço, nós realmente *estavam* de volta no barraco. Eu precisava dormir. Desesperadamente. E eu estava morrendo de fome. Minha mente começou a disparar novamente.

Fui à cozinha para ver se conseguia arranjar um bocadinho para comer. Normalmente, ao visitar minha mãe, eu levava todos os mantimentos necessários, incluindo pratos e talheres descartáveis, para garantir que todos tivessem o suficiente para comer e com uma limpeza fácil. Na cozinha, encontrei a pia com uma pilha alta de pratos sujos. Eu sabia que ajudaria a me aterrar se eu me concentrasse em uma tarefa simples. Lavar a louça -

isso funcionaria. *Eu vou fazer isso. Vou lavar a louça*, pensei. *Vou comer em um prato limpo e depois vou dormir*.

Estendendo a mão para abrir a torneira, de repente me lembrei. *Seis dias. Não durmo mais de duas horas em seis dias*. Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava iniciar a tarefa que havia estabelecido para mim mesma. Tudo que eu podia ouvir era meu coração batendo forte dentro do meu peito. *O que eu estou fazendo? Lavando a louça. Direito*. Depois do que pareceu uma eternidade,

finalmente fiz um prato e coloquei na prateleira. Em seguida, peguei uma tigela com espuma, mas a senti escorregar pelos meus dedos e cair no chão. Tentei de novo: fiz um. Eu deixei cair um. Agora eu tinha que limpar o prato e a água no chão. Os sons de água corrente, pratos batendo e pessoas conversando giraram juntos. Eu estava tentando desesperadamente limpar tudo e sair de vista antes que minha mãe chegasse em casa. Abaixei-me para tirar o prato do chão, a luz ficou fraca e os sons começaram a diminuir. Todo o espaço ao meu redor se estreitou e comecei a cair. Eu apaguei por uma fração de segundo, mas fui capaz de me recuperar antes de desmaiar completamente.

Eu fiz isso. As ondas de ansiedade se foram, mas também cada gota de minha energia e cada grama de minha vontade. Mas, ei, se eu não conseguisse dormir naturalmente, desmaiar seria ótimo. Com a ajuda de Tots, subi cambaleando as escadas em direção ao quarto de hóspedes, apanhando tufo de pelo de cachorro nos degraus ao longo do caminho (eu mal estava consciente, mas meus padrões ainda estavam acordados). Eu era

um refugiado exausto e achava que aquele refúgio era exatamente o que havia encontrado. Desabei na cama aconchegante, rendendo-me à sua maciez. Tudo rapidamente se transformou em uma escuridão tão esperada, e eu afundei nela. *Finalmente paz.*

"Mariah! O que você está fazendo? Eles estão procurando por você!"  
" Uma voz potente e dramática me puxou violentamente para fora da piscina de silêncio em que eu estava flutuando. Perdido e cuspindo, fui levado à consciência para encontrar minha mãe pairando sobre mim. Minha própria mãe me acordou do primeiro sono que tive em quase uma semana! Para piorar as coisas, ela estava me acordando para me dizer que a gravadora estava procurando por mim para me fazer voltar ao trabalho - como se, em vez de ser minha mãe e zeladora, ela fosse algum tipo de agente da máquina que tinha repetidamente colocava meu potencial de ganho acima do meu bem-estar.

Essa foi a gota d'água. Eu realmente deixei meu corpo. Algo dentro de mim subiu rapidamente e saiu da minha garganta; era feroz com uma raiva fervente.

“Bem, eu fiz o melhor que pude! 'Eu fiz o melhor que pude!' É tudo o que você sempre diz! ” Eu rugiu para ela, imitando seus tons exagerados. Foi uma justificativa que eu ouvi dela, uma e outra vez, durante toda a minha vida. Depois de seis dias sendo caçado - seis dias de esconderijo, ansiedade e quase morte; seis dias sem descanso; seis dias de trauma - finalmente consegui dormir na casa *que comprei*, apenas para ser acordada por minha própria mãe. Minha *mãe*, que havia encontrado tanto descanso para si naquela casa pela qual eu tanto trabalhava!

Não esperava um abraço ou um beijo na testa, canja de galinha caseira ou biscoitos assados. Não esperava um banho quente. Eu não esperava uma massagem, um chá quente ou uma história para dormir. Eu não esperava nenhum conforto que uma criança doente pudesse receber de uma mãe saudável. Eu sabia que minha mãe não tinha capacidade para esse tipo de resposta maternal; afinal, era eu quem cuidava das coisas.

*Eu cuidei dela* e de tudo mais. Eu não esperava que ela fizesse nada para me ajudar a me sentir melhor, mas certamente não esperava que ela me acordasse! Minha raiva assumiu. Não conseguia ver, não conseguia ouvir, não conseguia sentir o meu corpo.

Como uma resposta de sobrevivência, mergulhei na profundidade do meu sarcasmo e zombei dela, viciosamente. Cortar o humor quando confrontado com estresse ou trauma extremo foi um mecanismo de defesa que desenvolvi quando criança.

“Bem, eu fiz o melhor que pude! Eu fiz o melhor que pude! ” Eu a imitei zombeteiramente, mais e mais. Eu estava tentando acordá- *la*, com suas próprias palavras, para o absurdo cruel do momento. Eu sabia que estava errado, mas todos os filtros que eu poderia ter usado para me impedir foram arrancados.

Eu gritei: "SÓ QUERO DORMIR!" Todos os meus medos, todo o meu ressentimento, todos os anos de impressões que eu fiz dela pelas costas - toda a minha raiva estava se espalhando com cada palavra que eu joguei nela.

"Nós vamos! EU! Fez! O! Melhor! EU! Poderia!" Eu gritei.

Ninguém, especialmente minha mãe, jamais me viu com tanta raiva. Ao longo da minha infância, sempre foram Morgan e Alison que tiveram acessos histéricos. *Eles* gritavam e gritavam e jogavam garrafas de condimento uns nos outros. *Eles* iriam lutar. *Eles* gritavam e ameaçavam minha mãe ou a deixavam inconsciente. Meu irmão e meu pai tiveram brigas. Mas agora foi a *minha* vez de deixar rasgar. Eu não era violento ou jogando obscenidades, mas eu ainda estava indo *off*, para mim.

Eu estava em um frenesi histérico e raivoso, mas ainda pensava em meu sobrinho Mike. Eu não queria continuar o ciclo doente que todos nós tínhamos passado. Eu estava parada na frente de sua porta, colocando meu corpo entre minha mãe, meu discurso e sua inocência. Antes de chegarmos, pedi a Tots para cuidar de Mike; Eu confiava nela por causa das incontáveis sobrinhas e sobrinhos que ela cuidou ao longo dos anos.

Eu nunca soube o que poderia acontecer com minha família, então ela estava atrás da porta o confortando.

Eu gritava: "Isso tem que parar! Temos que quebrar o ciclo! "

Todo o medo e fúria que eu tinha engarrafado dentro de mim agora eram direcionados à minha mãe. Ela estava no centro do ciclo que eu estava desesperado para quebrar. Minha mãe estava finalmente experimentando o florescimento de minha raiva e estava mal equipada para entendê-la ou diminuí-la. Ela não conseguia nem entender a *piada* - pelo contrário, ela se sentia ameaçada e envergonhada por isso. Ela sacudiu sua perplexidade; então um gelo a consumiu, e ela me lançou um olhar que dizia: *Oh, é mesmo?*

*Você ousa zombar de mim? Você ousa me ameaçar? Você não tem ideia de com quem está mexendo.*

Quando minha mãe fica com medo, sua segurança completa na evidência histórica de que a brancura *sempre* será protegida se ativa - e ela freqüentemente chama a polícia. Em várias ocasiões, ela chamou a polícia de

meu irmão, minha irmã e até mesmo dos filhos de minha irmã. Minha mãe chamou a polícia mesmo quando ela não necessariamente se sentiu ameaçada. Em um Natal, trouxe minha família para Aspen. Foi no primeiro ano depois que deixei Sing Sing, e decidi que queria criar minha própria tradição de Natal definitiva, então peguei todo o clã Carey. Para mim, Natal significa família. Aluguei uma casa para decorar e fazer refeições caseiras e poderíamos cantar canções de Natal a plenos pulmões se quiséssemos, e aluguei minha família em um hotel fabuloso.

A certa altura, estávamos todos saindo juntos em casa e Morgan começou a ficar espetacularmente embriagado. Quando ele desapareceu um pouco, minha mãe voltou-se diretamente para seu drama usual.

"Onde está Morgan?" ela gritou. "Não consigo encontrar Morgan!" Veja bem, Morgan era um homem adulto de trinta e poucos anos, mas minha mãe ainda estava em pânico auto-induzido. "*Não consigo encontrar Morgan!*" Ela ligou para seu quarto de hotel várias vezes, mas não houve resposta. Então, o que ela fez? Ela chamou a polícia. Minha mãe ligou para a polícia em Aspen, Colorado, para encontrar meu irmão não branco, às vezes traficante de drogas, que estava no sistema e bêbado. Os policiais foram ao hotel e foi um grande drama. Ela pediu que arrombassem a porta de seu hotel, atrás da qual Morgan estava deitado nu, com o traseiro para cima e desmaiado na cama. A notícia se espalhou como um incêndio por toda a cidade, e essa, senhoras e senhores, foi a última vez que Morgan e a policial Caller Mom foram convidados para passar o Natal comigo em Aspen. Eu realmente *não* quero muito para o Natal. Principalmente os policiais.

E então, naquela noite em Westchester, ela chamou a polícia também.

A polícia chegou rapidamente, como costuma acontecer em bairros brancos e ricos. Minha mãe abriu a porta.

Ouvi um oficial perguntar: "Há um problema, senhora?"

"Sim, estamos tendo um *problema*", respondeu ela, dando as boas-vindas aos dois policiais brancos. Eu poderia dizer que eles me reconheceram, embora eu ainda estivesse em um bom estado e parecesse isso. Eu estava desmaiado, dormindo, pela primeira vez em quase uma semana. Em um turbilhão emocional tumultuado, eu rapidamente preendi meu cabelo em um coque. Eu estava de legging e camiseta (como se estivesse em casa, quando se está tentando descansar). Eu tinha me recomposto um pouco, porque é isso que você faz quando há policiais envolvidos. Mas eu não estava usando minha máscara de superstar, que é como quase todo mundo me conhece (exceto os Lambs, é claro). Sem todo o guarda-roupa e glamour, eu parecia perturbada, talvez um pouco selvagem ou indisposta.

Embora os policiais estivessem tecnicamente em *minha* casa, sua atenção estava voltada para minha mãe. Ela deu a eles um olhar estranho e conhecedor, que parecia o equivalente a um aperto de mão de uma sociedade secreta, algum tipo de código policial de mulher branca em perigo. Ela havia sido desafiada e eu ousei ser beligerante. Eu estava sendo agressivo com *ela*. Eu estava assustando *ela*. E eles receberam seu sinal alto e claro. Estava em seu treinamento. O código estava em sua cultura. Este era seu mundo, seu povo e sua linguagem. Ela tinha controle. Mesmo Mariah Carey não poderia competir com uma mulher branca sem nome em perigo. Se eu tivesse tido apenas um ou dois dias para descansar, teria acordado e estaria pronto para fazer um vídeo. Mas, em vez disso, aqui estava eu, na casa da minha mãe (na verdade, *minha*) com os policiais.

A parte mais assustadora era que eu estava exausto demais para sentir minha origem. A energia negativa de minha mãe, Morgan e da polícia - toda a cena - bloqueou minha luz. Eu precisava ver Tots. Ela tinha um grande Deus em sua vida também, e se eu não pudesse

acessar o meu, pensei que talvez pudesse sentir o dela. Eu acreditava que ela poderia, de alguma forma, me manter segura de um modo espiritual e fraterno.

Eu estava tentando segurá-la com força, mas ela também estava com muito medo dos policiais. E você poderia culpá-la? É totalmente compreensível. Ela era a única pessoa visivelmente 100% negra na casa.

Depois de se manter longe de problemas com a polícia durante anos nos projetos de Brownsville, como ela poderia explicar à mãe que tinha sido presa em um subúrbio rico e estava em alguma prisão no interior do estado? Deus sabe o que eles teriam feito com ela lá (isso foi *muito* antes do #BlackLivesMatter e do ativismo pelo telefone celular, embora até mesmo um movimento não tenha impedido a maior parte da brutalidade). Então, Tots estava fazendo o possível para manter a si mesma e a Mike longe da turbulência e fora de vista. Contra dois policiais brancos e uma mulher branca, em Upper Westchester, Tots sabia que ela estava em desvantagem e totalmente derrotada.

Dada sua longa e turbulenta história com a aplicação da lei, Morgan estava escondido no pequeno covil que chamamos de "sala irlandesa". Ninguém tentou explicar à polícia que era apenas uma explosão familiar - que tudo estava bem, e eu estava sobrecarregado de trabalho e tinha perdido a paciência. Eu precisava de

cuidados, *não* dos policiais. Mas ninguém me defendeu. A única coisa que os policiais viram foi uma mulher branca assustada em uma casa grande cheia de pessoas não brancas.

Traída, humilhada e oprimida por reviver a negligência e o trauma da minha infância, eu me soltei. Não que eu tivesse alguma luta restante em mim, mas eu sabia que não devia lutar com a polícia. Eu estava acabado.

Ironicamente, fiquei aliviado que a polícia pudesse me tirar desta casa de trauma e traição. Meu irmão tinha me atraído de volta às mesmas profundezas da disfunção em que ele, minha irmã e minha

mãe viviam quando eu era criança. Minha mãe me roubou do sono e depois me entregou às autoridades. Não havia mais nada a fazer a não ser render-se. Concordei em ser removido de minha própria casa pela polícia, com um pedido simples - que me permitisse calçar os sapatos. Minha família pode ter tirado meu orgulho, minha confiança e o resto da minha energia, mas eles não iriam receber minha dignidade também.

Calcei alguns saltos (provavelmente mulas), arrumei meu rabo de cavalo, coloquei um brilho labial e sentei no banco de trás da viatura. Ser puxado por policiais certamente não era um consolo, mas fui derrotado e precisava escapar por todos os meios necessários. As almofadas firmes do assento e a proteção à prova de balas no interior do carro proporcionavam uma sensação distorcida de segurança. Meu corpo foi lembrado de que ainda precisava de descanso. Morgan deslizou para o banco de trás ao meu lado.

Olhei para ele, vazio de tudo, incapaz de aceitar o que minha família acabara de fazer comigo. Eu não pude acreditar. Tive que terceirizar minha dor, colocar a culpa em um vilão substituto. Pensei em como tudo havia começado - quando as coisas começaram a se desenrolar?

Atordoada, sussurrei: "Isso é tudo culpa de Tommy Mottola".

Os olhos de Morgan se estreitaram e ele deu aquele sorriso sinistro novamente. "Isso mesmo." Ele assentiu.

"Isso mesmo."

Partimos para a escuridão.

## **QUEBRADO**

Naquela noite, eu não "tive um colapso nervoso". Eu fui *destruído* - pelas mesmas pessoas que deveriam me manter inteiro. Eu conhecia um lugar que os moradores chamavam de "spa" que ficava muito perto e perguntei à polícia se eles me levariam até lá. Eles obedeceram. Eu não conhecia os serviços ou a reputação do lugar, mas imaginei que pelo menos poderia finalmente dormir um pouco,

comer alguma coisa nutritiva e talvez receber cuidados médicos. Depois de tudo que passei, estava muito preocupado com minha condição física. Eu sabia o suficiente para saber que precisava de cura para o trauma agravado que acabara de experimentar. Meu corpo estava lá, mas minha mente, minhas emoções e meu espírito estavam todos desligados, no que agora percebo ser o modo de proteção.

Lembro-me de sair da viatura e andar de um lado para o outro no estacionamento, sabendo que não pertencia àquele lugar, mas também não pertencia à minha casa de família. Eu não sabia a que lugar *pertencia*. Depois de uma batalha longa e grogue, Morgan me convenceu a entrar. Eu não conseguia sentir nada. Eu me inscrevi, acreditando que poderia sair. Eu não tinha ideia do que eu realmente tinha me inscrito. Depois de falar com alguns dos funcionários, Morgan me deixou lá. O tamanho, a cor e o cheiro do lugar, os nomes, os rostos das pessoas - não me lembro muito dos detalhes. Fui conduzido a uma pequena sala no final de um corredor. Percebi que não tinha janelas, embora provavelmente não fosse. Havia uma porta para me fechar.

Havia uma cama. Eu me enrolei bem em cima dele.

O terror veio rapidamente.

Eu podia ouvir o baque surdo de um esfregão pesado batendo e espirrando no chão à distância, e as vozes abafadas e misturadas de garotas conversando e rindo. De vez em quando, eu os ouvia claramente dizer

"Mariah Carey". O esfregão e as vozes estavam ficando mais próximos e mais altos, parando bem na minha porta. A risada deles estava soando na minha cabeça. Eu me enrolei mais em mim mesma, fechei os olhos e tentei desaparecer. Nenhum alívio veio. Eu estava profundamente assustado e completamente sozinho. A oração não viria. O medo era meu único companheiro. O gemido de pessoas assustadas atrás de portas como a minha nunca parava enquanto a noite tortuosa se aproximava do amanhecer.

Chegou o dia seguinte. Eu estava longe de estar descansado ou lúcido, mas não estava mais totalmente entorpecido. Eu sabia que precisava de cura, paz, terapia, comida, descanso e restauração. Eu precisava de *cuidados*, e a decisão precipitada de chegar ao lugar mais próximo possível claramente não tinha sido a certa. Fui bombardeado por pensamentos frenéticos: *Onde está minha bolsa? Onde estão todas as minhas coisas? O que diabos estou fazendo neste lugar terrível e aleatório, compartilhando um banheiro em que estou com muito medo de urinar? Como faço para sair daqui?*

Claramente não era um spa; não havia nada terapêutico ou restaurador nisso. Era mais perto de uma prisão.

Cheio de jovens confusos, indisciplinados e inquietantes, funcionava como um centro de detenção juvenil de luxo. A comida era nojenta. Minha mente estava correndo. Minha mãe realmente chamou a polícia de mim?

Me humilhou? Me escoltou para fora da casa que *comprei*? Eu realmente estava aqui agora, em alguma instituição fingindo ser um "spa"?

O mais assustador é que eu não tinha controle sobre minha situação. Eu não tinha meu carro, minhas coisas ou qualquer dinheiro. Eu não tinha meu pager bidirecional para me comunicar com meu pessoal. Havia apenas um único telefone público compartilhado. Quando ninguém estava olhando, tentei ligar para algumas pessoas, mas sem sucesso. Não havia privacidade. Eu estava andando por aí como uma Mariah Carey murcha, despojada de sua máscara profissional e poderes, totalmente exposta a Deus sabe o quê.

Embora minhas memórias de minhas interações com a equipe e outros pacientes sejam vagas, lembro-me distintamente de ser levado a um pequeno escritório vazio que parecia uma sala de interrogatório da polícia, onde um administrador branco mais velho e careca conduziu uma entrevista aleatória. Eu ainda estava claramente chateado e era difícil descrever rapidamente o mal-

entendido que acontecera naquela casa na noite anterior, combinado com a intensidade e severidade de todas as obrigações de trabalho que eu tinha pela frente. Continuei falando sobre ter que gravar um vídeo, sobre os preparativos para a estreia do filme *Glitter* e sobre todas as pessoas que dependem de mim. Eu estava crivado de ansiedade e frustrado que este homem não entendia o que estava em jogo. Não só ele não estava se importando, ele era hostil.

“Parece que você precisa de uma dose de humildade”, foi sua resposta condescendente a tudo que eu disse a ele. Oh, ele gostou muito de cuspir essa frase. Foi uma tomada de poder tão óbvia e lamentável. Eu quase podia vê-lo bufando, acreditando que ele havia derrubado a diva. Não apenas os tabloides se deleitam em assistir estrelas caindo no chão. Eu estava indefesa - apunhalada nas costas por meu ex-marido e apunhalada no coração por meu irmão e minha mãe. E todos eles me deixaram sangrando dentro de algum buraco do inferno.

Tentei sair, mas, para meu horror, descobri que não conseguia. Não sei o que meu irmão disse à equipe, mas as pessoas estavam me tratando como se eu estivesse fora de controle e fora de mim (e a maioria parecia estar gostando). Demorou vários dias de burocracia e papelada para sair.

Eu sabia que Morgan e minha mãe estavam se comunicando e acredito fortemente que eles orquestraram tudo. Voltei para a cena do crime, a casa da minha mãe (correção: *minha* casa). “Coincidentemente”, havia paparazzi esperando na floresta para me cumprimentar. A capa do *New York Post* do dia seguinte era uma foto minha, tirada com uma lente longa por entre as árvores, de pijama, com óculos escuros e um pãozinho bagunçado, bebendo suco por um canudo. A foto trazia uma legenda gigante: “World Exclusive! Mariah: As primeiras fotos. ”

Minha mãe ficou emocionada. Ela exclamou: “Olha, é exatamente como Marilyn!” (Não era.) A capa do *Daily News* até mencionou: “Mariah's Crack Up! A desesperada ligação da mãe para o 9-1-1 enquanto a diva se desfazia. ” Quando voltei para casa para pegar

minhas coisas com meu gerente de estrada, minha mãe, em um vestido sem graça, estava sentada no chão da varanda na chuva, jogando macacos, no que parecia ser um transe. Isso meio que assustou meu road manager. Que ironia patética.

Sua alegria com a cobertura do tablóide não foi nenhuma surpresa para mim. Embora eu fosse a criança que não quebrava as regras (ou leis, ou garrafas), minha mãe não parecia ter a capacidade de me celebrar totalmente à medida que amadurecia e me tornava um artista talentoso. Às vezes eu me perguntava se ela não conseguia tolerar minhas realizações. Muitas vezes senti que havia uma onda de ciúme puxando seu sorriso, embora eu ainda a incluísse em muitos dos principais eventos da minha vida.

Uma das maiores honras da minha carreira foi receber o Prêmio do Congresso. Eu sonhava em receber Grammys e Oscars por música ou atuação, mas ser homenageado por meu país por meu serviço aos outros foi uma distinção além dos meus sonhos - e sonho *grande*. Recebi o Prêmio Horizon de 1999, concedido por trabalhos de caridade voltados para a promoção do desenvolvimento pessoal de jovens, por meu trabalho com Camp Mariah, por meio do Fresh Air Fund. Nunca estive profundamente envolvido com política e, na época, realmente não entendia totalmente o significado do prêmio e do evento. É uma das duas únicas medalhas legisladas por ato parlamentar (sendo a outra a Medalha de Honra). Eu estava sendo homenageado junto com o ex-secretário de Estado Colin Powell.

Fomos recebidos como dignitários e houve um jantar formal muito elegante antes da cerimônia. Minha mãe e eu trabalhamos em uma empresa bipartidária de alto poder, incluindo Tom Selleck; o ex-líder da maioria republicana no Senado, Trent Lott, do Mississippi, e o ex-líder da minoria democrata na Câmara, Dick Gephardt (que concorreu à presidência algumas vezes). Este é um dos poucos eventos em que ambos os partidos políticos colocam a política de lado e orgulhosamente participam igualmente como americanos.

Nesta noite, numa sala cheia de políticos, entende-se que ninguém discute política (até *eu* sei disso). Eu estava orgulhoso de que uma garotinha que cresceu se sentindo uma rejeitada agora tivesse um lugar de honra em uma das mesas mais estimadas do mundo.

Eu tinha minha mãe toda arrumada: cabelo, unhas, maquiagem profissional. Comprei para ela um vestido novo e chique - os nove inteiros. Esta foi uma ocasião para mostrar o nosso melhor e apresentar o nosso melhor comportamento.

Nós vamos ...

Ela tomou alguns coquetéis na curta viagem de avião de Nova York a Washington, DC, e continuou a beber durante o jantar. Quando os efeitos das bebidas começaram a aparecer, seu decoro foi embora. Ela começou a expressar teatralmente suas opiniões políticas, o que você absolutamente *não* faz em um evento distinto como este, mesmo sóbrio como pedra. Seus pensamentos se transformaram em insultos, que se transformaram em um pequeno, mas perturbador discurso. A única coisa que todos sabiam que *não* devia fazer era no que minha mãe estava totalmente engajada. Eu estava mortificado.

Meu segurança se inclinou e sussurrou: "Temos que tirá-la daqui." Eu concordei. Eles a tiraram da sala de jantar e a esconderam em meu camarim perto do palco para a cerimônia de premiação - aparentemente bem a tempo, porque me disseram que, quando ela entrou na sala, começou a gritar: "Odeio Mariah! Eu odeio minha filha!" Quando eu escapei da mesa de jantar para ir ver como ela estava, ela estava completamente bêbada.

Eu deslizei de volta para o meu assento e executei alegremente como se tudo estivesse bem (Deus sabe que tenho muita prática). Fui escoltada até o palco acompanhada por duas belas jovens negras do Fresh Air Fund, que, felizmente, me apoiaram no propósito da noite. Consegui passar pelo meu discurso e aceitar o prêmio.

Quando eu saí do palco, estava claro que tínhamos que tirar minha mãe irada e bêbada da casa de shows rápido, já que ela agora

estava tendo um ataque violento. Minha segurança trabalhou rapidamente para colocá-la no carro, no aeroporto e no avião. No voo, ainda usando o vestido de grife que comprei para ela, ela se esgueirou para o assento da primeira classe, continuando a beber e tagarelar: “ *Morgan* é a única que amo. *Morgan* é o único que me ama. ” A segurança levou minha mãe em segurança para casa e a despejou na cama. Sozinho na parte de trás de uma limusine, em meu vestido de seda preta, abraçando um prêmio do meu país, eu chorei.

Ela pode ter estado em um blecaute e sem saber o que fez ou disse. Mas tive que processar a tristeza, o constrangimento e a dor da experiência. Na manhã seguinte, eu estava nervoso que seu desempenho induzido pela bebida iria chegar à imprensa. Mas isso não aconteceu. Eu a tinha protegido. Não sei quem a viu, mas, felizmente, sua calamidade no Congresso não apareceu nos tablóides.

Ela não ligou para se desculpar. Ela não disse nada.

Ser Mariah Carey é um trabalho - *meu* trabalho - e eu tinha que voltar para ele. Eu sabia que haveria olhos e lentes em todos os lugares. Eu precisava de alguém para iluminar o caminho para fora da escuridão que aquele lugar havia se tornado. Naquela época, eu confiava apenas em um punhado de pessoas. Então, antes que eu fosse capaz de ver o meu caminho para sair da sombria “Cabin in the Woods”, chamei meu amigo de confiança e maquiador âncora Kristofer Buckle para me apoiar. Ele me levantou, reaplicou meu rosto público protetor e caminhou comigo para a luz do sol.

Eu estava ferido, mas voltei para minha cobertura em Manhattan. Havia muita recuperação e reparo a serem feitos. Eu ainda estava muito frágil, muito preocupado com a condição do meu negócio muito novo e muito grande na Virgin, e a muito pouco tempo do lançamento de *Glitter* . A cobertura do meu “colapso” deixou todo mundo compreensivelmente abalado - principalmente eu. Eu não

havia recuperado minha força emocional ou espiritual. Eu ainda estava muito dentro do pesadelo e Morgan ainda estava muito no controle.

Mas eu não o via como um titereiro ainda. Eu ainda tinha uma confiança desesperada e distorcida nele. Ele me tirou do meu ataque de gritos no hotel, dizendo "aniversários no Roy Boy". Ele não estava à vista quando os policiais chegaram em Westchester. Ele havia cavalgado comigo para o "spa". Portanto, não o associei à

coleção atual de catástrofes. Ele parecia na melhor das hipóteses um aliado, na pior, um espectador inocente.

Eu precisava de *alguém*. E eu precisava acreditar que nem todo mundo estava contra mim.

O pedestal que eu ergui para meu irmão quando era uma garotinha há muito havia sido reduzido a entulho, mas eu continuei tentando colocá-lo de volta em cima dele. Embora eu não pudesse ver na época, estávamos claramente em ruínas. Se eu tivesse me esforçado, ou se alguém da minha folha de pagamento soubesse melhor, eu teria uma equipe de especialistas e profissionais alinhados para me avaliar e tratar em minha casa.

Eu tinha os meios para querer me enfiar em um spa de verdade por alguns dias, onde pelo menos eu pudesse descansar um pouco, comida saudável, talvez alguns tratamentos corporais - todas as coisas que eu queria no meu caminho para aquele primeiro infernal "spa". Eu também queria a oportunidade de limpar minha cabeça e me proteger (e ao rótulo) de manchetes mais obscenas.

Morgan recomendou que eu ir para Los Angeles, onde ele estava vivendo atualmente, fazendo o caso que havia *reais* spas lá (true) e há jornais de Nova York (também é verdade). Um spa em LA parecia uma boa ideia na época. Eu permiti que Morgan fizesse os arranjos (não era uma boa ideia, a *qualquer* momento, mas eu estava desesperado).

Quando chegamos a Los Angeles, minha ansiedade e desorientação foram intensificadas pela tragédia da morte repentina e horrível de

Aaliyah. Poucos dias antes, ela disse à imprensa: "Sei que este negócio pode ser difícil, pode ser estressante. Muito amor a Mariah Carey. Espero que ela melhore logo." Toda a indústria da música foi abalada com sua morte, mas a comunidade de R&B e hip-hop foi devastada. Ela era de fato nossa princesinha.

Tanta coisa estava acontecendo, e eu não conseguia entender a magnitude do dano que estava sendo feito para mim. Morgan ficou com um cara qualquer que ele disse que nos ajudaria. Lembro-me de dirigir pela estrada pelo que pareceu uma eternidade. Finalmente paramos em um lugar que não parecia em absoluto um spa, mas sim uma instalação de desintoxicação. Eu ainda estava em extrema exaustão, então, embora não estivesse emocionada, não resisti. Morgan chegou a dizer: "Vamos; vai ser *divertido* ." Isso não foi divertido. Foi um dos momentos mais angustiantes da minha vida - e eu já tinha visto isso algumas vezes .

Mais uma vez, não tinha controle da situação. Eu não podia falar por mim mesmo e, quando podia, era ignorado e dominado.

A instalação em LA acabou por ser um centro de desintoxicação e reabilitação hardcore. A primeira coisa que aconteceu comigo foi que eles administraram drogas - narcóticos pesados e pesados. Eram pílulas gigantes para cavalos da cor de Pepto-Bismol. No início, recusei-me a tomá-los, mas não tinha ânimo para lutar totalmente. Eu estava tão fraco. Achei que talvez fosse conseguir dormir um pouco (onde estava o Ambien quando uma garota precisava dele?). Eventualmente, eu dormi, mas intermitentemente. As drogas me bloquearam de qualquer energia e vontade de lutar que eu tinha de reserva. Eles colocaram meu grande e brilhante Deus ainda mais nas sombras. Eles me deixaram lento, inchado e dócil.

Eu estava na neblina a maior parte do tempo.

Frumpily abrigado em algum pedaço de merda de conjunto institucional hediondo, eu estava esgotado, e minha alma estava pesada. Meu rosto estava vulnerável e não recebia nenhuma proteção há muitos dias. Essa é uma função da maquiagem - mesmo

dando uma aparência natural, pode servir como tinta de guerra, um campo de força invisível. Muitas vezes é assim para mim. Isso me protege de pessoas literalmente entrando em meus poros e sob minha pele. Mas eu não tinha essa proteção naquele lugar.

Certa manhã, eu estava em meu quarto sombrio, me sentindo sonolento, quando um atendente veio e me trouxe para a área comum. Estava lotado de funcionários e internos - quero dizer, pacientes - e todos olhavam para a grande televisão em silêncio. Na tela estava o que parecia ser a vista da janela da cozinha em minha cobertura em Nova York no céu. Mas a imagem estava emoldurada por nuvens de fumaça cinzas como giz. Bolas de fogo laranjas e vermelhas disparavam do topo das reluzentes Torres Gêmeas prateadas como meteoros contra um céu azul vibrante. Então, os prédios orgulhosos e monumentais desmoronaram por dentro. Um de cada vez, eles desabaram em uma câmera terrivelmente lenta. Os efeitos das drogas que eu estava tomando não eram páreo para o choque que estava sentindo. Naquele instante, eu estava alerta como uma pedra enquanto observava meu majestoso horizonte se desintegrar. Minha cidade natal estava pegando fogo e desabando, e eu estava a milhares de quilômetros de distância, trancado em uma desintoxicação sombria - drogado, devastado e sozinho.

Eu estava paralisado, os olhos fixos no horror que se desenrolava diante de mim, quando alguém da equipe me deu um tapinha no ombro. Eles me disseram que estava sendo relatado que terroristas haviam atacado o

World Trade Center e que agora eles estariam me libertando. Eu estava livre para ir. Milagrosamente, parecia, eu não precisava mais de contenção ou sedativos. Eu não estava mais louco e fora de controle.

Então, eu estava magicamente "pronto para ir", porque terroristas haviam atacado a América e uma "diva maluca" não era mais interessante? ( *Alô ? !!*) Mas eu não fiz perguntas. Parecia que o mundo estava chegando ao fim para todos nós. E se fosse o fim, eu queria dar o fora de lá. Entre estar lá, sair e o caos e terror dos

ataques em casa, eu nem percebi que era o dia em que a trilha sonora de *Glitter* estava marcada para o lançamento.

A coincidência da minha saída repentina da "reabilitação" e o lançamento da trilha sonora de *Glitter* e os ataques de 11 de setembro foi assustadora. Você sabe como, em um filme de terror de ficção científica, o apocalipse acontece e, em seguida, há um sobrevivente solitário vagando examinando a devastação? Era eu naquele dia quente e nublado em LA. Em 11 de setembro de 2001, saí da desintoxicação cheio de toxinas. A cidade de LA era sólida, mas eu estava instável. Eu me sentia sozinho, sem amarras e fora do meu corpo. Eu fui para um hotel e tive o primeiro descanso ininterrupto que tive em semanas. Com a pequena força que o descanso proporcionou, finalmente consegui chegar a um spa de verdade, porque ainda tinha que fazer "o melhor que pude" para me preparar para a estreia do filme *Glitter*, que agora estava a apenas dez dias de distância.

Foi um borrão, mas me recompus. Eu tenho alguns destaques, um corte e uma ruptura. Eu usava uma camiseta regata de um ombro só, como faço no pôster do *Glitter*, mas tinha uma bandeira americana deslumbrante na frente, em homenagem às vítimas e heróis. Combinei com jeans simples de cintura baixa, levantei meu queixo e fui para o tapete vermelho do Village Theatre em Westwood com um sorriso. Tive a sorte de ter muitos filhos e jovens na estreia, pois eram o público-alvo. *Glitter* não foi feito para cinéfilos sérios e saltitantes de galerias de arte; foi um filme imperfeito e divertido de PG.

As vendas de bilheteria de *Glitter* foram ruins, em grande parte porque o país ainda estava se recuperando dos ataques de 11 de setembro. A tragédia ainda estava fresca, e ninguém estava pronto para a distração leve que era *Glitter*. Por respeito ao nosso luto coletivo, alguém poderia pensar que a mídia também teria afastado de mim sua obsessão, mas parecia que só se intensificou.

Após a estreia de *Glitter*, eu fiquei em LA para me preparar para a maratona *America: A Tribute to Heroes*, em homenagem aos

milhares que morreram nos ataques. Organizada por George Clooney, seria minha primeira apresentação desde que saí daquele pesadelo de família, policiais e instituições. As maiores estrelas do entretenimento - Tom Hanks, Goldie Hawn, Bruce Springsteen, Stevie Wonder, Muhammad Ali, Pearl Jam, Paul Simon, Billy Joel, Robert De Niro e outros - surgiram, unidos como americanos. Eu cantei "Hero", enquanto os americanos - os primeiros a responder e tantas outras pessoas corajosas e sem nome -

mostravam ao mundo como os verdadeiros heróis realmente se parecem. Nunca imaginei quando escrevi essa música que significaria tanto em um momento tão horrível da história.

Eu estava ansioso para voltar para Nova York. Foi inspirador como a cidade imediatamente começou a trabalhar se recompondo após os ataques, e eu também estava ansioso para recompor minha vida. Eu não tinha permissão para retomar a residência na minha cobertura ainda, uma vez que grande parte da parte inferior de Manhattan ainda estava fechada por razões de segurança. Nesse ínterim, fiquei em um hotel e bloqueei minha família e outras pessoas de me pegar. Eu estava acordando do pesadelo que eles criaram e precisava buscar minha própria ajuda; Eu queria desesperadamente voltar a ficar bem.

Escolhi um terapeuta no interior do estado de Nova York. Ele tinha um intelecto profundo, mas também uma sensibilidade profunda. Suas percepções não foram apenas agudas, mas reconfortantes - ele me deu uma vibração moderna de Buda branco. Sob seus cuidados qualificados, pude começar a desfazer a provação desmoralizante e desumanizante pela qual acabara de passar. Perder meu poder e ser colocado em instituições assustadoras e inadequadas por minha mãe e meu irmão enquanto a imprensa destruía minha reputação foi quase o fim para mim.

Meu terapeuta disse que a doença física que tenho experimentado há tantos anos - toda a náusea de ser humilhada por crianças e professores, toda a erupção de urticária por toda parte, toda a forte dor nas costas e ombros por causa do estresse de Tommy, tudo a

tontura e a repulsa do terror de meu irmão, todo o sofrimento psicológico que suportei e que devastou meu corpo tinham um nome - *somatização* . Ter um nome profissional altamente respeitado validou que o que eu estava experienciando fisicamente era *real*. De repente, tudo era tão real.

Minha carreira era tudo para mim e, por causa de minha mãe, meu irmão e Tommy, quase foi tirada.

Honestamente, parecia que eles quase me mataram. Eles chegaram perto, mas não mataram a mim ou ao meu

espírito. Eles não danificaram permanentemente minha mente ou minha alma. Mas, *Lawd, eles tentam* .

Não há nada mais poderoso do que sobreviver a uma viagem ao inferno e voltar para casa coberto pela luz da restauração. Não foi uma jornada fácil de volta para mim e para Deus, mas eu estava de pé e andando para frente. Ninguém, decidi, iria me impedir ou tomar todo o meu poder novamente. Sempre.

Na terapia, minhas emoções estavam seguras para sair do controle frígido do modo de sobrevivência, e eu estava furioso pra caralho. Eu estava apoiando *todos* ao meu redor, e eles tiveram a audácia de me colocar em instituições, me dar drogas e tentar assumir o controle da minha vida. Quando eu disse meu terapeuta que tinha acontecido, ele me assegurou que eu era absolutamente *não* louco. No máximo, ele disse, eu tive um

“ataque de diva”. Foi uma maravilha que eu não tivesse sofrido danos emocionais permanentes, dado o que vivi; entretanto, provavelmente sempre terei dificuldades com PTSD. Ele também afirmou que eu tinha toda a razão de estar furioso. Ele sugeriu, com toda a franqueza, que eu examinasse o papel que o *dinheiro* desempenhou na experiência com minha família. Eu estava tão envolvido na história da infância, na traição, no *amor* que uma vez tive por todos os envolvidos que não sabia o que pensar. Não foi por acaso que a minha mãe e irmão estavam trabalhando no lado da gravadora, em vez de me proteger e defender o meu bem-estar, e

que eles só *aconteceu* para reivindicar eu era instável e tentar me institucionalizar imediatamente depois de eu ter assinado o maior negócio em dinheiro para um artista solo da história. Eu poderia aceitar que era uma vaca leiteira para as gravadoras; afinal, eu era "a franquia". É o nome do jogo -

pode ser sujo, mas eu não tinha ilusões de que o negócio da música era, antes de tudo, um *negócio* cruel .

Mas embora eu não tivesse feito um negócio com minha mãe ou meus irmãos, eles ficaram felizes em me levar para o matadouro assim como as gravadoras e a mídia.

Eu sabia há muito tempo que, para minha família, eu tinha sido um "caixa eletrônico de peruca" (apelido que dei a mim mesmo). Eu dei muito dinheiro a eles, especialmente minha mãe, e ainda não era suficiente. Eles tentaram me destruir para assumir o controle total. O terapeuta fez uma sugestão óbvia: se eles pudessem provar que eu era instável, certamente poderiam ter acreditado que se tornariam os executores de meus negócios. Ele me pediu para olhá-los objetivamente - como eles viam o mundo, como eles nunca tiveram um trabalho consistente e legítimo, mas ainda sentiam que o mundo lhes devia algo. Nós *todos* tivemos diferentes graus de merda difícil de percorrer, a minha família, mas desta forma, nós fundamentalmente diferente. Não achei que o mundo me devesse nada. Simplesmente acreditei que conquistaria o mundo em que nasci, do meu próprio jeito. Enquanto eu trabalhava até a exaustão extrema, eles observaram e esperaram que eu caísse, como necrófagos, para que pudessem obter o controle sobre a fortuna que negocie, construí e pela qual lutei.

Anos depois, o padrão ainda continuou, como os padrões fazem. Minha família não mudou. Uma das definições de insanidade, costuma-se dizer, é fazer as mesmas coisas continuamente e esperar resultados diferentes. Minha versão de insanidade estava permitindo

que a mesma coisa a ser feita *para* mim, mais e mais, pelas mesmas pessoas.

“Por favor, mude o seu elenco de personagens.” Esse foi o pedido simples e profundo que meu terapeuta acabou fazendo. Enquanto eu não poderia mudar os personagens de minha mãe, irmão e irmã, eu tinha o poder de mudar a forma como *eu* caracterizava los em minha vida. Portanto, para minha sanidade e paz de espírito, meu terapeuta me incentivou a literalmente renomear e reestruturar minha família. Minha mãe se tornou "Pat" para mim, Morgan, "meu ex-irmão" e Alison, "minha ex-irmã". Eu tive que parar de esperar que um dia se tornassem milagrosamente a mamãe, o irmão mais velho e a irmã mais velha que eu fantasiava.

Tive que parar de me colocar à disposição para ser magoado por eles. Tem sido útil. Não tenho dúvidas de que é emocionalmente e fisicamente mais seguro para mim não ter nenhum contato com meu ex-irmão e minha ex-irmã. A situação com Pat, por outro lado, é mais complicada. Reservei algum espaço em meu coração e em minha vida para abraçá-la - mas com limites. Criar limites com a mulher que me deu à luz não é fácil; É um trabalho em progresso.

Depois que estive quebrantado, recebi uma bênção. O problema e o trauma que suportei não foram apenas emocionais, mas também espirituais. Como tal, busquei a cura para minha alma. Eu sabia que precisava reviver e renovar meu compromisso com meu relacionamento com Deus. Sou eternamente grato por ter conhecido meu pastor, Bispo Clarence Keaton, quando o fiz. Eu o conheci através do Tots. Costumávamos frequentar a igreja juntos no True Worship Church Worldwide Ministries, bem em frente aos projetos da

Louis Pink Houses, no leste de Nova York. Tots e eu fomos rebatizados lá juntos. Na True Worship, tornei-me um estudante da Bíblia, fazendo um curso intensivo de três anos. Nós passamos por

isso do Antigo ao Novo Testamento. Eu fiz anotações e peguei as palavras de cura.

O bispo Keaton costumava ser um tubarão da piscina; ele viveu uma vida muito diferente antes de se tornar pastor. Ele já havia conquistado respeito na vizinhança, quando naquela época não seria incomum desviar de balas em plena luz do dia, então ele tinha proteção e as pessoas não mexiam com ele. Eu teria segurança fornecida pela igreja, e a congregação respeitaria minha privacidade - o bispo cuidava disso. Encontrei comunidade na igreja e família em meu bispo, que me tratou como uma filha. Ele costumava vir falar comigo, mesmo quando estava passando por problemas de saúde no final da vida.

Foi uma grande honra solidificar o legado do Bispo Keaton como um grande professor espiritual em minha vida e no mundo, apresentando-o em duas de minhas canções, "I Wish You Well" e "Fly Like a Bird". Ele e o coral True Worship se juntaram a mim no *Good Morning America* para apresentar "Fly Like a Bird", antes de ele alçar vôo em 3 de julho de 2009.

Ter uma família em Deus me trouxe de volta à minha vida na Luz. Pat não conseguia entender. Ela me deixou uma mensagem maliciosa no meu Blackberry: "O que é isso com você e seus novos amigos e suas *novas orações*?" Ninguém da minha família biológica entendeu o que significava se preocupar tanto com Deus. Mas eu tive que fazer. Voltar para Deus foi a única maneira de escapar de todas as minhas viagens para o inferno. Acredito que meu ex-irmão e minha ex-irmã tenham estado em um inferno; eles ainda podem estar presos lá. Eles escolheram drogas, mentiras e esquemas para sobreviver, mas isso só pareceu aprofundá-los e fazer com que se ressentissem mais de mim. E eu ainda oro por eles.

*Talvez quando você estiver me xingando*

*Você não se sente tão incompleto*

*Mas todos nós cometemos erros*

*Sentiu a culpa e ódio de si mesmo*  
*Eu sei que você já esteve lá por muito*  
*Talvez ainda tenha amor por mim*  
*Mas que ele, sem pecado, lance a primeira pedra, irmãos*  
*Mas quem fica de pé então*  
*Não você, não eu, veja Filipenses 4: 9*  
*Então, desejo-lhe tudo de bom*  
-"Eu desejo você bem"

Aos poucos, superei o tempo sombrio pelo qual minha família me arrastou. E depois de toda essa merda,

"*Loverboy*" acabou sendo o single mais vendido de 2001 nos Estados Unidos. *Eu sou real*

#### PARTE IV

### EMANCIPAÇÃO

#### MEU PRIMO VINNY

Depois de todo o fiasco do *Glitter*, a Virgin ficou assustada e queria mudar meu acordo para torná-lo muito menos significativo. Eles sentiram que não podiam justificar gastar todo aquele dinheiro com uma pessoa tão

"instável". A mulher que me contratou foi demitida e trouxeram duas novas pessoas da Inglaterra para substituí-la. Lembro-me do primeiro dia em que me sentei com eles - basicamente, eles eram terríveis pra caralho. Eles estavam tentando mudar o acordo, e eu sabia que precisava sair de lá.

Chegar à Virgin parecia um triunfo, porque eu estava tão desesperado para sair da Sony. A Virgin não era tão grande, mas era uma marca boutique, e eu sabia o quão bem eles cuidaram de Lenny Kravitz e Janet Jackson.

Eles me ofereceram um bom negócio em parte porque não eram tão espertos e influentes quanto outras gravadoras; eles não conheciam todos os truques que a Sony e as outras grandes gravadoras conheciam. Eles eram ecléticos e me viam como uma estrela grande e brilhante. Inicialmente, escolhi a Virgin em vez de um rótulo maior e mais cruel para o negócio que eles estavam oferecendo, mas quando eles quiseram "ajustar", com todos os novos jogadores, eu não tive motivo para ficar. Eles ofereceram um acordo revisado em que me pagariam muito menos e teriam mais controle. Eu recusei.

Em vez disso, o CEO da Universal Music Group, o gênio Doug Morris, e o executivo da música hip-hop visionário Lyor Cohen (ambos percorremos um longo caminho desde que o conheci na rua com Will Smith, cantando Rob Base e DJ EZ Rock's " It Takes Two "), veio para minha cobertura. Nós três sentamos na sala de estar com o baby grand branco de Marilyn e, com champanhe, Doug proclamou: "Quer saber, Mariah?

Nós vamos fazer isso. Acho que vamos *mesmo* fazer isso. " Eu me senti seguro e visto. Eles teriam que pagar um bom dinheiro para me tirar do negócio que eu tinha com a Virgin, mas eles estavam dispostos. Eu estava tipo, *Foda-se todo mundo; Ainda estou bem, ainda estou aqui* . Quer dizer, eu tinha dois dos maiores executivos musicais do mundo no meu sofá, sem intermediários. Nós iríamos ficar bem. Depois de todo o trauma que experimentei, a fé e a confiança que Doug demonstrou em mim e sua visão empolgante para o futuro me renovaram. E eu *estava* indo para fazê-lo! Não tinha intenção de morrer nos anos 90, como Tommy havia profetizado. Sempre soube que poderia ser ainda maior do que ele via. Eu tinha muito mais música dentro de mim. Pronto para começar de novo, assinei meu novo contrato.

O primeiro álbum que fiz na Universal foi *Charmbracelet* . Gravar *Charmbracelet* foi uma chance de restauração e recuperação após o desastre que foi o *Glitter* . Esperar no final da minha ponte *Rainbow* para a liberdade era uma espécie de paraíso, um oásis. Literalmente - gravei muito do álbum nas Bahamas e na Ilha de Capri (uma fuga

semi-secreta e retro-glamourosa como a velha Hollywood da Itália). Nas Bahamas, fizemos várias sessões de música ao vivo com Kenneth Crouch (da lendária família Crouch gospel), Randy Jackson e vários outros artistas talentosos, incluindo 7 Aurelius, que vinha fazendo grandes sucessos com Ashanti na época. Eu estava de volta ao meu lugar ideal, fazendo vocais leves e arejados sobre faixas pesadas de hip-hop. Todos nós estávamos nas lindas Bahamas, apenas escrevendo músicas.

Eu adorei essas sessões. Estou feliz por ter conseguido providenciar isso, porque precisava de um momento para limpar o palato. Jermaine e eu fizemos "The One" juntos. Eu queria que "The One" fosse o single principal, mas Doug escolheu "Through the Rain". Era uma balada séria, e Doug achou que daria certo porque era uma espécie de história triste, o tipo de momento Oprah Winfrey triunfante de que eu precisava depois do desastre do *Glitter*. Era uma boa música, mas não funcionou tão bem quanto poderia. A gravadora investiu muito no gênero "adulto contemporâneo", o que eu poderia fazer dormindo. Mas, pessoalmente, sempre preferi o chamado "contemporâneo urbano", seja lá o *que isso* signifique.

Voltei para Capri, para o lindo estúdio no topo de uma colina. Foi tão bom: não há carros, não há poluição, o ar e a energia são muito limpos. Eu não tinha filhos na época, mas as crianças podiam correr livremente por lá porque era muito seguro. Você só pode chegar lá de balsa, e por isso era o esconderijo perfeito para eu me esconder e gravar. Pessoas vieram me visitar. Lyor trouxe Cam'ron lá por um dia para gravar "Boy (I Need You)". Cam escondeu um pouco daquela púrpura (cannabis) e administrou espingardas muito eficazes (não inalo diretamente - as cordas vocais, *dahling*). Ficamos totalmente festivos e assistimos a *História do Mundo: Parte I* de Mel Brooks (um dos meus filmes favoritos de todos os tempos) e rimos pra caramba.

Uma das músicas que adoro em *Charmbracelet* é "Subtle Invitation". Essa música é um ótimo exemplo de como eu geralmente pego os pequenos momentos que acontecem na vida e canalizo seu

significado maior para que minha música possa se conectar a pessoas ao redor do mundo que estão passando por experiências diferentes e vindo de diferentes situações e posições. Embora a música fosse sobre uma aventura breve e fugaz, não era uma música ressentida. Era para qualquer pessoa que pudesse se relacionar com experiências de perder um amor, mas manter a porta aberta para isso.

*Veja que é difícil dizer a alguém*

*Que você ainda está um pouco apegado*

*para o sonho de estar apaixonado mais uma vez*

*Quando está claro, eles seguiram em frente*

*Então me senti e escrevi essas poucas palavras*

*Na chance de você ouvir*

*E se você estiver em algum lugar ouvindo*

*Você deve saber que eu ainda estou aqui ...*

*Se você realmente precisa de mim, baby, apenas estenda a mão e me toque*

- "Convite sutil"

Outra música importante para mim foi "My Saving Grace":

*Eu amei muito, machuquei muito*

*Queimei muito na minha vida e tempos*

*Passou anos preciosos envolto em medos*

*Sem fim à vista*

*Até minha graça salvadora brilhar em mim*

*Até que minha graça salvadora me liberte*

*Me dando paz*

*Me dando força*

*Quando eu quase perdi tudo*

*Pegando cada queda minha*

*Eu ainda existo porque você me mantém seguro*

*Eu encontrei minha graça salvadora dentro de você*

- "Minha graça salvadora"

A *pulseira* era uma das favoritas dos fãs. Os Lambs sempre quiseram "Justice for *Charmbracelet*", e foi realmente um álbum muito bom. Apresentava Jay-Z e Freeway em "You Got Me", Cam'ron em "Boy" e Westside Connection em "Irresistible". Joe e Kelly Price se juntaram a mim no remix de "Through the Rain".

O álbum foi uma verdadeira transição do que eu deixei para um novo capítulo. A Universal me apoiou e ficou ao meu lado; não parecia a zona de batalha hostil que era a Sony durante o reinado de Tommy.

Comercialmente, *Charmbracelet* não teve muito sucesso, mas Doug não desistiu de mim - e graças a Deus, porque a liberação estava logo no horizonte.

Foi por volta de 2003, depois que *Charmbracelet* foi lançado.

Lembro-me que o tempo como um raro momento em que me senti livre *ish* e um pouco solto. Eu estava meio que saindo com um cara, mas só vendo, nada mais. Eu só queria me divertir. Naquela noite era Cam'ron, Jim Jones, Juelz Santana e Tots - e eu. Tínhamos saído a noite toda - boates, coquetéis, você sabe, aquela coisa toda - e acabamos voltando para a minha casa, no quarto marroquino. Muitas coisas começam na sala marroquina. Quando viajei pela primeira vez ao Marrocos, o país falou comigo. Me inspirei no sabor de tudo, nas cores, nos tecidos, nas texturas, nos cheiros, na exuberância, no exotismo, no glamour que estava dando. Era tudo tão misterioso e sensual. Os restaurantes, as casas, os hotéis, todos

foram projetados de forma fantástica, todos ultraconfortáveis, mas dramáticos. Você deve mantê-lo dramático - *Dramatique!* -

para eu amá-lo, *querida* .

Eu queria recriar aquele sentimento rico e glamoroso em minha casa - criar um lugar lindo onde eu pudesse escapar facilmente. Travesseiros de seda por toda parte, tufo de couro, mesinhas enfeitadas, redes, lanternas ornamentadas. Trouxe acessórios fabulosos do norte da África para fazer meu próprio oásis urbano, a cereja exótica no topo da minha amada cobertura.

Era o auge da fabulosa era da moda do gueto, e nós estávamos vivendo - diamantes e jeans em abundância em todos os meninos. (Cam'ron provavelmente estava usando um couro rosa pó e um conjunto extravagantemente peludo. Ele estava em sua fase rosa.) Tenho certeza de que estava usando um escandaloso vestido de micro designer. Então, estamos todos vestidos e esparramados no meio de uma cacofonia de almofadas. Era quase madrugada e na visão IMAX da parede de janelas, o céu noturno estava mudando como um anel de humor para tons de roxo e rosa. Toda a aura da sala estava roxa; afinal, o Dipset (conhecido formalmente como o supergrupo do rap, os Diplomatas) adora tudo que é roxo.

De repente, Cam explodiu: "Vamos para a parte alta da cidade!"

Ainda estávamos nos sentindo festivos, então parecia uma ideia inspirada. Cam'ron é o Harlem, então confiamos que ele saberia das peripécias apropriadas para o *final da* noite, até o início da manhã. Eu e Cam entramos em seu Lamborghini, que era roxo, é claro. Todos os outros pularam vertiginosamente em seus próprios carros exóticos. Meu guarda-costas, não tão tonto, estava nos seguindo em um grande SUV preto.

Lá estávamos nós, um pequeno comboio de rappers e bonecos em carros inimaginavelmente caros rugindo para o leste através de uma sonolenta Canal Street, que logo estaria fervilhando de vendedores chineses e senegaleses montando seu mercado ao ar livre de bolsas e relógios de luxo falsificados. Mas mal às 6 horas da manhã, além

de um varredor de rua ou o ocasional caminhão de lixo, éramos apenas nós, acelerando pela rua larga, sendo jovens e fabulosos, cortando o silêncio da cidade arenosa.

Estávamos indo para a Franklin Delano Roosevelt Drive, que se estende por toda a parte leste de Manhattan.

O FDR não tem semáforos, então eu sabia que Cam e os meninos estavam prontos para atacar.

Naquela época - e até hoje, com certeza - era fatal ser um jovem negro em um carro esporte exótico acelerando na estrada, especialmente no lado leste de Manhattan. Mas estávamos chapados em uma noite de frivolidade e outras guloseimas roxas, rasgando a manhã fresca. Estávamos nos sentindo jovens, sexy e livres; o medo de prisão (ou morte, por falar nisso) não estava à vista. Estávamos perseguindo diversão e liberdade, e as capturamos, mesmo que apenas por alguns quilômetros em um trecho da rodovia da cidade de Nova York.

Como se pode imaginar, grande parte da minha vida foi monitorada e medida por outras pessoas e, neste momento de alegria, tive o desejo de tentar perder minha segurança. Cam aceitou avidamente o desafio, mudou de marcha e acelerou. Foi como ser disparado de um canhão, e o grande veículo preto com o grande guarda-costas malvado instantaneamente se tornou uma partícula minúscula no espelho retrovisor.

Rompendo o tempo todo, nos sentimos como se tivéssemos acabado de fazer a versão hip-hop de um *arremesso* do tipo *Little Rascals*, comigo interpretando Darla, é claro. Muitas vezes senti que era uma luta apenas me divertir, manter viva a criança interior. Mas me lembrei daquela promessa que uma vez fiz a mim mesma, de que nunca esqueceria como é ser uma criança. Eu nunca deixaria minha garotinha ir.

Quando descemos do FDR na 135th Street, o sol tinha nascido. Bom dia, Harlem! Quando paramos no semáforo na esquina da Avenida

Lenox, próximo ao Hospital Harlem, percebi que estávamos em algum lugar perto da igreja de minha tia-avó Nana Reese. Eu só sabia disso por meio de histórias e uma única fotografia, mas pensei que se alguém poderia me ajudar a encontrar essa igreja no porão de brownstone, seria Cam. E foi exatamente isso que ele fez.

Esta não era uma foto de papel em uma moldura - eu estava realmente lá. Eu podia tocar nos tijolos que minha família já possuía, no lugar onde eles moravam, oravam, cantavam, choravam, elogiavam, casavam, morriam e pegavam o espírito: era aqui que eles tinham igreja.

Eu sei muito sobre as famílias dos meus pais por meio de momentos congelados em molduras douradas. As fotos de minha família são sagradas - elas me protegem, lembrando-me de quem vim e de quem veio e se foi.

Essas fotos são mantidas em uma salinha particular perto de meu camarim espelhado e de mármore no estilo hollywoodiano. Atrás das intermináveis fileiras de saltos altos, as prateleiras de minivestidos, vestidos de baile até o chão, bugigangas brilhantes, broches e bolsas, por trás de toda aquela opulência de guarda-roupa, há uma porta escondida que leva ao meu pequeno santuário - minha igreja pessoal de história da família.

Cada imagem é uma história, uma prova de que estou conectado a todas essas outras pessoas, todas diferentes e lindamente complicadas. Eu tenho todos eles cuidadosamente e estrategicamente colocados; Quero juntar minha família, mantê-los perto de mim por meio de fotos. Quase sempre entro nesta sala sozinho, para olhar para eles e estar com eles. Nesta sala, eu estudo minha família linda, fraturada e fodida e guardo seus rostos em meu coração.

A foto em que pisei naquele dia na rua 131 é de minha tia-avó, a pastora Nana Reese. Parece que foi tirada na década de 1950. Ela é pequena e elegante contra a parede de brownstone desgastada:

pele marrom brilhante, olhos fundos, cabelo preto bem passado, sem joias, mas um buquê de flores perto de seu ombro.

Ela está vestindo uma túnica branca de pregador esvoaçante, meias brancas transparentes e sapatos de senhora de bico quadrado. Ela segura uma grande carteira - não uma bolsa, veja bem, uma *carteira* - com uma toalha enrolada na alça, para o caso de o Espírito Santo explodir e trazer calor durante o culto e ela tiver que limpar a testa suada. Encostado na parede por seus pés, no capital manuscrita áspera e pequenas letras que são todos do mesmo tamanho, é um sinal em giz branco tendo um menu simples: B IBLE S Chool, P Reachin', YPHA, e N IGH T S ERVIÇO , com tempos correspondentes. Nana Reese tinha apenas um metro e meio de altura; sua cabeça nem sequer chegou à moldura do peitoril da janela. No entanto, ela apareceu grande na foto e em sua vizinhança, vestida e pronta para pregar o Evangelho à congregação.

Minha prima Vinny, de nome completo Lavinia, foi criada por Nana Reese, então Vinny a chamou de

“mamãe”. É do primo Vinny que vem a maior parte das histórias daquela época e daquela parte da minha família. Ambas as irmãs, Nana Reese e a tia de Vinny, Addie, minha avó, cada uma tinha um filho - o de Addie era Roy, meu pai, o único que sobreviveu. Ninguém nunca falou do filho de Nana Reese, mas a história, de acordo com o primo Vinny, é que ele morreu ainda criança de “tuberculose”. Um diagnóstico tão rude, não é? Consumo.

“Mamãe disse que ele era desobediente, não colocava o casaco, então ele morreu”, diz Vinny. Nana Reese era cristã extra crocante. Quando criança, Vinny morava em um dos apartamentos acima da igreja. Nana

Reese e seu marido, o bom reverendo Roscoe Reese, eram donos do brownstone que abrigava a igreja e o vizinho, enquanto minha avó Addie possuía mais dois quarteirões abaixo. A igreja oferecia serviços típicos do tipo santuário em estilo pentecostal no andar térreo, mas, como Vinny diz, a verdadeira cura era feita sob a igreja,

no porão-subsolo. Ela se lembra, quando criança, de testemunhar uma mulher que foi ver o pastor um dia: "Sua perna estava rasgada, parecia carne picada", Vinny afirma. "Mamãe colocou teias de aranha na perna daquela senhora e orou por ela, e quando a senhora voltou sua perna estava perfeita. Absolutamente perfeito." Crescendo, ouvi muitos milagres acontecendo naquele porão. Nana Reese era dotada de Deus.

A mãe de meu pai, Addie e Nana Reese eram próximas como irmãs, mas distantes em temperamento.

Enquanto Nana era doce, Addie era obstinada e determinada em seus caminhos. Ela e minha mãe tinham problemas, para dizer o mínimo. Lembro-me de uma vez em que minha mãe a expulsou de casa. Por causa de seus conflitos, minha mãe me manteve longe desta parte da família de meu pai, e meu conhecimento deles veio principalmente de histórias espetaculares e contraditórias. Agarrei-me firmemente às cenas incompletas e às fotos preciosas que minha avó salvou para seu filho, Roy. Eu os salvei quando meu pai morreu. Eu os amo e os protejo.

Então lá estava eu, naquela manhã ensolarada, em frente à 73 West 131st Street, posando para uma foto, exatamente como o pastor, minha tia-avó, meu sangue, tinha feito cinquenta anos antes. Só que eu dificilmente usava uma túnica de coro; Eu provavelmente estava usando um vestido do tamanho da toalha de suor de Nana Reese - seios apoiados e pernas por dias, diamantes cintilando. E o homem com a câmera era um dos rappers mais rápidos e chamativos do mundo, encostado em um chicote de cem mil dólares enquanto tirava a foto.

Essa digna e decadente casa de tijolos à vista que eu estava era o local onde minha mãe e meu pai se casaram. O casamento deles foi outro drama, outra história que me contaram em partes incompatíveis. A maioria da minha família pode pelo menos concordar nisso: minha mãe desmaiou durante a cerimônia.

Exatamente por que ela desmaiou ainda está em debate. A prima Vinny estava lá e, embora fosse uma criança na época, ela se lembra claramente de como minha mãe estava linda naquele dia. Ela descreve seu vestido como um “lindo, azul brilhante”, talvez de cetim, e é naquele vestido de noiva azul que minha mãe desabou no chão, seu novo noivo tendo que dar um tapa em seu rosto para reanimá-la. Uma vez me disseram que minha mãe perdeu a consciência depois de ver um grande rato correr pelo chão durante o culto, mas depois soube que ela estava grávida na época. Em qualquer cenário, é apropriadamente dramático para o casamento de uma diva da ópera em uma igreja no subsolo do Harlem.

Quando saímos do quarteirão, pensei sobre que tipo de irmãs fortes, fiéis e engenhosas Reese e Addie deveriam ter sido naquela época. Essas duas mulheres negras - armadas com pouca educação - eram donas de quatro brownstones no Harlem. Além da igreja na 131st Street, Nana Reese também possuía uma igreja de tijolos em Wilmington, Carolina do Norte, tão grande que tinha sua própria piscina batismal. Seu tamanho e força (na época era o único prédio de tijolos na comunidade negra de Wilmington) também o tornavam um santuário de bairro: era o lugar onde todos os negros se reuniam e buscavam refúgio dos tornados que regularmente golpeavam a costa.

Nana Reese e a igreja eram uma presença constante em sua cidade de muitas maneiras. Todas as manhãs, o coro, chamado Voices of Deliverance, cantava na rádio local. Ela era uma líder tão influente na comunidade que era uma ameaça para alguns, principalmente nos dias de segregação e violência no sul de Jim Crow. Um dia, Nana Reese foi visitada por alguns homens brancos uniformizados: polícia e um chefe dos bombeiros. A prima Vinny se lembra de seus corpos grandes e imponentes elevando-se sobre seu pequeno corpo de um metro e meio. Imediatamente após essa “reunião”, e sem dizer uma palavra, ela arrumou as crianças e deixou sua igreja de

tijolos e a congregação que serviu fielmente por tanto tempo, para nunca mais voltar.

Pensei nessas mulheres enquanto posava para minha foto, pouco antes de voltar para o banco do passageiro de um carro que custou mais dinheiro do que elas jamais ganharam em suas vidas inteiras. Minhas mulheres mais velhas, que fizeram algo do nada. Eles tiveram uma visão além de Jim Crow, além da terceira série, além do medo. Eu me pergunto se eles já tiveram uma visão do que estava reservado para o bebê de seu pequeno Roy?

Grande parte da pressão do passado recente havia sido dissipada: eu tinha um novo contrato com uma gravadora. Tive pessoas que estavam animadas e entusiasmadas com meu retorno. Eu pensei que *Glitter* seria

a minha morte, mas me deu uma nova vida. Aproveitei a oportunidade para recuar, descansar e renovar meu propósito. Se *Rainbow* era uma ponte para a segurança, o *Charmbracelet* era um casulo, um lugar de abrigo, cura e crescimento que tornou possível para mim florescer novamente.

## **THE LATIN ELVIS**

Um ano, no Natal, levei uma família inteira de amigos íntimos escolhidos para Aspen. Sem que eu soubesse, o corretor de imóveis que cuidou do meu aluguel de Aspen se reuniu com um colega de trabalho para me marcar um encontro às cegas. Era um esquema simples: eles disseram ao homem misterioso que eu realmente queria conhecê-lo e que ele queria me conhecer. Ele acabou por ser o megastar internacional Luis Miguel, o "Elvis latino".

Nosso primeiro encontro foi em um restaurante, e dificilmente foi um encontro, para mim. Eu estava tipo, *quem é esse cara?* Ele bebia muito e seu cabelo estava bagunçado e bagunçado. Mas uma pequena parte de mim ficou intrigada. Ele tinha um talento apaixonado inegável; Eu podia ver o potencial de aventura nele.

Embora ele precisasse alisar o cabelo primeiro. (Eu fiz isso por ele e Tommy, a propósito - alise o cabelo, descubra; você sabe, Cabeleireiro 101. Quinhentas horas!)

Depois que nós dois bebemos e tivemos um jantar estranho, eu ainda não conseguia me livrar dele. Fui ao quarto do meu sobrinho Shawn e disse a ele: "Shawn, você precisa vir me ajudar a descobrir isso". Eu tinha acabado de conhecer esse cara e ele estava bêbado demais! Eu estava pensando comigo mesmo: *Não vamos a lugar nenhum com isso; não vai funcionar* . Então Shawn me deu uma desculpa e me tirou de lá.

No dia seguinte, a assistente de Luis apareceu na minha porta com um espetacular colar de diamantes Bulgari (diamantes não são meus *melhores* amigos, mas somos próximos). Fiquei surpreso - e sim, impressionado - mas no fundo da minha mente também estava pensando: *O que, ele simplesmente mantém um monte de colares de diamantes por perto para o caso de conhecer uma garota?* Eu sei que eles têm joalherias em Aspen, mas também sabia que deveria ser cautelosa: ele namorou Daisy Fuentes, Salma Hayek

- todas aquelas mulheres latinas incrivelmente belas e famosas. Logo descobri que era esse o seu jeito; ele era um amante latino autêntico e exagerado, de verdade.

Luis era excitante e extravagante. Éramos ambos de Áries e vibrávamos com energia. Ele era incrivelmente romântico e espontâneo. Íamos em aventuras: abandonar a segurança e dar uma volta, ou pegar e ir para a Cidade do México. Ele tinha uma casa fenomenal em um pedaço da praia intocada de Acapulco, com flamingos rosa de verdade! Sua mansão era majestosa, com dramáticas portas de madeira entalhada e varandas e sacadas em todos os lugares. Ele costumava ter uma banda completa de mariachis fazendo uma serenata para nós enquanto jantávamos ao ar livre em uma noite quente mexicana. Uma das minhas coisas favoritas a fazer era pular da varanda do quarto principal com meu amado cachorro, Jack, na piscina cintilante abaixo. (Eu e Jack éramos os únicos que não falavam espanhol, o que nem sempre era

fácil.) Sua equipe era muito dedicada a ele; ele era como um deus para eles. Luis era amado e querido por todo o seu povo.

Uma vez eu o provoquei por não ter uma banheira de água quente ( *eu tenho uma cobertura com uma banheira de água quente / podemos assistir a tela plana enquanto as bolhas se enchem* ). então, o que ele fez? Ele me surpreendeu no Natal com uma banheira de hidromassagem inteira estilo planetário onde você pode nadar! Fizemos uma festa de Réveillon fabulosa por lá, que vai de 1999 a 2000, com a gruta do ofurô como atração principal. Luis não se conteve em suas demonstrações materiais de adoração. Uma vez, ele encheu um jato particular inteiro com rosas vermelhas para me surpreender. Seus dramáticos gestos românticos falavam com a eternamente doze garota em mim, porque eles realmente eram como algo que você via nos filmes.

Foi tudo grandioso e emocionante, mas estava longe de ser perfeito. Por um lado, nosso relacionamento foi caracterizado por choques culturais. Apesar de sermos jovens e bem-sucedidos, ele era muito mais robusto do que eu. Nossos amigos eram totalmente opostos. Os dele eram mais conservadores, sérios, tensos e chatos, enquanto eu teria Brat, Tots, Trey e quem quer que fosse. O que era mais difícil eram as diferenças culturais entre nós quando se tratava de raça. Ele sempre insistia que não me via como Black. Teríamos essas discussões e eu explicaria: "Não, quando seu pai é negro, isso *te* torna negro, então você vai ter que aceitar isso sobre mim". Mas em sua mente, se eu não *parecia* Black, eu não era. Para ele, era simplesmente superficial. Era muito difícil explicar que, para os americanos, é muito mais complicado. Acho que para ele, mais fácil era melhor.

Embora tenhamos feito um casal efervescente, é sempre difícil viver e amar sob os holofotes. Ele pode ter sido o Elvis do mundo de língua espanhola, mas quando ele veio para os Estados Unidos, sem ofensa, mas na maior parte eu era a "estrela do show". Ele passou por muita coisa e perdeu sua mãe muito jovem. Pelo que me disseram, seu pai era muito difícil e controlador. Eu tentei o meu

melhor para apoiá-lo emocionalmente, mas eu estava passando por minha própria merda e cheguei a um ponto em que não conseguia mais lidar com isso. Não estávamos ajudando um ao outro a curar. No seu melhor, Luis era generoso, espontâneo e apaixonado, mas no pior ele era errático e ansioso, e tinha uma nuvem negra pairando sobre sua cabeça.

Depois de três anos, eu sabia que era hora de nos separarmos. Tivemos uma boa corrida e ainda tenho boas lembranças, mas no final das contas, ele não foi o único.

Como escreveu o grande Cole Porter: "Foi muito divertido / mas foi apenas uma daquelas coisas".

*Ok, então são cinco da manhã e ainda não consigo dormir*

*Tomei remédio, mas não tá funcionando*

*Alguém está se agarrando a mim, e é agridoce*

*Porque ele está de ponta-cabeça, mas não é tão profundo*

- "Chora bebê"

## **A EMANCIPAÇÃO DE MIM**

Depois da *pulseira*, as circunstâncias me forçaram a um novo lugar. Eu disse a mim mesmo, *vou fazer o que quero fazer completamente*, e com isso comecei a trabalhar no meu próximo álbum. Eu ia fazer algo do meu coração, algo fortalecedor. Em 2004, LA Reid se tornou o CEO da Island Def Jam Music Group. Fiquei muito animado porque sempre quisemos trabalhar juntos. Ele ouviu um pouco do que eu estava trabalhando -

"Stay the Night", uma música que escrevi com Kanye West. Ele disse: "Se é isso que você está fazendo, estou dentro!" Uma noite, LA e eu estávamos sentados no Mermaid Room em minha cobertura em Nova York, conversando sobre a essência do álbum e como eu senti que seria tudo sobre liberdade pessoal, minha emancipação. Discutimos o significado de emancipação - até procuramos a definição no dicionário.

Continuei dizendo a ele que "Mimi" era um apelido que algumas pessoas me chamavam. Então, eu sugeri:

"Vamos chamá-lo de *A Emancipação de Mimi*".

LA sempre amou o que eu fiz com Jermaine em "Always Be My Baby". Mesmo que já houvesse algumas músicas muito boas para este álbum, e eu já tivesse trabalhado com um monte de pessoas incríveis, incluindo Neptunes, Kanye, Snoop, Twista e Nelly, LA se inspirou para trazer o time dos meus sonhos e JD juntos para ver qual seria nosso próximo nível. Eu estava tipo, "Vamos lá!" Liguei para Jermaine e disse: "Vamos trabalhar". Sentamos lá no chão no Southside Studios, o oásis criativo incrível de Jermaine, e em algumas semanas tínhamos escrito "Shake It Off" e "Get Your Number". Em uma segunda sessão no Southside, fizemos "We Belong Together", "It's Like That" e então, eventualmente, "Don't Forget About Us", que estava no relançamento de platina daquele álbum.

Pela primeira vez em muito tempo, tive um verdadeiro descanso vocal (algo sobre o qual Luther Vandross me ensinou a importância crítica), clareza e um profundo senso de controle criativo. Eu inicialmente comecei a escrever nas Bahamas e fiz alguns vocais lá; o ar do oceano e a atmosfera quente e úmida eram muito bons para minha voz. Eles também foram bons para minhas composições. Jimmy Jam e Terry Lewis já haviam me apresentado ao brilhante músico "Big Jim" Wright, uma pessoa extremamente talentosa e muito especial em minha vida. A certa altura, Jim e eu estávamos em uma casa nas Bahamas, fazendo uma sessão de redação.

Eu queria ter uma música que tivesse uma vibração de banda ao vivo dos anos setenta; Eu imaginei algo que Natalie Cole ou mesmo Aretha teriam feito naquela época. Sendo que Big Jim era um músico consumado, ele e eu escrevemos "Círculos" quase sem esforço. Após a sessão, quando ele estava prestes a sair - e assim como eu havia escrito "Hero" em uma caminhada até o banheiro - de repente uma melodia passou pela minha mente enquanto eu subia as escadas.

Eu voltei muito rapidamente.

"Esperar! Esperar. Antes de você partir, tenho uma ideia ", disse a Jim. " *Voe como um pássaro / voe para o céu* ", cantei. Eu sabia que essa música seria algo *significativo* . Implorei a ele para não sair ainda. "Podemos escrever isso?" Eu perguntei. Ele amou a ideia e ficou parado. Apresentamos a música juntos e então escrevi estas palavras:

*De alguma forma eu sei disso*

*Tem um lugar lá em cima*

*Sem mais dor e luta*

*Livre de todas as atrocidades e sofrimento*

*Porque eu sinto o amor incondicional*

*De alguém que se preocupa o suficiente comigo*

*Para apagar todos os meus fardos e me deixar ser livre para voar  
como um pássaro Leva para o céu*

*Eu preciso de você agora senhor*

*Carregue-me alto*

*Não deixe o mundo me quebrar esta noite*

*Eu preciso da sua força ao meu lado*

*Às vezes essa vida pode ser tão fria*

*Eu rezo para que você venha e me leve para casa*

*-"Voe como um pássaro"*

Big Jim apresentou instrumentação ao vivo sublime em Nova York. Mais tarde, no estúdio Capri, gravei os vocais. Fiquei isolado no estúdio por dois dias trabalhando nos fundos; Eu estava perdido em uma música que acabaria por ser uma que muitas vezes me ajudaria a encontrar meu caminho para sair das sombras.

Trabalhei durante a noite, então era de madrugada quando a música estava pronta para eu ouvir todas juntas.

Abri as grandes portas de vidro deslizantes do estúdio, saí para o ar da manhã e olhei para os penhascos majestosos que se projetavam do mar de safira enquanto a música saía dos alto-falantes estrondosos. O sol estava nascendo enquanto os vocais de fundo atingiam o pico: " *Leve-me mais alto! Superior!* "Fechei os olhos, sabendo que Deus havia colocado Sua mão sobre a música e sobre mim.

Mais tarde, levei o Bispo Keaton ao estúdio para ungir "Voe como um pássaro" com uma leitura do Salmo 30: 5: "O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã." Essas palavras foram um reflexo de tudo o que eu sobrevivi. Essa passagem da Bíblia realmente significava algo para mim. A música é realmente sobre como o mundo é confuso - "Às vezes, esta vida pode ser tão fria / eu oro para que você venha e me carregue para casa." É uma questão tanto de dificuldade quanto de força: não consigo lidar com esta vida sozinha, mas o Senhor vai me ajudar a superá-la. Estou muito grato por ter homenageado Bishop para sempre com uma de minhas canções que é mais importante para mim.

Eu dou muito crédito a LA Reid, que naquela época havia se tornado um amigo, pelo sucesso de *Mimi* . Ele e a Universal ainda acreditavam em mim. Meu álbum *Butterfly* foi um despertar emocional. *Mimi* foi uma evolução espiritual; há muito do meu coração verdadeiro e emoção crua nele. E são tantos bons momentos.

Por exemplo, nem todo mundo sabe o quanto eu realmente amo "Your Girl" (deveria ter sido um single). É

inocente, mas ainda um pouco sujo. Eu ouvi a batida de Scram Jones pela primeira vez enquanto estava no estúdio do NORE bebendo algo em um copo de isopor (eu sei que é ruim para o nosso ecossistema, mas era tudo o que eles tinham). Havia um pouco mais

de confiança e muito mais liberdade nisso: “Vou fazer você querer / Ficar comigo esta noite”. E há uma pequena parte falante no meio da música “I Wish You Knew”, que foi inspirada pela Sra. Diana Ross. Existem tantos detalhes íntimos, especiais, internos, quase intangíveis que são específicos para mim naquele álbum. Você pode realmente sentir minhas emoções autênticas; não há baladas dramáticas e superproduzidas para apaziguar os executivos das gravadoras. Isso foi simplificado, *uma merda real*. Acho que é por isso que ressoou com tantas pessoas.

Foi em *Emancipation* que comecei a trabalhar com um novo engenheiro, Brian Garten (graças a Pharrell).

Quando trabalhamos juntos, é perfeito. Mesmo que não tenha sido televisionado - porque eles estavam na categoria R&B - ganhei três Grammys por aquele álbum. (Eles fizeram a mesma coisa com Usher no ano anterior.) Ainda foi um triunfo, porque acredito que a *Emancipação* mereceu. Foi um triunfo sobre as pessoas fodidas que estavam tentando me prejudicar e me usar - minha família, Tommy, as gravadoras, a imprensa e vários outros - e foi um triunfo sobre meu próprio trauma e medo.

A turnê *Adventures of Mimi* foi muito divertida. Teve sua cota de contratemplos típicos, mas em grande parte parecia uma libertação. *Emancipation* tinha tantos sucessos que a cada show a energia era apenas disparar o tempo todo, milhares de pessoas cantando cada palavra de todas as novas músicas do álbum, e alguns dos artistas mais quentes apareciam e faziam aparições surpresa. Foi um grande sucesso comercial e uma verdadeira explosão.

Adotamos uma abordagem da velha escola, quase uma revisão da Motown, de empacotar uma pequena frota de ônibus e dirigir pela América. Fizemos grandes shows em 25 cidades (também fizemos sete no Canadá,

sete na Ásia e dois na África). Embora houvesse muitas pessoas na estrada comigo - uma banda completa, cantores de fundo, dançarinos e equipe - eu estava sozinho. Eu estava em um grande

momento de ascensão e, como sempre, era responsável pelo sustento de todos. Eu precisava ter certeza de que estava em ótimas condições; minha voz estava descansada para que eu pudesse fazer o meu melhor pelos meus fãs primeiro, é claro (eu nunca considero garantidos o dinheiro, esforço e tempo que leva para ir a um show), mas também por todas as pessoas que dependiam de mim para comer . Embora eu certamente fosse muito amigável com todos (é claro que Trey e Tots estavam lá), depois de cada show, eu geralmente recuava para o meu ônibus para descomprimir e descansar em silêncio. Este era geralmente um ritual simples de tomar um banho longo, quente e fumegante e beber chá com mel. Enquanto meu grande ônibus bala de prata foi completamente equipado e equipado com todos os confortos e tudo que eu precisava, ele não me trouxe companhia.

Os outros artistas e equipe teriam uma atmosfera de turnê mais típica em seu ônibus - seria balançando com gargalhadas, bebida, jogos de cartas, fumaça, piadas, filmes e música. Quando músicos e dançarinos cavalam por horas juntos por pequenas rodovias durante dias, eles desenvolvem uma cultura familiar turbulenta. E, como o "chefe", muitas vezes ficava do lado de fora da camaradagem que eles criavam.

Uma noite, decidi que só precisava de um pouco de leviandade e fui até o ônibus dos dançarinos, que era de longe o mais movimentado de nossa frota. Era como uma festa no porão acontecendo lá, apenas muito animada. Eu facilmente escorreguei para as travessuras. Parecia que eu estava no colégio escapando com amigos e não em minha própria turnê lotada. Era simples e festivo.

Uma dançarina se destacou. Eu já o tinha visto antes, mas algo sobre esta noite parecia diferente. Ele era brincalhão e certamente comandava o centro das atenções com seus gestos expressivos e risada alegre.

Sempre o achei fofo, mas naquela noite foi diferente. Havia algo realmente atraente sobre ele - servindo uma deliciosa mistura de

beleza de homem adulto e charme infantil. Eu ia ficar neste ônibus por um tempo. Foi um passeio de alegria, com certeza.

Já passava do meio da noite, provavelmente perto do amanhecer. Todos nós estávamos bebendo, cantando e conversando por algumas horas quando paramos para entrar em um restaurante aberto a noite inteira em uma pequena cidade no meio de quase lugar nenhum. Nós invadimos o pequeno e silencioso restaurante local com cerca de uma dúzia de profundos, todos barulhentos, risonhos e extremamente coloridos. As poucas pessoas que havia lá - talvez um motorista de caminhão, alguns trabalhadores do último turno -

definitivamente não eram de qualquer tipo. Todos eles pararam de mastigar e bebericar para olhar para o que provavelmente parecia ser o Circo UniverSoul, que havia entrado na cidade e batido em seu lugar.

Estávamos todos iluminados demais para perceber que iluminamos aquela lanchonete sonolenta com nosso encanto e sabor. Nós nos esparramamos em várias mesas e cabines. O nome dessa dançarina era Tanaka. Já tínhamos começado a lançar olhares sedutores um para o outro no ônibus a cerca de trinta quilômetros de volta. Sentamos um em frente ao outro em uma cabine como alunos da oitava série. Nós tocamos suavemente as pernas um do outro sob a mesa, sem ser detectados enquanto o resto do grupo continuava rugindo.

Tanaka e eu rapidamente nos tornamos amigos e, com o tempo, um relacionamento significativo foi construído. Ele está sempre ali, a vida sem esforço da festa, e quando todos procuram em você por alguma coisa, isso pode significar *tudo* .

Graças a Deus pela era transformacional "Mimi". Eu precisava ter *um* sucesso tão *grande* para que o público finalmente me perdoasse pelo "pecado contra a humanidade" que foi o *Glitter* .

Depois de *Glitter*, muitas pessoas me descartaram. Mas, como Jimmy Jam disse: " *Nunca* exclua Mariah Carey". E eu digo: "Nunca descarte *ninguém*". Você nunca sabe de onde virá a força. Sempre busco minha principal fonte de força - fé em Deus, mas também o amor de meus fãs e de todas as pessoas que não desistiram de sua fé em mim. Isso não quer dizer que não luto contra o PTSD dos eventos coletivos da minha infância, do meu casamento e dos anos sombrios do *Glitter*. Trabalho na minha recuperação emocional diariamente. Mas é verdadeiramente fascinante como a imprensa se tornou insignificante em fazer ou quebrar a carreira de um artista, em moldar nossas narrativas. Ainda sinto que partes da mídia estão pacientemente esperando que eu tenha outro colapso espetacular (na verdade, eu notei agora que algumas pessoas encenam colapsos para publicidade), mas a diferença é que, no mundo de hoje, *e/es* não importam.

Agora, todos os artistas têm uma voz não filtrada e enormes plataformas públicas nas redes sociais. Os tabloides se tornaram o papel de embrulho patético e lixo que sempre soube que eles eram. Eles estão sem

energia; eles não podem caçar e destruir mais nenhum de nós. Nossos fãs podem vir em nossa defesa, trazer todos os recibos e criar uma frente unida tão forte que nenhum anfitrião ou comentarista ou paparazzi voraz podem sequer começar a competir com sua influência. *Nós* somos a mídia. Eu só queria que a Princesa Di tivesse vivido o suficiente para ter Instagram ou Twitter. Eu gostaria que ela tivesse vivido para ver o povo se tornar a imprensa. Talvez ela e outros tivessem vivido para contar sua história. Eu sou tão grato aos meus fãs que estou vivo para contar os meus.

## **O PAI E O POR DO SOL**

Ao longo dos anos, meu pai continuou levando uma vida ordenada e disciplinada. Ele teve um trabalho honrado e constante como engenheiro. Ele ficou em forma. Ele caminhou e escalou montanhas. Ele comia bem e evitava doces. Ele bebeu muito pouco álcool. Ele não fumava cigarro (antes de eu nascer, ele largou todos os seus

vícios em um dia, e foi isso). Alfred Roy não era um homem de indulgências. É por isso que, quando recebi a notícia de que ele havia adoecido enquanto eu estava gravando *Charmbracelet* em Capri, fiquei chocado. Meu pai forte e invencível? Foi como um golpe na cabeça, rápido, forte e desorientador. Meu pai ligou e sugeriu que eu fosse. Não para salvá-lo ou financiar seus cuidados - ele não precisava ou pediu isso; ele sempre ganhou e economizou seu próprio dinheiro. O que ele precisava de mim era proximidade e encerramento.

*Mas estou feliz que conversamos sobre*

*Todas essas coisas folclóricas crescidas, a separação traz*

*Você nunca me deixou saber disso*

*Você nunca deixou transparecer porque me amava e obviamente*

*Ainda há muito mais a dizer*

*Se você estivesse comigo hoje cara a cara*

*-"Bye Bye"*

Eu voei imediatamente para vê-lo no hospital onde ele estava sendo tratado por uma dor abdominal relacionada ao câncer. Lembro que, naquela primeira viagem, ele ainda parecia aquele homem forte, vibrante e sem idade que eu conhecia. Mas isso mudou rapidamente. O câncer pode ser um bandido veloz, roubando a vida de seu corpo antes mesmo de você saber que ela o invadiu.

Após vários diagnósticos errados, concluiu-se que ele tinha câncer de ducto biliar, uma forma rara, sem medidas preventivas ou curativas conhecidas. Esse câncer cresce nos tubos que transportam o fluido digestivo e conectam o fígado à vesícula biliar. Era mais do que simbólico para mim: um homem saudável desenvolve um câncer que envenena a parte de seu corpo que absorve e lava os resíduos. Meu pai guardou tanta coisa por dentro e teve poucas oportunidades de liberar toda a amargura que havia consumido. Agora que ele estava entrando e saindo do hospital, comecei minhas viagens de

ida e volta, desde as gravações em Capri até ficar ao lado da cama de meu pai, que estava quase morrendo, em Nova York.

*Estranho sentir aquele homem orgulhoso e forte*

*Segure firmemente na minha mão*

*É difícil ver a vida por dentro*

*Diminuir com o passar dos dias*

*Tentando preservar cada palavra*

*Ele murmurou no meu ouvido*

*Assistindo parte da minha vida desaparecer*

- "Girassóis para Alfred Roy"

Quando eu visitava meu pai, eu levava buquês de flores enormes comigo para o hospital (qualquer quarto em qualquer hospital é o epítome do desolador). No entanto, à medida que sua condição piorava, ele desenvolveu intolerância à fragrância da maioria das flores. Era difícil imaginar que a beleza que pensei estar trazendo para ele o estava deixando mais doente. No Dia dos Pais do ano anterior, enquanto Shawn e eu íamos de carro para a casa dele, por um capricho parei no mercado de um fazendeiro e peguei um grande ramo de girassóis amarelos brilhantes embrulhados em papel para trazê-lo. Eu ainda não conseguia quebrar o hábito de vir ao hospital com flores, então trouxe girassóis. Achei que eles não poderiam deixá-lo doente, porque eles não têm cheiro, mas eles têm uma presença forte. Os girassóis são o nosso símbolo.

Rapidamente, seu tratamento contra o câncer se tornou ineficaz. Estava claro que não havia nada a ser feito para impedir que a doença tóxica devastasse seu corpo. Estava quase na hora. Sabíamos que nosso tempo juntos nesta terra era limitado, então meu pai e eu começamos a conversar sobre o assunto. Sua doença tornou nossa cura urgente. Esta foi a primeira vez que revelei a ele (ou a qualquer membro da família) minhas lutas enquanto crescia.

“Quando eu era pequeno”, expliquei, “era muito difícil para mim, porque os brancos me davam vergonha de ser o que era. O *ódio* que senti por alguns deles era tão real. Eu não tinha as ferramentas, não tinha o conjunto de habilidades para saber como lidar com isso. E eu nunca quero que você sinta que foi por sua causa. ”

Tentei explicar como me sentia sozinho, tentando lidar com uma situação tão complexa sem orientação.

Quando eu estava me preparando para começar o jardim de infância, meus pais me disseram que eu deveria apenas dizer que eu era “interracial” (essa era a palavra na época, não havia “birracial” ou *misto* ). Mas não era tão simples, especialmente quando morávamos em bairros brancos. Teria sido muito menos complicado se tivéssemos continuado a morar em Brooklyn Heights, onde havia pelo menos alguma diversidade e formas de pensar mais progressistas. Eu não teria me destacado tanto. As crianças dos bairros em que eu morava nem sabiam o que significava “interracial”. Eles só sabiam *que* eram brancos, e que não ser branco era *outra coisa* - e preto era o pior tipo de pessoa que existia.

Tentei explicar ao meu pai que, crescendo, não tive um irmão ou uma equipe para me apoiar. Ninguém nunca *me* deu a instrução obrigatória de Black: “Se alguém te chamar de crioulo, dê um soco na cara dele”. Então, quando fui encurralado e chamado de “negro” por um grupo de meus “amigos”, não sabia o que fazer. Não sabia o que fazer quando um menino branco esperava para me pegar sozinho no ônibus escolar para cuspir na minha cara. Eu não sabia por que nenhum pai interveio. Eu não sabia que também não podia confiar nos pais, por causa da maneira como eles olhavam para mim. E não pude ir aos professores, porque alguns deles também eram problemáticos. Resumindo, eu não sabia em quem confiar, que é uma batalha que ainda estou travando.

Isso era difícil para uma menina, e eu me sentia tão sozinho - mas nunca foi culpa dele. Ambos precisávamos de coisas que não sabíamos dar. Acredito que, no fundo, meu pai entendeu por que eu tive que mergulhar em minha música e romper com minha família -

era minha sobrevivência, minha identidade, minha razão de existir. Pedi desculpas por não ter ido procurá-lo antes. “Eu não sabia onde estar”, confessei, “não sabia a quem ouvir. Eu não sabia se você se importava. ”

*Pai, obrigado por estender a mão e com amor*

*Dizendo que você sempre teve orgulho de mim*

*Eu precisava sentir isso tão desesperadamente*

- “Girassóis para Alfred Roy”

Meu pai não queria morrer em um hospital. Tivemos que correr para levá-lo à casa de sua namorada Jean, para que ele pudesse viver seus últimos dias em um ambiente familiar e confortável. Meu sobrinho Shawn estava lá para me apoiar e me ajudar a me preparar. Fomos à casa dele para pegar alguns pertences pessoais.

Fiquei impressionado com a sujeira cinzenta da casa de meu pai. Não era uma bagunça, mas era uma mudança distinta da qualidade alinhada e brilhante que eu associava a ele. Acho que é difícil manter um padrão tão alto de organização conforme você envelhece e fica mais fraco.

Ver como a estrutura compacta de seu espaço se suavizou tornou a perspectiva de sua deterioração ainda mais real para mim. Enquanto examinávamos as coisas na casa de meu pai, descobri um maço de recortes de jornais e revistas. Eu as examinei e percebi que cada uma delas era sobre mim - todas as histórias de meu sucesso e elogios. Ele havia escrito pequenas notas nas margens, sublinhado e circulado diferentes partes que gostava. Eu não tinha ideia de que ele estava me acompanhando de longe. Eu não tinha ideia de que ele se importava com minha carreira. Acima de tudo, não fazia ideia de que ele estava *orgulhoso* de mim. Meus olhos se encheram de lágrimas. Aquele monte de pedaços de papel foi mais válido do que todos os meus prêmios e os de Quincy Jones juntos.

Minhas tias, meu primo Vinny, Shawn e eu instalamos uma cama de hospital e outras amenidades na sala de estar da casa da namorada

dele para tornar o espaço dele o mais confortável e acolhedor possível. Conforme o câncer se espalhou e sua medicação assumiu mais controle, seus desejos começaram a desaparecer, e eu não queria que nossas memórias desaparecessem com eles. Eu fiz pequenas coisas. Eu cozinhei seu molho de amêijoas brancas apenas para que ele pudesse sentir o cheiro, para que ele pudesse sentir o *nosso* cheiro e se lembrar de nossos domingos juntos. Para nos manter conectados aos meus momentos mais felizes, ainda faço linguine com molho de mariscos brancos para meu pai todas as vésperas de Natal.

Seu último desejo era que minha ex-irmã Alison e eu voltássemos a falar. Ele não conhecia as profundezas do inferno por que passamos; ele não sabia que havia cinzas onde antes existia uma frágil irmandade. Mesmo

assim, por um tempo limitado, pudemos ficar na mesma sala para ele. Talvez isso tenha sido possível devido à distração do trânsito constante de médicos e outros membros da família. Por respeito ao meu pai, as pessoas mantiveram seu drama sob controle. A única vez que as coisas ficaram quase tensas foi quando meu ex-irmão Morgan veio ao hospital. Nosso pai recusou-se a vê-lo; a dor que eles desencadearam e causaram um ao outro nesta vida era densa demais para ser desempacotada, mesmo no final. Nosso pai tinha ficado fraco e visivelmente menor a essa altura, e como seus problemas eram principalmente sobre poder, força e masculinidade, acredito que nosso pai não queria ser visto por Morgan em tal estado de vulnerabilidade. Pai e filho não poderiam encontrar a paz nesta terra, mas talvez Deus o Pai pode fazer isso por eles, um dia.

*Agora você está brilhando como um girassol no céu, bem alto*

- "Girassóis para Alfred Roy"

Quase no final, meu pai não conseguia mais falar, mas ainda praticava a contenção. Para seus analgésicos, ele erguia um dedo, sinalizando que só queria tomar um miligrama. Mesmo em seu leito de morte, ele tinha medo do vício, medo de perder o controle.

Ele tinha mais conflitos sobre religião e fé. Sentado ao lado dele na beira da cama, comecei a ler a Bíblia para ele, que ele deixou claro que não gostava. Sua infância foi imersa na igreja, mas sua vida foi preenchida com as contradições dos ensinamentos da Igreja Pentecostal e do catolicismo.

Ele não fez nenhum pedido quanto à tradição da cerimônia de seu funeral. Ele continuou a frequentar a comunhão Unitarista-Universalista por tantos anos que, por respeito a seu sentimento aceito pela congregação não convencional, o funeral foi realizado na comunhão. Mas eu estava determinado a trazer a *igreja* para o culto. Ele muitas vezes não era bem-vindo em sua vida porque era o único homem negro em muitos lugares, então eu estava determinada que ele não seria o único negro presente quando o víssemos fora desta vida. Ele deveria ter uma despedida espiritual. Transformei a igreja em um glorioso jardim de girassóis (que mais tarde recriei no vídeo "Through the Rain"). Minha amiga, a talentosa e talentosa Melonie Daniels, Tots e eu nos juntamos e criamos um coral gospel completo e magnífico. Eu queria que o espírito de meu pai subisse no som altíssimo que só um coro gospel pode proferir. Em suas vestes majestosas, o grande coro marchava e balançava pelo corredor e enchia o santuário. Fechei meus olhos e Tots começou a cantar: *Se você quer saber*

*Onde eu vou*

*Para onde vou em breve*

*Se alguém te perguntar*

*Onde eu vou,*

*Para onde vou em breve*

*Estou subindo ali*

*Estou subindo ali*

*Estou subindo ali*

*Para estar com meu Senhor.*

O coro inchou aquele castelo com o espírito. Foi todo um momento pentecostal, e a silenciosa congregação da Fellowship não soube o que os atingiu. Foi o poder da presença de Deus em vozes ungidas. Você podia sentir todos os espíritos sendo elevados. Eu podia sentir o espírito de meu pai sendo libertado.

Em última análise, meu pai confiou na razão para ajudá-lo a existir em um mundo absurdo. Alfred Roy Carey se esforçou para amar e compreender, em uma época e lugar que pouco o amava e compreendia. E eu sei que ele me amava e estava *orgulhoso* de mim. E é isso que vou levar comigo. Valorizo os poucos pertences que ele me deixou: seus sapatos de bebê bronzeados, fotos de família, cartas, um cinzeiro, duas esculturas africanas e a bandeira dos Estados Unidos emitida pelo governo dos Estados Unidos em homenagem a seu serviço. Para um homem que não idolatrava as coisas, havia uma coisa que ele adorava, e é isso que eu mais prezo: seu Porsche Speedster. Este precioso carro viu incontáveis horas de suas mãos mexendo em seu interior, incontáveis horas de nossas viagens e canções tolas. Pára-choque com pára-choque, seu toque, sua concentração, seu desejo de ordem e elegância estão embutidos em cada centímetro daquele carro.

Como uma homenagem a ele, fiz com que fosse restaurado à sua glória original. Isso exigia atenção meticulosa aos detalhes e muita paciência e investimento. As peças foram enviadas da Alemanha e finalmente foi devolvido à sua cintilante cor vermelho maçã doce, com um acabamento imaculado. Demorou anos, mas finalmente está em perfeitas condições, como meu pai sempre sonhou que um dia estaria. Eu o mantenho principalmente na garagem, mas de vez em quando eu o levo para fora. Em uma das minhas fotos

favoritas de Rocky, ele está sentado no banco do motorista do Porsche de meu pai. No carro esportivo de dois lugares, meu filho parece um mini motorista, usando grandes óculos escuros de aviador, cachos macios e confiança. Ele não conhece as estradas difíceis que eu, ou o avô que ele nunca conheceu, tivemos que viajar

para colocá-lo no couro macio e confortável daquele luxuoso banco do motorista - e ele não deveria.

Ainda não. Ele ainda é um garotinho. Mas tenho ferramentas melhores para guiá-lo e protegê-lo do que as que tenho à minha disposição. Quando olho para aquela foto hoje, não posso deixar de pensar que, embora ele nunca tenha conhecido seu avô, a expressão no rosto de Rocky capta o espírito duradouro de Alfred Roy Carey.

## **PRECIOSO**

*Push* me puxou imediatamente. É um dos poucos livros que, ao terminar, volto direto para a primeira página e o releio. Eu estava na praia durante uma viagem de garotas com minha amiga Rhonda, que insistiu que eu lesse. A voz criada pelo autor genial Sapphire me levou embora completamente. Ela deu uma expressão tão singular e significativa a uma garota e a um mundo que muitas vezes são invisíveis. Foi um material desafiador e intensamente bonito.

Trabalhei pela primeira vez com Lee Daniels no *Tennessee*, um filme que fiz em 2008. Ele era o produtor, mas basicamente acabou me dirigindo e *me* conquistou totalmente. Fiquei emocionado quando soube que ele havia adquirido os direitos do *Push*, embora não achasse que eu estaria envolvido.

Uma amiga de confiança, atriz e diretora Karen G, estava trabalhando como treinadora de atuação com parte do elenco, especialmente as mulheres jovens, e ela me disse que algo realmente incrível estava acontecendo no set. Um dia, do nada, com um aviso de um dia, Lee me pediu para interpretar a personagem da assistente social, Sra. Weiss (um papel originalmente planejado para a fenomenal Helen Mirren). Eu estava feliz, mas um pouco assustado também. Tive pouco mais de um dia para me preparar. Apreendi minhas falas e fiz algumas improvisações profundas e sujas, além de construir a história de fundo com Karen. Eu vagamente baseiei a Sra. Weiss no terapeuta do norte do estado de Nova York "Querida, isso não é *normal*" que Tommy e eu costumávamos ver.

Todo o processo de filmagem foi renegado e brilhante. Lee acreditou em mim e eu acreditei nele. Eu acreditei no elenco notável e, é claro, acreditei no brilho que estava na página. A maior preocupação de Lee era que eu não "parecia Mariah Carey". Ele insistiu em não usar maquiagem e até mandou fazer uma prótese de nariz para mim. Nós não acabam usando-lo, mas a aplicação agravou a rosácea ao redor do meu nariz, que, ironicamente, realmente funcionou para o personagem (agora, não é que alguns misto peculiar *ish*, ter ambos os quelóides e rosácea).

Lembro-me de uma vez, no set, Lee me pegou aplicando um pouco de blush e gritou: "SEM

MAQUILHAGEM, Mariah!" Outra nota física que ele me deu foi "andar com os pés no chão!" (oh, esses dedos do pé na ponta dos pés). Eu estava confiante em minha compreensão do personagem da Sra. Weiss; o trabalho mais desafiador era não se emocionar com o desempenho incrível e poderoso de Mo'Nique. A Sra.

Weiss teve que ser desligada, mas o ser humano em mim lutou com isso. Houve um momento em que a atuação sublime de Mo'Nique entrou em meu coração e uma lágrima involuntária brotou em meu olho. Eu discretamente limpei, esperando que não fosse capturado pela câmera.

O que ela e Gabby Sidibe trouxeram para seus personagens foi simplesmente um trabalho estelar e estonteante. Eu *amei* trabalhar no filme. Minha gestão na época me desencorajou de fazer isso, porque era de última hora e de baixo orçamento, mas eu sabia que era uma história rara e primorosamente humana. Foi também um trecho criativo, que foi artisticamente enriquecedor para mim. Fiquei muito orgulhoso de estar envolvido. Depois que *Precious* foi exibido no Sundance em 2009 e ganhou um Prêmio do Público e um Grande Prêmio do Júri na categoria Dramático (mais um Prêmio Especial do Júri para Mo'Nique), Tyler Perry e Oprah anunciaram que iriam ser produtores, dando o filme o marketing, o suporte promocional e o brilho que mereciam.

E ficou glamoroso. Cannes foi o epítome dos tapetes vermelhos, com toneladas de paparazzi internacionais (é melhor acreditar que a Sra. Weiss foi deixada na tela e Mariah Carey, em pleno vigor, estava lá). A digressão da imprensa europeia foi fabulosa, repleta de tapetes vermelhos, dezenas de vestidos de alta-costura e mil festas, incluindo uma secreta no iate de Roberto Cavalli. *A Precious* ganhou prêmios onde quer que fosse. A maior noite foi a 82ª edição do Oscar. O filme recebeu seis indicações, incluindo melhor filme, melhor diretor e melhor atriz, e ganhou melhor atriz coadjuvante por Mo'Nique e melhor roteiro adaptado por Geoffrey Fletcher - tornando-o o primeiro afro-americano a vencer nessa categoria.

Também ganhei alguns prêmios por meu papel pequeno, mas significativo. Eu ganhei o Prêmio de Performance Revelação no Festival Internacional de Cinema de Palm Springs, onde Lee e eu éramos extremamente festivos, usando nossos apelidos de estimação no palco (eu, "Kitten" e ele, "Cotton"), rindo e sussurrando um para o outro. E, tudo bem, talvez estivéssemos um pouco embriagados também, mas *foi* um daqueles shows de premiação de garrafas em todas as mesas! Principalmente, estávamos totalmente *emocionados*.

*Fiquei* emocionado. *Precious* não só me deu validação pública para minha atuação depois de *Glitter*, mas porque Lee acreditou em mim, eu fui capaz de acreditar em *mim mesma* novamente como atriz. Foi uma prova de que, com o material certo e as pessoas certas (com a visão certa), eu poderia buscar seriamente atuar. Lee mais tarde me deu outro papel inesperado e desafiador como Hattie Pearl, mãe de Cecil Gaines (o personagem principal) e escravo de campo em *O Mordomo*. Lee viu facilmente em mim o que poucos ousaram procurar, e temos uma conexão rara e real. Uma relação de confiança.

## **DIVAS**

diva (n): *Uma ilustre e célebre cantora; uma mulher de grande talento no mundo da ópera (geralmente soprano) e, por extensão, no teatro, no cinema e na música popular.*

Minha definição de diva é a clássica.

Aretha Franklin é meu bar e estrela do norte, uma musicista magistral e cantora incrivelmente talentosa que não deixaria um gênero confiná-la ou defini-la. Eu escutei e aprendi *tudo* dela. Quando ela estava no final da adolescência, ela mudou de cantar gospel para o jazz - ou melhor, ela adicionou jazz ao seu repertório, porque ela *nunca* mudou do gospel. (Um dos meus álbuns favoritos dela ainda é gospel: *Um Senhor, Uma Fé, Um Batismo* .) E quando ela cantava padrões, não havia nada de padrão em sua apresentação. Ela trouxe uma emoção para tudo o que era seu.

Aretha tinha uma visão maior de si mesma. Seu álbum de estreia teve "I Never Loved a Man (The Way I Love You)," "Do Right Woman, Do Right Man," e "Respect", colocando-a no topo das paradas de R&B e pop. Havia uma ótima música da Aretha em todas as épocas da minha vida.

Ainda acredito que a maioria das pessoas não entende o quão incrível ela era como pianista e arranjadora. Eu acho que se você é uma mulher, com uma voz incrível, sua musicalidade sempre fica subestimada. Tive a grande honra de trabalhar com Big Jim Wright como produtor e diretor musical. Big Jim havia trabalhado com Aretha Franklin e me disse que, quando Aretha sentisse o espírito, ela daria um tapinha no ombro dele, e essa seria sua deixa para se levantar do piano, onde ela se sentaria e começaria a *tocar* .

A primeira vez que conheci a Sra. Franklin foi no Grammy - meu primeiro ano, quando fui indicada para cinco prêmios. O que me deixou nervosa não foi o fato de eu estar no ramo há apenas seis meses e estar me apresentando no Grammy para milhões de telespectadores na TV ao vivo, e todas as grandes estrelas da música estavam na platéia: eu estava mais preocupado com o fato de eu ter que cantar na frente *dela* . Aquela que eu pensei que era a única, Sra. Aretha Franklin. Tive que cantar "Vision of Love" com Aretha Franklin sentada na primeira fila. Muitas vezes eu tinha visualizado o sonho de cantar em grandes premiações, mas nunca imaginei que teria que fazer isso na frente do meu ídolo na primeira

vez. Não consegui nem dormir na noite anterior. No dia do ensaio, criei coragem para ir até ela. Ela estava calmamente sentada na primeira fila, do lado esquerdo. Ajoelhei-me ao lado do assento dela (porque é o que se faz na presença).

"Em. Franklin, eu só queria dizer obrigado. Meu nome é Mariah ", eu disse. Humildemente, continuei: "Só queria agradecer a todos os cantores que você inspirou. Obrigada. É uma honra conhecê-lo. "

Anos depois, ela me disse: "Mariah, você sempre teve boas maneiras, e isso é o que falta à maioria dessas meninas. São as maneiras. Eles não os têm. " Eu não poderia imaginar fazer menos por alguém que deu tanto ao mundo. Passei pela performance de "Vision of Love" e ganhei o prêmio de Melhor Artista Revelação e Melhor Performance Vocal Pop. Mais tarde, examinei totalmente minha performance no Grammy naquela noite e ouvi cada nuance que perdi. Mas eu cantei antes da Rainha.

Meu próximo grande encontro com ela foi em 1998, quando fui convidado para me apresentar no show *Divas Live* da VH1 , para o qual eles fariam uma homenagem a Aretha Franklin. Claro que disse sim, porque era *Aretha* , e quando você é convocado para homenagear a Rainha, você pula, pula, pula nela. Quando cheguei um dia antes do show para o ensaio, Aretha estava dando ao produtor algo que ele pudesse sentir.

Ken Ehrlich é um gigante do setor. Ele produziu inúmeras homenagens e shows de premiação, incluindo mais de trinta Grammys (e meu show *# 1 para o Infinity* no The Colosseum, em Vegas). Ele e Aretha tinham história. Bom: ele produziu sua estreia operística no Grammy. Não tão bom: eles pareciam ter tido lutas pelo

poder, como um velho casal. As outras cantoras "diva" selecionadas para o show foram Céline Dion, Shania Twain, Gloria Estefan e Carole King (por ela ter escrito o incrível "[You Make Me Feel Like a] Natural Woman", que Aretha amou e fez um clássico). Ken me disse que em várias ocasiões Aretha disse: "Mariah é a única garota com

quem cantarei esta noite". É por isso que fui o único a fazer um dueto com ela no show.

As temperaturas estavam subindo entre Ken e a Sra. Franklin porque o ar-condicionado estava ligado e ela não canta com o ar-condicionado (ou lá fora, no frio congelante).

Luther Vandross foi o primeiro artista a me alertar sobre os riscos de cantar no frio. Ele me disse que eu precisava cuidar do lugar físico frágil que mantém os músculos, os tendões e as cordas sensíveis que vibram e permitem que minha voz passe. Ouça, se estar no frio pode deixar os dedos dormentes, imagine o que isso pode fazer com as cordas vocais delicadas! Há uma certa performance minha no frio cortante vestindo um collant puro e deslumbrante e Louboutins de 20 polegadas no cruzamento mais movimentado do mundo, em estreita proximidade com o lixo fedorento e pútrido que todos parecem querer se lembrar, e que eu, honestamente, muitas vezes esquecer. Para mim, é como se eu fosse uma criança brincando na caixa de areia e tivesse areia no olho, chorei teatralmente e fizesse uma cena - então cheguei vinte anos depois na minha reunião de classe, depois de ter feito um doutorado e me tornado um estudioso famoso apenas para ter meus colegas de classe perguntando: "Oh, mas como está seu olho?"

Fui muitas coisas naquele momento fugaz no frio, mas sabia de uma coisa que certamente não era. Eu não estava quebrado. Nem mesmo perto. Eu havia passado por coisas muito piores. Todos os desastres não são criados iguais, *dahhhhling* .

Mas a Rainha do Soul, é claro, sabia que não devia cantar no frio. Quando cheguei para o nosso ensaio, estava muito animado e nervoso. Aretha me cumprimentou com: "Mariah, eles estão jogando. E eu não estou tendo os jogos. Portanto, não vamos ensaiar esta noite ", disse ela, com naturalidade.

*Esperar. Quem diabos está jogando?* Eu queria gritar. *Basta eu cantar com a Aretha Franklin, e agora não posso ensaiar com ela ?!* Eu podia ver Ken andando por aí, suando, perdendo cabelo e

surtando. "Ela está fazendo o que sempre faz", ele gaguejou. Não sei o que os dois *sempre* faziam, mas essa era a primeira vez que cantaria com indiscutivelmente o maior cantor do planeta, meu ídolo, e não consegui *ensaiar* ! Por que eles não podiam simplesmente desligar a porra do ar? Eu estava morrendo.

A noite sem ensaio foi um pesadelo, exceto que foi a hora em que ela me disse que realmente gostava de

"Dreamlover" e sugeriu que cantássemos juntos. Eu morri de novo. Eu estava simplesmente maravilhado por ela conhecer minha música, quanto mais querer tocá-la. Anos depois, ela cantou algumas de minhas canções, como "Hero" para o aniversário de Jesse Jackson e "Touch My Body" na turnê, onde ela improvisou todas as partes brincalhonas. Ela disse: "Diga a Mariah que sou uma mulher que vai à igreja e não posso cantar essas coisas agora" e o público cantou junto com o refrão. Foi incrível.

Mas voltando ao *Divas Live* . Eu humildemente perguntei a ela se poderíamos fazer uma de suas canções.

Não achei que meu coração aguentaria *Aretha* cantando uma de minhas canções nesta ocasião. Em vez disso, sugeri "Chain of Fools". Felizmente, ela concordou. O dia do show chegou e eu fui levado ao trailer dela, onde ela estava sentada com um teclado, para que pudéssemos repassar a música juntos. Nós conversamos um pouco e trabalhamos na música um pouco, mas honestamente eu me senti como se estivesse em um estado de desmaio, porque foi uma experiência incrível e intimidante ter essa intimidade com ela e a expectativa de me apresentar com ela com tão pouca preparação - e para ela confiar que eu continuaria.

Chegou a hora do nosso primeiro número no show. Ela disse ao público que ela e "minha mais nova namorada não puderam ensaiar, mas ela vai aparecer e se juntar a mim". A banda começou "Chain of Fools"

e eu entrei no palco. A energia dela era tão poderosa, eu apenas mantive meu foco nela e cantei quando ela me disse para cantar, e

nós fizemos a música. Eu terminei com uma reverência e "Todos salve a Rainha!" De que outra forma você sairia em um momento assim? E ela fez um gesto para mim e disse: "Srta. Carey." Isso foi o suficiente para minha alma.

Em cada tributo há *sempre* um grande final com um momento "We Are the World", quando todos os artistas cantam alguma grande música juntos ( *nós amamos todos, mas eu não amo essa parte do show nunca, mas vamos lá* ). Todas as outras divas estavam no palco, preparadas para sair com "(Você me faz sentir como uma) mulher natural", uma escolha natural. Todo mundo conhecia sua parte, mas todos nós sabíamos que era a música de Aretha. Bem, *quase* todos nós sabíamos. Olha, se Aretha ia fazer riffs ou improvisos em qualquer lugar, essa era sua prerrogativa como Queen, mas você não - repita, *não - considere* isso um desafio. Uma das divas não entendia a cultura da corte e tentou vir buscar a Rainha um pouco durante a música. Foi bom. Eu nunca teria feito isso. Para citar a Sra. Franklin, "Algo estava *errado*".

Mas bem no final, Aretha decidiu nos levar à igreja e começou a cantar gospel. Ela veio e colocou o braço em volta de mim, e eu soltei alguns grandes "Jesus!" Es porque ela me *convidou* . É como jazz: ela era a líder da banda; você a *seguiu* . Então a diva do duelo já havia ido longe demais (na minha humilde opinião) e parecia tentar superar Aretha. Este. Ocorrido. Eu não conseguia acreditar que alguém tentaria ofuscar Aretha Franklin em *sua* homenagem, enquanto cantava sobre Jesus, nada menos. Talvez fosse uma grande lacuna cultural, mas parecia pura loucura para mim, e eu não queria participar disso. Enquanto isso acontecia, meu corpo começou a involuntariamente recuar para fora da formação de Diva e eu voltei para me juntar aos cantores de apoio, a maioria dos quais eu conhecia. Parecia uma blasfêmia para mim, e eu queria estar fora de alcance caso o raio viesse.

Fiquei mortificado, mas é claro que Aretha não se importou. Ela tinha mais habilidades, alma e talento natural do que todos nós

combinados e depois multiplicados. Ela se divertiu muito naquela noite e o destruiu.

Mais tarde, contei a história a Patti LaBelle - madrinha, como a chamo. (Um dia ela começou a se chamar de minha madrinha, depois que tive a sublime honra de cantar "Got to Be Real" com ela em seu especial de TV

*Live! One Night Only* . Ela realmente é uma das cantoras mais reais de todos os tempos.) me deu conselhos bons e experientes e literalmente segurou minha mão em algumas situações difíceis. Então, quando liguei para ela e contei sobre a cena, ela disse: "Mariah, se você tivesse participado daquela investida, eu teria que vir dar um tapa na sua cara".

Esperançosamente, a única lição que todos nós aprendemos naquele palco foi: RESPEITO.

Aretha Franklin sempre terá não apenas respeito de minha parte, mas também um oceano de gratidão que me regará para sempre.

No ano seguinte ao "hoedown", o *VH1 Divas Live* me chamou de volta para fazer uma homenagem a Diana Ross. O chefe, Donna Summer e eu deveríamos fazer uma espécie de momento Supremes. Claro que vivi para a ideia, porque... *Sra. Ross* ! No entanto, seria um pouco exagerado para mim, porque embora eu estivesse muito familiarizado com os períodos icônicos das diva-discotecas da Sra. Ross e da Sra. Summer -

eu cresci com seus sucessos de dança - a era Supremes exigiria pesquisa. Eu amei anos oitenta do Ms. Ross dançar hinos como "Eu estou saindo" e grandes baladas como "Endless Love" (que eu *tão* amado refazer com Lutero); Eu poderia capturar esse sentimento. Claro que eu conhecia alguns clássicos da Supremes, como "Pare! In the Name of Love ", mas eu realmente não conhecia seus estilos e qualidades de performance específicos, ou todas as letras.

Para me preparar, voltei-me para o meu amigo Trey para saber a história de fundo e história da Sra. Ross. Foi quando concluí que a Sra. Ross e eu nascemos na mesma semana de março, um dia de diferença. (Aretha também - quando eu estava com a Sra. Franklin em seu trailer, tentando aprender "Chain of Fools" em um flash, fiz um comentário sarcástico ( *respeitosamente* , é claro), e ela disse: "Como o senso de humor. Áries típico. "E Chaka Khan e Billie Holiday fazem aniversários nessa semana também!) Por mais que eu amei Diana Ross enquanto crescia, Trey é o maior fã de Diana Ross que já existiu. Ele *vive* para ela.

Trey e eu nos tornamos amigos antes do lançamento do meu primeiro álbum. Eu estava trabalhando em um estúdio, e ele estava fazendo cenários ao lado. Eu ouvi essa voz subindo na estratosfera, e eu tive que descobrir de quem aquele som glorioso estava vindo. Foi um clique instantâneo conosco, não apenas por causa de suas habilidades vocais dinâmicas que eram tão complementares às minhas, mas porque seu espírito era leve e pleno. Também tínhamos o humor um do outro - principalmente quando se tratava de personificar estrelas do cinema e da música retrô e parodiar grandes momentos musicais. E a Sra. Ross era um reservatório infinito de inspiração; muitos de nossos ditos - nossos "ismos" - eram derivados do Boss. Trey era um especialista quando se tratava de seus maneirismos, improvisos, coisas que aprendeu assistindo a clipes antigos da Motown e Supremes, ou pequenas joias que aprendeu em filmes e fitas. Ele simplesmente adorava tudo nela. Do jeito que estou com Marilyn, Trey está com a Sra. Ross.

Uma vez eu estava em Londres, onde a Sra. Ross e eu estávamos fazendo o programa *de TV Top of the Pops*

. Na época, e por muito tempo, *Top of the Pops* foi o show mais importante a estreitar uma música e torná-la um disco de sucesso internacional. Sua performance da música no show pode literalmente fazer ou quebrar isso. Não era um show de premiação, era uma vitrine televisionada, e depois de uma aparição, uma

música poderia chegar ao topo das paradas pop. Quase todo o Reino Unido e a maior parte da Europa assistiriam.

Realmente não há equivalente americano. Era um dos poucos lugares onde você podia passar por superestrelas como Prince ou os Rolling Stones no corredor.

A Sra. Ross foi tão maravilhosa comigo no set, me dizendo: "Eu te amo; meus filhos te amam." Ela estava além de adorável. Ela até entrou no meu camarim só para sair! Instantaneamente pensei, *estou aqui casualmente com Diana Ross; Tenho que ligar para o Trey!* Eu fiz, e ela deixou uma mensagem muito doce para ele naquela voz cantante, mas aguda: "Oh, isso é para Trey? Isso é pelo Trey. Feliz aniversário, Trey."

Quando ele ouviu isso, ele quase *morreu*, bem no dia do seu aniversário. Ele salvou aquela mensagem de voz para sempre. Ele provavelmente ainda tem até hoje.

Para me preparar para o tributo ao *Divas Live* Ms. Ross / Supremes, Trey estava me ensinando em todos esses momentos da Motown, e eu estava entrando em seus sentimentos, mas como me integrar com Donna Summer não era tão claro. Tenho uma memória tão terna ligada a Donna Summer. Eu era muito jovem e estava em um acampamento de férias para crianças com fundos públicos na cidade de Nova York. Digamos apenas que não era o mais organizado e os funcionários eram praticamente crianças. Era predominantemente negro, e eu era uma das poucas crianças mestiças ou de pele clara ali, e a única alourada. Mas eu certamente não estava me divertindo mais. Em vez disso, fui um ponto de inflamação para a animosidade. Nenhuma das meninas gostou de mim. *Por que eles estão com raiva de mim?* Eu me perguntei. Eu não entendi, então. Não era apenas a pele clara e o cabelo loiro - se isso não bastasse, *Khalil* gostava de mim. Khalil era o garoto mais fofo de todo o acampamento. Ele tinha cabelo castanho escuro e encaracolado, pele caramelo e olhos esverdeados. Eu também era mais alta do que ele, então acho que as meninas também pensaram que eu era muito velha para ele (embora tenhamos a mesma idade).

De qualquer forma, o garoto mais sonhador do acampamento de pesadelo *me* achava uma gracinha. Houve uma dança no dia de encerramento, e assim que o primeiro som de flauta cintilante de pássaro com cordas altas e os ooohs melódicos começaram, Khalil se aproximou de mim. Ele pegou minha mão e "Última dança, última chance para o amor" lentamente começou a encher a sala. Fomos para a pista de dança e nossas pequenas personalidades se moveram como uma valsa até que a música estourou na parte alegre e alegre; em seguida, pulamos em nosso próprio mundo de bola de discoteca, deixando as garotas ciumentas tornadas mesquinhas por ambientes hostis se dissiparem.

Eu carreguei aquela experiência nada ideal de estar em um acampamento público comigo. Isso me inspirou a conceber o Camp Mariah, um acampamento de verão focado na conscientização sobre a carreira. Eu entendi intimamente que havia inúmeras crianças que não tinham acesso aos recursos em suas mãos, espaço sob seus pés e céu acima de suas cabeças. A primeira arrecadação de fundos foi um concerto de Natal na Catedral de Saint John the Divine no Harlem em 1994, onde apresentei "All I Want for Christmas Is You" ao vivo pela primeira vez. Foi um dos maiores arrecadadores de fundos de todos os tempos para o Fresh Air Fund, o parceiro incrível do Camp Mariah. O Camp Mariah do Fresh Air Fund me permitiu criar o que eu não tinha para milhares de crianças merecedoras. Tem sido não apenas gratificante, mas curador.

Então, para mim, o sucesso clássico de Summer foi a trilha sonora de "Camp Khalil", aquele momento inocente da infância (e não foram muitos). Eu nunca a conheci. *Divas Live* é um concerto ao vivo, mas é gravado na frente de um público no Radio City Music Hall. Havia uma equipe e pessoas agitadas por toda parte. Todo mundo estava animado com a chegada do ícone, Sra. Ross, e eu estava tendo meu próprio grande momento da cultura pop celebrando *Rainbow*, meu sétimo álbum consecutivo a produzir sucessos número um na *Billboard* Hot 100 - "Heartbreaker" foi o meu décimo quarto. Estávamos dando uma olhada na encenação e nos preparando para um repasse do medley das Supremes (sem a

Sra. Ross). Donna Summer apareceu silenciosamente, parecendo tímida e desconfortável. Ninguém disse muito enquanto ela ia para o lado para ter uma conversa, penso no teleprompter, que rolava a letra de "Baby Love". Então alguém apareceu e ergueu três horríveis vestidos de lantejoulas verdes. Eles eram tipos de fantasias baratas, nada perto de alta costura. Pútrido.

*Quem eles acham que está usando isso?* Eu pensei. *Porque eu não estou usando isso.* Eu tinha certeza de que a Sra. Ross também os acharia desagradáveis (para dizer o mínimo). A próxima coisa que eu sabia, alguém veio e me disse que a Sra. Summer não faria a performance conosco. E ela foi embora. *Oh, tudo bem.* Não houve tempo para encontrar uma canção de Cindy Birds (ela substituiu Florence Ballard no Supremes). Eu não sei o que fez a Sra. Summer se curvar (se foram os vestidos, eu certamente não a culpo), mas parecia que o *Divas Live* deste ano seria outro passeio selvagem.

Então, agora eu estava me ajustando à ideia de fazer um dueto com a Sra. Ross. Claro que foi emocionante, mas as abominações verdes? Não Senhora. Eu não seria frustrada pela má moda naquela noite em particular -

não na frente da Sra. Ross, que é um ícone da moda internacional bem documentado.

Enquanto crescia, lembro-me vividamente de ter visto pôsteres gigantes em preto e branco de Diana Ross por toda a cidade de Nova York. Ela estava vestindo uma camiseta branca com mangas arregaçadas e jeans surrados; seu cabelo estava imperfeitamente penteado para trás e colocado atrás da orelha, e ela estava com o mínimo de maquiagem. Era *très chic* - ela era tão bonita. Meu olho não pôde deixar de focar em seu olhar. O

pôster simplesmente tinha seu primeiro nome - "Diana" - escrito em grandes letras minúsculas ao lado. Colei essa imagem no meu quadro de inspiração interno e, posteriormente, retirei-a para a capa do meu *número 1*.

A composição era diferente, mas me inspirei na simplicidade e intensidade do pôster. Desde o início, procurei fazer imagens atemporais, não na moda, e a Sra. Ross é uma pioneira na criação de iconografia de alto glamour clássica e moderna.

Eu fiz saber que não usaria o horror verde brilhante. Eu nunca saio de casa sem minhas próprias possibilidades de guarda-roupa, porque neste negócio você nunca sabe o que pode acontecer - e algo muito cafona estava acontecendo esta noite. Eu tinha um plano. Já que Donna Summer desistiu, ofereci isso à Sra.

Ross:

"Bem, eu tenho um vestido. Na verdade, tenho *dois* vestidos iguais, se você quiser dar uma olhada neles. "

Donatella Versace havia feito para mim dois finos números em forma de minigolfe de malha metálica - um dourado e um prateado - e eu os trouxe comigo. (Que noite perfeita para ter opções!)

"Sim, deixe-me ver o vestido", disse Diana.

Essa era uma mulher que usava incontáveis vestidos lindos, fazia declarações de moda em todas as línguas, e eu estava humildemente oferecendo meu vestido (por mais *fabuloso* que fosse) a ela. Nem preciso dizer que estava nervoso. Eu apresentei os vestidos minúsculos e sem costas para ela, e ela pegou o prateado. *sim.*

"Eu prometo não me curvar." Essas foram suas primeiras palavras enquanto subia no palco na ponta dos pés como uma ninfa diva com um afro na bainha de prata metálica. Ela o fez seu. Juntei-me a ela na versão dourada e paramos! em nome do amor ao povo. A memória de tê-la me ensinando a coreografia de mão para a música está guardada em minha caixa do tesouro de momentos preciosos de todos os tempos. Eu senti um Amor Supremo.

Recentemente, tenho refletido sobre algo que a Sra. Ross me disse naquela vez em Londres. Eu tinha vendido dezenas de milhões de

discos e estava rolando fundo, com uma grande equipe - maquiador, cabeleireiro, estilista de guarda-roupa, publicitário, gerente e vários assistentes. Enquanto ela estava colocando sua própria maquiagem perfeitamente (ela foi para a escola de beleza também!), Ela disse:

"Mariah, um dia, você não vai querer ter todas essas pessoas ao seu redor".

Acredito que "algum dia" não está longe.

Um último momento de "diva". Para os VMAs da MTV de 1998, Whitney e eu estávamos abrindo o show e apresentando o prêmio de Melhor Vídeo Masculino. Era para ser toda uma cena "Clash of the Divas" onde entraríamos de lados opostos do palco e nos encontraríamos no meio, apenas para descobrir que estávamos no mesmo vestido - um vestido de chocolate estilo Vera Wang deslizante. Fizemos algumas brincadeiras fofas: "Belo vestido" e "Eles me *disseram* que era único." Então eu disse algo como, "É uma coisa boa eu vir preparado", e estendi a mão para trás para destacar a parte da saia longa do vestido, revelando um mini assimétrico quando declarei: "Experimente em mim!"

Então Whitney disse: "Eu posso fazer melhor" e também rasgou a longa peça de seu vestido, mostrando uma forma nova e diferente. Rimos muito sobre isso, mas a piada é o momento que quase não aconteceu. Quando apareci no local, *meu vestido ainda não tinha chegado* . Como toda a abertura girava em torno dos vestidos, não era como se eu ou qualquer pessoa pudéssemos simplesmente sacar um substituto. Houve um pânico!

Aparentemente, o vestido ainda estava no showroom, então a produção providenciou uma *escolta policial* para o vestido, limpando as ruas para levá-lo ao teatro a tempo.

Naquele dia, a polícia salvou meu momento de vestido único. Se alguém pudesse ter salvado nossa única Whitney Houston.

**UM POUCO SOBRE ALGUNS BONS HOMENS**

-Karl—

Karl Lagerfeld sempre foi muito bom comigo, o que não acontecia com algumas das casas de alta costura mais *hauty*. Fizemos uma sessão de fotos de moda juntos para a revista *America* - que era uma nova publicação de "luxo urbano" lançada no início dos anos 2000, quando as palavras "luxo" e "urbano" não eram vizinhas comuns. A revista e Karl estavam dispostos a ir para um lugar visual mais novo e fresco comigo. Karl produziu e fotografou a foto da capa. Ele me capturou de uma maneira íntima e muito glamorosa, dando a você um pouco de vibração de Marilyn-Monroe-by-Eve-Arnold. Eles são, até hoje, alguns dos meus retratos mais queridos. Karl também fotografou minha capa da revista *V* "V Belong Together" durante o lançamento de *The Emancipation of Mimi*. O logotipo *V* gigante foi desenhado com o padrão da minha pulseira de diamantes Dior - perfeição absoluta (Love Stephen Gan).

Uma vez, Karl me fez um vestido de alta costura muito especial para um grande evento. Era simplesmente lindo - cetim preto com um *V* profundo nas costas. Usei-o com o cabelo repartido ao meio, penteado para trás (muito raramente uso assim) e prendido com um enfeite. Estava dando um visual muito clássico de alta costura. Como o vestido foi feito de cetim de seda, que pode ser reflexivo, ele requer iluminação adequada (em minha opinião, *toda* situação realmente requer ). Eu parecia mais pesado na maioria das fotos, pois apresentava os detalhes no verso. Os flashes fizeram minha bunda parecer enorme. Lembre-se de que esses foram os dias antes de grandes botinhas - falsas ou autênticas - serem aceitas ou celebradas no mainstream.

Naquela época, eu não tinha permissão para ter uma bunda.

A imprensa tradicional era muito "Oh. Meu. Deus. Becky, *olhe para a bunda dela!* " Foi além de frustrante.

Eu estava com um vestido lindo, servindo um look clássico de alta costura, e a imprensa teve que criticar minha bunda e frustrar o momento. Eu não estava tão distante da época em que não tinha

dinheiro para comida de verdade, então não tinha curvas para atacar. Felizmente, meu então cabeleireiro Lou Obligini tirou uma foto minha com o vestido, sentada com minha amiga Rachel, e sobrepôs Marilyn Monroe do outro lado de mim, alterando meus sentimentos negativos originais por ter sido fotografada parecendo curvilínea - e ilustrando como criatividade e visão pode mudar percepções, pessoas e pontos de vista. Aquele vestidinho preto teve um grande impacto, assim como o próprio Sr. Karl Lagerfeld, ambos únicos para mim.

-Mandela—

Quando Oprah o convida para ir para a África do Sul, você larga tudo e *vai*. (Quando Oprah convida você a *qualquer lugar*, você vai, mas isso era super importante.) Foi algo bastante extraordinário até mesmo para ela - a inauguração de sua Oprah Winfrey Leadership Academy for Girls. Foi um privilégio único estar entre as poucas pessoas que ela convidou (incluindo Tina Turner, Sidney Poitier, Mary J. Blige e Spike Lee), e então eu fui uma das ainda menos pessoas que ela selecionou para conhecer pessoalmente a figura fenomenal transformacional Nelson Mandela.

Fui levado a uma sala pequena, simples e elegante, onde o Sr. Mandela estava sentado em uma solitária poltrona cinza com uma de suas camisas estampadas características. Ele parecia um rei. Ele parecia um pai.

Eu estive com ele apenas por um momento, mas que momento incrível e poderoso. Inclinei-me para abraçá-lo e, naquele breve abraço, senti a energia de ancestrais ancestrais e do futuro, de lutas e sacrifícios, de fé e visão inabaláveis - de amor revolucionário. O Sr. Mandela sorriu para mim e, em um instante, senti minha própria mudança de constituição.

-Todos—

Muhammad Ali estava completando 60 anos e um especial de televisão da CBS estava sendo produzido em comemoração a sua vida triunfante. Era 2002, logo depois que Will Smith o interpretou

no filme *Ali* . Pediram-me para encerrar o show com a música "Parabéns pra você". Eu admirava o sr. Ali imensamente desde a infância. Ele foi uma das poucas pessoas a quem toda a minha família separada se reuniu. Se ele estivesse na TV, todos nós nos reuniríamos; todos nós concordamos que Muhammad Ali era inegavelmente o *Maior* . Ele era uma *grande* presença para mim, como um grande status de Michael-Jackson.

Inspirado pelo momento de Marilyn quando ela cantou famosa para o presidente Kennedy, eu fiz um pequeno rearranjo do clássico e cantei suave e soprosamente no topo: "Parabéns para você *Parabéns para você* Parabéns para o *Maior* " - depois disso me mudei em uma grande interpretação vocal do tipo coral gospel. Claro que fiquei honrado com a oportunidade. No entanto, não percebi que cantar para um ícone, inspirado em outro ícone, pode ter sido um pouco impróprio. Veja, eu estava vestida com um vestido simples de seda rosa-gelo, e dei algumas piscadelas kitsch e shimmies durante a minha apresentação. Eu estava pensando, é claro, *todo mundo está na referência* . O que não levei em consideração foi que o Sr. Ali era muçulmano, assim como sua esposa e filhas. Eu também não sabia, na época, que as mulheres muçulmanas se vestiam e agiam com recato.

O Sr. Ali e sua esposa estavam sentados em cadeiras especiais ao pé do palco. Como parte da apresentação, eu deveria descer as escadas e cantar bem na frente dele. Devo ter parecido estar literalmente de cueca para ele e sua esposa. A câmera estava cortando para ele para que o público pudesse ver o quão animado ele

estava, aparentemente tentando se levantar da cadeira com entusiasmo - o que naquele estágio da progressão de sua síndrome de Parkinson não era uma tarefa fácil, mas que também causou um prazer reação do público (bem, a *maioria* deles). Graças a Deus, durante a apresentação eu não sabia que estava sendo inadequada para a família dele; nenhum dos produtores chamou minha atenção para essa questão pequena, mas significativa, de respeito religioso. Você sabe, eles poderiam apenas ter dito: "Talvez diminua o tom dos

movimentos fofos do gatinho e abaixe um pouco a bainha - talvez algumas mangas seriam boas?" Eu não sabia. Eu realmente espero que a família tenha perdoado minha ignorância e inexperiência juvenil.

Lendas e rebatedores pesados como Angela Bassett e Diahann Carroll estavam lá. No final da minha música, Will Smith estava do seu outro lado, e ele e eu ajudaríamos o Sr. Ali a subir ao palco para um final. Todos os apresentadores e performers estavam reunidos e houve uma queda enorme de confetes, e eu estava nos braços de um dos meus heróis absolutos. Em toda a confusão festiva, ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido: "Você é perigoso." Veja bem, ele não estava falando muito naquele ponto, mas eu o ouvi alto e claro.

Nós dois demos uma risada particular sobre isso.

O homem - o campeão do povo, que nocauteou alguns dos homens mais fortes do mundo e derrubou algumas das barreiras raciais mais difíceis - usou seu precioso hálito para brincar comigo que eu era *perigoso*

. Depois dessa experiência, proclamar um momento *lendário* o elevou a uma classe de peso totalmente nova.

-Stevie-

"De que cor são as luzes da árvore de Natal? Como eles se parecem? " Eu ouvi Stevie Wonder perguntar ao irmão enquanto o conduzia pelo MGM Grand. Nós dois estávamos lá para o *Billboard* Music Awards. Ele veio me presentear com o prêmio Artista da Década. De todos os músicos e todas as músicas que me inspiraram, Stevie Wonder teria que ser o meu favorito. Como escritor e compositor, ele é um mergulhador profundo. Ele vai até o fundo de sua alma e traz tesouros tão vívidos, tão cheios de emoção que mudam sonoramente sua composição. E como cantor, ele atende com total honestidade e coração. Ele é realmente meu padrão de diamante.

Tive o privilégio de trabalhar com ele algumas vezes. Uma vez, ele até tocou para mim um material novo em que estava trabalhando e pediu *minha* opinião. Um dos maiores compositores de *todos os tempos*, casualmente, me deixou ouvir seu trabalho e ficou genuinamente interessado em meu feedback - como músico. Um momento musical que sempre vou valorizar foi uma improvisação que ele fez na minha música

"Make It Look Good" on *Me. Eu sou Mariah... O Elusive Chanteuse* . Logo no início, ele diz ou toca "Eu te amo, *Mariah* " através de sua gaita! E então ri sua risada doce, brilhante e curativa, e então a música começa.

Foi como uma pequena bênção antes da refeição. Ele tocou sua gaita distinta ao longo de toda a música, como só Stevie Wonder consegue.

Muitas vezes penso naquele momento em que ele perguntou sobre as luzes de Natal na árvore. Este homem que trouxe tanta alegria pura às pessoas em todo o mundo, ao longo de gerações, através do poder de sua incrível contribuição musical - um homem que iluminou o mundo com sua presença e suas canções, um homem que fez tanto para a humanidade - estava pedindo para ter um brilho descrito para ele. Naquele momento, "Sr. Wonderfull "me mostrou como não dar por garantidas as coisas simples e confirmou que uma árvore de Natal pode trazer felicidade, visível e invisível, desde que seja feita de amor.

Quando recebi o prêmio Artista da Década da *Billboard* , declarei: "Agora posso ser quem realmente sou", porque tinha acabado de terminar o álbum *Rainbow* e estava no caminho para a emancipação. Receber esse reconhecimento foi uma grande conquista, mas o que recebi de Stevie Wonder transcende estátuas, elogios e todas as décadas.

-Príncipe—

Prince me deu uma Bíblia, encadernada em couro marrom profundo, com letras douradas em relevo. Ainda tenho aquele livro sagrado,

enviado por um ser brilhante, um irmão anjo, que veio em meu auxílio nos momentos difíceis mais de uma vez. Prince me defendeu como artista. Na época do *Butterfly*, alguns executivos de gravadoras que permanecerão anônimos (porque eu realmente não os conheço) estavam questionando minha direção musical em uma conversa com ele. Naquela época, ele havia alcançado o status de guru como músico (o que não impedia as gravadoras de tentar ferrá-lo como artista - quando se trata de dinheiro e poder, nada e ninguém é sagrado, nem mesmo a realeza da música).

Eles perguntaram a ele: "Por que ela está tentando ser tão urbana?" e "O que ela está fazendo?"

"Eu acho que isso é só merda dela. É disso que ela realmente gosta", foi sua resposta transcendente.

Exatamente certo!

*É apenas sua merda. Namaste, suckahs.*

Quando conheci Prince, ele me disse que amava "Honey". Oh! Meu Deus!

*Prince conhece minha música!* Eu gritei na minha cabeça. Eu estava nas nuvens - o maestro da música moderna conhecia minha música! Continuamos falando sobre composição e a traição da "indústria" em reuniões casuais subsequentes em festas ou um clube (Prince era famoso por aparecer aleatoriamente e misticamente em uma boate); ele sempre estava dando muito de seu tempo comigo.

Certa noite, ele, JD e eu passamos a noite inteira conversando sobre o estado da indústria e como, como novos líderes, poderíamos ganhar mais independência, agência e propriedade sobre nosso trabalho. Então, um dia, recebi o convite para o Paisley Park. Freqüentemente, fantasiava escrever com ele, como Wendy e Lisa ou Sheila E. - todos músicos incríveis e pouco celebrados. (Eu realmente, *realmente* queria escrever e gravar um "Purple Rain" esque balada dueto. Quero dizer, quem não o fez, mas sei que teria sido muito perfeito.) Eu me lembro quando eu cheguei no complexo do parque de Paisley, de fora parecia uma série comum de grandes

estruturas brancas, quase como uma grande concessionária de automóveis. Mas então entrei e vi a magnífica motocicleta *roxa* da *Purple Rain* . Eu sabia que tinha entrado em todo um mundo

'notha.

Trouxe esboços de Prince de uma música que eu estava brincando. Meu processo com os parceiros de escrita é chegar a alguns conceitos - esquetes líricos ou melódicos - e depois ir e voltar com as ideias. Nós conversamos muito. Acho que foi um pouco como um teste; você vê, Prince foi um *verdadeiro* escritor e compositor - muitas pessoas afirmam que sim, mas nós sabemos. Acho que ele queria ver onde estava minha cabeça e minhas habilidades de escrita. Eu já estava pensando em músicas para o Silk (a girl band que eu tinha no *Glitter* , que eu vagamente modelado após a Vanity 6). Falei com ele sobre como queria usar "Nasty Girl", a música que ele escreveu para o Vanity 6, como amostra para um filme em que estava trabalhando (da mesma forma que acabei usando "I Didn't Mean to Turn Você Ligado "). Prince me desafiou.

"Essa é a música da Vanity", disse ele.

Ele me perguntou por que eu não poderia ser "inspirado" por isso, como Puff e Biggie estavam com " *Seu desagradável, garoto / Você é desagradável* ". Eu o deixei saber, ao invés de apenas palavras cativantes, eu amei a estrutura e a batida da música - a *sensação* . Prince não estava sendo obscuro; ele estava sendo *protetor* . Ele estava sendo instrutivo. Ele me disse para terminar a música que havia começado e trabalharíamos em outra nova. Eu nunca terminei a música, e nunca fizemos nossa música juntos. Eu realmente gostaria que tivéssemos (refazer "The Beautiful Ones" seria o mais próximo que eu conseguiria).

Proteja suas idéias, proteja sua música, foi a mensagem que recebi daquela viagem ao Paisley Park.

Quando o desastre do *Glitter* estava em pleno andamento, Prince estendeu a mão para mim. Ele me ligou com frequência, e o que ele me disse então sempre vou valorizar por dentro. Ele era

profundamente reservado, e vou manter os detalhes para mim. Mas direi que suas palavras sábias me acalmaram. Ele me encorajou, como o irmão mais velho que eu nunca tive. Eu ouvia a música do Prince quase diariamente (e até hoje - Roc e Roe podem identificar todas as suas canções para menores!). Eu não sei se ele poderia saber o que sua conexão comigo naquela tempestade significou para mim. Isso me deu esperança em uma época desoladora.

Prince tinha seu próprio relacionamento singular e maravilhoso com Deus. Ele compôs seu próprio conceito de espiritualidade e sexualidade, e era tão especial e único quanto ele. Mas no final, quando minha alma estava em necessidade, o Príncipe me enviou as sagradas escrituras, os livros amados, a Palavra de Deus unida. Prince ajudou a me salvar no nível da alma, quando eu mais precisava, e por meio de sua música ele continua salvando o dia, todos os dias.

## **DEM BABIES**

*Garoto conhece garota e olha nos olhos dela*

*O tempo para e dois corações pegam fogo*

*Lá vão eles, passeio na montanha-russa*

- "História de amor"

Grande parte da televisão icônica da década de 1990 sentiu minha falta. Nunca assisti *Seinfeld* (agora sou um tipo de *Comedians in Cars Getting Coffee*) e não tinha tempo para - e estava isolado - de amigos de *verdade*

, muito menos de sitcom. Todo o meu tempo foi gasto apressando-se, trabalhando, orando e fazendo "Mariah Carey". Eu mal assistia a programas infantis quando era criança, então certamente não conhecia nenhum programa da Nickelodeon ou suas estrelas. Não tinha ideia de *que* era tudo isso, e não tinha ideia de quem era Nick Cannon até 2002, quando vi o filme *Drumline* (que adorei). Achei ele muito bom nisso (também achei ele fofo - *muito*). Isso foi tudo.

Alguns anos depois, Brat estava me dizendo: "Ele te *ama* . Ele *sempre* fala sobre você ", referindo-se a Nick.

Ela era fã de *Wild 'N Out* , seu programa de comédia de esquetes e improvisação com hip-hop na MTV, do qual eu também não tinha conhecimento. *Wild 'N Out* foi lançado no mesmo ano que *The Emancipation of Mimi* , o que me consumiu de um jeito bom - *finalmente* . Foi um momento incrível de sucesso fenomenal há

muito esperado. Eu estava ouvindo uma das várias músicas desse álbum no rádio trinta vezes por dia! Foi um momento incrível para meus fãs também. Era o que eles precisavam. Eles precisam ver-me voltar como *que* .

Eu realmente acredito, para melhor ou pior, que o Lambily, os fãs e eu, passamos pelas coisas *juntos* .

"We Belong Together" foi uma canção colossal. Estava quebrando recordes de paradas e airplay em todos os Estados Unidos e internacionalmente. Tornou-se meu décimo sexto álbum número um na *Billboard* Hot 100

(também me tornando a primeira artista mulher a segurar simultaneamente os primeiros e dois lugares, com

"Shake It Off"). Ele acabou ficando na posição dos dez primeiros por 23 semanas e ficou na tabela por um total de 43 semanas. Ela empatou como a terceira música número um mais longa da história das paradas dos EUA (atrás de "One Sweet Day", a música mais popular da *Billboard* dos anos noventa). A *Billboard* denominada "We Belong Together" canção da década (canção do *quê* ?) Dos anos 2000, e a nona canção mais popular de todos os tempos.

Ganhou dois Grammys, dois Soul Train Awards e Canção do Ano no ASCAP Awards e BMI Awards (entre outros). Ele até ganhou um prêmio Teen Choice - o prêmio Choice Love Song. Eu não sabia que Nick iria entregar o prêmio para mim (aparentemente, ele insistiu para os produtores do Teen Choice). O show foi barulhento, brilhante e bobo - o prêmio é uma prancha de surfe. Lembro-me de ver Nick pela primeira vez e observar seu curioso conjunto de

inspiração náutica de grandes dimensões, que consistia em um short branco gigante, uma grande camisa pólo azul oceano, um suéter amarelo-limão amarrado no pescoço, meias até os calcanhares e tênis. Depois que ele me entregou o prêmio do conselho, eu disse: "Ouvi falar de todas as coisas boas que você tem dito sobre mim". Com um sorriso radiante genuíno e uma chama nos olhos, ele respondeu: "Se você me der uma chance, provarei que tudo é verdade."

Um momento fofo - *muito* .

Mais tempo se passou e Brat não desistia, insistindo que Nick e eu realmente nos conectássemos.

Começamos a conversar ao telefone, quase diariamente. Então, finalmente, nos reunimos e foi irresistivelmente divertido. E, na época, eu só queria me *divertir* . Eu não estava pronto para ser adulto *novamente* . Eu tive que crescer tão rápido, profissionalmente e especialmente no meu primeiro casamento.

(Casar foi algo que jurei *nunca* mais fazer.)

Eu perdi muitas coisas quando era adolescente, e Nick, que tinha um espírito adolescente perpétuo, era encantadoramente revigorante. Ele também se sentia *seguro* para mim. Olha, eu estava saindo com a Dipset nesta época e, embora fosse uma explosão, o elemento de perigo legítimo estava sempre presente, ok? Além disso, não importa o quão famoso ou bom, não importa o quão bem eles pudessem rimar, eu seguia uma regra estrita de "proibir rappers". Eu estava falando sério sobre me proteger de ser rotulado de "aquela garota". Era fundamental para mim manter, o mais importante, meu auto-respeito, mas também meu respeito profissional do clube masculino de artistas, produtores e empresários com quem eu colaborava. Trabalhei com alguns dos maiores (e alguns desconhecidos na época) artistas de hip-hop de todos os tempos. Eu nunca quis que as coisas ficassem bagunçadas em um reality show no estúdio. E os "rap packs" *vão* falar entre si (vamos lá; eles falam para viver!).

Já era ruim o suficiente já haver uma infinidade de rumores ridículos sobre eu dormir com rappers de qualquer maneira. Se você não tomar cuidado, todos os seus negócios podem estar na barra de alguém ("porque eles estão todos no meu negócio como uma entrevista com Wendy"). Depois que Wendy Williams passou por uma tangente sobre mim no rádio, o *New York Post* pegou a história e acordei com a manchete

"Sexcapades", com minha foto embaixo. Eles me chamavam de JD, Q-Tip e alguns de meus colaboradores criativos de "Hard Partying Rap Posse" - *não posso* . Eu não ia dar forragem de verdade ao moinho. O que importava era que eu sabia qual era a verdade e estava comprometido em mantê-la.

Mas eu considerava Nick um produtor, comediante e ator - não tinha ideia de que ele tinha aspirações reais de rapper. Ele riu muito e me fez rir. Fizemos um ao outro rir *muito* . Conversamos sobre vida e música. Eu só queria estar perto dele. Uma vez, até deixei um encontro com um jogador de basquete muito bonito e lendário para andar no carro com Nick para que ele pudesse ser o primeiro a ouvir meu mais novo álbum, *E*

= *MC 2* . Eu estava animado com isso e queria ouvi-lo com *ele* .

Durante esse tempo, eu estava finalmente me recompondo. Já havia passado por uma limpeza espiritual, sendo batizado e continuado minha terapia. Agora eu estava focando em meu eu físico também. Eu estava trabalhando intensamente com uma treinadora incrível, Patricia. O primeiro single do novo álbum foi "Touch My Body", então eu tive que "encaixar no corpo" na preparação.

Eu estava me sentindo mais forte e não me sentia bem comigo mesma há algum tempo. Íamos escalar o meu novo amigo Nick para o vídeo "Touch My Body", já que ele era um comediante e estávamos levando uma

reviravolta humorística com ele. (Quer dizer, vamos lá, que outra direção eu poderia seguir com uma letra como, "Porque se você falar mal / E se gabar desse encontro secreto / *Vou te caçar* "? Caso

contrário, teria sido um filme de perseguidor.) Mas o papel no vídeo era para um geek de computador e, embora Nick fosse muito engraçado, ele não era um geek convincente. Jack McBrayer, entretanto, foi uma escolha genial, e nós nos divertimos muito fazendo o vídeo.

Graças aos meus fãs, que *realmente* apoiaram a música, sabendo o quão significativo seria, "Touch My Body" se tornou meu décimo oitavo single número um. Sou eternamente grato à família dos Inocentes.

Também sou grato a todos na gravadora que foram tão devotados ao álbum e a mim. Foi o meu maior até agora; parecia fazer o impossível, empurrando-me para além do recorde de longa data detido por Elvis Presley para o maior número de singles de todos os tempos. Acabamos escolhendo Nick como o interesse amoroso no próximo vídeo, "Bye Bye", que filmamos em Antigua. Nossa química era natural, forte e familiar. O conforto e a intimidade capturados no filme eram reais. E depois dessa filmagem, não nos despedimos por muito tempo.

Eu estava gostando de ter um novo momento romântico com Nick. Nós até brincamos sobre como iríamos controlar nosso próprio ritmo e não apressar nada. Uma vez, ele me enviou um buquê de flores gigantesco e lindo enquanto eu estava em Londres, assinando o cartão, "de um abandono da *Pace University*", porque as coisas estavam indo rápido, *rápido*. Nós rapidamente estabelecemos uma amizade sólida, então ainda mais rapidamente pulamos em nossa montanha-russa do amor subterrânea. Poderíamos compartilhar nossas camadas uns com os outros. Nós nos conectamos em algumas coisas essenciais. Ele era um cara legal. Ele era baseado na fé. Ele era ambicioso. Ele estava na indústria do entretenimento há muito tempo, então ele entendia a loucura. Ele prestou atenção em mim. A dinâmica de poder entre nós parecia uniforme.

Eu deixei claro para Nick que não estava nem um pouco interessado em me tornar fisicamente vulnerável novamente. Eu *não* iria para lá a menos que houvesse um compromisso total, o que na época

significava casamento. (Então, obviamente, eu teria que quebrar a promessa que fiz a mim mesma de nunca mais me casar.) Nick respeitava minha posição.

Sinceramente, pensei que nunca teria filhos. Nosso relacionamento mudou isso. Conversamos muito seriamente sobre ter filhos e isso mudou *tudo* . Ter filhos juntos tornou-se o nosso motivo. Nosso desejo de ter filhos se tornou uma força da natureza e por isso nos casamos tão rapidamente.

*Naquela época, eram as coisas simples*

*Tornozeleiras, placas de identificação que você me deu*

*Tortas doces, picolés*

*Comeu aquele doce bling*

*E você era meu mundo*

- "Candy Bling"

O mundo inteiro é rosa e lilás quando você está em um bom redemoinho, e nós estávamos em um redemoinho doce (um redemoinho é o oposto de uma espiral). A proposta de Nick para mim foi envolvida em um romance infantil. Ele estava sempre comendo doces, que os "eternamente doze" em mim achavam totalmente aceitáveis para um homem adulto. Na noite, o Empire State Building foi programado para ser iluminado com minhas cores exclusivas "rosa porém lavanda", em celebração a um nova-iorquino nativo fazendo história com "Touch My Body" estabelecendo um novo recorde, Nick e eu estávamos relaxando no Sala marroquina, conversando, rindo e ouvindo música. Com aquele sorriso enorme e luminoso dele, Nick me deu um daqueles grandes doces Ring Pops; estava entre outras confeitarias dentro de uma lancheira de metal da Hello Kitty. Eu pensei, *tudo bem, isso é uma festa fofa - vou comer alguns doces comemorativos com ele* . Disfarçado como um anel candy pop, estava um grande diamante transparente com lapidação esmeralda, flanqueado por dois diamantes lapidação da lua, rodeado

por diamantes rosa menores - um anel muito real! Era deslumbrante e combinava com a situação. Usei um vestido lilás com um cardigã rosa, e demos um passeio de helicóptero pela cidade e nos maravilhamos com as luzes e nos deleitamos com nosso momento. Naquela noite, Nick e eu brilhamos e brilhamos mais forte do que o próprio Empire State Building.

Nosso casamento foi quase o oposto do meu primeiro. Foi uma celebração espiritual total, não principalmente uma produção industrial. Era íntimo - talvez uma dúzia de pessoas ao todo. Meu pastor, o bispo Clarence Keaton, veio do Brooklyn para officiar. Fizemos isso em minha linda casa em Eleuthera,

Bahamas. O vestido de jersey de seda branca fosca que usei foi feito sob medida para mim por Nile Cmylo, uma estilista feminina independente com quem trabalhei por anos, não por uma casa de moda de alto nível.

Tinha uma silhueta simples e justa, e meu véu na altura dos ombros não exigia tratadores, apenas alguns grampos de cabelo. O primeiro filho da minha ex-irmã, Shawn, a quem carinhosamente me refiro como meu sobrinho-barra-irmão-barra-tio-barra-primo-barra-avô, porque ele realmente foi o membro da família de sangue que esteve comigo e por me em tantas funções, e eu o estimo - me acompanhou pelo corredor arenoso cor de salmão. E depois da cerimônia, tirei meus Manolos e girei descalço nos finos grãos rosa, permitindo que a bainha do meu vestido cor de nuvem balançasse e balançasse nas águas azul-claro. Nós nos deleitamos no brilho do pôr do sol das Bahamas e no amor genuíno. Era *nosso* para ter e manter. Nós não exageramos em nada. Nós nem nos importamos muito com as fotos (embora, ironicamente, elas tenham acabado como uma história de capa para a *People* ). Desta vez, eu estava tomando um bom champanhe com bons amigos - chega de lágrimas solitárias e salgadas em daiquiris tristes e açucarados.

Era perto da época do Natal e eu estava grávida de dez semanas. Foi o nosso milagre de Natal! Nick e eu estávamos muito animados. Guardamos nosso segredinho apenas entre nós, mas é claro que planejei tornar a revelação um acontecimento durante as férias de Natal. Eu estava até mesmo projetando enfeites de árvores como anúncios para amigos e familiares. Mas, em um exame de rotina no consultório de nosso obstetra, a ultrassonografia foi silenciosa. O sagrado e rítmico batimento cardíaco do nosso bebê se foi - e naquele silêncio eu podia ouvir meu próprio coração quebrar. Eu sobrevivi ao meu aborto, mas nunca vou esquecer isso.

Após a devastação, assumi a missão de preparar meu corpo para manter e sustentar uma nova vida de maneira saudável. Eu me desliguei totalmente da máquina industrial e fui para o subsolo para curar e construir. Foi a primeira vez em toda a minha carreira que recusei o trabalho para me concentrar no meu bem-estar (passei por algumas grandes oportunidades de atuação, e depois de *Precious*, é exatamente aí que eu queria ir). Empreguei principalmente práticas medicinais não ocidentais, como ervas chinesas e acupuntura. Tive momentos de meditação (e é difícil), custe o que custar. Nada importava, exceto me colocar na melhor posição possível para engravidar e continuar grávida.

Todos os meus esforços foram recompensados em dobro - da próxima vez, fomos abençoados com a gravidez milagrosa dos gêmeos! Criar dois humanos foi difícil para o meu corpo. Ganhei mais de cem libras e fiquei muito doente. Desenvolvi um edema venenoso - estava perigosamente inchado e cheio de fluido tóxico. Também desenvolvi diabetes gestacional. Mas a mais prejudicial de todas as minhas aflições era a solidão. Todos os meus amigos de festa divertidos não estavam por perto, porque eu não podia girar pela cidade, não podia tomar salpicos de vinho e vagabundear tarde da noite. Pelo contrário, sentia um desconforto constante. Novamente, não tive uma equipe que soubesse me cercar com os devidos cuidados.

Muitas vezes eu estava sozinho. Mas, felizmente, desta vez eu *tinha* uma sogra que estava lá para mim mais do que qualquer outra coisa. A mãe de Nick, Beth, vinha esfregar minhas costas (as dores nas costas eram debilitantes) e meus pés, que estavam sob pressão excruciante de todo o peso. Ela me ajudou a aplicar meu creme muito especial que desenvolvi com meu dermatologista no meu estômago gigante e apertado (ganhei mais de 45 quilos e sem estrias 'pon de barriga!). Ela apenas se sentava comigo e seus netos crescendo dentro da minha grande barriga. Uma gentileza.

Nick, por outro lado, não compreendia muito bem a enormidade do que eu estava passando. Certa vez, estávamos em uma consulta com nosso especialista em gestações de alto risco. Enquanto eu estava ligado a uma máquina, com o peso de dois seres humanos e um pequeno lago de fluido enchendo todo o meu corpo, a lembrança de conforto de qualquer tipo ao longe, meu tipo, médico mais velho, em seu denso Oriente Médio sotaque, olhei para o meu segundo marido emburrado e disse: "Pobre Nick; *ele está* tão exausto. "

A gravação de *Merry Christmas II You* foi o que me manteve firme durante minha gravidez traiçoeira. Eu amei muito criar o primeiro álbum de Natal; Achei que fazer outra me impediria de cair na tristeza. Eu mergulhei totalmente na escrita e gravação. Eu queria que este álbum fosse mais diversificado e a produção mais exuberante. Eu estava colaborando com uma gama mais ampla de produtores, como James Poyser from the Roots (fizemos "When Christmas Comes" como uma música clássica de R&B, e é uma das minhas favoritas de todos os tempos) e o produtor musical da Broadway Marc Shaiman (o "O Natal está no ar de novo", no estilo dos anos 1950, além de meus próprios parceiros favoritos, como Randy Jackson, Big Jim Wright e JD. Os médicos queriam que eu ficasse em repouso na cama, mas como, diga-me, como faço para *descansar* ? Enquanto eu estava sendo puxado para baixo da solidão e do fluido que estava retendo, trabalhar neste álbum estava me levantando.

Gravei a maior parte em nossa casa em Bel Air, que pertenceu ao falecido e lendário Farrah Fawcett. Em meus muitos papéis criativos quando criança, um dos meus favoritos de todos os tempos foi o investigador particular Jill Munroe, dos *Anjos de Charlie*. Sem surpresa, fiquei fascinado com o cabelo dela: a perfeição da cor e do corte, acabado de *pentear*. (Já fiz várias homenagens em minha carreira.) Lembro-me de minha mãe me dizendo que seu cabelo era "glaceado", que minha mente de seis ou sete anos ouviu como "glacê". E

eu sabia que algum dia iria espalhar no meu cabelo um redemoinho de chocolate e baunilha e sairia parecido com Jill.

Um dos destaques do álbum foi fazer os arranjos do dueto "O Come All Ye Faithful / Hallelujah Chorus"

com Patricia Carey, onde pude mesclar ópera e gospel. Foi realizada no meu especial ABC de Natal, com uma orquestra completa e coral (e com me *muito* grávidas e três gerações juntos no palco!). Durante esse tempo, eu também gravei "When Do the Bells Ring for Me" com o incomparável Tony Bennett para seu álbum *Duets II*; o próprio ícone atemporal veio ao meu estúdio caseiro para gravar. Eu apertei meu corpo grande e grávido em minha pequena cabine vocal rosa e instalamos microfones do lado de fora do estúdio para o Sr. Bennett, para que nossas vozes ficassem separadas e suaves, mas poderíamos estar na mesma sala, o que era muito importante para o Sr. Bennett. Lembro-me de olhar pela minha pequena janela para uma lenda viva cantando comigo em minha casa - um momento. "Eu nunca cantei com um trio antes" foi sua observação espirituosa (já que tecnicamente havia quatro corações batendo na sessão), uma memória que sempre ficará comigo.

Eu promovi e apresentei *Merry Christmas II You* enquanto estava grávida e perigosamente. Um convite que simplesmente não pude recusar foi cantar uma música que escrevi chamada "One Child" no vigésimo nono especial de *Natal em Washington*. Foi filmado no majestoso National Building Museum, e eu estava cantando com um coro cheio de jovens lindos e cheios de esperança me apoiando. O

presidente Obama, a primeira-dama, Sasha e Malia estavam na primeira fila, bem na minha linha de visão, sorrindo com dignidade. Foi uma grande honra me apresentar para os Obama e, por extensão, para o país novamente. Para o final, todos os artistas estavam reunidos no palco e a Primeira Família se juntou a nós. Anteriormente, Nick havia sugerido que eu contasse à FLOTUS nosso segredo. Ela e o presidente Obama estavam descendo a linha, agradecendo a todos nós, e quando ela veio até mim, aproveitei o momento e sussurrei em seu ouvido que estava grávida de *gêmeos*. Depois de cantar "One Child", Michelle Obama, nossa sempre histórica Primeira-dama, foi a primeira a saber que tínhamos dois filhos. Que benção.

Monroe e Moroccan receberam seus nomes porque eu queria que eles tivessem as iniciais MC, como eu.

Minha filha preciosa obviamente recebeu o nome de meu herói de infância (a ultrassonografia revelou que ela posava como uma estrela de Hollywood, reclinada em uma espreguiçadeira no útero!). Chegamos ao Moroccan porque Nick e eu amávamos o nome Rakim (porque ele é um dos maiores rappers que já o fez).

"Moroccan" era um nome meio híbrido: rimava com Rakim, é um país lindo e místico onde tive uma experiência especial, e é o nome da sala onde tantos momentos criativos e mágicos aconteceram, incluindo Nick me apresentando meu bling de doces.

Era maravilhoso e divertido quando "dem bebês" eram pequenos. Juntos, Nick e eu os esbanjamos com tanta alegria, atenção e segurança quanto podíamos. Mas junto com o dobro da alegria veio o dobro da responsabilidade. Era muito trabalho e muito ter que estar em casa e disponível. Fazer os ajustes adultos necessários para sermos pais que trabalham no entretenimento afetou nosso relacionamento, e o fim de nosso casamento veio rápido, como começou. Embora tivéssemos pré-núpcias, o divórcio demorou dois anos para se tornar definitivo e custou centenas de milhares de dólares em honorários advocatícios.

*Eu chamo seu nome de bebê inconscientemente*

*Sempre em algum lugar, mas você não está lá para mim*

- "Desaparecido"

Honestamente, acho que Nick e eu poderíamos ter resolvido isso entre nós dois, mas egos e emoções inflamaram (o que pode se traduzir em muitas horas faturáveis de advogado, e no final das contas aconteceu). Foi difícil. Nós dois queríamos ter certeza de que tudo estava bem para nossa família. Vamos *sempre* estar família, e fazê-lo funcionar. Ainda nos divertimos, relembramos e brincamos. E nós dois temos certeza de que Roc e Roe são de fato nossa luz. Todos os dias eles nos dão uma nova vida.

*Muitas vezes me perguntei se alguma vez existiu uma família perfeita*

- "Pétalas"

Eu não me pergunto mais. Agora, tenho certeza de que nunca houve e provavelmente nunca haverá uma família "perfeita". Mas finalmente encontrei estabilidade na família que criei. Há momentos em que não consigo acreditar que era uma garotinha que morava em barracos, que sempre se sentiu insegura, pouco cuidada, solitária e perpetuamente assustada. Eu queria voltar no tempo para proteger e resgatar aquela garotinha do mundo precário em que ela estava presa. E agora, fico maravilhado com meus próprios filhos maravilhosos, Monroe e Moroccan, e o ambiente seguro e abundante que foi criado para eles. Em vez de serem desarraigados treze vezes, eles vivem em várias casas lindas, imaculadas e palacianas. Em vez de pregos expostos nas escadas e carpetes imundos, eles correm livremente por longos corredores de mármore brilhante, deslizam nas meias e gritam de alegria. Em vez de um sofá de balanço de três pernas, eles assistem a filmes em uma tela de cinema em uma tela estável e luxuosa feita sob medida com almofadas de penas de ganso, maior do que meu primeiro apartamento.

Meus filhos estão rodeados por meu amor ininterrupto. Nunca fiquei longe deles por mais de vinte e quatro horas e, quando estou

trabalhando, eles são cuidados por uma amorosa família de amigos e profissionais.

Eles nunca, *jamaís*, foram deixados sozinhos. Eles nunca se perguntaram onde estou ou se seu pai sabe como é a vida deles. Eles têm inúmeras memórias e imagens de estarem com dois pais amorosos *juntos*. Suas vidas nunca foram ameaçadas. Policiais nunca invadiram nossa casa. Eles provavelmente têm trezentas camisas para distribuir e doar, e seus cachos doces e macios são profundamente compreendidos. Eles não vivem com medo. Eles nunca precisaram escapar. Eles não tentam destruir uns aos outros. Meus filhos são felizes e brincam uns com os outros, aprendem uns com os outros, brincam, riem e vivem uns com os outros.

E não importa o que aconteça, eles sempre terão um ao outro. Eles são Roc e Roe para o resto da vida.

De todos os muitos dons com que Deus me abençoou - minhas canções, minha voz, minha criatividade, minha força - meus filhos são uma visão mais bonita do que eu jamais poderia ter imaginado. É por desígnio divino que os filhos de uma criança rebelde (que quando criança declarou que *nunca* teria filhos) são extraordinariamente afortunados. E embora eu tenha trabalhado tanto por tanto tempo, ainda é um milagre para mim que em uma vida tal salto foi dado para minha linhagem confusa. Quebramos um ciclo de quebrantamento.

Guiado pela graça, estou me emancipando da escravidão de todas as disfunções de meu passado -

reencaminhando meu legado e enraizando-o no amor puro. E as bênçãos continuam fluindo. Vinte e cinco anos depois de escrever uma canção de amor para o Natal que surgiu de um desejo profundo de alegria e paz em minha própria família, eu tenho tudo o que sempre quis - culminando com *grandes* e felizes celebrações festivas em família.

**NEVE GLOBO DE ALEGRIA**

Eu estava enfeitado com um vestido de lantejoulas vermelho deslumbrante inspirado no vestido que Marilyn usou no número "Two Little Girls from Little Rock" em *Gentlemen Prefer Blondes*, em um palco espetacular e alegremente decorado, em meu show de Natal de 2019 esgotado em Madison Square Garden.

Meu rosto estava brilhando com a alegria da ocasião, mas principalmente como resultado das mãos talentosas de minha linda maquiadora de longa data, kiki - confiante e querido amigo Kristofer Buckle. Roc e Roe, em seus próprios pequenos conjuntos alegres (eles apresentaram uma versão especial de "Rudolph, a rena do nariz vermelho" naquela noite!) Estavam de um lado e Tanaka do outro. Atrás de mim estavam meus

"irmãos cantores" - meu irmão, Trey, e as irmãs Tots e Tekka, que estiveram comigo por todas as minhas temporadas, tumultuadas e tranquilas. E na minha frente, yaaaass, na minha frente, estavam dezenas de milhares da minha incrível, diversificada e enorme família de fãs amorosos.

Olhei para fora e vi bandos fabulosos de cordeiros em macacões de lantejoulas e outras vestimentas chamativas (a arena estava transbordando de lantejoulas, tachas e cristais!), segurando cartazes e de mãos dadas. Havia meninas com vestidos de veludo amassado nos ombros largos dos pais; havia homens velhos sem cabelo ao lado de mulheres jovens com bandagens na cabeça; havia negros, brancos, indígenas, asiáticos, do Oriente Médio e incontáveis misturas e variações; gays, heterossexuais, fluidos, trans, não binários, pessoas que eram liberais, conservadoras, devotas, agnósticas, deficientes e deficientes; pessoas de todas as formas, matizes, persuasões e crenças que você possa imaginar.

E enquanto eu contemplava as maravilhosas multidões, como se uma estrela solitária e brilhante estivesse brilhando bem em seu rosto, eu vi Liron, uma mulher que já foi uma menina de 12 anos que tinha a letra de

"Looking In" escrita na porta de seu quarto em Tel Aviv, agora uma mulher que é um membro inestimável de minha equipe interna e uma amiga leal e preciosa. Vi os olhos perspicazes de amigas e colegas - pessoas com

quem trabalhei, ri e chorei em todas as épocas da minha vida. Minha família universal de fãs, que me deram um apoio incomparável, imparável e incondicional desde o primeiro dia, se espalhou diante de mim como um oceano cristalino de amor.

Por muito tempo eu desejei que cinco pessoas estivessem em harmonia na época do Natal, e aqui estava eu em uma família de milhares de Lambs, fãs e amigos, e *todos* cantavam "All I Want for Christmas Is You"

juntos! Eles estavam cantando comigo; eles estavam cantando *para* mim. Nossas vozes estavam soando tão alto e jubilosamente que toda a cidade de Nova York poderia ter nos ouvido e se juntar a nós. Naquele momento, estávamos todos unidos em nosso próprio universo do espírito de Natal. Toneladas de flocos de confete branco caíram flutuando em cima de nós do teto. Era como se o mundo inteiro estivesse comigo em um grande globo de neve de alegria!

No dia seguinte, eu estava totalmente exausto e totalmente animado quando acordei com a manchete da *Billboard* : "Wish Come True: 'All I Want for Christmas Is You' de Mariah Carey chega ao primeiro lugar no *Top* 100 após 25 anos de espera."

Esperar. O que?!

Bem no final de 2019, alcancei meu décimo nono número um! Os Lambs fizeram acontecer de novo! Meus fãs tornou a canção mais transmitido globalmente em um único dia *nunca* ! Trabalhei muito e me concentrei com minha pequena equipe para dar à música grande energia em seu brilhante aniversário de prata, mas chegar ao primeiro lugar - isso é ótimo! Isso é algo que os fãs genuínos, não apenas os planos de marketing, podem fazer.

Depois que o maravilhoso redemoinho de "All I Want for Christmas Is You" terminou, fiz minha tradicional estada em minha própria

terra das maravilhas de inverno, Aspen. Com sangue e família escolhida - Roc e Roe, Tanaka, Shawn e sua esposa, dois de meus cachorros, Cha Cha e Mutley, a reboque, eu estava pronto para me aninhar e deixar nossas novas festividades tradicionais começarem! Os dias eram brilhantes e revigorantes. Os campos gramados fora de nosso chalé aconchegante, mas extenso, estavam cobertos por uma espessa neve branca e cristalina, como se nuvens cintilantes tivessem se acomodado para dormir em nosso quintal. Contentes em ficar com nossos macacões aconchegantes o dia todo, as crianças e eu colocamos nossos casacos fofos e botas de esqui bem em cima dos nossos pijamas e corremos para o cobertor fofo de flocos para fazer anjos de neve. Com os olhos apontados para o céu azul brilhante, deixamos o cheiro fresco de pinho pairar sobre nossos rostos e fazer cócegas em nossos narizes.

Por dentro, o lindo alvoroço da família aquecia toda a casa. Do Messias de *Handel* ao Jackson 5, a música de Natal foi a trilha sonora infinita (com risos, cachorros latindo e crianças correndo como pano de fundo). Os corredores, as paredes, em todos os lugares estavam enfeitados e decorados, e o fogo rugia nas lareiras. Na sala de estar, a enorme árvore estava cheia de luzes brancas, bolas de ouro, querubins e borboletas douradas e encimada por uma linda estrela de anjo com asas com pontas de ouro e tecido fino creme escorrendo delas.

(Na sala da família há sempre outra árvore de estilo antigo com grandes luzes multicoloridas, dando uma vibe Charlie Brown mais cheia e feliz. Nós a decoramos com enfeites caseiros e fotos Polaroid alegres uns dos outros; também adiciono enfeites estimados Cordeiros de todo o mundo me enviaram ao longo dos anos.) Guirlandas e luzes caíam em cascatas sobre consoles e portas, e velas brancas e poinsettias estavam por toda parte. As xícaras estavam cheias de chocolate quente e saborosos Schnapps de caramelo.

No Natal, tenho tempo de preparar meus pratos favoritos - o linguine do meu pai com molho de amêijoas brancas (para a véspera

de Natal, é claro) e conchas recheadas. O Papai Noel vem até a casa para espalhar um pouco de alegria, e nós cavalgamos e cantamos em um trenó aberto de dois cavalos, ei! Cantamos canções de natal e brincamos na neve. É real. Está alto. É divertido. É a alegria. É meu mundo.

Eu já estava me sentindo cheio de gratidão (e chocolate quente e Schnapps) durante nosso feriado de fuga de Aspen quando outra manchete da *Billboard* estourou: "Mariah Carey se torna a primeira artista em nº 1 na *Billboard* Hot 100 em quatro décadas, graças a 'All I Want for Christmas.'" "Sim, *obrigado* aos fãs que amaram minha pequena canção de amor de Natal tão profundamente - tanto que ela ocupou o primeiro lugar nas paradas por três semanas, tornando-se a última música número um de 2019 e a primeira música número um de 2020, o primeiro ano de uma nova década ... Sério, o que é uma década mesmo?

Depois de toda agitação, brindes, cantos e comemorações. o pessoal saiu para se aconchegar em seus lugares para passar a noite. As crianças estavam aninhadas na sala da família, assistindo a um filme, e todos os outros estavam contentes em seus quartos. Fui na ponta dos pés em silêncio até a sala de estar e sentei-me perto da lareira. Tudo estava escuro, exceto pelas estrelas cintilando fora das grandes janelas contra o céu

azul-escuro e o brilho âmbar quente do fogo. Eu me deleitei em um momento doce, silencioso e privado comigo mesmo. Eu peguei tudo dentro

Eu estou em paz.

Eu estou completo.

## **EPÍLOGO**

*Deus sabe*

*Sonhos são difíceis de seguir*

*Mas não deixe ninguém*

## *Arrancá-los*

- "Herói"

No meio de uma violenta tempestade, muito jovem, tive um vislumbre da visão de Deus para mim. Quando criança, acordado para o meu sonho, eu acreditava com todo o meu ser no que eu deveria fazer e quem eu deveria ser, muito antes de qualquer outra pessoa. E manter essa crença exigia tudo o que eu tinha. Ao longo do caminho, recebi sinais de esperança, mas principalmente enfrentei o caos e a calamidade, desgostos e traições brutais para me descarrilar. Alguns quase me mataram, ou pior, quase mataram meu espírito. A verdade mais dura era que as pessoas que eu mais amava me machucavam mais. Os mais próximos de mim foram os que chegaram mais perto de me despojar dos meus sonhos. Se aprendi algo nesta vida que vale a pena compartilhar, é: proteja seus sonhos. Mesmo diante de desvantagens e disfunções, você não pode deixar *ninguém* definir, controlar ou tirar sua visão de *sua* vida - nem sua mãe, irmão, irmã, pai, cônjuge, namorado, namorada, amigo falso, chefe, valentão, fanático, gerente, parceiro, assistente, crítico, primo, tio, tia, colega de classe, magnata, predador, influenciador, presidente, falso pregador, professor falso, colega de trabalho, inimigo com um telefone, covarde com uma câmera ou galinha com um teclado.

Pois eu lhe asseguro: se você tiver fé do tamanho de um grão de mostarda, dirá a esta montanha: "Mova-se daqui para lá", e ela se moverá. Nada será impossível para você.

- Mateus 17:20

No final, e no início, é tudo uma questão de fé para mim. Eu não posso definir isso, mas me definiu.